

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Camila Farias da Silva

**INOVAÇÕES NOS REPERTÓRIOS DE  
CONTESTAÇÃO: O CONFRONTO EM TORNO DO  
TRANSPORTE PÚBLICO EM PORTO ALEGRE**

PORTO ALEGRE

2016

Camila Farias da Silva

**INOVAÇÕES NOS REPERTÓRIOS DE  
CONTESTAÇÃO: O CONFRONTO EM TORNO DO  
TRANSPORTE PÚBLICO EM PORTO ALEGRE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva

PORTO ALEGRE

2016

### CIP - Catalogação na Publicação

Farias da Silva, Camila

Inovações nos repertórios de contestação: o confronto em torno do transporte público em Porto Alegre / Camila Farias da Silva. -- 2016.  
184 f.

Orientador: Marcelo Kunrath Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Repertório. 2. Performance. 3. Manifestações. 4. Inovação. 5. Transporte Público. I. Kunrath Silva, Marcelo, orient. II. Título.

Camila Farias da Silva

**INOVAÇÕES NOS REPERTÓRIOS DE CONTESTAÇÃO: O CONFRONTO EM  
TORNO DO TRANSPORTE PÚBLICO EM PORTO ALEGRE**

Trabalho de conclusão de curso de Mestrado apresentado como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 28 de Março de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva  
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)

---

Prof. Dr. Arlei Sander Damo  
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)

---

Profa. Dra. Lorena Cândido  
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)

---

Profa. Dra. Monika Weronika Dowbor da Silva  
(Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, aos meus familiares, que me deram o suporte necessário durante toda minha trajetória, contribuindo para a chegada neste momento especial.

Agradeço a todos os meus amigos, que me acompanharam nesta difícil caminhada, constantemente me lembrando das partes boas da vida, especialmente pela compreensão das minhas ausências constantes.

Agradeço também aos meus colegas do curso de mestrado em sociologia, que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho a partir da troca de informações, de experiências, de angústias e de conquistas.

Agradeço aos colegas de trabalho da Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE-RS) pelo apoio ao longo destes dois anos, respeitando, valorizando e facilitando minha prioridade, que é a formação acadêmica.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em especial ao Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS), aos professores e aos funcionários, por possibilitarem o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço especialmente aos meus colegas do Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE) que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa a partir de discussões, de pesquisas e de troca de experiências.

Um agradecimento especial ao meu orientador, minha referência acadêmica, Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva, pela colaboração, pelo suporte, pela compreensão, pelo comprometimento e pelo incentivo.

Agradecimentos especiais à Iassanã Martins, pelo cuidado, pelo apoio e pela compreensão durante estes anos; à Fernanda Nascimento, pela contribuição para que

esta pesquisa tomasse forma; à Paola Stuker, por me auxiliar nos momentos difíceis de regras e burocracias; a Eduardo Georjão, pelas trocas, pelos comentários, pelo compartilhamento de dificuldades do campo; a Matheus Mazzilli Pereira e à Gabrielle Araújo, pelo suporte, facilitando minha trajetória no PPGS a partir de suas experiências na Pós-Graduação.

## RESUMO

A partir do estudo de eventos de protesto relacionados ao tema do transporte público, tendo as mobilizações de 2013 e seus desdobramentos como objeto empírico central, busca-se analisar como, através de diferentes performances que conformam tais eventos, são produzidas inovações nos repertórios de contestação. Para responder a este problema, foram estudadas as performances desenvolvidas nas manifestações que ocorreram em Porto Alegre nas últimas décadas e que tiveram como principal reivindicação a tarifa do transporte público. A literatura sobre as manifestações no Brasil em 2013 não desenvolve análises mais específicas sobre as inovações nos repertórios e nas performances identificadas. A literatura sobre “repertório” e sobre “performance” traz alguns elementos importantes para a compreensão do processo de inovação, porém tende a não apresentar uma sistematização ou um modelo explicativo para abordar tal processo. A proposta desta pesquisa é, portanto, avançar na formulação de um modelo que sistematize o processo de inovação nos repertórios de contestação, tendo como objeto as transformações nas manifestações sobre o transporte público em Porto Alegre. Como resultados, a pesquisa apresenta três mecanismos importantes no processo de inovação: adaptação, experimentação interativa (para explicação da emergência das performances) e rotinização (para explicação da incorporação no repertório). A entrada de novos atores no processo de mobilização foi uma característica central em 2013. O mecanismo de adaptação se daria através da trajetória desses atores e de dinâmicas de difusão. O mecanismo de experimentação interativa diz respeito a improvisações não previstas na interação. A rotinização das performances acontece através das noções de eficácia, de identificação, pela importância das organizações e pelo diálogo que estabelecem com o público. Algumas dimensões importantes no processo de inovação, que não foram previstas, apareceram no decorrer da pesquisa: o contexto político institucional, as disputas interpretativas sobre o confronto e os impactos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), influenciando o processo de inovação nos repertórios de contestação.

**Palavras-chave:** Repertório. Performance. Inovação. Manifestações. Transporte Público.

## ABSTRACT

This dissertation draws on previous studies on protest events related to the topic of public transport and particularly on studies that have as their main empirical object the Brazilian mobilizations in 2013 and their aftermath. It seeks to analyze how different performances that took place in such events produced innovations in contentious repertoires. To address this problem, we studied performances developed in demonstrations that took place in Porto Alegre in recent decades and that had as their main object the public transport fare. The literature on demonstrations in Brazil in 2013 does not develop more specific analysis of innovations in repertoires and performances. The literature on "repertoire" and "performance" indicates important elements for understanding the innovation process, but in general does not present a theoretical systematization or an explanatory model to explain this process. Therefore, the purpose of this research is to contribute for the construction of a model that systematizes the innovation process in protest repertoires. For this purpose, we define as our object the transformations in demonstrations focused on public transportation in Porto Alegre. Our results suggest that three important mechanisms affect innovation processes: adaptation, interactive experimentation (for explaining the emergence of performances), and routinization (for explaining the incorporation of repertoires). The arrival of new actors was a central feature in the mobilization process of 2013. The adaptation mechanism took place through the trajectory of these actors and diffusion dynamics. The interactive experimentation mechanism is about the unforeseen improvisations in interactions. The routinization of performances is mediated by: the notions of effectiveness and identification; the importance of organizations; and the dialogue established with the public. Some important dimensions of the innovation process, which were not foreseen, were identified during the research: the political and institutional context, the interpretative disputes over confrontation and the impact of Information and Communication Technologies.

**Keywords:** Repertoire. Performance. Innovation. Demonstration. Public transportation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1:</i> Modelo de Análise (Fonte: a autora, 2015) .....	40
<i>Figura 2:</i> Nós (Fonte: a autora, 2015) .....	44
<i>Figura 3:</i> Grupo de classificação dos entrevistados (Fonte: a autora, 2015) .....	49
<i>Figura 4:</i> Chamada Para o evento “Largo Vivo” .....	52
<i>Figura 5:</i> Repressão Defesa Pública da Alegria (Foto: Ramiro Furquim).....	57
<i>Figura 6:</i> Assembleia do Bloco de Lutas pelo Transporte Público (Foto: Renato Furquim).....	61
<i>Figura 7:</i> Denúncia em mídia impressa (Fonte: Zero Hora, 1970) e Bloqueio em frente à EPTC (Fonte: Zero Hora, 2005) .....	83
<i>Figura 8:</i> Confronto BM (Fonte: Zero Hora, 2015).....	85
<i>Figura 9:</i> 16/06/2013 a 17/06/2013 .....	87
<i>Figura 10:</i> 16/07/2013 a 17/07/2013 .....	87
<i>Figura 11:</i> Mensagens múltiplas (Foto: Ramiro Furquim).....	88
<i>Figura 12:</i> Manifestação em frente à Prefeitura (Fonte: Zero Hora, 2014).....	90
<i>Figura 13:</i> Reportagem da Zero Hora sobre ações violentas e lúdicas (Fonte: Zero Hora, 2013) .....	92
<i>Figura 14:</i> Ônibus queimado na Avenida João Pessoa, em Porto Alegre (Foto: Autoria desconhecida) .....	93
<i>Figura 15:</i> Tropa de nhoque .....	101
<i>Figura 16:</i> Modelo de análise (Fonte: a autora, 2015).....	110
<i>Figura 17:</i> Modelo Explicativo do processo de inovação nos repertórios de ação coletiva (Fonte: a autora, 2015).....	172
<i>Figura 18:</i> Reportagem ZH 28 de março (Fonte: Zero Hora, 2013) .....	180
<i>Figura 19:</i> Reportagem ZH 21 de junho (Fonte: Zero Hora, 2013).....	181
<i>Figura 20:</i> Reportagem ZH 28 de junho (Fonte: Zero Hora, 2013).....	182
<i>Figura 21:</i> Reportagem Folha 13 de junho (Fonte: Folha de São Paulo, 2013) .....	183
<i>Figura 22:</i> Reportagem Folha 14 de junho (Fonte: Folha de São Paulo, 2013) .....	184
<i>Gráfico 1:</i> Tipos de ação (Fonte: a autora, 2015).....	74
<i>Gráfico 2:</i> Atores (Fonte: a autora, 2015) .....	77
<i>Gráfico 3:</i> Estética (Fonte: a autora, 2015) .....	79
<i>Gráfico 4:</i> Mensagens (Fonte: a autora, 2015).....	81
<i>Tabela 1:</i> Notícias coletadas (Fonte: pesquisa da autora, 2015).....	42
<i>Tabela 2:</i> Ação x Anos (Fonte: a autora, 2015).....	48
<i>Tabela 3:</i> Violência e violações nos protestos.....	89
<i>Tabela 4:</i> Registro de violência dos manifestantes por ano de ocorrência de eventos de protesto.....	94
<i>Tabela 5:</i> Adaptação por trajetória (Fonte: a autora, 2015).....	132
<i>Tabela 6:</i> Adaptação por dinâmicas de difusão (Fonte: a autora, 2015).....	139
<i>Tabela 7:</i> Experimentação interativa (Fonte: a autora, 2015).....	142
<i>Tabela 8:</i> Rotinização (Fonte: a autora, 2015).....	154
<i>Tabela 9:</i> Entrevistados (Fonte: a autora, 2015).....	179

## SUMÁRIO

O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI? .....	12
PARTE 1 – REVISÃO DA LITERATURA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE 2013 E CONCEITOS OPERACIONAIS NA PESQUISA: REPERTÓRIO E PERFORMANCE .....	15
1 LITERATURA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES EM 2013.....	16
1.1 Centralidade no contexto político e socioeconômico .....	16
1.2 Centralidade nos atores .....	19
1.3 Inovação.....	22
2 DINÂMICAS DA AÇÃO COLETIVA: REPERTÓRIOS E PERFORMANCES PÚBLICAS DE CONTESTAÇÃO .....	27
2.1 Performance.....	27
2.2 Repertório de ação.....	31
PARTE 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	38
3 ENTRE A CIÊNCIA E A ARTE: O CAMINHO PERCORRIDO PARA CHEGAR ÀS PERFORMANCES.....	39
3.1 Coleta das notícias.....	42
3.1.1 T <sup>1</sup> – Repertório Tradicional (1970-2010).....	42
3.1.2 T <sup>2</sup> – Repertório “em Ação” (2013) e T <sup>3</sup> – Repertório Atual (2014-2015).....	43
3.2 Caracterização dos períodos .....	44
3.2.1 Categorias .....	45
3.2.2 Cruzamentos .....	47
3.3 Entrevistas .....	48
3.3.1 Escolha dos entrevistados.....	49
PARTE 3 – CARACTERIZAÇÃO DOS PERÍODOS DA PESQUISA.....	50
4 MANIFESTAÇÕES EM DEFESA DO TRANSPORTE PÚBLICO EM PORTO ALEGRE – UM BREVE HISTÓRICO .....	51
4.1 “Que a nossa arte seja nossa política”: Manifestações em defesa do espaço público em Porto Alegre.....	51
4.2 Bloco de Lutas pelo Transporte Público.....	60
4.3 A tarifa em Porto Alegre.....	63
4.4 Manifestações de 27 de março em Porto Alegre e 13 de junho em São Paulo.....	65
5 “A RUA É O PALCO”: PERFORMANCES NAS MANIFESTAÇÕES DE RUA EM DEFESA DO TRANSPORTE PÚBLICO .....	71
5.1 Tempo 1 (T <sup>1</sup> ): Repertório “Tradicional”.....	83
5.2 Tempo 2 (T <sup>2</sup> ): Repertório “Em Ação”.....	85

5.3	Tempo 3 (T <sup>3</sup> ): Repertório “Atual” .....	90
5.4	Performances que foram destaque no processo de inovação do ciclo de protestos de 2013 .....	91
5.4.1	Ações Violentas .....	92
5.4.2	Ações Lúdicas .....	100
PARTE 4 – COMO SÃO GERADAS AS INOVAÇÕES NOS REPERTÓRIOS DE AÇÃO COLETIVA, A PARTIR DAS PERFORMANCES PÚBLICAS DE CONTESTAÇÃO? .....		107
6	“O ESPETÁCULO TEM DATA E HORA MARCADA”: O PROCESSO DE INOVAÇÃO NA LUTA DO TRANSPORTE PÚBLICO .....	108
6.1	Dimensões para a explicação do processo .....	110
6.1.1	Adaptação .....	111
6.1.2	Difusão .....	132
6.1.3	Experimentação interativa .....	140
6.1.4	Rotinização .....	143
6.2	Dimensões não previstas no modelo explicativo de hipótese .....	155
6.2.1	Contexto político institucional .....	155
6.2.2	A disputa interpretativa sobre o confronto .....	159
6.2.3	Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) .....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....		169
REFERÊNCIAS .....		174
OBRAS CONSULTADAS .....		178
ANEXOS .....		179
ANEXO 1 – Entrevistados .....		179
ANEXO 2 – Reportagem sobre a manifestação do dia 28/03/2013 .....		180
ANEXO 3 – Reportagens sobre o enquadramento da mídia sobre os manifestantes e suas ações: “vandalismo” e “baderna” .....		181
ANEXO 4 – Mudança de postura da mídia: Exemplos da Folha de São Paulo ...		183

## O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI?

Nos últimos cinco anos, grandes manifestações eclodiram em diferentes locais ao redor do mundo. Entre elas, destacam-se os protestos pós-eleitorais no Irã, em 2009; a Primavera Árabe (Tunísia, Egito, Líbia, Síria); o 15M (*Los Indignados*), na Espanha; o *Occupy* (inicialmente em Nova York/EUA e depois em, aproximadamente, 80 países diferentes); os protestos no Reino Unido, todos em 2011; e os protestos na Turquia, em 2013. O Brasil, por sua vez, não ficou alheio ao contexto internacional: em 2011, algumas capitais brasileiras foram protagonistas da expansão do *Occupy*, formando o "Ocupa Brasil"; em 2012, aconteceram diferentes ações contra as transformações urbanas para a preparação da Copa do Mundo FIFA (ocorrida em 2014). Mas os acontecimentos que marcaram o Brasil, com grande repercussão internacional, foram as manifestações ocorridas no mês de junho de 2013.

Nesse contexto de mobilizações sociais, aumentos do valor das passagens do transporte coletivo foram anunciados nas maiores capitais brasileiras. Pequenas manifestações, já recorrentes em anos anteriores, vinham sendo articuladas pelo Movimento pelo Passe Livre (MPL), presente nesses locais. Porém, no mês de junho de 2013, milhares de pessoas foram às ruas em grande parte do território brasileiro e modificaram desde o propósito até a forma com que as mobilizações vinham acontecendo. Essas manifestações ficaram conhecidas popularmente como "Jornadas de Junho".

O que, no início, parecia ser uma mobilização "tradicional", ou seja, já compreendida e com um *script* esperado socialmente, revelou-se como um processo complexo e marcado por diversas inovações. A pergunta clássica de Erving Goffman (2012) tornou-se recorrente: "O que está acontecendo aqui?". A disputa interpretativa a respeito desse fenômeno fez com que aparecessem diversos discursos. Mídia, pesquisadores e militantes, na tentativa de responder rapidamente a essa problemática, acabavam, por vezes, contribuindo para o sentimento de perplexidade.

Uma das possíveis razões para esta tensão dos esquemas de interpretação foi a maneira com que se apresentou a reivindicação. Ou, ainda, as formas que conformaram as manifestações. Ações entendidas como violentas, a falta de uma liderança sindical ou partidária (ou até o que, a princípio, poderíamos chamar de uma

postura antipartidarista), a mobilização de diversas pautas para além daquela que foi a reivindicação que promoveu as primeiras manifestações (o aumento no preço das passagens de ônibus), a influência das redes sociais e a velocidade e abrangência de ocorrência dos protestos são algumas características que distinguem as manifestações de junho de 2013 quando comparadas com as mobilizações ocorridas em anos anteriores.

O foco da presente análise será direcionado para essas formas do fazer reivindicatório (manifestações ou protestos), buscando elaborar uma explicação para algumas das inovações<sup>1</sup> presentes nos processos ocorridos em 2013.

Manifestações ou protestos são definidas como uma forma de ação coletiva contestatória:

O ato irredutível que está na base de todos os movimentos sociais, protestos e revoluções é a ação coletiva de confronto. A ação coletiva pode assumir muitas formas: breve ou sustentada, institucionalizada ou disruptiva, monótona ou dramática. A maior parte delas ocorre no interior de instituições, através de grupos constituídos que agem em nome de objetivos que dificilmente causariam estranheza. [...] Há muitas formas de ação coletiva – do voto à filiação a grupos de interesse até torneios de bingo e jogos de futebol. Mas estas não são as formas de ação mais características dos movimentos sociais. Caracteristicamente, eles preparam desafios contenciosos através da ação disruptiva direta contra elites, autoridades, outros grupos ou códigos culturais (TARROW, 2009, p. 21).

Nesse sentido, o foco deste estudo não são os movimentos sociais (enquanto atores), mas sim os eventos de protesto e, mais especificamente, os repertórios de ação coletiva neles utilizados. Sendo os repertórios de ação coletiva definidos como “as maneiras através das quais as pessoas agem juntas em busca de interesses compartilhados” (TILLY, 1995, p. 41), propõe-se o estudo dos processos de inovação nos repertórios de contestação.

A partir do estudo de eventos de protesto relacionados ao tema do transporte

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, entende-se como inovação as práticas de contestação que não se enquadram nos modelos tradicionais, ou seja, não necessariamente aquelas que nunca haviam ocorrido, mas sim aquelas que não se institucionalizaram.

público, tendo as mobilizações de 2013 e seus desdobramentos como objeto empírico central, busco analisar como, através de diferentes performances que conformam tais eventos, são produzidas inovações nos repertórios de contestação. Assim, o problema de pesquisa é delimitado pela seguinte questão: *como são geradas as inovações nos repertórios de ação coletiva a partir das performances públicas de contestação?* Para responder a esse problema, serão estudadas as performances desenvolvidas nas manifestações que ocorreram em Porto Alegre nas últimas décadas e que tiveram como principal reivindicação a passagem do transporte público.

O presente trabalho faz parte da continuação da pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Ciências Sociais, na qual estudou-se as inovações nos eventos de protesto “Defesa Pública da Alegria” e “Largo Vivo”, ocorridos em Porto Alegre. O resultado obtido no TCC, apesar de apontar dimensões importantes para a análise das inovações de repertórios de ação coletiva contestatória, não atingiu a elaboração de um modelo explicativo para as inovações identificadas na pesquisa. Avançar na construção desse modelo se coloca como um dos objetivos centrais desta pesquisa.

Na primeira parte do trabalho, serão abordadas as literaturas sobre as manifestações de 2013 e os conceitos pertinentes a essa pesquisa: repertório e performance. Em seguida, na segunda parte, serão apresentados os caminhos percorridos no campo para chegar à possível resposta para o problema de pesquisa. Na terceira parte, serão caracterizados os períodos da pesquisa. Por fim, na quarta parte, serão trabalhadas as dimensões que explicam o processo de inovação nos repertórios.

**PARTE 1 – REVISÃO DA LITERATURA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE 2013 E  
CONCEITOS OPERACIONAIS NA PESQUISA: REPERTÓRIO E PERFORMANCE**

## 1 LITERATURA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES EM 2013

Ao longo dos anos que passaram desde as "Jornadas de Junho", artigos, livros, pesquisas, relatórios e colunas foram publicados a fim de promover uma explicação do que aconteceu em 2013. Muitos desses trabalhos foram realizados ainda durante os eventos de protesto, com possibilidades limitadas de distanciamento analítico. Apenas recentemente análises baseadas em trabalhos empíricos mais sólidos começam a ser apresentadas, trazendo resultados que contribuem para uma interpretação qualificada das manifestações de 2013.

Dentre essas publicações foram selecionadas algumas pesquisas elaboradas durante os protestos que apresentam diferentes possibilidades de caracterização das manifestações. Essa literatura foi agrupada em duas perspectivas que diferenciam as análises dos trabalhos aqui selecionados<sup>2</sup>: centralidade no contexto político e centralidade nos atores. A primeira perspectiva diz respeito a uma interpretação baseada nas relações com o contexto sócio-político, ou seja, a forma com que o governo se apresentava politicamente, estratégias e indicadores relativos à situação econômica e social brasileira e à promoção do megaevento "Copa do Mundo FIFA 2014" são mobilizados como argumentos centrais para a explicação do fenômeno de 2013. No que diz respeito à centralidade nos atores envolvidos, alguns trabalhos apresentam uma explicação a partir de determinadas organizações de movimentos sociais (sua história, suas dinâmicas internas e suas formas de ação), enquanto outros trabalhos, nessa mesma linha, enfatizam ações e discursos dessas organizações na conformação da realidade observada em 2013.

### 1.1 Centralidade no contexto político e socioeconômico

Em novembro de 2013, foi publicado o 34º número da revista *Observatório Social da América Latina (OSAL)*. Esse número foi dedicado aos ciclos de protesto que marcaram a conjuntura latino-americana em 2013. Um dos destaques foram as

---

<sup>2</sup> As categorias aqui não são excludentes, ou seja, a maioria dos textos abordam, pelo menos, duas características presentes em cada categoria. Porém, a separação foi feita pensando na centralidade do argumento para a explicação do fenômeno.

manifestações de rua de junho-julho no Brasil, com quatro artigos publicados sobre esse processo. Três deles conferem uma centralidade explicativa ao contexto político.

O artigo “As rebeliões de junho de 2013”, do pesquisador Ricardo Antunes (2013), identifica as causas das mobilizações com uma exaustão do modelo de desenvolvimento em curso desde a década de 1990, com a emergência de uma crítica ao caráter excludente da Copa do Mundo (expresso no antecedente da Copa das Confederações em 2013) e a insatisfação com uma degradada institucionalidade.

“As jornadas de junho no Brasil: crônica de um mês inesquecível” é outro dos artigos publicados na revista. O autor, Ruy Braga (2013), traz a estagnação do governo federal liderado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) para entender o processo das manifestações, que é entendido como expressão de uma inquietação com o modelo de desenvolvimento do país. Segundo o autor, essas manifestações seriam uma revolta popular de um proletariado precarizado: o “precarizado”, formado, sobretudo, por trabalhadores desqualificados e semiqualeificados que entram e saem muito rapidamente do mercado de trabalho. Os setores da juventude que, em sua maioria, foram os protagonistas nas manifestações fariam parte dessa categoria (*op. cit.*).

O artigo “Las movilizaciones de Junio de 2013: ¿Explosion fugaz a novíssima história do Brasil?”, do pesquisador José Mauricio Domingues (2013), último artigo da revista *OSAL* nessa temática, sustenta que o governo federal petista (parte da nova história do Brasil) alcançou o auge de suas políticas sociais e não conseguiu reverter em consumo coletivo. A distância da população do sistema político resultou na explosão dessas manifestações (início da novíssima história do Brasil) (*op. cit.*).

Para o autor, se, por um lado, o país se democratizou nas últimas décadas, combateu a pobreza e diminuiu as desigualdades, por outro, durante o primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff (PT-2011-2014), houve uma crescente tecnocratização e um fechamento do espaço político. Nos últimos anos, ocorreu, ainda, o esgotamento de uma agenda de políticas sociais e a adequação da política econômica às demandas do capital financeiro nacional e global. Esse contexto de esgotamento do governo petista quanto às mudanças sociais e o fechamento do espaço político seria, segundo o autor, o propulsor das manifestações nas ruas brasileiras (*op. cit.*).

Carlos Vainer (2013) argumenta, em um trabalho intitulado “Quando a cidade vai às ruas”, publicado no livro *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, que o modelo de cidade construído nos últimos anos é a razão principal das manifestações urbanas no Brasil. As transformações no governo da cidade, a partir dos megaeventos, preveem um modelo de cidade neoliberal, uma cidade orientada para o mercado.

O autor traz a Copa do Mundo de Futebol para apresentar “a cidade dos megaeventos”, em que se generaliza uma cidade da exceção e uma democracia direta do capital. As grandes corporações recebem dos governos municipais isenções de impostos e monopólio de equipamentos e espaços publicitários resultante de investimentos públicos. Para Vainer, os jovens querem outra cidade, outro espaço público, e, para isso, desafiam a democracia do capital. O pesquisador afirma que nada está resolvido e que a história nos lembra que outra cidade é possível.

Em argumento contrário aos artigos anteriores, André Marengo (2014) diz que o Brasil não estaria passando por um momento de crise no que diz respeito às políticas sociais, mas sim por um processo de ascensão do conservadorismo. Em seu texto “As duas caudas de Gauss: minorias, protestos e representação política”, publicado no livro *#protestos: análise das ciências sociais*, o autor apresenta dados que demonstram o crescimento econômico do país e elabora o argumento de que a classe que vive no nível de pobreza teria ascendido economicamente de forma consideravelmente maior na comparação com a classe média. Nesse sentido, as mobilizações seriam a expressão de uma reação conservadora contra as políticas sociais (*op. cit.*).

Esses são alguns artigos que contribuíram à tentativa de explicar o fenômeno das mobilizações de 2013 através de argumentos centrados no contexto sócio-político. Através desses autores, interpreta-se que as manifestações seriam uma resposta às estratégias e às políticas governamentais e/ou às condições socioeconômicas. Tanto na visão das manifestações como expressão de uma insatisfação popular com a precariedade das condições socioeconômicas e/ou os limites de participação política, quanto na visão das manifestações como uma reação conservadora às melhorias nas condições de vida das classes populares e aos déficits institucionais do Estado brasileiro, estes autores situam suas explicações em condicionantes socioeconômicos e/ou político-institucionais.

## 1.2 Centralidade nos atores

Essa categoria diz respeito aos trabalhos que centram seus argumentos explicativos nos atores envolvidos nas manifestações de 2013. As dinâmicas dos movimentos sociais que atuaram nas manifestações seriam uma fonte de explicação para seu desenvolvimento.

O artigo “Debajo y detrás de las grandes movilizaciones”, que tem como autor o pesquisador Raúl Zibechi (2013), traz o argumento de que as mobilizações fazem parte de um processo de luta anticapitalista que vem sendo desenvolvida pelos movimentos sociais, como o Movimento Passe Livre e os Comitês Populares. Esse é o primeiro trabalho apresentado no 34º número da revista OSAL de 2013 e o único a apresentar a centralidade de seu argumento nos atores (no caso, os movimentos sociais). Segundo o autor, não houve espontaneidade nas manifestações em 2013. Os protestos foram resultado de uma trajetória anterior dos movimentos que as construíram.

A partir da breve história do Movimento Passe Livre, passando pelos eventos das cidades de Salvador (Bahia), Florianópolis (Santa Catarina) e Porto Alegre (Rio Grande do Sul), e do Comitê Popular da Copa (CPC), que foi criado durante os Jogos Pan-americanos (ocorridos no Rio de Janeiro, em 2009), o autor apresenta suas dinâmicas (formas de organização e ação) como uma fonte de explicação para o fenômeno de 2013 (*op. cit.*).

Adriana Coelho Saraiva (2014) analisa os protestos de 2013 a partir de seus atores, apresentando em seu artigo “Movimentos Passe Livre e Black Blocs: quem são os novos atores que emergiram dos protestos em 2013” a história e as características do Movimento Passe Livre (MPL) e dos Black Blocs. O MPL é apresentado como um movimento social autônomo, constituído de jovens que têm como luta a reestruturação dos transportes públicos urbanos e o direito à cidade. A autora traz as características do movimento para explicar o porquê foram manifestações focadas no transporte, convocadas pelo MPL, que deflagram o processo brasileiro (*op. cit.*).

Quanto aos Black Blocs, a autora apresenta como uma estratégia, que teve origem no movimento autônomo alemão Autonomem, na década de 1980. Muito dos

discursos sobre violência nas manifestações, mais especificamente as leituras da grande mídia sobre vandalismo, estão associadas a esse grupo. Segundo a autora, os Black Blocs elaboram sua prática “violenta” de forma simbólica, o que afastaria a noção de vandalismo (*op. cit.*).

Monika Dowbor e José Szwako (2013), no artigo “Respeitável Público: performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013”, fazem uma aproximação entre a sociologia e o teatro para problematizar eventos anteriores à eclosão das manifestações. De acordo com os pesquisadores, esses não foram eventos espontâneos. Portanto, os autores realizam sua análise no que foi previamente construído para que a ocorrência das manifestações fosse possível.

A partir das categorias analíticas *bastidores*, *palco* e *vitrine*, do autor Erving Goffman, Dowbor e Szwako analisam os atos e as performances dos movimentos MPL e CPC. Eles trazem a história do MPL – com centralidade nos eventos marcantes “A Revolta do Buzu” (Salvador) e “A Revolta das Catracas” (Florianópolis) – e a organização do CPC – enquanto um articulador de movimentos diversos – para a explicação das manifestações em 2013. Os autores têm como hipótese central a dramatização da violência a partir desses atores para a emergência dos protestos.

A violência, enquanto recurso cênico, pode ser mobilizada pelos atores a seu favor, demarcando personagens emblemáticos como heróis, vilões e vítimas. Assim, Dowbor e Szwako demonstram como a violência foi dramatizada nos palcos anteriores a 2013 e como ocorria a construção desse drama em um *continuum* entre os bastidores e as vitrines protagonizados pelos atores MPL e CPC: o MPL apresenta em sua história a característica de elevada conflitualidade em suas interações, enquanto o CPC vocaliza a violência a partir de suas denúncias.

Elena Judensnaider, Luciana Lima, Marcelo Pomar e Pablo Ortellado, no livro *Vinte Centavos: A luta contra o aumento*, publicado ainda em 2013, descrevem em detalhes os acontecimentos de junho, na cidade de São Paulo, a partir do ponto de vista dos ativistas. Os autores trazem para o texto como a relação entre governo, mídia e manifestantes configurou o processo de redução da tarifa.

Os autores começam o livro narrando a trajetória do MPL, demonstrando, assim, uma crítica ao discurso de espontaneidade das manifestações. A narrativa do livro traz as tensões nas relações entre os atores durante os processos decisórios das

manifestações. A revogação do aumento é apresentada como uma conquista resultante dos posicionamentos de um ator político (MPL) que soube reagir estrategicamente a circunstâncias cambiantes (*op. cit.*).

Maria da Glória Gohn (2014), no livro *Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no Mundo*, analisa as manifestações entre 2011 e 2013 em diferentes partes do mundo. Para a autora, este seria um movimento de indignação com a globalização, no qual se destaca o papel das praças como um cenário para as mudanças sociais, a partir de sua ressignificação, sendo elas o lugar simbólico do capital. Para a autora as manifestações no Brasil e no mundo foram protagonizadas por jovens. Uma juventude que configura um movimento que expressa falta de confiança em toda forma política e categoria de políticos.

Para a análise das performances públicas de contestação é necessária a compreensão do fenômeno estudado. Buscou-se, então, a partir da análise da literatura produzida sobre o ciclo de protestos de 2013, identificar as diferentes explicações propostas para sua interpretação. Nas abordagens apresentadas, pode-se identificar dois tipos de argumentos explicativos: aqueles que dão ênfase aos atores e aqueles que dão ênfase aos condicionantes político-institucionais e/ou socioeconômicos. O contexto político no qual emergem as manifestações e seus atores protagonistas fornece instrumentos para o estudo das performances que conformam as mobilizações. A relação com o contexto traz para o palco oportunidades e restrições para a ação. De acordo com a interpretação dos atores, algumas performances se tornam possíveis de serem desenvolvidas ou não. O sentido que os atores atribuem aos condicionantes político-institucionais e/ou socioeconômicos conformam, ainda, diferentes performances que se associam a esses condicionantes. Os atores, sendo aqueles que realizam a performance, possibilitam a indagação das origens e as implicações das escolhas de suas ações, através da análise de suas trajetórias.

### 1.3 Inovação

Na medida em que o foco da pesquisa é o processo de inovação dos repertórios de contestação, é importante identificar na literatura como foi abordada a temática da novidade nas manifestações de 2013. Para além das possíveis diferenças de perspectivas analíticas na explicação das mobilizações de 2013, uma pergunta que se faz presente para o estudo desses eventos de protesto diz respeito à *inovação*: quais as novidades que este processo apresenta segundo a literatura analisada?

Raúl Zibechi (2013) chama de uma *nova cultura política*, que se difere daquela que caracterizaria as mobilizações de períodos anteriores.

Cuando surge una cultura política lo hace contra la cultura hegemónica de la cual necessita diferenciarse. En este caso parece evidente que los modos de lucha y de organización que nacieron hacia el fin de la dictadura con la creación de la CUT y del PT, ya no pueden dar respuesta a los desafíos que plantean las luchas antisistémicas. Recordemos que las revueltas de 2003 y 2004, y la fundación del MPL en 2005, rechazaron de plano la cultura organizacional burocrática y para ello destacaron la horizontalidad, o sea una dirección colectiva y no individual, el consenso para que no se consoliden mayorías, y la autonomía del Estado y los de los partidos (p. 32).

Essa nova cultura política se caracteriza, primeiramente, por estar fora dos partidos políticos. Os atores que a conformam são uma juventude autônoma que se distancia do setor majoritário do movimento sindical, ainda que “han podido colaborar con los sindicatos más combativos y con otras organizaciones que responden a patrones distintos de organización y formas de hacer” (*id.*). Grande parte desses grupos tem como inspiração o Movimento Sem-Terra (MST), aproveitando de sua longa experiência e, inclusive, adaptando suas formas de luta para o meio urbano. A principal diferença dos grupos que expressam esta nova cultura política em relação aos anteriores consiste nas diferentes formas organizativas que adotam e, em particular, na questão da horizontalidade (*op. cit.*).

Na mesma perspectiva de Raúl Zibechi, apresentando a horizontalidade enquanto um aspecto importante na caracterização da novidade das mobilizações de 2013, Ricardo Antunes (2013) também apresenta a horizontalidade em resposta ao

desgaste da política tradicional, caracterizada pela representatividade e pela institucionalidade, que se conforma na ocupação do espaço público.

Desde 2008 vemos que todas as manifestações de massa – começando da Tunísia e indo à praça Tahrir (Egito), à praça Taksim (Turquia), voltando à Tahrir, passando pela Grécia, Itália, Portugal, França, Reino Unido, EUA, com o Occupy Wall Street, e Espanha, com os Indignados, para não falar dos jovens do Chile, camponeses da Colômbia, etc. – que têm como traço comum a ocupação do espaço público, das ruas e praças. Tal ocupação significa que a população não suporta mais a atual forma degradada de institucionalidade [...] somaram-se às manifestações milhares de jovens que se rebelavam e reivindicavam um movimento mais horizontalizado, mais plebiscitário e que tem em comum a percepção de que há um desgaste da política profundo nas formas de exercício da política tradicional (*op. cit.*, p.39).

Outro aspecto importante, e que caracteriza uma novidade, foi o ingresso de novos setores nas mobilizações, o qual se deu principalmente a partir da forte repressão policial, afirmando um sentimento de repúdio e solidariedade. Tal ingresso fez com que o movimento se caracterizasse como heterogêneo, polissêmico e policlassista. Novas demandas se fizeram presentes: disputas entre setores da esquerda e da direita marcaram as manifestações, as quais não tinham um alvo único (não eram apenas contra o governo federal ou estadual, mas contra todos) (*op. cit.*).

O desgaste das formas tradicionais de fazer política também é abordado pela autora Adriana Coelho Saraiva (2014). O MPL, organização que se pauta por princípios de horizontalidade, não apresenta lideranças; ele atua através de ações diretas e critica o sistema partidário. Tal organização apresentaria, segundo a autora, características que correspondem à “nova cara do Brasil contemporâneo” (p. 51).

A autora reconhece processos de inovação a partir da forma de fazer política que esses novos atores trazem para os protestos de 2013. Para além do MPL, ela apresenta os Black Blocs como uma novidade no cenário nacional, na medida em que elaboram uma prática violenta de ação de forma simbólica.

Assim,

embora se reconheça a existência de processos inteiramente novos no cenário mundial e nacional – em especial a

constituição de novas formas de fazer e pensar política –, essas novidades ocorrem juntamente com a reapropriação de velhas teorias e práticas anarquistas, marxistas heterodoxas, contraculturais e autônomas. Tudo isso aponta para a grande criatividade dos movimentos sociais, cuja inteligência muitas vezes escapa à sociedade em geral e aos intelectuais em particular, que seguem a reboque das inovações (*id.*).

A distância da população em relação ao sistema político, expressa em novas formas de mobilização a partir de um afastamento das práticas partidárias, é o que aborda o autor José Mauricio Domingues (2013). Para Domingues, esse momento pode vir a ser a regeneração do ativismo, que estava em declínio nos anos anteriores, a partir de formas horizontais e mais autônomas em relação aos partidos (nesse caso, com o protagonismo do MPL) (p. 69).

Quanto às performances realizadas, o autor traz os elementos das redes sociais para explicar práticas que diferem das manifestações tradicionalmente realizadas pela esquerda.

Vale notar además que esas manifestaciones parecen haber reproducido en las calles, en cierta medida, los elementos de las redes sociales. Si había enorme dispersión de participantes y demandas, algunos núcleos funcionaron, por la izquierda y por la derecha, como “nodos” de red, focos de proliferación de mensajes y emociones, por ejemplo, de rechazo a los partidos y promoción de pautas sociales, para nombrar solamente las más prominentes, sin mencionar los “posteos” estilo Facebook que cada uno hacía por cuenta propia con sus pequeños carteles individualizados. Por otro lado, en muchos momentos las manifestaciones parecieron una mezcla de lucha, fiesta, *rave*, con una textura distinta de aquellas que la izquierda suele organizar (*ibid.*, p. 66).

Outros autores também relacionam a inovação das manifestações às redes sociais. Leonardo Sakamoto (2013) diz que o Facebook e o Twitter foram às ruas. Essas tecnologias de comunicação são ferramentas de construção e reconstrução da realidade. A atuação na rede, aos poucos, mudaria a maneira de fazer política e as formas de participação social (p. 95).

Segundo o autor, o sistema político como é reconhecido está em crise, e os políticos tradicionais têm dificuldade de assimilar os movimentos que se utilizam das redes sociais. Os valores que estão na base desse sistema não dão conta da realidade

da nova geração: “o problema entre a velha e a nova esquerda está no contexto histórico em que seus atores foram formados” (*ibid.*, p 96). As manifestações de 2013, com cartazes com comentários do Facebook, comprovariam esse fato.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), são apresentadas pelo autor Marcelo Kunrath Silva (2014) como um dos elementos constitutivos das mudanças que aconteceram nos processos de mobilização de 2013. A diferença daquele ciclo de protestos em relação à dinâmica contestatória “tradicional” é o fato de que organizações, grupos e movimentos sociais “dividiram a cena pública com (e muitos casos foram substituídos por) uma população que tinha nas redes sociais [...] sua estrutura básica de mobilização” (p. 11).

Segundo o autor, o ciclo de protestos de 2013 apresenta a potencialidade das TICs para alimentar processos de mobilização com base nas conexões e possibilidades de ação que oportuniza para os indivíduos. A lógica de produção individualizada e o compartilhamento de conteúdo permitem a expressão personalizada e a difusão instantânea (*ibid.*, p 17). Para o autor,

ocorreram mudanças qualitativas importantes nos processos de mobilização contestatória em virtude da difusão das TICs como um elemento estruturante da vida social contemporânea. Reconfigurando os padrões de sociabilidade, a produção, circulação de informações, os processos identitários, entre outros aspectos, as TICs incidiram diretamente sobre condições e mecanismos que fundamentam os processos de contestação (*ibid.*, p. 19).

Ilse Scherer Warren (2014) apresenta como uma das novidades de 2013 as redes sociais virtuais que trouxeram para as ruas milhares de pessoas em tempo real. Esse fato, segundo a autora, gerou grande visibilidade na mídia e impacto político, produzindo uma rápida resposta do sistema político. Porém, as redes sociais contribuíram também para outro elemento que a autora apresenta como novidade e que tem centralidade na análise que realiza sobre as diferenças frente a outras grandes manifestações do século XX: a diversidade de demandas.

[...] essa ambiguidade também resulta em mais de uma forma de identificação na política dos sujeitos-atores que compareceram às ruas em 2013: por um lado, os identificados

com movimentos sociais e (ou) partidos políticos; por outro, os participantes individuais, convocados, sobretudo, pelas mídias digitais. Essas duas formas de ser sujeito político geraram as contradições e os conflitos políticos presentes no processo mobilizatório, o que levou os vários analistas das manifestações às incertezas sobre as possibilidades ou não de novas manifestações em 2014 e (ou) sobre o futuro político dos processos mobilizatórios nas ruas (*op. cit.*, p. 426).

O afastamento do sistema político, a entrada de novos setores, a diversidade de demandas e as redes sociais são características que os autores trazem quando falam das novidades de 2013 que as manifestações apresentaram. Para pensar o processo de inovação de um repertório a partir das performances que o compõe, é necessário primeiro definir esses conceitos e perceber que tipos de ações performatizadas se diferem do que é tradicionalmente conhecido. Esses elementos descritos pelos autores apontam possibilidades para a compreensão da emergência dessas ações.

A discussão presente na literatura sobre as manifestações tem como centralidade abordagens sobre a origem do conflito, que não constituem o objetivo dessa pesquisa. Porém, é importante situar o debate para compreender os caminhos que serão escolhidos na análise. Para os fins da pesquisa, assumo uma postura relacional entre os atores e o contexto político, entretanto, me afasto do argumento de crise econômica e política como indutores automáticos do processo de mobilização, assim como do argumento sobre os atores que participaram e sua total distância do sistema político. Assumo também a importância das TICs, porém contra a argumentação de uma espontaneidade que poderiam representar. Esses são posicionamentos que levo em conta durante o estudo das performances públicas de contestação, trazendo a importância desses elementos para a análise.

## 2 DINÂMICAS DA AÇÃO COLETIVA: REPERTÓRIOS E PERFORMANCES PÚBLICAS DE CONTESTAÇÃO

A abordagem teórica que dará suporte a esta pesquisa faz parte do campo de estudos dos movimentos sociais de matriz norte-americana, sendo denominada de abordagem da Política Contestatória (*Contentious Politics*). Contrapondo-se a compreensões deterministas e economicistas da ação coletiva, essa abordagem elabora explicações macro-históricas, combinando a política e a cultura no estudo das mobilizações sociais (ALONSO, 2009, p. 54). Dentre os conceitos constitutivos do seu modelo analítico está o de “Repertórios de Ação”.

Em complementação à teoria da Política Contestatória, ao dar ênfase à cultura nas práticas (re)produzidas nas mobilizações sociais, entra-se no campo dos estudos sobre Performance. Charles Tilly (1978; 1995; 2008; 2006), principal autor sobre os Repertórios de Ação, trouxe a performance para seu modelo de análise sobre as mobilizações justamente para compreender o lugar do improvisado nos “scripts” pré-estabelecidos da ação. Compreende-se que, a partir da performance, é possível capturar as dinâmicas do protesto em sua relação com o contexto em que se insere. O diálogo entre o campo de estudo sobre ação coletiva e o campo das artes possibilita uma sociologia relacional na qual faz-se possível a tentativa de compreensão de uma dramaturgia do conflito na relação entre ação e estrutura.

### 2.1 Performance

Os estudos sobre performance perpassam as Ciências Sociais e as Artes. Um dos autores de referência ao se trabalhar com performance nas Ciências Sociais é o antropólogo Victor Turner (1987; 2013). Para chegar ao conceito de performance, o autor apresenta o conceito de “dramas sociais”. Segundo Turner, um drama social expressaria uma ruptura de um relacionamento central por parte do grupo social significativo, intensificando uma crise que manifestaria uma clivagem social e, em seguida, ocorreria uma ação remediadora que tentaria reconciliar os grupos envolvidos, reintegrando o grupo social afetado, ou reconheceria a ruptura que seria irreparável (TURNER, 1987). Dramas sociais, então, seriam aqueles conflitos nos

quais rompe-se com um sistema reconhecido como estável, seguindo-se de uma ação que repare esse conflito através da reconciliação dos grupos envolvidos com o intuito de restaurar a ordem no sistema. Em situações extremas, reconhece-se que a ruptura ocasionada é irreparável, sendo uma transformação desse sistema a única solução.

A noção de dramas sociais está vinculada aos ritos de passagem, na medida em que esses acompanham toda mudança de lugar, de estado, de posição social, de idade (TURNER, 2013). Esses dramas e ritos se diferenciam na medida em que emergem em sociedades tradicionais ou em sociedades complexas, devido às características distintas dos fenômenos culturais nestas sociedades. Nas sociedades tradicionais, nas quais a noção de sagrado corresponde à totalidade das práticas culturais, tendem a acontecer em momentos de crise para reafirmar a ordem social. Já nas sociedades complexas, os fenômenos culturais configuram acontecimentos à parte, e as atividades como o teatro, a dança e a música estão muito mais voltadas para as expectativas individuais ou para os interesses particulares da diversão e/ou do entretenimento (ALVES, 2005, p. 40).

Nas sociedades complexas, os atores tendem a ter maior possibilidade de escolha sobre as atividades que gostariam de participar, dizendo respeito mais a uma “consciência individual”, ao contrário das sociedades tradicionais na qual há o imperativo da ordem das “representações coletivas”. Ainda nas sociedades complexas se dá destaque à autoria do criador, a uma variedade de ofertas e à seleção das atividades de acordo com interesses (*ibid.*, p. 41). O que há de similar nos fenômenos entre os dois tipos de sociedade, segundo Turner (2013), é a dimensão de criatividade, reflexividade e de ruptura temporária do fluxo da vida social demarcados pelos eventos simbólicos e culturais. “Dramas sociais” e “ritos de passagens”, portanto, seriam momentos nos quais os atores sociais se arriscam em uma aventura “dramática” de representação de papéis e de jogo simbólico de ruptura e/ou de inversão da ordem estabelecida na vida cotidiana, seja nas sociedades complexas ou nas sociedades tradicionais.

É nessa perspectiva que Victor Turner desloca sua ênfase da teoria dos dramas sociais para a teoria das performances, estudando a dimensão simbólica das sociedades complexas. O pesquisador considera que as performances podem ser situadas dentro das situações “extraordinárias”, entendendo-as como momentos de interrupção da ordem social (TURNER, 2013). Turner (1982) distingue dois tipos de

performance: as performances sociais e as performances estético-teatrais. A primeira diz respeito aos dramas sociais e aos ritos, enquanto a segunda diz respeito às atividades culturais como teatro, dança, música, esporte (essa distinção é meramente analítica na medida em que podem aparecer em um mesmo fenômeno).

Ao repensar sua teoria do rito a partir da noção de performance, Turner recorreu à contribuição de diferentes áreas disciplinares. Desse modo, buscou esclarecer os pressupostos da antropologia da performance. Particularmente, no campo das Ciências Sociais, o autor abriu-se ao diálogo com teóricos que também empregam a noção de performance – principalmente o sociólogo Erving Goffman e o diretor teatral e antropólogo Richard Schechner – para elucidar os diferentes usos do conceito de ritual presente nos estudos sobre performances (ALVES, 2005, p. 42).

Erving Goffman (2013), em seu livro *A representação do eu na vida cotidiana*, aborda o mundo social como um palco, no qual os indivíduos são atores que desempenham papéis preestabelecidos socialmente. Essa representação de papéis sociais é orientada de acordo com a expectativa da “plateia” (o outro), com quem o ator se encontra face a face, envolvendo interesses em jogo. A noção de performance vincula-se ao desempenho de papéis enquanto um tipo de comportamento “ritual” dos atores sociais na vida cotidiana (*op.cit.*).

Para Goffman (2013),

uma performance pode ser definida como toda e qualquer atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes. [...] O padrão de ação preestabelecido que se desenvolve durante a representação, e que pode ser executado ou apresentado em outras ocasiões, pode ser chamado de “movimento” ou “prática”. [...] Definido papel social como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formado pelas mesmas pessoas (p. 28).

Goffman apresenta a performance como o desempenho de papéis a partir de um padrão preestabelecido que se desenvolve durante a representação. Richard Schechner (2006; 2012a; 2012b), por sua vez, apresenta um estudo sobre a

performance mais aprofundado, na medida em que, em virtude de seu interesse pela antropologia da performance a partir de seus trabalhos como diretor de teatro, traz tal conceito à centralidade do seu trabalho. Em diálogo com Goffman e Turner, Schechner apresenta uma categorização para a performance.

Para Schechner (2006),

performances marcam identidades, dobram o tempo, remodulam e adornam o corpo, e contam histórias. Performances – de arte, rituais, ou da vida cotidiana – são “comportamentos restaurados”, “comportamentos duas vezes experienciados”, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam [...] O comportamento restaurado é o processo principal de todos os tipos de performance, seja na vida cotidiana, na cura, nos ritos, em ações, e nas artes. O comportamento restaurado está “lá fora”, aparte do “eu”. Colocando em palavras próprias, o comportamento restaurado “sou eu me comportando como se fosse outra pessoa”, ou “como me foi dito para fazer”, ou “como aprendi” (p. 28-31).

Schechner (2012a) apresenta, a partir de sua definição de performance, um leque de possibilidades para o estudo das performances. Assim, uma das possíveis aberturas seria para a vida cotidiana, estando as manifestações políticas de rua representadas nesta categoria de performances.

O autor estudou diversas manifestações a partir de sua teoria da performance: o movimento pela democracia na China, centralizado na Praça Tiananmen, em 1989; a queda do Muro de Berlim e outras mobilizações na Europa Oriental, também em 1989; as manifestações contra a Guerra do Vietnã em Washington, em maio de 1970; entre outros eventos. Para Schechner, existe uma dramaturgia das manifestações na qual a relação dialética entre teatro e ritual se conforma nas performances. Assim, manifestações integram um teatro que é ritual, na medida em que é eficaz, e que produz efeitos reais por meio de causas simbólicas. Essas apresentações na rua são eventos encenados para um público e, no encontro com a mídia, são encenações para a câmera (SCHECHNER, 2012a).

Para Schechner (2012a), os protestos na China, na Alemanha Oriental e nos Estados Unidos são exemplos de eventos cujos resultados eram desconhecidos. A agitação de tais dramas sociais é enraizada na tensão entre padrões conhecidos da ação, surpresas repentinas e instantâneas e um resultado desejado, ainda que

incerto.

Richard Schechner (2012) mobiliza Charles Tilly, a partir de outros autores<sup>3</sup>, para analisar como os manifestantes colocam em prática seus descontentamentos. Partindo de argumento similar ao desenvolvido por Tilly em seus estudos sobre os repertórios de confronto ou de ação coletiva, Schechner (2012) salienta que os manifestantes, mesmo com o espaço da improvisação, trabalham com “scripts” familiares, o que gera um senso comum compartilhado de como se comportar durante a ação coletiva (p. 102).

## 2.2 Repertório de ação

Para os fins desta pesquisa, utilizo o conceito de Repertórios de Ação elaborado pelo autor Charles Tilly (1978; 1995; 2006; 2008), um dos principais expoentes da literatura da *contentious politics*. O conceito de repertório traz a dimensão cultural para seu modelo explicativo do processo de mobilização coletiva.

Tilly (1978) busca a noção de repertório da música e do teatro “para designar o pequeno leque de maneiras de fazer política num dado período histórico” (ALONSO, 2012, p. 22). Nas palavras de Tilly (1978),

em qualquer momento, o repertório disponível de ações coletivas para uma população é surpreendentemente limitado. Em princípio, é surpreendente, dadas as inúmeras maneiras das pessoas poderem usar os seus recursos na busca de objetivos comuns e dados os muitos modos que os grupos reais utilizaram na busca de seus objetivos comuns em algum momento (p. 151, *tradução nossa*).

Segundo o autor, as performances conformariam um repertório:

Podemos capturar algumas das características recorrentes, historicamente, incorporado pela política contestatória, por meio de duas metáforas teatrais relacionadas: performances e

---

<sup>3</sup> Joseph Escherik e Jeffrey Wasserstrom chamam de teatro político as manifestações na China, em 1989, e apresentam o conceito de repertório para compreender as formas de manifestação.

repertórios. Se olharmos de perto uma reivindicação coletiva, veremos que casos particulares improvisam a partir de roteiros [scripts] compartilhados. [...] A metáfora teatral chama a atenção para o caráter agrupado, aprendido e, ainda assim, improvisado das interações [...]. Reivindicar usualmente se parece com jazz e *commedia dell'arte* mais do que com a leitura ritual de uma escritura sagrada. Como um trio de jazz ou grupo de teatro de improviso, as pessoas que participam em política confrontacional normalmente podem atuar em diversas peças, mas não numa infinidade delas (TILLY, 2006, p. 35, *tradução nossa*).

Essa relação entre a arte e a ação coletiva traz o improviso e a criatividade para o palco do conflito. A partir de um “script” já (re)conhecido pelos atores (um repertório preestabelecido), se faz possível, a partir de sua interpretação e das especificidades dos contextos particulares de interação, a produção de inovações.

Os repertórios são como ferramentas, cuja eficácia, em uma relação metafórica, depende da combinação entre as tarefas a serem realizadas, as características/intenções do usuário e as condições contextuais de utilização. Quanto ao surgimento de um novo repertório, Tilly (2008), a partir de seu estudo sobre o confronto político na Inglaterra, diz que

um novo repertório nasce no século XIX porque novos usuários assumiram novas tarefas e encontraram as ferramentas disponíveis para os seus problemas e habilidades. No curso das lutas atuais, pessoas fazem reivindicações e contra reivindicações formando novos significados do fazer reivindicatório. Eles agrupam performances complementares nos repertórios (p. 45, *tradução nossa*).

A maioria das mudanças nos repertórios acontece através de um processo incremental, no qual pequenas alterações nas performances públicas vão introduzindo e sedimentando novas formas de ação. Tais alterações tendem a ocorrer, segundo Tilly (2008), em resposta à interação entre as mudanças no ambiente e as inovações que se desenvolvem no curso do confronto.

Assim, os repertórios se constituem numa tensão entre inovação e persistência, que faz refletir suas lógicas instrumentais e expressivas. A lógica instrumental se refere à eficácia do repertório no sentido da produção daquilo que é objeto da reivindicação de determinado ator, estando a manutenção ou a mudança dos

repertórios condicionada por esta eficácia. Já a lógica expressiva refere-se ao fato de que os repertórios constituem, em si mesmos, um elemento de identificação e de expressão pública da identidade dos atores coletivos, não estando sujeitos unicamente ao cálculo instrumental de sua (in)eficácia.

A consolidação de um determinado repertório pode levar ao surgimento daquilo que a literatura denomina de formas modulares de ação. Segundo Tilly (2006), “”modular” significa que as performances nos repertórios se transferem facilmente de lugar para lugar, questão para questão, grupo para grupo. [...] Nós estamos examinando uma história de inovação contínua e modelação” (p. 55-56, *tradução nossa*). Então, um repertório modular pode ser transposto para contextos distintos daquele no qual se originou, ao mesmo tempo em que tende a ser transformado pelo processo de apropriação e pelas particularidades do contexto para o qual é transferido.

Charles Tilly faleceu em 2008 e, em seu último livro, dedicado ao tema das performances de contestação, não deu respostas nem fechou o conceito. Ao contrário:

Multiplicou perguntas acerca do ritmo e modo da inovação, da transferência e adaptação de repertórios entre grupos, assuntos, regiões, países; do aprendizado, efetividade e impacto das performances sobre os atores que a mobilizam, autoridades, competidores, adversários, expectadores. Questões para as quais as respostas tillyanas deixavam insatisfeito o próprio Tilly, que encerrou o livro e a vida convidando outros a prosseguir com a tarefa: “[...] um livro que não levanta novas questões irresolvidas não merece ser escrito... ou lido!”<sup>4</sup> [...] A teoria tillyana dos repertórios legou agenda em duas direções. Uma é a casa das questões sobre transferência política e o peso que nela jogam a tradição e as oportunidades políticas locais ou como a experiência pregressa peculiar de um grupo ou país define e redefine repertórios alheios. Outra é a pesquisa sobre as performances, como a experiência presente, os sentidos e usos dos agentes em suas interações confrontacionais, transforma os repertórios (ALONSO, 2012, p. 32).

Atualmente, o estudo dos repertórios encontra-se consolidado como um dos temas centrais do campo de pesquisa sobre movimentos sociais, apresentando diversos desenvolvimentos. Elizabeth Clemens (2010) trouxe o conceito de repertório

---

<sup>4</sup> TILLY, 2008 *apud* ALONSO, 2012. p. 28.

para o interior das organizações, construindo uma nova dimensão: o repertório organizacional.

O conjunto de modelos organizacionais cultural e empiricamente disponíveis pode ser pensado como um “repertório organizacional”. Este conceito integra o vocabulário teórico dos estudiosos de organização sensíveis à diversidade de forma com o arcabouço cognitivo ou cultural dos “repertórios de ação coletiva” postos em evidência pelos teóricos do movimento social sintonizados com a variação histórica. Assim como as explicações do construcionismo social, a institucionalização e, por extensão, a mudança institucional, é compreendida como produto do hábito, da auto-reprodução (ou da falta dela) de um padrão social particular. Mas, ao invés de focar uma “história compartilhada” de interações como a fonte primordial de tipificações recíprocas, esta análise argumenta que o consenso também pode resultar de os atores utilizarem um repertório comum, culturalmente disponível [...], de modelos alternativos para interpretar uma ação ou agir nela. Mobilizando múltiplos modelos organizacionais em campos institucionais diversos, os modelos sociais podem ser fonte de mudança institucional. (*op. cit.*, p. 165).

A autora utiliza o conceito na tentativa de explicar como movimentos contestatários produzem mudanças institucionais. Para isso, estuda grupos de mulheres na virada do século, afirmando que esses grupos causaram mudanças substanciais na política americana. Essas organizações, em geral, não rejeitavam a política em si,

[...] mas apenas as formas existentes de organização política, os modelos do partido eleitoral e os mecanismos de patronagem. Para construir uma alternativa, os grupos de mulheres valeram-se de modelos de organização que se encontravam disponíveis, cultural e experientialmente, em outras áreas da vida social. Através de empréstimos desse repertório de organização mais amplo, esses grupos ajudaram a transformar o repertório de ação política na Era Progressista (*ibid.*, p. 168).

Sean Taudin Chabot (2000), por sua vez, trabalhou os repertórios a partir da transferência transnacional, tendo como objeto empírico a apropriação pelo movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos do repertório de resistência pacífica criado pelo movimento de independência da Índia. Segundo o autor, um repertório não é simplesmente importado; ele é reinventado neste processo de

transferência e apropriação.

Já Ann Swidler (1986) trabalha o repertório como uma dimensão cultural. Seria composto por conhecimentos, habilidades e símbolos, que funcionariam como uma “caixa de ferramentas” da qual os agentes selecionam os elementos que utilizam para construir suas formas de ação:

Estratégias de ação são produtos culturais; as experiências simbólicas, conhecimentos míticos e práticas rituais de um grupo ou sociedade, cria motivações, formas de organizar a experiência, avaliar a realidade, modos de regular a conduta, caminhos para formar laços sociais, que fornece recursos para construir estratégias de ação (*op. cit.*, p. 284, *tradução nossa*).

Javier Ayuero (2002) trabalha a relação entre repertório e interação social pesquisando o aprendizado de repertórios em rotinas sociais e em conflito na Argentina. Estudar o repertório oferece, segundo o autor, uma ferramenta para entender a mudança dos meios e sentidos da luta popular na Argentina Neoliberal:

Quais são as lições principais que podemos extrair de Tilly para entender a recente onda de protestos? Longe de serem furiosos e famintos Robinsons Crusoes em busca de subsídios, comida, e depósitos bancários, quem protesta são redes de atores, com crenças mais ou menos compartilhadas, com formas de lutas apreendidas ao longo do tempo. Se soubermos olhar, estas aparentemente caóticas marchas, cortes e ataques a edifícios públicos expressam, então, um repertório (*op. cit.*, p. 5, *tradução nossa*).

Outro autor que vem dando continuidade aos estudos de Charles Tilly sobre repertório é Sidney Tarrow. Segundo Tarrow (2009), as formas modernas de confronto tornaram-se parte de um repertório geralmente conhecido e compreendido. É mais fácil para as pessoas promoverem uma forma de ação coletiva que saibam usar e, assim, já faz parte do repertório modular. Na medida em que, em geral, envolvem um risco relativamente baixo, as formas convencionais de ação coletiva tenderiam a atrair participantes em maior número (*op. cit.*, p. 131). No entanto, este mesmo caráter convencional tende, contrariamente, a restringir o impacto dos repertórios modulares e, ainda, a ser um instrumento pouco adequado para a expressão pública de demandas e/ou identidades inovadoras e radicais. Assim, frente (e, por vezes, contra)

a essas formas tradicionais de ação coletiva que fazem parte de um processo de rotinização e, no limite, de institucionalização do confronto político, ocorrem as inovações, que podem constituir a formação de um novo repertório, ainda não institucionalizado.

Tarrow (2009) traça um roteiro para as mudanças de repertório, estabelecendo quatro categorias principais: a institucionalização de formas disruptivas de confronto; a inovação marginal nas formas herdadas; a interação tática com a polícia e com outros atores; e a mudança de paradigma. Segundo o autor, a institucionalização do confronto acontece quando termina o entusiasmo da fase disruptiva de um movimento e o controle torna-se mais hábil em seu exercício. Nesse contexto, os movimentos institucionalizam suas táticas e tentam obter benefícios através de negociação e de acordo.

As inovações marginais seriam um acréscimo de inovação e espontaneidade a essas formas convencionais de ação coletiva. A interação tática, por sua vez, prevê a inovação nas formas de ação coletiva como resultado da interação entre aqueles que protestam e seus oponentes. Tarrow (2009) afirma que “as formas novas sempre surgem de uma dialética entre a ação e a reação por parte do Estado” (p.136).

Por fim, no que diz respeito à mudança de paradigma, Sidney Tarrow (2009) diz que, sendo necessário basear a ação coletiva em expectativas culturais, são raras as mudanças paradigmáticas. Porém, quando uma nova forma é “descoberta”, segundo o autor, sua adequação a uma nova situação torna-se óbvia e imediata; amplamente adotada, espalha-se rapidamente dando a impressão de ser uma inovação dramática. Tarrow (2009) ainda trabalha com um mecanismo elaborado pelo autor Aristide Zolberg para o surgimento de formas novas no repertório, o qual chama de “momentos de loucura”:

Os picos dos ciclos de protesto – quando “tudo é possível”, ‘cai o muro entre o que é instrumental e o que é expressivo, a política rompe seus limites e invade a vida como um todo e os animais políticos transcendem seu destino de alguma maneira’.<sup>5</sup> Na França, maio de 1968 foi um desses momentos. Surgiram novos atores e quadros de significado; sem demora foram inventadas e tentadas novas formas de ação coletiva; mesmo depois que o ciclo terminou em desilusão e recriminação permaneceram algumas das suas inovações, embora de forma muito reduzida

---

<sup>5</sup> ZOLBERG, 1972 *apud* TARROW, 2009. p. 136.

(TARROW, 2009, p. 136).

Segundo Tarrow, o repertório, em geral, muda com o tempo, mas só lentamente. As mudanças dependem de flutuações maiores nos interesses, oportunidades e organização.

Como conclusão da revisão da literatura desenvolvida nesse capítulo, pode-se destacar o fato de que os estudos sobre as manifestações ocorridas no Brasil em 2013 não desenvolvem análises mais específicas sobre as inovações nos repertórios e nas performances por eles identificadas. Ou seja, esses estudos tendem a apresentar o ciclo de protestos de 2013 como um momento de diversas inovações nas ações coletivas de confronto, mas sem uma análise mais aprofundada sobre como as mesmas foram desenvolvidas. A literatura sobre “repertório” e “performance”, por sua vez, traz elementos importantes para a compreensão do processo de inovação, porém tende a não apresentar uma sistematização ou um modelo explicativo para abordar tal processo. A proposta dessa pesquisa é, portanto, avançar na formulação de um modelo que sistematize o processo de inovação nos repertórios de contestação, tendo como objeto as transformações nas manifestações sobre o transporte público em Porto Alegre.

## **PARTE 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### 3 ENTRE A CIÊNCIA E A ARTE: O CAMINHO PERCORRIDO PARA CHEGAR ÀS PERFORMANCES

Tendo por referência a literatura abordada no capítulo anterior, argumenta-se que a inovação nos repertórios tende a ocorrer de forma lenta, gradual e incremental, a partir de adaptações, experiências, mudanças e/ou criações realizadas pelos manifestantes em suas performances públicas. Tal processo de inovação ocorre através da interação entre os atores envolvidos nas manifestações (manifestantes, forças de segurança, mídia, governantes, apoiadores, observadores, etc.) e, também, de um processo de difusão (transferência e apropriação) de formas de ação entre tempos, lugares e grupos. Para que tais performances inovadoras se tornem permanentes, integrando os repertórios de ação, os autores supracitados trabalham com a noção de eficácia, ou seja, as performances que são interpretadas como mais eficazes para atingir os objetivos dos manifestantes, que podem ser instrumentais e/ou expressivos, tenderiam a permanecer (TILLY, 2006; 2008; TARROW, 2009).

Operacionalizando o que os autores trazem nessa literatura e os resultados da pesquisa realizada anteriormente (TCC), foram elaborados alguns argumentos hipotéticos e metodológicos mais específicos para guiar o estudo:

- a) As inovações ocorrem de maneira processual, na qual são identificados três tempos: Tempo 1 ( $T^1$ ) – o repertório que vem sendo executado em um tempo relativamente longo (*repertório tradicional*), no qual as performances (P1, P2, P3, P4) que o compõe já são tradicionalmente (re)conhecidas; Tempo 2 ( $T^2$ ) – o momento em que aparecem novas performances (P5, P6, P7, P8 – em negrito) durante as manifestações (*repertório em ação*); Tempo 3 ( $T^3$ ) – o momento em que, das novas performances produzidas, algumas são incorporadas (P5, P6 – em negrito) ao repertório (*repertório atual*).
- b) Para compreender como se dá esse processo de inovação, é necessário questionar-se a respeito de como surgem essas novas performances no  $T^2$  e por que apenas algumas são incorporadas ao repertório ( $T^3$ ).
- c) Com isso, os mecanismos de explicação do processo de mudança dos repertórios aparecem a partir de performances inovadoras. Quanto ao surgimento, os atores realizam novas performances a partir de dois mecanismos básicos: o processo de *adaptação* de experiências diretamente vivenciadas em suas *trajetórias* e/ou de

*difusão* de ações já realizadas em outros contextos; e o processo de *experimentação interativa*, na qual, durante a interação dos atores envolvidos no evento, novas performances emergiriam a partir de novas necessidades e/ou oportunidades contextuais. No que diz respeito à permanência, é realizado um processo de *rotinização* de determinadas performances, baseado em uma noção de eficácia (instrumental e/ou expressiva), que fazem com que estas sejam incorporadas no script do fazer reivindicatório.

- d) Por fim, o modelo de análise utilizado nesta pesquisa também inclui o argumento hipotético de que existiria uma "crise" com o repertório tradicional no T<sup>1</sup>, abrindo espaço para a inovação. Tal argumento, porém, não foi objeto de estudo para verificar sua pertinência, sendo o foco da análise compreender o que acontece posteriormente, no T<sup>2</sup> e T<sup>3</sup>.

Tais argumentos teóricos e metodológicos se traduzem no seguinte modelo de análise:

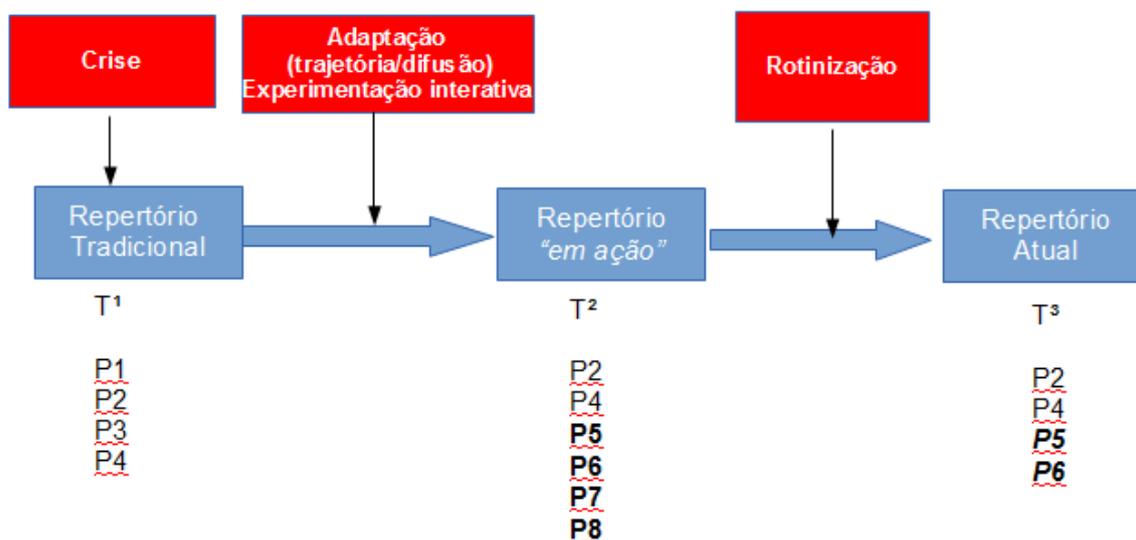


Figura 1: Modelo de Análise (Fonte: a autora, 2015)

Para analisar a pertinência e a fertilidade deste modelo analítico, foram estudadas as inovações nos repertórios das mobilizações em torno do transporte público. Mais especificamente, as manifestações ocorridas entre os anos 1970 e 2010, 2013, 2014 e 2015, em Porto Alegre.

A escolha de um período abrangente diz respeito às demandas colocadas pelo

objeto de investigação: a identificação e a análise das mudanças nos repertórios de ação tendem a exigir estudos que abordem temporalidades relativamente longas. Assim, o período de 1970 a 2010 é pertinente a tal análise na medida em que possibilita a identificação de práticas que tradicionalmente vinham sendo realizadas nas manifestações sobre o transporte público na cidade de Porto Alegre, permitindo caracterizar aquilo que se denomina de repertório tradicional. O ano de 2013 é analisado por tratar-se do período de ocorrência das manifestações identificadas como aquelas que apresentam mudanças significativas em relação ao repertório tradicional. Os anos de 2014 e 2015, por sua vez, são estudados para tentar apreender o que ficou das mudanças que emergiram em 2013, conformando o repertório atual.

Para a classificação das performances que conformam o repertório tradicional, pesquisou-se o banco de dados de repertórios de manifestações públicas de demandas coletivas, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE-UFRGS). Esse banco integra a pesquisa “Dinâmicas da Ação Coletiva: Análise de Eventos de Protesto no Estudo dos Repertórios Associativos”<sup>6</sup>, a qual consiste na construção de um catálogo de eventos de reivindicação coletiva no Estado do Rio Grande do Sul no período de 1970 a 2010, tendo como fonte o jornal Zero Hora. O banco possui as seguintes variáveis: duração, localização, ator, número de participantes, objeto, alvo, repertório de ação coletiva, repressão, recurso à violência pelos participantes, eventos inter-relacionados. A partir do banco, pode-se identificar de qual reportagem foram retiradas essas informações, sendo possível, então, retornar à fonte a fim de buscar outras informações pertinentes.

Quanto à pesquisa das novas performances que conformam o repertório em ação no ano de 2013, realizou-se uma busca de todas as notícias sobre eventos de protesto ocorridos durante esse ano com publicação no jornal Zero Hora. A busca nessa mídia impressa foi realizada por ser a mesma fonte do banco de dados que será utilizado para a caracterização do repertório tradicional. Quanto às performances que compõem o repertório atual, foi realizado o mesmo procedimento de pesquisa no jornal Zero Hora, além da observação direta nos eventos de protesto de 2014 e 2015.

Para analisar os três períodos que compõem o modelo de análise – Repertório Tradicional (1970 a 2010), Repertório “em Ação” (2013) e Repertório Atual (2014 e

---

<sup>6</sup> SILVA, ARAÚJO, PEREIRA, 2011.

2015) –, foram coletadas 475 reportagens do Jornal Zero Hora<sup>7</sup> que tiveram como conteúdo o tema do transporte público. Destas reportagens, após seleção, 136 diziam respeito apenas à temática do transporte em Porto Alegre (sem incluir circulação, trânsito ou outras cidades) e, destas, 60 apresentavam mobilizações em torno da tarifa ou das condições das linhas de ônibus (conforme a *Tabela 1*).

PERÍODO	NÚMERO DE IMAGENS	TRANSPORTE	TARIFA CONDIÇÕES
1970-2010 (T <sup>1</sup> )	122	80	23
2013-2014-2015	353	56	37
2013 (T <sup>2</sup> )	-	33	25
2014-2015 (T <sup>3</sup> )	-	23	12
1970-2015	475	136	60

*Tabela 1:* Notícias coletadas (Fonte: pesquisa da autora, 2015)

Para compreender de que modo foram produzidas as performances identificadas como inovadoras nas manifestações de 2013 e, ainda, se/como estas foram incorporadas ao repertório dos protestos sobre transporte público na cidade de Porto Alegre em 2014 e 2015, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com participantes dos eventos de protestos. Ao todo, foram 15 entrevistas, gravadas e transcritas.

### 3.1 Coleta das notícias

#### 3.1.1 T<sup>1</sup> – Repertório Tradicional (1970-2010)

Como referido anteriormente, para caracterizar o T<sup>1</sup>, foi realizada a coleta de notícias a partir do banco de dados da pesquisa desenvolvida pelo GPACE. A

<sup>7</sup> É reconhecido o viés do jornal fonte dessa pesquisa. Existe a possibilidade de alguns eventos de protesto durante o período analisado não terem sido noticiados.

alimentação do banco de dados se faz a partir de notícias sobre todas as manifestações públicas de demandas coletivas que ocorreram em determinado mês em todos os anos da pesquisa<sup>8</sup> (por exemplo, todos os casos ocorridos no mês janeiro de 1970, de 1975, de 1980, de 1985, etc.; em seguida, todos os casos ocorridos no mês de fevereiro dos referidos anos; e assim sucessivamente). As imagens das notícias ficam armazenadas em pastas segundo o mês, o ano e, então, as imagens. Assim, para ter acesso às notícias dos eventos de protesto sobre transporte, foi isolada a categoria “transporte, trânsito e circulação” da variável “objeto de reivindicação”, a qual foi cruzada com o mês, o ano e o número da foto correspondente no banco. Com esses dados, pode-se voltar direto à imagem da notícia, para, assim, categorizá-la de acordo com os interesses específicos desta pesquisa.

Foram selecionadas 122 imagens de notícias sobre manifestações referentes ao transporte. Porém, muitas delas diziam respeito a questões de “circulação” ou de “trânsito” (como, por exemplo, manifestações por estradas em más condições ou bloqueios de ruas por causa do trânsito violento no local). Assim, a partir da exclusão destes casos, foram selecionadas 80 imagens. Muitas destas, porém, diziam respeito a reivindicações que não integravam o objeto de estudos da pesquisa, como demandas trabalhistas dos rodoviários ou, ainda, que não ocorreram em Porto Alegre.

Determinou-se, então, que seriam selecionados apenas os eventos de protesto que diziam respeito às tarifas e às condições do transporte público, uma vez que estes constituíram os objetos centrais de reivindicação das manifestações ocorridas em 2013. Assim, foram selecionados 23 eventos de protestos noticiados pela Zero Hora com essas características (ver *Tabela 1*).

### 3.1.2 T<sup>2</sup> – Repertório “em Ação” (2013) e T<sup>3</sup> – Repertório Atual (2014-2015)

A coleta de dados para esse período foi realizada na sede do jornal Zero Hora, através do Centro de Documentação e Informação do próprio jornal (CDI). A base de dados do jornal foi acessada a partir das palavras-chave “Bloco de Lutas” e “manifestações” nos anos de 2013, 2014 e 2015, resultando em 353 notícias em PDF,

---

<sup>8</sup> A coleta abrange o período de 1970 a 2010, analisando todas as edições do jornal ZH publicadas a cada cinco anos: 1970, 1975, 1980, 1985, 1990, 1995, 2000, 2005 e 2010.

das quais foram selecionadas, no local, 56 que diziam respeito especificamente a manifestações referentes ao transporte. Após a leitura mais detalhada das notícias, foram selecionados 37 eventos de protesto noticiados.

A escolha dessas palavras-chave foi pensada para que surgissem apenas manifestações que tivessem alguma ligação com o transporte a partir de 2013. O Bloco de Lutas pelo Transporte Público<sup>9</sup> esteve presente em todas as manifestações, pautando a redução da tarifa, o transporte público de qualidade para todos, entre outras reivindicações referentes ao transporte. Assim, a utilização desse termo como palavra-chave foi pensada como a mais adequada para identificar as notícias de manifestações que, em alguma medida, tinham o tema do transporte público como objeto.

### 3.2 Caracterização dos períodos

Todos os eventos de protestos noticiados foram categorizados com auxílio do software NVivo 10. Como dimensões de análise, foram estabelecidos, a partir da literatura e da exploração do material empírico, os aspectos que são os componentes da performance. Assim, a performance foi abordada a partir das seguintes dimensões: *ação* que possui uma determinada *estética*, transmite uma *mensagem* e é realizada por um *ator*. Ainda foi acrescentada uma quinta dimensão, a *Internet*, na medida em que esta teve significativa importância nas manifestações do T<sup>2</sup> (*Figura 2*).

Nós							
Nome	Fontes	Referências	Criado em	Criado por	Modificado em	Modificado por	
Ação	55	111	06/07/2015 11:15	CFS	02/08/2015 15:58	CFS	
Atores	30	34	24/06/2015 19:35	CFS	23/07/2015 19:36	CFS	
Estética	30	52	22/06/2015 14:55	CFS	23/07/2015 19:41	CFS	
Internet	7	7	10/07/2015 11:05	CFS	02/08/2015 15:58	CFS	
Mensagem	40	53	22/06/2015 14:56	CFS	23/07/2015 19:42	CFS	

Figura 2: Nós (Fonte: a autora, 2015)

<sup>9</sup> Ver MUHALE, 2014.

### 3.2.1 Categorias

#### A) Ação:

- 1) *Ação de apoio*: todo o tipo de ação que expresse apoio a outras reivindicações que não sejam aquelas realizadas pelo grupo.
- 2) *Ação de deslocamento*: todo o tipo de ação que envolva percorrer um caminho com início e fim.
- 3) *Ação de ocupação*: Todo o tipo de ocupação de espaços públicos ou privados, incluindo tentativas efêmeras de ocupação durante o protesto.
- 4) *Ações de protesto em frente a prédios públicos ou privados*: todo o tipo de protesto que seja realizado em frente a prédios públicos ou privados, nas calçadas, nos estacionamentos, nos pátios e nas praças.
- 5) *Ações de rupturas simbólicas*: todo o tipo de ação que, de alguma forma, problematize um espaço ou uma ação que está sendo realizada, utilizando o espaço de outra forma do que aquela que é a sua função, agindo de forma contrária àquela que é esperada.
- 6) *Ações de tentativas de acordo ou decisão*: todo o tipo de ação que envolva alguma tentativa de acordo ou de decisão, sejam elas a partir de reuniões com representantes de instituições públicas ou privadas ou reuniões internas.
- 7) *Ações de tentativas de interromper um processo contínuo*: todo o tipo de ação que interrompa propositalmente alguma outra ação que esteja acontecendo, como uma tentativa de bloqueio.
- 8) *Ações de transmissão de mensagens escritas*: todo o tipo de ação que seja transmitida por alguma mensagem escrita, seja por meio de cartas, jornais, cartazes, faixas, etc.
- 9) *Ações de transmissão de mensagens verbal*: todo o tipo de ação que transmita alguma mensagem verbalmente, seja ela em espaço público, privado, durante o protesto ou via algum tipo de mídia.
- 10) *Ações em espaços do poder público*: todo o tipo de ação realizada em espaços dos poderes judiciário, legislativo ou executivo.

11) *Ações lúdicas*: todo o tipo de ação que tenha caráter lúdico.

12) *Ações violentas*: todo o tipo de ação que tenha algum tipo de dano ao patrimônio (público ou privado) e dano físico.

## B) Atores

1) *Atores Múltiplos*: atores de diferentes tipos de organizações, grupos, instituições, partidos e movimentos.

2) *Bloco de Lutas pelo Transporte Público*: ator que convocou as primeiras manifestações contra a tarifa do transporte em 2013 e participou de todas as manifestações que seguiram até 2015.

3) *Câmara Municipal*: vereadores da cidade de Porto Alegre em trabalho.

4) *Comitê Popular da Copa*: ator presente nas manifestações com o objetivo de denunciar as violações cometidas em função da Copa do Mundo de 2014.

5) *Frente Nacional das Torcidas*: ator presente nas manifestações representando as torcidas dos times nacionais de futebol.

6) *Grupos, conjuntos, entidades, federações de moradores*: moradores organizados de algum bairro, rua ou conjunto habitacional de Porto Alegre.

7) *Usuários*: usuários do transporte público.

## C) Estética

1) *Ativistas nus embaixo das fotos dos vereadores da câmara*: ativistas tiraram fotos nus durante a ocupação da câmara dos vereadores de Porto Alegre.

2) *Estudantes portando bandeiras de partidos, faixas e camisetas de ícones revolucionários*: estudantes portando bandeiras os itens mencionados durante o protesto.

3) *Lúdico*: atores com artigos lúdicos.

4) *Noite*: protestos que aconteceram durante a noite.

5) *Portando bandeiras e ou cartazes*: atores portando bandeiras e ou cartazes durante o protesto (destaque para os cartazes).

- 6) *Portando bandeiras e ou faixas*: atores portando bandeiras e ou faixas durante o protesto (destaque para as faixas).
- 7) *Dia*: protestos durante o dia.
- 8) *Rostos cobertos*: atores com os rostos cobertos por qualquer tipo de material.
- 9) *Símbolos anarquistas*: qualquer tipo de símbolo anarquista identificado na manifestação.
- 10) *Uso de bandeiras do Brasil e Rio Grande do Sul*: bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul identificadas na manifestação.
- 11) *Nariz de Palhaço*: uso do nariz de palhaço.

#### D) Internet

- 1) *Combinação de lugar*: uso da internet para marcar o lugar do evento.
- 2) *Convocação*: uso da internet para convocar os protestos.
- 3) *Debate, discussões*: uso da internet para debates e discussões sobre as manifestações e seus objetivos.
- 4) *Mobilização*: uso da internet para mobilização de atores.

#### E) Mensagens

- 1) *Copa do Mundo*: todas as mensagens transmitidas durante as manifestações que tenham como tema a Copa do Mundo.
- 2) *Mensagens Múltiplas*: mensagens com diversas temáticas.
- 3) *Transporte*: todas as mensagens que tenham o transporte como tema.

### 3.2.2 Cruzamentos

Para caracterizar os períodos, após categorizar os eventos de protestos, cruzou-se as dimensões analisadas com os anos em que ocorreram os eventos de protesto. Para isso, cada fonte (notícia) foi classificada com o ano do evento que

representava. Assim, era possível identificar, por exemplo, que tipo de ação ocorreu em cada ano e quantas vezes a ação ocorreu. A partir das tabelas geradas (*Tabela 2*), foram feitos gráficos para melhor visualizar os dados, apenas com as categorias mais abstratas por apresentarem números mais significativos a partir do agrupamento das informações.

Tipos de Ação	B: Anos/Ano = 1970	C: Anos/Ano = 1975	D: Anos/Ano = 1980	E: Anos/Ano = 1985	F: Anos/Ano = 1990	H: Anos/Ano = 2005	I: Anos/Ano = 2013	J: Anos/Ano = 2014	K: Anos/Ano = 2015
2: Ações de apoio	0	0	0	0	0	0	1	0	0
3: Ações de deslocamento	0	0	0	0	1	2	8	5	2
4: Ações de ocupação e tentativa de ocupação efêmeras de	0	0	0	0	0	2	1	4	0
5: Ações de protesto em frente a prédios públicos ou privados	0	0	0	0	0	5	2	0	0
6: Ações de rupturas simbólicas	0	0	0	0	0	1	5	0	0
7: Ações de tentativa de acordo e decisão	0	1	2	0	0	0	2	0	0
8: Ações de tentativa de interromper um processo contínuo	0	0	0	2	0	6	3	1	0
9: Ações de transmissão de mensagem escrita	1	2	1	3	3	0	2	0	1
10: Ações de transmissão de mensagem verbal	0	0	0	0	1	1	1	0	0
11: Ações em espaços do poder público	0	0	0	1	2	0	0	0	0
12: Ações lúdicas	0	0	0	0	0	0	4	0	0
13: Ações violentas	0	0	0	0	0	7	14	11	0

*Tabela 2: Ação x Anos (Fonte: a autora, 2015)*

### 3.3 Entrevistas

Para tentar responder ao problema de pesquisa – *como são geradas as inovações nos repertórios de ação coletiva a partir das performances públicas de contestação?* –, foram realizadas 15 entrevistas semiestruturadas, nas quais foram pensados três eixos de perguntas. O primeiro eixo diria respeito à *trajetória*: perguntas acerca das trajetórias pessoal e política dos entrevistados. O segundo eixo teria como foco as *manifestações em 2013*: envolvimento, tipos de ação e interpretações sobre alguns eventos específicos. Por fim, o terceiro eixo abordaria as *manifestações em 2014 e 2015*, na mesma linha do eixo anterior. Perguntou-se, ainda, sobre todos os processos de mobilizações nos quais os entrevistados haviam participado, as diferenças, os aprendizados, os arrependimentos.

### 3.3.1 Escolha dos entrevistados

O critério de seleção para as entrevistas<sup>10</sup> se deu, primeiramente, a partir da busca por indivíduos que haviam participado das manifestações em 2013 com maior envolvimento, ou seja, que tivessem participado não apenas dos eventos de protesto, mas também do processo de construção de tais eventos. Seria interessante, ainda, que tais indivíduos tivessem participado de manifestações antes e depois de 2013, de forma a possuírem informações para avaliar as hipotéticas mudanças que teriam caracterizado as performances de protesto em 2013.

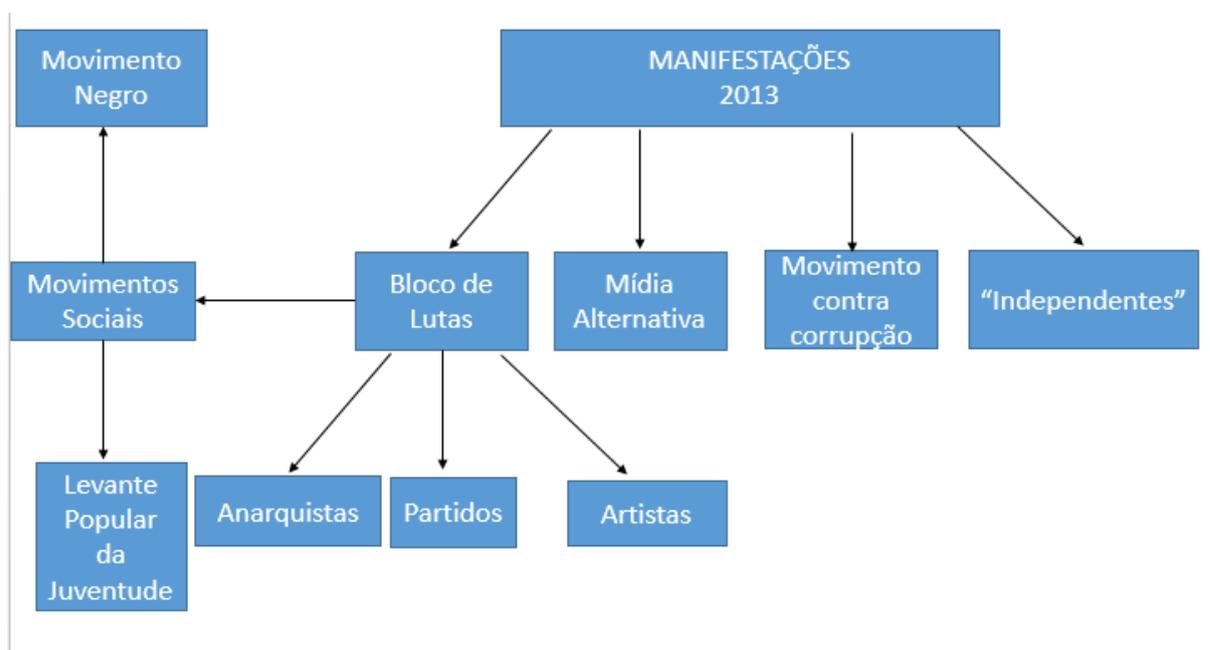


Figura 3: Grupo de classificação dos entrevistados (Fonte: a autora, 2015)

<sup>10</sup> Tabela de referência dos entrevistados em anexo (Anexo 1 – Tabela 9).

### **PARTE 3 – CARACTERIZAÇÃO DOS PERÍODOS DA PESQUISA**

## **4 MANIFESTAÇÕES EM DEFESA DO TRANSPORTE PÚBLICO EM PORTO ALEGRE – UM BREVE HISTÓRICO<sup>11</sup>**

Contrariamente às interpretações que atribuem um caráter espontâneo às manifestações de 2013<sup>12</sup>, Porto Alegre foi palco de diversos processos de mobilização prévios que foram importantes para o desencadeamento de muitas performances presentes no ciclo de 2013. Neste capítulo, uma descrição de alguns destes eventos, que antecederam as manifestações analisadas, será feita.

### **4.1 “Que a nossa arte seja nossa política”: Manifestações em defesa do espaço público em Porto Alegre**

Um evento de protesto marcante, no sentido da inovação das formas de manifestação coletiva, foi o denominado Largo Vivo, ocorrido pela primeira vez em 2011, tendo continuidade nos anos seguintes, inclusive em 2013. O Largo Vivo trouxe para o centro da ação a proposta de ocupação dos espaços públicos através de atividades lúdicas. Isso se intensifica nos anos seguintes e, no ciclo de protestos de 2013, se apresenta como uma das performances centrais do processo de inovação.

---

<sup>11</sup> Ver cronologia em CATTANI, 2014.

<sup>12</sup> Como, por exemplo, na análise de Manuel Castells (2013), que caracteriza esse ciclo de protestos como “espontâneo e viral” (p. 178).

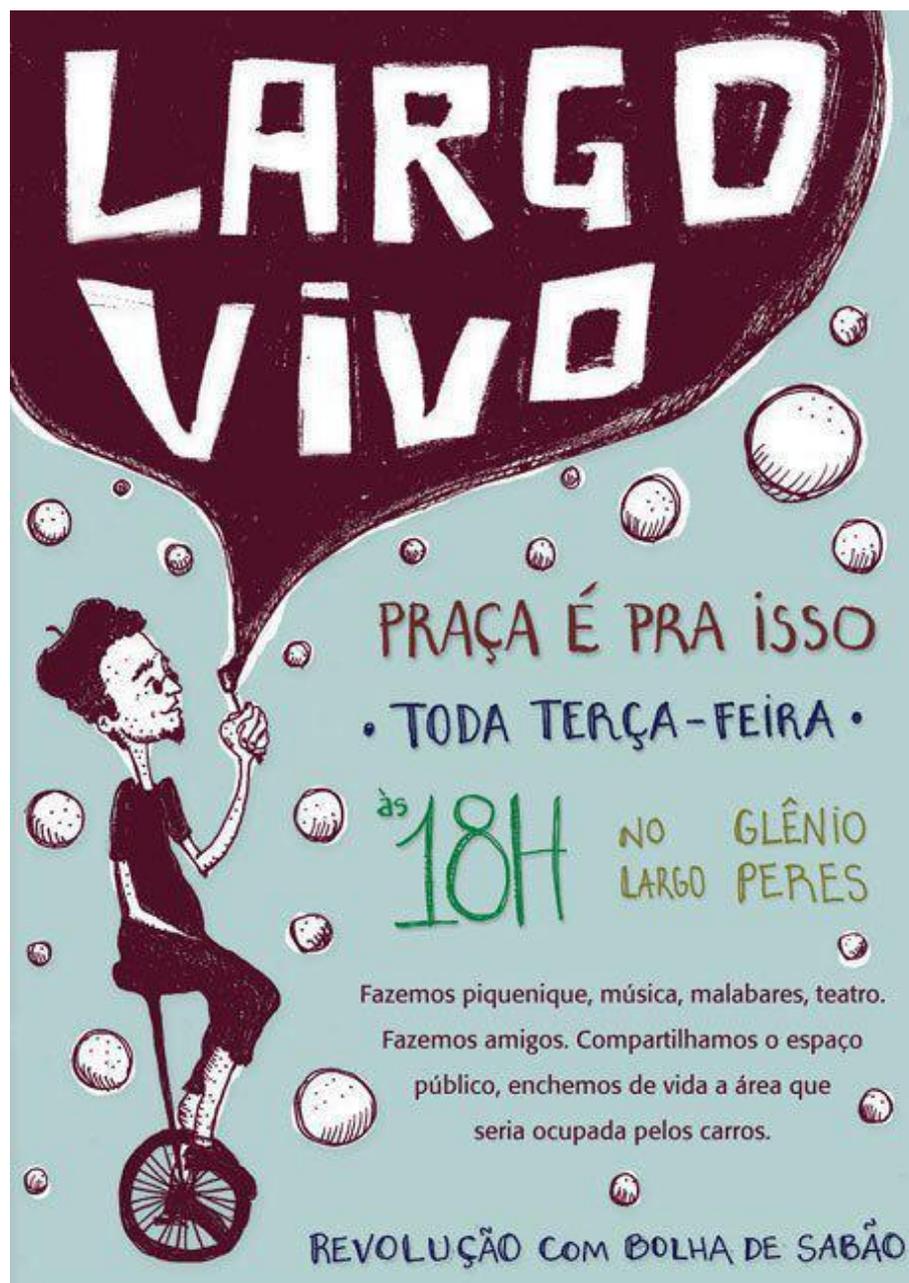


Figura 4: Chamada Para o evento “Largo Vivo”<sup>13</sup>

O Largo Vivo é um evento que acontece no Largo Glênio Peres, no Centro Histórico de Porto Alegre. O evento teve sua primeira edição no dia 4 de outubro de 2011, decorrente de uma manifestação chamada de “Farofada dos Desqualificados”. A história do Largo Vivo começa em 2010, quando os cadeados de bicicletas estacionadas no Mercado Público foram trocados por outros cadeados. Questionado sobre o ocorrido, o segurança do estabelecimento respondeu que era para

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.circohibrido.com.br/2011/12/palco-aberto-de-circo-e-variedades.html> - Acesso em 22/07/2015.

desencorajar as pessoas a irem de bicicleta. Então, os proprietários das bicicletas, juntamente com pessoas ligadas ao cicloativismo na cidade (e que participavam do evento Massa Crítica), encaminharam um e-mail para a Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC), a qual repetiu o discurso do segurança. Segundo a funcionária que respondeu os e-mails, a ação de troca de cadeados era para desencorajar a utilização de bicicletas no Mercado Público, alegando que, apesar dos benefícios do esporte, bicicleta era para lazer. Após essa declaração, os ativistas envolvidos nas mobilizações em defesa do uso das bicicletas continuaram mandando declarações de repúdio a esse acontecimento. Como resposta, o então Secretário da SMIC, Valter Nagelstein (PMDB), manifestou-se dizendo que a ação havia sido um equívoco.

Um ano depois, em 2011, o mesmo secretário foi questionado quanto ao estacionamento de carros e à proibição da Feira do Peixe no Largo Glênio Peres. Em resposta publicada na rede social Facebook, ele afirmou que as ações visavam incentivar a presença de um público mais qualificado no local, beneficiando os comerciantes do Mercado Público. Foi então que um ativista sugeriu, na Internet, a realização da "Farofada dos Desqualificados", mencionada anteriormente. Essa ação foi composta basicamente por ciclistas (em torno de 70 pessoas) que fizeram um piquenique no Largo Glênio Peres. O evento, segundo os manifestantes, foi um sucesso. E, em meio a discussões durante o piquenique, surgiu a ideia de se fazer outro evento e, se possível, torna-lo periódico para que as pessoas pudessem se encontrar e trocar ideias sobre a cidade, como questionar o estacionamento no Largo. Nascia aí o Largo Vivo.

O Largo foi onde eu comecei a entender que as manifestações não precisavam ser muito chatas e sem sentido. Parece que o largo trouxe esse sentimento pras pessoas da minha idade que não entendiam essa política aí. A gente trazia a arte pra rua, um lugar que queriam e fizeram um estacionamento. Como diz o nome, a gente dá vida para aquele Largo. Acho que isso esteve presente em 2013, muitos dos que participaram do Bloco ajudavam a organizar o Largo, ou pelo menos iam em quase todos. Ainda que não tão claro o objetivo político pra alguns do Largo, trouxe pras pessoas essa coisa de ocupar a rua, e manteve essa coisa em Porto Alegre depois também, teve o Defesa em 2012, as manifestações do bloco em 2013, enfim, acho que em uma linha temporal o Largo foi onde começou, sei lá, pelo menos eu sinto assim (ENTREVISTA 14).

Quando em 2011, bem na época quando eu tô encerrando essa minha confusão acadêmica, o pessoal tá falando vamos começar a ocupar a cidade, tá nascendo o Largo Vivo, que é um espaço fenomenal. Que eu tava parada com o ativismo, era um jeito de fazer palanque, de fazer discussão sem partido político. Um jeito de trazer discussões políticas pro espaço, sem bandeiras, 'oh, o respiro para aqui'. E isso parecia interessante, e a arte sendo o canal pra discussão. Poxa, era um prato cheio. Então em 2011 se arma essa cena em Porto Alegre. E as pessoas, 'x', 'y' e 'z' se aproximam e começam a engendrar junto e 'como fazemos uma ocupação sociocultural da cidade?' (ENTREVISTA 10).

No mesmo ano, 2011, ocorreu outra manifestação que foi significativa para o ciclo de 2013, ainda que menos reconhecida, o Ocupa Porto Alegre. Durante quatro meses, manifestantes ficaram acampados na praça da Matriz, no centro de Porto Alegre, integrando o processo mundial de ocupações iniciado com o *Occupy Wall Street*, em Nova Iorque.

No Ocupa POA, fiquei quatro meses acampada na praça. Coincidiu de um ter acabado de acabar a faculdade. Em vez de ir pro mato fazer umas férias, eu fui pra Praça da Matriz com a minha barraca. Mas, foi interessantíssimo o Ocupa POA. Foi do momento *Occupy*, o acampamento que ficou mais tempo, de dias contínuos, sem ser desocupado pela polícia. E é o único que não registra violência policial. Durante o Fórum Social Mundial, o PT fez uma propaganda desse tamanho, que trouxe pessoas das conexões globais, trouxe pessoas de vários *Occupies*. Essas pessoas chegaram aqui, e ficaram sabendo que havia um *Occupy* e que o governo dizia que não havia. Então a gente fez o 1º encontro internacional de *occupies*. A gente tinha representante do *Occupy* Rússia, do *Occupy* Grécia, Boston, Nova Iorque, o problema de Wall Street que tinha lá. Tinha gente do Ocupa São Paulo, Ocupa Salvador, ah... Finlândia. Tinha gente de muitos lugares do mundo envolvidos com o movimento *Occupy*. Fizemos rodas gigantes, longas... Tavam todos aí (risos). Isso foi na nossa Ocupa, ficamos numa roda, comemos pão com banana na praça. Uma quantidade gigantesca de pessoas, eu lembro disso, era um sol de janeiro. E aqueles ingleses branquíssimos, lambuzando eles de protetor solar pra rolar de ficar no sol... não matar os homens. Aí foi quando me dei conta da proporção do que a gente tava fazendo. A gente tava sentado numa roda no chão, conversando sobre a possibilidade de mundo o mundo através da anarquia. O pessoal da Grécia contando como é que foi a desocupação deles, que a polícia tava quebrando tudo e o pessoal tocando violino e arca na praça, e o pessoal tomando cacetada, e só pararam de tocar quando quebraram os instrumentos deles. Uma resistência artística lindíssima, né. Acho que nesse momento, nessa conversa com eles na *Occupy*, a gente 'ok, que nos tirem a ocupação política, mas que não tirem a nossa ocupação cultural, que a nossa arte seja a nossa política' (ENTREVISTA 10).

Eu me lembro do Ocupa POA, foi meio quando parece que deu um click, bah, um outro mundo é possível (risos). Tá, parece engraçado, mas tinha um entusiasmo assim que eu acho que ficou até ano passado, sei lá. Mas assim, o Ocupa foi muito legal pelas trocas também, discussões, e a gente levou muito do que viveu lá para nossa experiência em 2013, ao menos a galera que tava comigo. A gente aprendeu um pouco a dialogar, e que a arte chega bem nas pessoas e não aqueles discursos de horas (ENTREVISTA 15).

Para além da motivação, o Ocupa POA foi importante na conformação de uma rede de ativistas em âmbito nacional, conectados via Internet, que possibilitava uma rápida e intensa circulação de informações e coordenação de ações:

Pra mim ficou muito forte essa troca de experiência do pessoal dos *Occupy*. A gente seguiu se mantendo em contato. A gente montou um escritório, eu tinha um apartamento que agora já não existe mais, que tinha uma área que era dos hackers. Então a gente conseguiu 2, 3 modems e tal, e fizemos um escritório anônimo aqui no centro, que tava em contato com o mundo inteiro se municando. O ano de 2012, de 2013 o escritório funcionou: viralizando, mandando vídeo, fazendo *meme*. E era aqui em Porto Alegre. E as vezes, tipo assim, montava o *meme* e jogava pra galera *Occupy* Bauru, que formou um *Occupy* em escritório, que nunca foi pra praça. E aí a *Occupy* Bauru disseminava pra Minas e pra Bahia, que tinham também movimento de Internet de ocupação e os caras de Minas lançavam o *meme*. E isso foi sendo feito, essa rede de contato muito anônimo, grande parte da galera, das outras ocupações, eu não sei nem o nome, mas um ia chamando o outro. E ah, 'hoje tem assembleia em BH sobre transporte público e tem amanhã em Curitiba, como fazer o que BH decidiu virar pauta da reunião de Curitiba. Porque aí quando a gente sair na rua daqui 3 dias, vamos sair unificado, vamos sair Porto Alegre também. Vamos sair no mesmo horário, com o mesmo discurso, vamos fazer uma faixa de ponto que seja a mesma nas passeatas, que aí já entrou São Paulo (ENTREVISTA 10).

No verão de 2012, o viaduto e a escadaria da avenida Borges de Medeiros aparecem como novos pontos de ocupação artística cultural da cidade. Uma das manifestantes relata que a cidade de Porto Alegre é muito quente no verão, dificultando a realização do Largo Vivo naquele período do ano. E, com a retirada do acampamento da praça da Matriz, assume-se a remoção de um bar importante da cena cultural noturna de Porto Alegre como motivação para a ocupação de um novo espaço público da cidade.

Bom, acabado o *Occupy*, quando a gente tá saindo da praça, o Tutti (bar da cidade de Porto Alegre) está pra ser removido e o Largo Vivo não tá funcionando como a gente queria mais... Calor, e o pessoal não ia chegar as cinco da tarde na época de calor. Começava a chegar só de noite e os carros já estavam estacionados, e a questão dos ladrilhos ali e tal. Então, a gente começou a fazer uma campanha de chamar as pessoas para ocupar o viaduto, lembro que era um sonho que eu tinha de adolescente, fazer grandes festas naquele viaduto um dia. Disse, 'vamos fazer, vamos fazer', e pilhei as pessoas do Utopia e Luta<sup>14</sup>, alguns amigos que são da arte e também envolvidos com o movimento social e fizemos duas primeiras puxando sozinhos, daí a coisa se estabeleceu e virou a festa da cidade. Começou como uma reminiscência política, inspiração do Ocupa Poa. Tinha a questão do Tutti ser removido, vamos usar isso como motivo, pedir uma autorização pro pessoal do bar e o Ocupa Viaduto tomou aquele tamanho gigantesco. A gente perdeu o controle político do Ocupa Viaduto, ele desceu pra beira do rio, e deixou de ser político e se despolitizou. Mas enquanto ele tava lá em cima, ele tinha um teor político, tinha uma discussão, tinha um palco aberto, tinha uma posição. Que eu acho que é isso... O Largo Vivo subindo pela escadaria, o Ocupa Poa se preocupando em administrar esse espaço é um ponto marcante na cidade, 2012. Em 2013 esse movimento de festa já perdeu o sentido político, de resistência, as pessoas já tão mais inebriadas, e se vai pra rua com as passeatas (ENTREVISTA 10).

No mesmo ano em que se ocupava o viaduto da Borges de Medeiros (mais especificamente, em 4 de outubro de 2012), ocorria a manifestação Defesa Pública da Alegria: uma manifestação em frente à prefeitura, na Praça Montevideu, visando demonstrar a insatisfação das pessoas em relação à gestão da cidade, em especial à privatização dos espaços públicos e às intervenções urbanas relacionadas à realização da Copa do Mundo de 2014. Neste ato, manifestantes ocuparam a Praça Montevideu e o Largo Glênio Peres, fazendo suas reivindicações através de música (com participações de grupos musicais), de teatro (com performances de grupos de teatro de rua) e de manifestações artísticas em geral. O que, aparentemente, parecia uma manifestação que seguiria tranquila, acabou tornando-se um campo de batalha.

“A Batalha do Tatu”<sup>15</sup>, como ficou conhecido este episódio, se caracterizou por uma repressão policial incomum na violência contra os manifestantes<sup>16</sup>, culminando

---

<sup>14</sup> Assentamento urbano no centro da cidade de Porto Alegre.

<sup>15</sup> Bonecos infláveis do tatu-bola “Fuleco”, mascote da Copa do Mundo no Brasil, foram distribuídos pela empresa da Coca-Cola nas capitais brasileiras. Em Porto Alegre, o boneco foi instalado no Largo Glênio Peres, expressando, segundo os manifestantes, parte de um processo de privatização do espaço público da cidade.

<sup>16</sup> É importante recordar que o governador do estado, naquele momento, era Tarso Genro/PT, o que, em virtude do histórico vínculo do PT com os movimentos sociais, intensificou a reação crítica dos

com o esvaziamento do boneco inflável e com um expressivo número de feridos entre manifestantes e pessoas que estavam no Largo naquele momento.

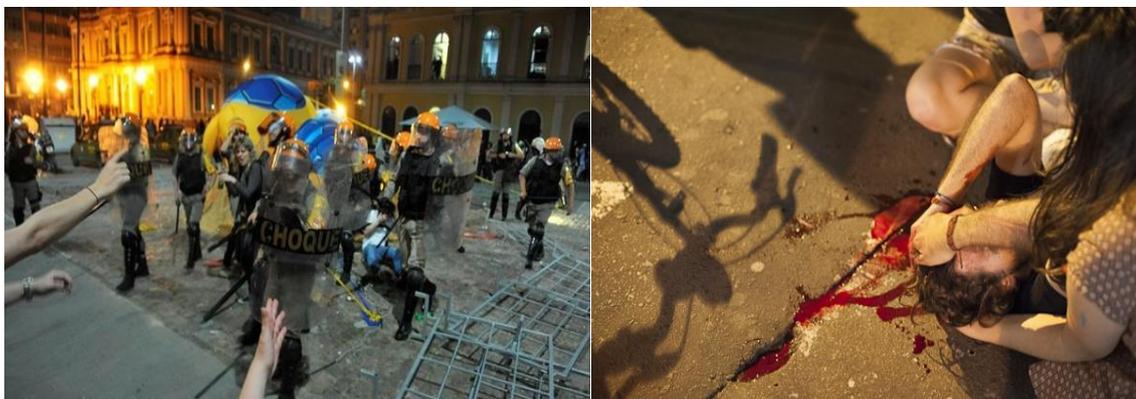


Figura 5: Repressão Defesa Pública da Alegria (Foto: Ramiro Furquim)

A repressão teve grande repercussão nas mídias nacionais e, em Porto Alegre, seguiram-se manifestações contra a violência policial. Esse foi um dos eventos que contribuiu de maneira significativa para a construção de uma articulação de organizações e de ativistas que, em torno do Bloco de Lutas, construíram o ciclo de protestos de 2013 em Porto Alegre. Todos os manifestantes entrevistados fizeram referências a essa manifestação como um momento em que a repressão se transforma em um sentimento de comoção e solidariedade.

Que foi estourado aquele boneco do... que era símbolo da Copa do Mundo e teve uma repressão muito grande da polícia. E era uma manifestação meio festa, a gente nem imagina que poderia acontecer. E aí, eu fui jogar futebol, voltei e tava um estado de guerra na cidade, ali no centro de Porto Alegre. A polícia tava atrás de qualquer um e atirando, e correndo nas ruas, com balas de borracha e jogou gás lacrimogênio. Eu vi as pessoas que tavam comigo antes muito mal, não conseguiam enxergar, gás lacrimogênio, colegas de faculdade caídos no chão com a cabeça aberta. Me lembro que me chamou muita atenção e fui pra casa indignada e não aceitava aquilo que tinha acontecido. Bah, me chamou muita atenção (ENTREVISTA 6).

O papel da repressão como fator de mobilização. Ah, a coisa da Defesa Pública da Alegria, e mesmo do TATU, era uma coisa mais restrita assim, num grupo de pessoas. E quando dá toda a repressão, as pessoas se comovem e a pauta cresce muito mais do que ela era. Em certa medida, 2013 também é assim. De

novo o Bloco de Lutas começara... claro, um pouco maior, mas não muito maior. Só que aí tem os primeiros episódios de repressão, e aquilo vira... sei lá... secular... aquece muito, muito, muito (ENTREVISTA 8).

Porque, que aconteceu, quando começou essa mobilização, que foi gradual, ela não começa em 2013, né. Mas também não é essa acumular desses anos todos, eu acho que não. Eu acho que é essa união que nasce entre todos os coletivos que decidem andar juntos. [...] e foi por causa de uma comoção regional que acontecia com um lugar ou outro e foi aumentando, né. Aqui se deu com Defesa Pública da Alegria, com aquela repercussão daquela violência que foi com as pessoas, sabe? Aquela sanguinolência toda, as pessoas todas saíram muito machucadas e desde o Governo leda a gente não via isso de novo, as pessoas machucadas, sabe? E isso assim, essas pessoas, não aquelas pessoas militantes acostumadas a brigar e apanhar e a bater, sabe? Essa galera muito, vou usar uma palavra atual, que não era na época, que é os 'deboistas', né. A galera muito 'deboista', paz e amor, que tomou-lhe um cacete, que nunca..., que inclusive não tinham nem medo da polícia, que achava que a polícia tava ali pra proteger, que isso vai começando a gerar uma comoção. Porto Alegre foi isso. Mas, essa conjuntura que teve nacional do Tatu em Porto Alegre, foi fazendo uma junção de pessoas em 2012, que gerou 2013. Daí nasce essa comoção nacional, que Brasil inteiro se levante em prol da passagem, com um chegando a 10 mil, 10 mil aqui em Porto Alegre (ENTREVISTA 13).

O evento Defesa Pública da Alegria apresentava novidades na sua forma de manifestação, e muitos participantes tinham dificuldade em entender se se tratava de uma festa ou de um protesto (baseando-se no que, tradicionalmente, é conhecido como protesto). O lúdico, como forma de manifestação, de ações protagonizadas por artistas, de brincadeiras e diversão – como forma de reivindicar o espaço público – se diferenciava dos modelos clássicos de se manifestar, atraindo a juventude universitária de Porto Alegre para o evento. O discurso da “política dura” já se encontrava entre os manifestantes, que afirmavam o desejo de formas de manifestação “menos quadradas” (SILVA, 2013). Grande parte do público que organizou e participou do Defesa Pública da Alegria fez parte da construção do Ciclo de 2013.

Começou lá na Defesa Pública da Alegria. Na verdade, a Defesa Pública da Alegria é isso, assim. É muitas pessoas que têm essa relação com o mundo cultural, se mobilizando, utilizando estratégias de mobilização, mas de outras formas, né. É estar na rua, mas enfim. É estar na rua pintando a cara, fazendo... tocando música e coisas muito legais, assim. E esse público, e

essa nova maneira de se manifestar assim, acho que ele volta assim, com a... É o mesmo público, digamos assim. Claro que a jornada de junho envolveu milhões de públicos, mas eu acho que esse público ganhou muito peso nas jornadas de junho, assim. E, ah, essa coisa bem da Defesa da Alegria, do cultural, enfim. Eu acho que isso voltou (ENTREVISTA 8).

tá, dentro daquilo que eu comentei sobre quais fatores teriam gerado essa convulsão social, 2013, enfim, acho que aqui em Porto Alegre na nossa realidade, o Defesa Pública da Alegria e essa luta pelos espaços públicos assim, né, de ocupar e de reivindicar os espaços públicos, ela teve um pouco de responsabilidade nesse clima, nesse ânimo das pessoas de sair pra rua e experimentar formas de ação que não tava no cotidiano do movimento estudantil por exemplo, que era muito mais dessa que vinha de um tempo, sempre de uma forma mais tradicional, de passeata, de uma hora ou outra queimar pneu, enfim, um pouco desse tipo de ação e acho que ele teve pra minha geração, pra essa geração talvez um pouco mais nova, sei lá, talvez não tão nova, porque eu também sou novo (risos), mas pra essa geração teve uma importância fundamental assim porque a repressão que ninguém esperava aquele nível de repressão pela questão do tatu, né, ainda mais com o público universitário, né, eu acho que a partir dali se começou a dizer que se no centro eles batem, na periferia eles atiram, não vou dizer que ninguém sabia o que acontecia na periferia, mas pra todo mundo foi meio inesperado que naquela situação a brigada militar agisse daquela forma, então eu acho que as ações que o Defesa Pública da Alegria vinha levando, né, que mistura cultura com militância e com protesto eu acho que teve algum efeito assim, porque eu acho, não sei se a totalidade, mas boa parte de quem participou daqueles momentos participou do Bloco de Lutas também, né, teve presente contribuindo com a sua forma de pensar, com a sua forma de agir, com a sua experiência...então eu acho que tem sim uma relação dentro desse período aí, dessa linha do tempo em que essas coisas foram trabalhando para gerar um clima de chega vamos dizer assim, por mais que esse chega fosse pontual e seja um estouro e depois um refluxo, né, mas acho que pra nossa realidade isso aí foi bem importante (ENTREVISTA 1).

O Defesa Pública da Alegria é o início de 2013. Tanto das formas de manifestação como do sentimento de engajamento. Tipo, vamos pra rua, mais uma vez apanhar não eras. E vamos nos divertir, rir, brincar, teatralizar, porque isso eles não gostam. Claro que 2013 teve a parte mais violenta né, que foi necessária, mas esses elementos alegres da juventude, vamos assim dizer, são agregadores e o Defesa que trouxe muito isso, porque enquanto eles querem tirar sangue de nós, queremos defender a alegria, e é isso que aconteceu, o resquício do Defesa dentro de nós trouxe-nos novamente pra outro campo de batalha, só que dessa vez, na Ipiranga (ENTREVISTA 15).

As manifestações de ocupação dos espaços públicos em Porto Alegre aparecem com centralidade nos depoimentos dos protagonistas do ciclo de protestos

de 2013. A hipótese de espontaneidade das manifestações se contradiz com as experiências de mobilização desenvolvidas nos anos anteriores. O Defesa Pública da Alegria, com a repressão; o Ocupa POA, com a criação de redes internacionais e com a aprendizagem estratégicas; e o Largo Vivo, como construção e consolidação de uma cultura de ocupação do espaço através da arte. Todos apresentam características que colaboram para a emergência de performances presentes no ciclo de protestos de 2013.

#### **4.2 Bloco de Lutas pelo Transporte Público**

Uma resposta à crise do modelo de política tradicional referida na literatura foi a tentativa de criação de um espaço de discussão horizontal, no qual todos os grupos políticos decidiriam coletivamente os rumos da ação coletiva, sem colocar seus interesses particulares no processo decisório. O Bloco de Lutas Pelo Transporte Público foi a consolidação desse espaço que se pretendia “autônomo” e “horizontal”. Segundo os ativistas entrevistados,

Porque é assim, umas das coisas legais que teve aqui também, eu acho que fez desencadear todo aquele processo de 2013 [...] depois que deu esse colapso desse modelo mais verticalizado, mais representativo de organização da luta contra o aumento da passagem, possibilitou emergir esse outro modelo mais horizontal e descentralizado e foi muito interessante como isso foi colocado em prática (ENTREVISTA 7).

Se consegue criar um espaço, um fórum de discussão, que se deu o nome de Bloco de Lutas o próprio Bloco de Lutas como espaço unitário é uma diferença pro anteriormente (ENTREVISTA 1).

Bloco de Lutas foi extremamente importante nesse processo, né, foi ele que ajudou a aglutinar várias organizações pra que as manifestações acontecessem (ENTREVISTA 2).

Conforme relatado anteriormente, em 2012 ocorreu, na ocupação urbana Utopia e Luta, a primeira reunião com objetivo de articular esse espaço que seria o Bloco de Lutas. Foi possível reunir a maior parte de grupos de Porto Alegre:

partidários, anarquistas, coletivos, sindicatos aos movimentos sociais. O Bloco se dividia em comissões, possuía uma coordenação e as decisões eram tomadas em assembleias. Cada integrante vinha com ideias de seu grupo, trazendo-as para as reuniões de comissão e discutindo-as na assembleia. Aquilo que não podia ser público por causa de possíveis infiltrados era discutido em reuniões sigilosas.



*Figura 6: Assembleia do Bloco de Lutas pelo Transporte Público (Foto: Renato Furquim)*

A maior parte das manifestações de 2013 foram organizadas e, em grande parte, protagonizadas pelo Bloco de Lutas. Com a massificação que ocorreu em junho, o Bloco perdeu parte do “controle” da manifestação, porém continuava como principal responsável pelas decisões sobre as definições das manifestações (datas, locais, formas).

O que se percebe é que a tentativa de o Bloco de Lutas ser o espaço de resistência à “política dura” não se confirma plenamente no decorrer de sua atuação. As disputas entre o Bloco e as organizações (especialmente com as político-partidárias, mas também com as anarquistas) se mantêm, e as pessoas que não possuem envolvimento com uma organização estruturada acabam por abandonar este espaço.

Ah, tinha uma disputa muito ligada a partidos, uma questão de comunismo, que achei muito uma disputa de ego... E eu botei na minha cabeça, se o país ficasse nas mãos daquele grupo, a gente tava perdido, não era o que me interessava, não era a discussão que me interessava. Era uma disputa contra o PT, contra o PSOL, de esquerda... (ENTREVISTA 6).

Eu não tinha tanta disposição para participar das assembleias e disputar com outros grupos. Não me interessava muito isso. É eu não gostava, eu achava estressante. Eu achava que não rendia muito, eu escutava muita gritaria e eu não gostava (ENTREVISTA 7).

O Bloco ainda que um espaço diferenciado acabou por ter lideranças também, tudo bem que em forma de coordenações, mas no fim era sempre as mesmas cabeças falando, disputando a fala, como em uma assembleia de sindicato. Sei lá, as vezes parecia que não era bem esse o caminho que a gente queria, que acreditávamos. Eu estava ali sozinho, independente de qualquer grupo político por acreditar em ideais que achava que ia conseguir encontrar ali, mas teve uma hora que não deu mais, entrou em colapso, pelo menos pra mim (ENTREVISTA 14).

É um problema da esquerda como um todo, é não conseguir dialogar entre a gente. Não sei, mas você de ter chegado a ver aquele evento do IFCH, sobre as jornadas. Aquilo assim, eu tenho o vídeo até hoje. Esses dias eu tava dando uma olhada naquilo, e isso é emblemático, do que que era isso. Cada um num discurso, um jeito de falar. Metade da galera usou todo o tempo para bater nos companheiros que tavam lá, e daí você pensa, é obvio que não vai dar certo. Dentro do Bloco de Lutas, a primeira grande coisa que começou a degradingolar, usando uma palavra que é super... tão carregada de preconceito. Negócio que começou a perder as estribeiras, foi que teve uma reunião de expulsão do PT. Que na época, assim... a gente achou totalmente despropositado. Poh, é um Bloco de Lutas, não é um partido, sabe? É uma frente de luta e que tá, eu sei que o PT tem seus limites. Se a gente não soubesse, a gente tava lá, entendeu. A gente só não tá lá porque a gente discorda de várias coisas. Mas bah, tu exclui um grupo organizado de se manifestar contigo, é muita arrogância, sabe? Além de ser muita arrogância, é muito despropósito. Logo depois que, bom saiu o PT de uma reunião horrível, escorraçado, sabe? As pessoas gritando. Tipo, a galera mesmo, militante saindo, uns trinta, saindo do DCE e a galera gritando 'O povo não esquece a brigada da DS (Democracia Socialista)'. Tipo, que sabe... Coisas, enfim, totalmente sem sentido. Sem sentido não, mas despropositadas. Ai, ali, o Bloco de Lutas começou a perder a referências. Porque muita gente, sãs politicamente, que também detestavam o PT, também acharam um absurdo essa expulsão do PT. Então ali, o Bloco de Lutas perdeu muita da legitimidade que ele tinha com essa galera que não era organizada. Que é isso, né. Virou um feudo, um feudinho ali. Tá, aí ficou a gente. Bem dizer, quando perdeu essa legitimidade, da maioria das pessoas ficou a gente,

O PSOL e o PSTU e os anarquistas em geral, tipo o bloco todo, que tinha desde os anarquistas organizados, até os blocos autônomos, os movimentos autônomos. Bom, o PSOL e o PSTU, enraivecidos contra a gente, contra todo mundo e no feudinho deles e tal. Bem na época teve toda uma estratégia bem eleitoreira do PSOL e do PSTU. Até o Gordo do PSTU fez uma nota contra os Black Blocks e contra o vandalismo e internamente isso começou a dar muita rusga, essa construção partidária das pessoas. Aí acho que foi para um lado pessoal do PSOL e PSTU. O bloco autônomo continuou com alguma ação, aliás acho que ele ainda até existe, não sei. A gente ali no meio ficou assim, o bloco autônomo não reconhece a gente como autônomo porque achava que a gente era muito próximo ao governismo. O PSOL e o PSTU não nos reconhece porque a gente não é partidário. Então a gente ficou assim... ah, meio sem pai, nem mãe. Acho que essa sensação que a gente ficou. A maioria das pessoas, porque quando tu pega esses 30 mil, sei lá, vamos pegar esses 30 mil, uns 10 mil é uma galera que não sabia nada de política, que viu na TV, uns 10 mil, sei lá... tô chutando muito, uns 5 mil é uma galera organizada, que nem sei se ainda... sei lá, uns 5 mil é uma galera organizada, chutando muito alto. E os outros 15 mil é uma galera que é progressista, que é pró-s-não sei o que... e toda essa galera se sentiu sem mãe, nem pai. Que nem a gente assim. Porque, bom, é o Bloco de Lutas que organizava, agora eles tão ali brigando entre eles, e começou a crescer aquele discurso de 'a esquerda só briga entre ela, a esquerda não sabe se unificar'. Blá, blá, blá... tudo isso que o senso comum fala (ENTREVISTA 8).

Reconhece-se, no entanto, a importância da formação de um ator como o Bloco de Lutas neste processo, possibilitando a construção de uma outra lógica de práticas que desafia os modelos já existentes de organização e de ação coletiva. A combinação de diferentes grupos, com distintas ideologias e, especialmente, com experiências diversificadas traz para a cena performances que não seriam possíveis de serem encenadas fora deste contexto de diversidade e de contestação de uma forma tradicional de política.

### **4.3 A tarifa em Porto Alegre**

Em dezembro de 2012, o Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul (TCE-RS) fez, através de um ofício, uma solicitação de informações à Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) sobre o cálculo utilizado para verificar o percurso médio mensal dos ônibus, sendo este de influência direta no reajuste da tarifa. Essa solicitação foi realizada a pedido do Ministério Público de Contas, que

havia verificado que a Prefeitura de Porto Alegre computava a frota reserva de ônibus no cálculo da tarifa. Esse acontecimento repercutiu na mídia e nas redes sociais. A repercussão mobilizou coletivos, organizações e ativistas da cidade, que se articularam e marcaram uma assembleia para definir o que fazer frente a este dado, que dava subsídios para uma campanha de redução de tarifa.

A EPTC respondeu, em janeiro de 2013, que realizava o cálculo de acordo com a legislação. Um dia após essa resposta, realiza-se a assembleia no Sindicato dos Municipários de Porto Alegre (SIMPA). Foi neste encontro que se consolidou a proposta de uma articulação para além das diferenças ideológicas entre os diversos grupos que, nos últimos anos, pautavam o tema do transporte público na cidade – partidos políticos, coletivos ou mesmo ativistas sem filiações organizativas (proposta que já vinha sendo debatida ao longo do ano anterior). Neste momento, constitui-se o Bloco de Lutas pelo Transporte Público (MUHALE, 2014) enquanto uma rede de articulação e de ação coletiva. Neste contexto de questionamentos em relação à legitimidade do cálculo, manifestantes fazem o primeiro de muitos protestos de rua em Porto Alegre.

No mês de fevereiro, o Sindicato das Empresas de Ônibus de Porto Alegre protocola na prefeitura um pedido de reajuste que elevaria a tarifa de R\$ 2,85 para R\$ 3,30. Novos protestos ocorrem em março, quando o Conselho Municipal de Transporte Urbano (COMTU) aprova a elevação da tarifa para R\$ 3,06. No mesmo dia, o vice-prefeito Sebastião Melo (PMDB) sanciona a aprovação e fixa o valor em 3,05. No dia 23 de março, em uma assembleia na sala de reuniões do Assentamento Urbano Utopia e Luta, é decidido que, a partir de segunda-feira (data que entraria em vigor o aumento), as ações de contestação seriam descentralizadas a fim de saturar a prefeitura pelo caos nas ruas. No dia 1º de abril, um protesto organizado pelo Bloco de Lutas reúne milhares de manifestantes (4 mil, segundo a Brigada Militar, e 10 mil, segundo os manifestantes) nas ruas de Porto Alegre contra o aumento das passagens.

No dia 4 de abril, em decisão liminar à ação movida pelos vereadores Pedro Ruas e Fernanda Melchiona, do PSOL, o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul revoga o aumento da passagem, que volta a custar R\$ 2,85. Entretanto, novas manifestações organizadas pelo Bloco de Lutas ocorrem em Porto Alegre durante o mês de maio.

Em junho de 2013, as manifestações continuam. Agora, em consonância ao

contexto nacional, a pauta do transporte público assume uma posição periférica. Apenas em julho de 2013, precisamente do dia 10 ao dia 18, o transporte novamente retorna ao centro das reivindicações, quando manifestantes ocupam a Câmara Municipal de Porto Alegre.

No ano de 2014, o transporte entra em pauta com a greve geral dos rodoviários, que teve início em 28 de janeiro e que paralisou praticamente todo o transporte coletivo da cidade durante 15 dias. O Bloco de Lutas pelo Transporte Público surge em apoio aos rodoviários. Ainda em 2014, durante 8 dias de abril, manifestantes ligados ao Bloco de Lutas ficam acampados na Praça Montevideu, no centro de Porto Alegre, divulgando e coletando assinaturas para o "Projeto de Iniciativa Popular pela Municipalização do Transporte Público". Como parte da Campanha em Defesa do Transporte 100% Público, foi desenhada uma estratégia de mobilização permanente e popular, com ações descentralizadas em acampamentos itinerantes em bairros da periferia, em escolas e em universidades. Também aconteceram algumas manifestações contra os gastos com a Copa do Mundo durante o período de sua realização. Assim como no ano de 2014, novos protestos foram realizados em defesa do transporte público em 2015, porém não com a mesma frequência e com a mesma adesão.

#### **4.4 Manifestações de 27 de março em Porto Alegre e 13 de junho em São Paulo**

Em março de 2013, iniciou-se o tensionamento entre manifestantes e mídia – simbolizada pelo Grupo RBS –, que, até então, pouco havia noticiado a respeito das manifestações contra o aumento das passagens ocorridas em janeiro e fevereiro. No entanto, a manifestação realizada no dia 27 de março, em frente à Prefeitura, foi objeto de uma ampla cobertura, fortemente negativa, por parte do jornal Zero Hora – integrante do conglomerado de comunicação.

Então a primeira manifestação que teve assim mais gente, acho que teve umas mil, duas mil pessoas, foi uma manifestação que teve uma menina que, eles tentaram entrar na prefeitura, né, que a prefeitura até então não tava dando muita bola pras manifestações parece, tanto que na frente da prefeitura tinha dois, três guardas municipais e sequer eles tinham aquele

sistema que eles tem hoje que qualquer ameaça de manifestação, que um cordão de isolamento assim, eles colocam cordões de corda mesmo e cordões de aço isolando as escadas da prefeitura, nem tinha isso naquela época, no início...e sei lá, tinha dois ou três guardas municipais na frente da prefeitura e a gurizada começou a subir, viu que tava livre e começou a subir e queria ocupar a prefeitura e aí os guardas municipais se apavoraram e fecharam a porta e nisso eles puxaram umas pessoas que tavam ali bem na frente da porta e uma militante do Bloco foi uma das que ficou na prefeitura, dentro...o secretário de governança, César Busatto, tentou sair pra conversar com o pessoal e o pessoal não queria conversa, jogaram tinta nele, enfim, vaiaram ele e ele se sentiu agredido e entrou e enfim...e aí o pessoal começou a exigir que a menina que foi detida na prefeitura fosse libertada, ela tava lá dentro da prefeitura, e eles não libertaram ela, e aí tiveram a informação, os advogados do Bloco tiveram a informação que ela tava sendo transferida pro Palácio da Polícia e aí eles resolveram fazer uma marcha até o Palácio da Polícia pra exigir a libertação dela...então foi uma longa marcha que percorreu a Borges até o Palácio da Polícia e ela foi aumentando de número até lá (ENTREVISTA 3).

O jornal Zero Hora teve como centralidade em sua reportagem a caracterização da manifestação como um ataque de baderneiros à Prefeitura, conforme expresso na manchete utilizada pelo jornal, onde lê-se “Ataque à prefeitura: pedras e badernas na capital”<sup>17</sup>. Ainda no dia 28, o jornalista Lasier Martins falou a respeito da manifestação do dia anterior em um programa informativo<sup>18</sup>, no qual chamou os manifestantes de vândalos, marginais, baderneiros, etc.

Nossa, quando eu vi o Lasier falando me deu um negócio, assim, até então atos lindos tinham ocorrido e nada da RBS, aí prendem a menina dentro da prefeitura e nós que somos os maus, tá louco. Assim, já é reconhecido a história da Zero Hora, da RBS, da Globo em geral, no que diz respeito a criminalização dos movimentos sociais, então a gente sempre acha que vai ter algum ataque às manifestações, mas dessa vez eles abusaram. Logo eu já pensei, e levei em reunião, que isso tinha que ter algum tipo de resposta nossa, porque não é justo. A gente vem numa ótima campanha, com apoio popular, aí somos marginais porque queremos um transporte acessível? Acho que foi aí o estopim da nossa guerra com a RBS (ETREVISTA 15).

<sup>17</sup> Reportagem em anexo (*Anexo 2 – Figura 18*).

<sup>18</sup> Vídeo disponível em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/lasier-martins-fala-sobre-protesto-realizado-ontem-em-frente-a-prefeitura-de-porto-alegre/2485857/> - Acessado em 12/12/2015.

Na continuidade das manifestações, a grande mídia (em particular os veículos vinculados ao Grupo RBS) continua a produzir matérias nas quais os manifestantes são adjetivados como vândalos e como baderneiros<sup>19</sup>. Por outro lado, outros veículos midiáticos que cobriam o mesmo evento apresentavam abordagens diferentes. Na rede social Facebook, vídeos, depoimentos e imagens eram divulgados apresentando um “outro lado da manifestação”:

Mas a mídia processava essas análises absurdas por não ter nenhuma proximidade histórica com esse campo, com esses campos e por ter poucas pessoas dentro desses veículos da mídia tradicional dispostas a ir lá e dialogar com essas pessoas e mesmo quando elas iam, eram recebidas com extrema aspereza por esses grupos também porque sempre se viram mal retratados por essa mídia, então não queriam muito dialogar com essa mídia, havia um atrito permanente aí que gerava narrativas totalmente distorcida na mídia e tudo isso com pano de fundo de que a mídia sempre retratou protesto num viés criminalizante, né, retratou muito mais falando que houve quebradeira, que o trânsito ficou um caos do que quais eram as causas daquele protesto...mas mídia foi obrigada a tentar entender o que tava acontecendo com um pouquinho mais de profundidade...e inclusive a própria cobertura da mídia em contraste com a cobertura do Sul21, da Mídia Ninja e de vários outros coletivos, do Catarse, de vários outros coletivos que foram surgindo aqui, do Tabaré, do Jornalismo B, do Bastião, enfim, várias outras vozes foram surgindo e a mídia tradicional viu a sua voz sendo contestada e inclusive dizendo que eles tavam mentindo mesmo, que não era aquilo ali que tinha acontecido e eles se viram numa posição jornalística muito complicada, o capital jornalístico deles tava sendo contestado com razão e com provas, então...inclusive a audiência tava baixando, pois as pessoas não se sentiam mais representadas por aquilo ali, eu sei disso porque a audiência do Sul21 aumentou muito durante aquele período, a gente chegou a pico de acessos que nunca antes tinham sido alcançados e o site chegou a cair inclusive em alguns deles então, quer dizer, essa audiência que tava indo pra lá não tava indo pro outro lado, tavam migrando...então, os editores foram obrigados, até por uma questão de sobrevivência e ética mínima com o jornalismo de se reposicionar nesse cenário de cobertura, eles foram obrigados a tentar entender o que tava acontecendo e retratar as manifestações de forma um pouquinho menos criminalizante (ENTREVISTA 3).

Sabe aquela coisa... A nossa marcha, quando falam bem ou falam mal, mas falem da gente. É essa importância, as pessoas saberem o que tá acontecendo. Se o cara não... Usar as palavras que eles querem, e dizer que a gente é baderneiro, como foram as últimas formas de explicar que nós éramos baderneiros e vândalos, que digam. As imagens estão sendo

---

<sup>19</sup> Algumas reportagens em anexo (*Anexo 3 – Figuras 19 e 20*).

mostrado, e muitas vezes as imagens estão dizendo ao contrário do que as pessoas estão dizendo. Acho que isso é importante de aparecer (ENTREVISTA 13).

Até meados do mês de junho, a grande mídia continuava a incentivar a repressão em todo o Brasil<sup>20</sup>, posicionando-se claramente contra os protestos que começavam a se disseminar em algumas cidades. Porém, no dia 13 de junho, em São Paulo, jornalistas da Folha de São Paulo foram feridos pela polícia durante a manifestação: uma profissional foi alvejada com um tiro de bala de borracha no olho. No dia seguinte, a edição do jornal mudava a abordagem sobre as manifestações e era seguida por outros veículos. O olho roxo, símbolo dos jornalistas atacados pela polícia, foi utilizado em uma campanha de atores da Rede Globo, que publicavam fotos com seus olhos roxos em solidariedade aos jornalistas feridos. Arnaldo Jarbor, jornalista da Rede Globo, 5 dias após atacar os manifestantes em jornal de circulação nacional, pedia desculpas por suas declarações.

O Estadão, O Globo, A Folha chegaram a publicar editoriais pedindo mais repressão, achavam que tava pouca a repressão até que logo em seguida, a primeira manifestação depois desses editoriais terem sido publicados, uma repórter da Folha teve o olho, né, atingido por uma bala de borracha, uma repórter da Folha, teve um depoimento e depois vídeo e tal mostrando que ela não tava fazendo nada, tava só cobrindo e tal e vários outros jornalistas passaram a ser vítimas também e aí minimamente a mídia também começou a olhar pra esse lado da repressão policial e a reconhecer que ela existia e a pressionar um pouco o Estado nesse sentido (ENTREVISTA 3).

Foi louco assim, parece que o universo conspirou, os loucos pedem mais repressão é “bum”, aquela jornalista é atingida, bah foi um momento marcante, de repente todos jornais mudando o discurso (ENTREVISTA 14).

Esta alteração da cobertura das manifestações também pode ser observada no Rio Grande do Sul, onde o grupo RBS assume uma nova postura de apoio relativo às manifestações, ao mesmo tempo em que introduz uma separação entre formas de manifestação e, assim, entre manifestantes legítimos e ilegítimos. Os jornais

---

<sup>20</sup> Reportagens em anexo (*Anexo 4 – Figuras 21 e 22*).

Começaram por rechaçar as manifestações como irresponsabilidade de vândalos e baderneiros. Passaram por um momento de reavaliação a partir do qual condenavam o vandalismo da banda podre das manifestações enquanto elogiavam as críticas à política. Finalmente focaram grande parte da responsabilidade pelas manifestações na suposta falência das instituições políticas, no governo federal e na figura de Dilma (FERES *et al.*, 2014, p. 17).

Este segundo momento, no qual passa-se a condenar o vandalismo, porém a elogiar a crítica política, é retratado na fala de alguns entrevistados.

A partir do momento em que as manifestações massificaram mesmo, aí eles pegaram assim alguns eixos de protesto e tentar dar a parte como o todo, por exemplo, contra a corrupção, contra o governo federal, não era só aquilo ali que tava ali, mas sim, aquilo ali apareceu, estava ali, surgiu, era importante que fosse dito, mas talvez tenha havido uma tentativa de redirecionamento, como se as manifestações fossem contra só o governo federal, na verdade era meio contra tudo contra todos, né, mas não era só contra um governo específico ou contra um partido específico, enfim, a mídia tentou ou enxergou mais esse lado e também um aspecto que foi limiar em toda ou quase toda a cobertura da mídia do início até o final foi a convivência e aceitação total da brutalidade policial e isso foi o tom (ENTREVISTA 3).

A mídia se... esqueci o nome agora, cooptou, cooptou e disse que isso é legal. Não sei se tu lembra, mas se tu pega aquele cara lá de São Paulo, eu esqueci o nome dele, mas que falava muito mal das marchas. Se tu pegar em um mês, tu vai ver que o discurso foi mudando por semana, de vândalos e arruaceiros, de pessoas lutando, à importância de lutar, sabe? Então, tu vê que dentro de um mês a mídia muda o seu discurso, porque tu vê que aquilo começa a servir pra uma outra luta, que era a luta contra a corrupção, que era uma luta muito específica que era a luta contra a esquerda, contra o PT. E isso dialoga de alguma maneira com a população, muitos aderem às manifestações (ENTREVISTA 13).

Mais ideologicamente foi essa coisa de que a gente tá despreparado pra disputar a consciência da população. Enquanto esquerda, né. Daí a eficácia que tem os meios de comunicação pra isso. Em um dia, o Arnaldo Jabor vai pra TV dizendo que é pra galera ir pra rua, e no outro dia tem 10 mil pessoas a mais nas ruas, sabe? Então, a gente também fica, 'ah, a grande mídia tá desgastada'. Mas não tá desgastada. Na verdade, o grosso da população confia no que ela diz. Até uma leitura do que a gente faz, que tavam nas manifestações, talvez estejam agora. Nessas manifestações conservadoras. Porque isso, porque foram convocadas pela TV (ENTREVISTA 8).

Assim, depois que a mídia disse que era bonito fazer manifestação contra o governo, que televisionavam ao vivo, todo mundo ligado na rede globo, aí não deu né. Muita gente foi querer participar, aí sim, já tinha monte gente por vários motivos, mas com certeza a televisão contribuiu para o aumento significativo dos coxinhas contra a corrupção e sei mais o que. (ENTREVISTA 15).

As entrevistas trazem que a mídia assumiu, depois de um determinado momento, uma postura positiva em relação às manifestações, construindo um significado de que a crítica ao governo federal e à corrupção, quando realizada de forma pacífica, é legítima (chegando a incentivar a manifestação), enquanto as outras formas de manifestações, quando envolvem ações violentas, são vandalismo. A partir desta atribuição de significado, indica-se quem é o “bom” manifestante e o “mau” manifestante.

## 5 “A RUA É O PALCO”: PERFORMANCES NAS MANIFESTAÇÕES DE RUA EM DEFESA DO TRANSPORTE PÚBLICO

As manifestações de junho de 2013 são entendidas aqui como um ciclo de protestos. Esse conceito é definido como

uma fase de conflito acentuado que atravessa um sistema social: com uma rápida difusão da ação coletiva de setores mais mobilizados para outros menos mobilizados; com um ritmo rápido de inovação nas formas de confronto; com a criação de quadros interpretativos de ação coletiva, novos ou transformados; como uma combinação de participação organizada e não organizada; e com sequências de fluxos intensificados de informação e de interação entre os desafiantes e as autoridades (TARROW, 2009, p. 182).

Em 2013, especificamente em junho, as ruas do Brasil foram tomadas por milhares de pessoas, tanto por setores que tradicionalmente se mobilizam, como por aqueles segmentos que tendem a não recorrer a esse tipo de repertório de contestação. Pessoas que estavam inseridas em algum tipo de organização dividiram as ruas com aquelas que tinham sua primeira experiência de manifestação. Tudo isso ocorreu em uma velocidade extraordinária, na qual podia-se acompanhar, ao vivo, as manifestações. Pessoas do mundo inteiro tinham a possibilidade de estar conectadas, acompanhando e participando do processo. O impacto no sistema político fez com que os governantes não tivessem a possibilidade de omissão, devendo posicionar-se e dar respostas “às vozes que vinham das ruas”.

São, principalmente, os ciclos de protestos que possibilitam o surgimento de novas formas de confronto político: “na incerteza e exuberância da fase inicial de um ciclo de mobilização, a inovação se acelera e novas formas de confronto são desenvolvidas e difundidas” (*ibid.*, p. 186). O ciclo tem como característica a mobilização de uma grande variedade de atores que trazem novas possibilidades de ação que, em outros momentos, não são possíveis.

Porém, nem todas as inovações que aparecem neste período de confronto continuam após o ápice do ciclo de protestos.

Algumas estão diretamente ligadas ao pico do confronto [...] outras dependem do alto nível de participação e de fluxos de informação característicos dos ciclos e não podem ser mantidas quando a mobilização declina e as fontes de informação se voltam para outros tópicos. E algumas são da paralisia temporária das forças da ordem, na medida que se veem frente a massas inesperadas de desafiantes nas ruas; quando elas se reagrupam, as táticas que pareciam impossíveis de derrotar no pico do ciclo são facilmente esmagadas (*ibid.*, p.187).

Como o objetivo desta pesquisa é compreender de que modo se dá o processo de inovação no repertório de contestação a partir da análise das manifestações relacionadas ao tema do transporte público que deu início ao ciclo de protestos de junho de 2013, é necessário caracterizar primeiramente essa inovação. Ou seja, dizer quais são as ações realizadas nesse ciclo que diferem do repertório tradicional que caracterizou as manifestações relacionadas ao transporte público no passado. Além disso, é necessário identificar quais as performances inovadoras do repertório em ação em 2013 que se mantiveram e que passaram a integrar o repertório atual das manifestações de 2014-2015.

Assim, seguindo a metodologia exposta anteriormente, a análise do processo de inovação demandará a caracterização de três momentos: pré-2013, 2013 e 2014-2015. Nos anos anteriores a 2013, havia, na cidade de Porto Alegre, periodicamente, durante o pronunciamento de aumento das tarifas, pequenas manifestações que geralmente se concentravam nos meses de fevereiro e março. Em 2013, houve o início do ciclo de protestos, bem como o seu apogeu. E em 2014 e 2015, diminuem progressivamente ocorrências das manifestações.

O modelo de análise proposto parte do argumento de que, nos anos anteriores a 2013, as performances que conformavam as manifestações tendiam a expressar um repertório (re)conhecido na cidade (aqui denominado de repertório tradicional). Já em 2013, novas performances surgiram, distinguindo-se significativamente do repertório tradicionalmente empregado. Por fim, argumenta-se que em 2014 e 2015 haveria uma retomada de performances características do período anterior ao ciclo de protestos, ao mesmo tempo em que se mantêm algumas das performances inovadoras que emergiram em 2013. Avaliar a adequação destes argumentos a partir da caracterização das manifestações ao longo do tempo é o foco central deste capítulo.

Cada período presente no modelo explicativo caracteriza-se por algumas

performances predominantes. Entretanto, não significa que os atores não recorram a performances já tradicionalmente conhecidas, que transpassam o tempo. É possível perceber que, em períodos distintos, algumas performances têm destaque e, logo em seguida, não mais aparecem com recorrência.

A análise dos dados revelou um aspecto importante para a pesquisa: a diversidade das formas de ação utilizadas no T<sup>1</sup>, que, em certa medida, já era esperada em virtude do longo período de tempo abrangido. Os dados mostram que, até o final da década de 1980, as ações realizadas tendem a se caracterizar por uma relativa homogeneidade. A década de 1990, por sua vez, apresenta-se como um período de transição, no qual outras formas de ação vão sendo progressivamente incorporadas pelos manifestantes, ainda que sem maior expressividade. Por fim, o aspecto mais importante a ser destacado dos dados sobre o T<sup>1</sup> é a singularidade do ano de 2005, no qual não apenas performances que vinham sendo utilizadas até então são mantidas, mas também performances que não compunham os protestos relacionados ao transporte público nos anos anteriores emergem.

Ainda assim, 2013 continua com sua especificidade frente a todos os anos anteriores. A velocidade da inovação que caracteriza os ciclos de protestos é visualizada nas manifestações de 2013, as quais demonstram uma diversidade não vista anteriormente. Em 2014 e 2015, entretanto, percebe-se um declínio progressivo da diversidade dos eventos de protesto<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Nesta pesquisa, a divisão do processo nestes três períodos serve para possibilitar análise, e, por tanto, evidenciar o ano de 2013 e suas novidades. O T<sup>1</sup> abrange décadas que possuem singularidades que não são aprofundadas nessa dissertação por não ser objetivo da pesquisa. A função desse agrupamento, no entanto, é evidenciar T<sup>2</sup>, exaltando suas novidades. No mesmo sentido, T<sup>3</sup> abrange os 2 anos seguintes a 2013, tendo como função evidenciar a singularidade de T<sup>1</sup>.

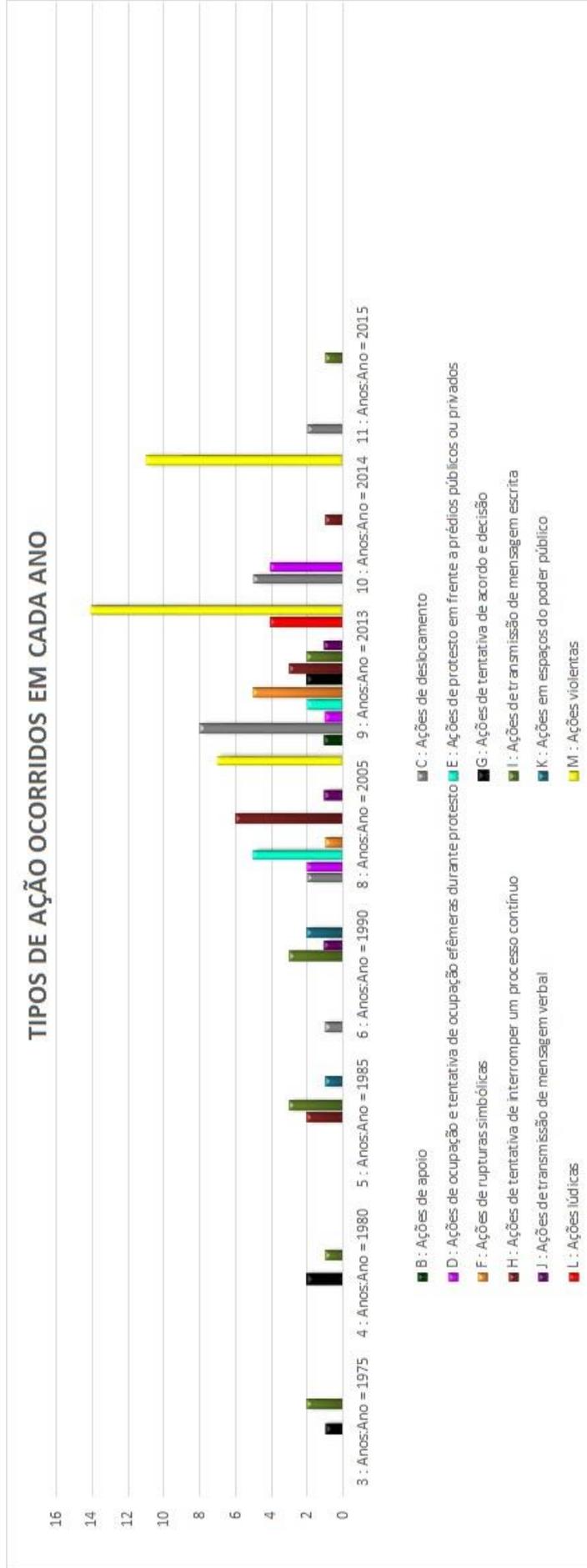


Gráfico 1: Tipos de ação (Fonte: a autora, 2015)

Pode-se perceber a predominância das ações de transmissão de mensagem escrita (em verde), principalmente aquelas divulgadas nas mídias impressas, durante o período de 1975 a 1990. A manifestação via meio de comunicação em massa (na qual se encontra a transmissão de mensagens escritas nos jornais) para expressar demandas coletivas é a quarta forma de ação mais recorrente no Rio Grande do Sul, dos anos de 1970 até 2010. Tem maior recorrência no período ditatorial, sendo neste período a segunda forma de ação mais frequente. Com poucas oportunidades institucionais disponíveis, o recurso à imprensa era uma alternativa a qual os atores recorriam para expressar publicamente suas demandas (SILVA; PEREIRA; GOMES; PAIS; 2015). As demandas relativas ao transporte seguem este padrão: os usuários encontravam nos jornais um meio, sem muitos custos à ação, de denunciar a precariedade do transporte coletivo.

No ano de 2005, as ações se diversificam, sendo as ações de protesto em frente a prédios públicos ou privados (em azul claro), as ações de tentativa de interromper um processo contínuo (em bordô), principalmente o bloqueio do trânsito, e as ações violentas (em amarelo), as que se destacam. Essas ações violentas, em 2005, se caracterizaram pela depredação em pequena escala de prédios públicos simbólicos à causa (como a EPTC e a Associação de Transportadores de Passageiros – ATP) e também pela resistência à repressão da polícia, especialmente através da tentativa de manutenção dos bloqueios de rua frente às ações policiais de remoção dos manifestantes.

Esses tipos de ação fazem parte de um repertório extrainstitucional. Eles são, tendencialmente, mais conflituos e crescem em sua ocorrência, significativamente, na primeira metade dos anos 2000. O fechamento de vias públicas é a segunda forma de ação mais recorrente para expressar demandas coletivas em 2005 no estado de Rio Grande do Sul. Esse tipo de repertório, por ser mais conflitivo, é mais propenso a ações violentas (sendo caracterizadas pelo confronto com a polícia), tendo, em 2005, o maior número de registros desse tipo de ação no período compreendido entre 1970 e 2010 (SILVA *et al.*, 2015). Especificamente na demanda do transporte, o fechamento de vias públicas foi representado no gráfico como ação de tentativa de interromper um processo contínuo, que segue o padrão das mobilizações de outras demandas no Estado, sendo uma das formas mais recorridas no ano de 2005 para reivindicação do transporte público.

Em 2013, os tipos de ação diversificam-se ainda mais frente aos anos anteriores. Novas formas de ação ganham centralidade, e aquelas que já eram utilizadas em outros momentos mudam qualitativamente neste período. As ações de deslocamento (em cinza), principalmente passeatas, e as ações violentas (em amarelo) têm destaque. Para além do que era caracterizado como ações violentas em 2005 (confronto com a polícia e pequenas depredações de prédios que simbolizavam adversários da causa), em 2013 foram realizados saques ao comércio, depredação de propriedades privadas (como pequenos comércios e carros), queima de ônibus e de containers de lixo. Tudo em grande escala. As ações lúdicas (em vermelho) e as de rupturas simbólicas (em laranja) foram importantes nesses eventos de protesto, não estando presentes no período anterior. Desde 2011, entretanto, ocupações de reivindicação do espaço público através de atividades lúdicas já vinham sendo realizadas (SILVA, 2013), apresentando novas performances incorporadas às passeatas em 2013.

O período que segue a 2013 tem como principal forma de ação as ações de deslocamento (em cinza). Em 2014, as ações violentas (em amarelo) ainda são recorrentes nos protestos, porém outra forma de ação ganha destaque: as ocupações (em roxo). O possível desgaste dos atores com as ações de rua de 2013 e início de 2014, devido à grande repressão, e a experiência da ocupação da Câmara de Vereadores em 2013, interpretada como um sucesso do movimento, possibilitam a emergência das ocupações como uma alternativa de expressão das demandas. No ano de 2015, por sua vez, toda a diversidade de ações presente em 2013 não é mais observada. No entanto, identifica-se a manutenção de uma das performances centrais de 2013 – as passeatas (em cinza) –, ao mesmo tempo em que se retoma uma forma de ação tradicional – a divulgação de mensagens escritas (em verde).

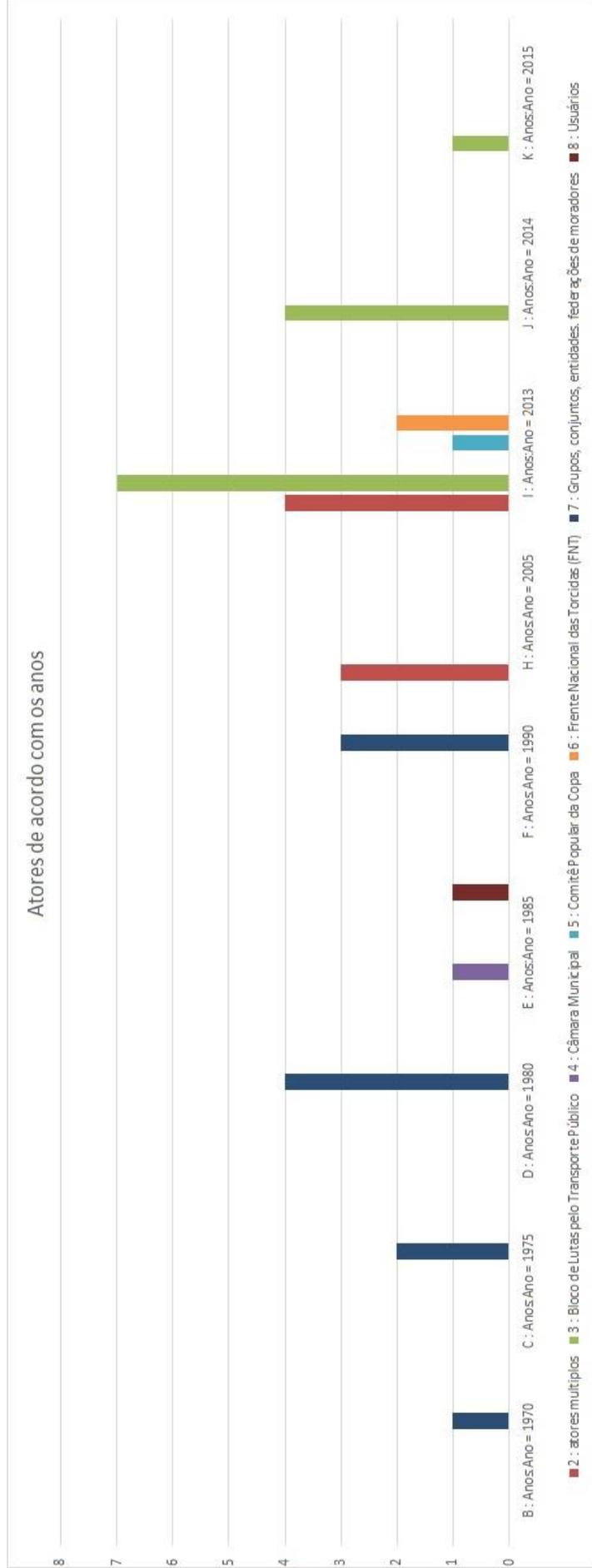


Gráfico 2: Atores (Fonte: a autora, 2015)

O principal ator dos eventos de protesto entre os anos de 1970 e 1990 são grupos, conjuntos, entidades e federação de moradores (em azul escuro). Ou seja, esta tendia a ser uma causa das organizações do chamado "movimento comunitário", tendo como principal base organizativa os moradores de bairros e de vilas populares da cidade. Em 2005, porém, a categoria de atores múltiplos (em vermelho) aparece com destaque. Assim, observa-se uma mudança profunda na composição dos manifestantes e dos estudantes. Partidos e sindicatos passam a ser os principais responsáveis pela promoção dos eventos de protesto ocorridos no período. Em 2013, por sua vez, emerge um novo ator de destaque: o Bloco de Lutas pelo Transporte Público (em verde). Esse ator expressa um processo de articulação de diversos grupos e redes de ativismo que, em certa medida, já estavam presentes nas manifestações de 2005. Entretanto, 2013 ainda é marcado por eventos promovidos por atores múltiplos (em vermelho), sendo a mobilização de atores que não apresentam um histórico de organização e de ação coletiva uma das características importantes do período. Ou seja, a multiplicidade observada em 2013 difere da observada em 2005, caracterizada basicamente por ativistas envolvidos em organizações estudantis, partidárias e/ou sindicais. Nos anos seguintes, o Bloco de Lutas pelo Transporte Público (em verde) é o único ator que mantém centralidade.

Compreender a dinâmica dos atores no processo é muito importante para a análise na medida em que são eles os responsáveis por realizar as ações. Percebe-se nos gráficos que, conforme multiplicam-se os "tipos" de atores, multiplicam-se "os tipos de ação, de estética e de mensagens. A entrada de novos atores parece ser, assim, um dos processos mais importantes para a compreensão da inovação nos repertórios observada no período analisado.

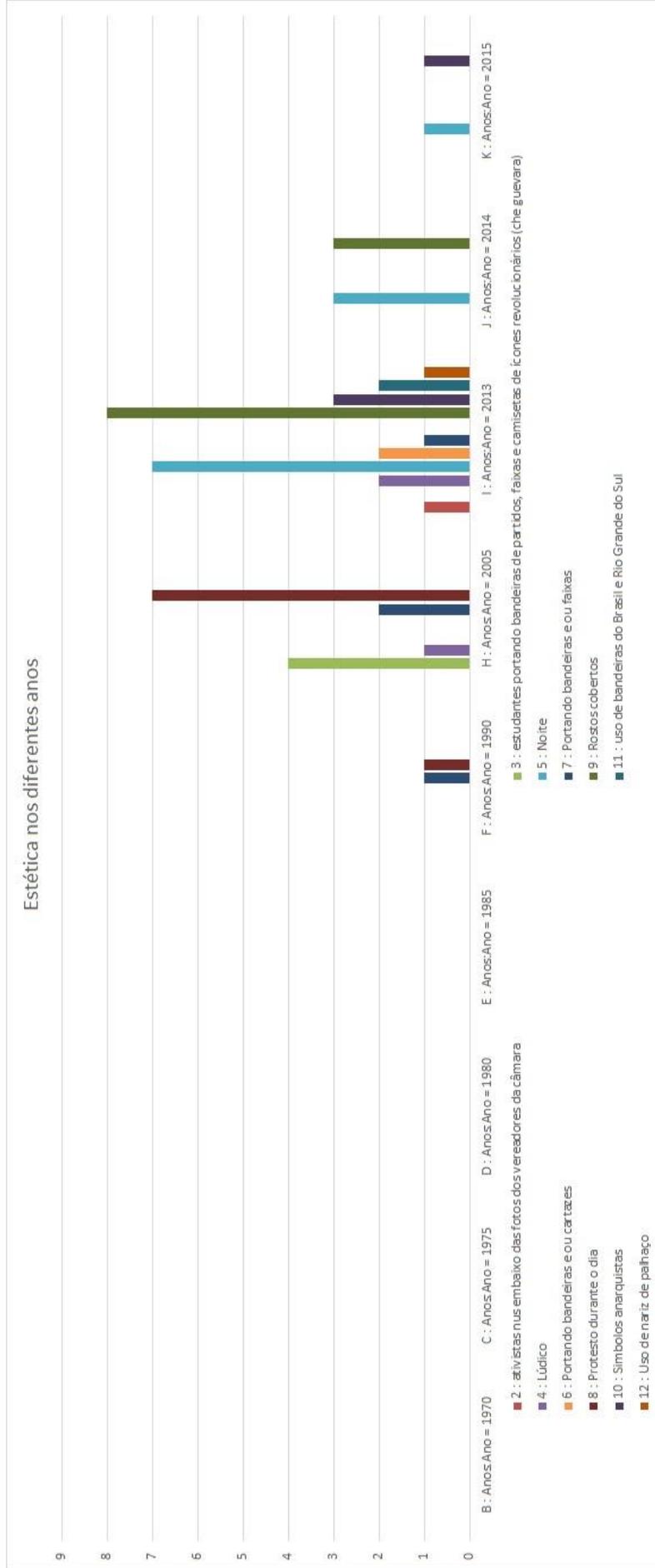


Gráfico 3: Estética (Fonte: a autora, 2015)

Os anos que não se apresentam no gráfico configuram um período no qual a principal ação foi a transmissão de mensagem escrita – geralmente denúncias em jornais –, e, portanto, não apresentam imagens para a identificação dos elementos que compõem a dimensão estética. A maior parte dos eventos de protesto entre os anos de 1990 e 2005 foi realizada durante o dia (em bordô) e apresentava atores portando bandeiras e faixas (em azul escuro) nas ações realizadas na rua. Como visto anteriormente, os atores protagonistas desse período foram aqueles vinculados a partidos políticos, a sindicatos e estudantes organizados. Dessa forma, as bandeiras pertencentes aos partidos e aos sindicatos, assim como as faixas confeccionadas principalmente pelos estudantes em seus diretórios, centros acadêmicos e até em sedes de partidos, são as que aparecem com recorrência, caracterizando as manifestações de 2005. Já em 2013, os protestos ocorreram à noite (em azul) e foram marcados pela presença de atores com os rostos cobertos (em verde), portando símbolos anarquistas (em roxo) e bandeiras do país e do estado (em azul). Cartazes (em laranja) aparecem com maior recorrência em comparação às faixas. Os coletivos anarquistas foram um grupo importante presente nas manifestações, possibilitando o destaque dos símbolos igualmente anarquistas. O destaque da categoria “rostos cobertos” relaciona-se ao destaque que os dados apresentam sobre o uso de “ações violentas”. Os rostos cobertos foram, em sua maioria, uma estratégia utilizada para a não identificação dos atores que realizavam ações violentas. Nos anos seguintes, as manifestações continuaram ocorrendo à noite (em azul). Em 2014, nota-se, ainda, a presença de atores com seus rostos cobertos (em verde), o que não foi identificado em 2015, quando retorna-se à centralidade das bandeiras e das faixas (em azul escuro). Com a retirada progressiva de setores que faziam parte das mobilizações, as manifestações de 2015 voltaram a apresentar uma estética similar à das manifestações observadas em 2005, principalmente por caracterizarem-se pelas bandeiras dos partidos que continuaram a abordar a temática do transporte e pelas faixas confeccionadas pelos coletivos.

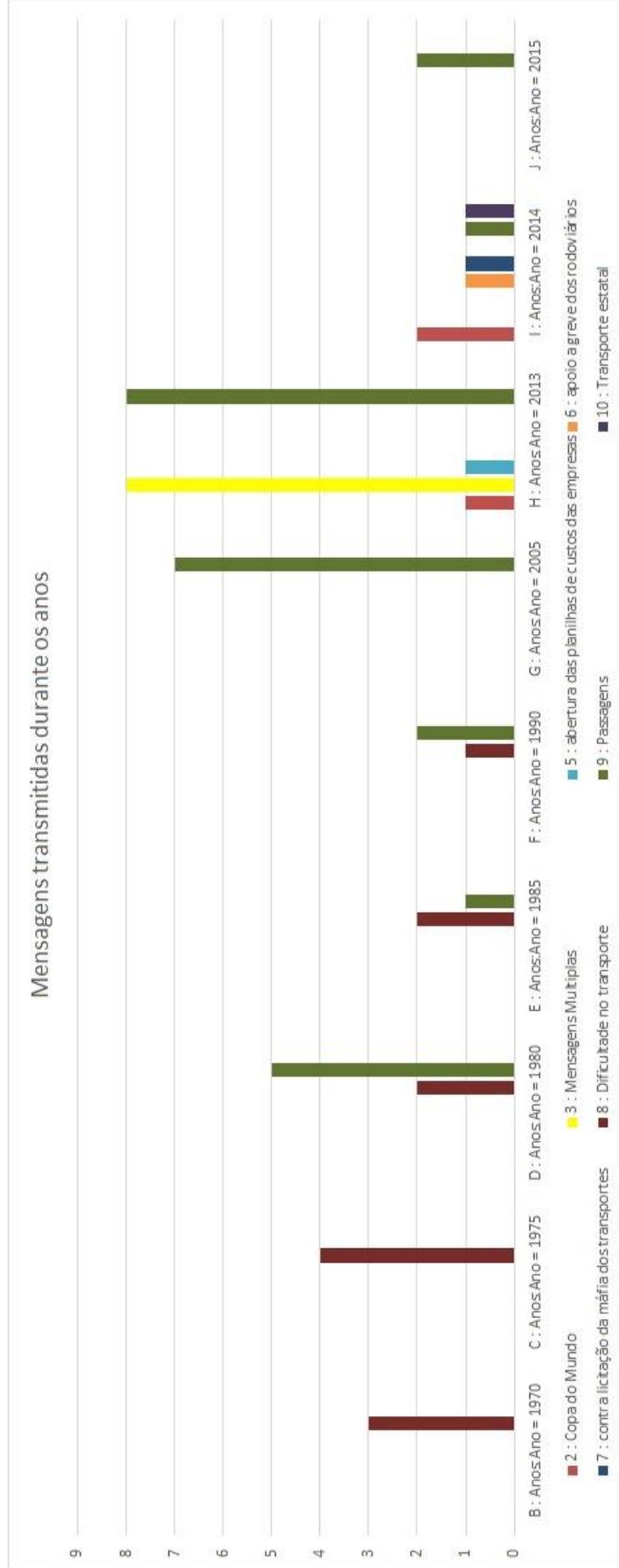


Gráfico 4: Mensagens (Fonte: a autora, 2015)

A dificuldade com o transporte em função das precariedades do serviço ofertado (em bordô) foi a principal mensagem transmitida até os anos 1990. Porém, na década de 1980, a tarifa (em verde) já aparece dividindo a cena e vai tomando centralidade ao longo dos anos, até apresentar-se como principal reivindicação em 2005. A mensagem transmitida em 2013 teve principalmente a tarifa do transporte (em verde) como reivindicação. No entanto, no decorrer dos eventos, as mensagens múltiplas (em amarelo) ganham predominância, ficando a tarifa como uma das mensagens dentre tantas outras proferidas. Com o objetivo de barrar o aumento alcançado da tarifa, abriu-se oportunidade para outras causas tomarem centralidade. A diversidade de atores apresenta uma multiplicidade de interesses, os quais se expressam nas diversas mensagens proferidas em 2013.

Em 2014, existe ainda uma diversidade nas mensagens, com destaque para as críticas à Copa do Mundo (em vermelho). Juntamente com as tarifas do transporte (em verde), também aparece como tema importante o apoio aos rodoviários (em laranja), que realizam em 2014 uma de suas maiores greves, paralisando quase totalmente o transporte público da cidade por praticamente 2 semanas. Em 2015, as mensagens perdem a multiplicidade, voltando o foco para a tarifa do transporte (em verde).

Cada gráfico representa uma dimensão que compõe as performances. Os *atores* realizam *ações*, que possuem *estéticas* particulares, com objetivo de transmitirem as *mensagens* que conformam sua causa. Foi demonstrado que cada uma dessas dimensões varia ao longo dos anos. Os períodos significantes para a análise do processo de inovação serão caracterizados a partir dessas variações.

## 5.1 Tempo 1 (T<sup>1</sup>): Repertório “Tradicional”



Figura 7: Denúncia em mídia impressa (Fonte: Zero Hora, 1970) e Bloqueio em frente à EPTC (Fonte: Zero Hora, 2005)

O período do T<sup>1</sup> abrange conjunturas político-institucionais distintas, com mudanças de regime político que tendem a incidir sobre a intensidade e sobre as formas do protesto (TILLY, 2006). O ano de 1985 marcou o fim da Ditadura Militar no Brasil, a qual teve como uma de suas características a forte repressão do Estado aos processos de organização e de mobilização contestatórias populares. Segundo Tilly (1978), a repressão aumenta o custo da ação coletiva, podendo tanto debilitar a ação como elevar os riscos da organização e da mobilização da opinião pública. Já Tarrow (2009), salienta que os Estados autoritários desencorajam a política popular através das políticas repressivas. Os dados coletados confirmam tais argumentos e, assim, as principais ações até 1985 são denúncias nos jornais por grupos de moradores e vizinhos, nas quais se reclama da qualidade do transporte público, ou por não contemplarem determinados bairros ou por não apresentarem boas condições de uso.

A eleição (indireta) de um presidente civil em 1985 e a Constituição de 1988 marcam a abertura política do país. Na década de 1990, a tarifa do transporte começa a integrar as demandas, e os dados apresentam a realização de ações em espaços do poder público (por exemplo, no plenário da Câmara de Vereadores) e a realização de passeatas (como parte de performances que não foram identificadas no período de Ditadura).

O ano de 2005 foi o penúltimo ano do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (que viria a ser reeleito em 2006, iniciando seu segundo mandato), caracterizado como um governo “amigo” dos movimentos sociais e conhecido pelas políticas sociais. Também é o último ano do mandato do governador Germano Rigotto (do PMDB, que teria Yeda Crusius, do PSDB, como sucessora), conhecido pela parceria com o setor empresarial. Foi o ano em que “estourou” o primeiro grande escândalo de corrupção no Governo Federal sob gestão petista, chamado de “Mensalão”, fortalecendo os partidos opositores. 2005 é, ainda, o ano de registro do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), o qual viria a ser um ator importante nas reivindicações do transporte público. Outro ator importante na história de lutas pelo transporte surge também em 2005, durante o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre: o Movimento Pelo Passe Livre. Por fim, a Internet, em 2005, já assume uma posição importante, sendo este o ano em que a principal rede social do momento (o Orkut) ganha sua versão em português.

Estudantes e partidos políticos (atores múltiplos) ganham a cena nas manifestações pela redução da tarifa do transporte público em 2005. A principal ação realizada por eles são protestos em frente aos prédios públicos que simbolizam a sua causa, no caso a EPTC e a ATP são alvos recorrentes. Eventualmente, quebraram-se vidraças desses prédios, e houve confronto com a Brigada Militar (BM) quando ela tentava fazer a desobstrução de prédios e de ruas. As faixas eram produzidas coletivamente nas Universidades, nas escolas da rede pública e nas sedes dos partidos PSTU e PSOL. Nelas, os estudantes escreviam mensagens com a temática da redução da tarifa.

Segundo a literatura (TILLY, 2008), a inovação nos repertórios tende a acontecer de maneira lenta e incremental ao longo de muitos anos. Nesse sentido, destacam-se as manifestações ocorridas no ano de 2005 como expressões de um processo de transição do repertório tradicional para aquele que marca o ano de 2013.

## 5.2 Tempo 2 (T<sup>2</sup>): Repertório “Em Ação”

8

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2013

### Reportagem Especial

## CONFRONTO E DEPREDÇÃO

# A violência se repete



**MEDINDO FORÇAS** Outra vez policiais e manifestantes se enfrentaram nas ruas da Capital, com bombas de gás lacrimogêneo e ataques a lojas e estabelecimentos

Uma parcela minoritária na onda de protestos registrados no país introduziu um componente novo e perigoso na Capital: saques ao comércio

As depredações e os confrontos vio-

### OS NÚMEROS

O saldo negativo da noite

- Pelo menos **18 pessoas** foram presas
- **Sete agências** bancárias foram depredadas
- De **10 a 15 locais** de comércio saqueados

## BM explica proteção a alvos de vandalismo

Figura 8: Confronto BM (Fonte: Zero Hora, 2015)

Os dados sobre as manifestações ocorridas no ano de 2013, por um lado, confrontam o argumento apresentado no modelo de análise na medida em que tende a manter e a intensificar certas performances que já haviam sido introduzidas no ano de 2005. Por outro lado, apresentam especificidades que podem ser interpretadas como inovações significativas em relação às manifestações realizadas no passado, sustentando parcialmente o argumento do modelo de análise.

O ano de 2013, particularmente os meses de junho e julho, caracteriza-se por ser o ápice de um ciclo de protestos que se iniciam anteriormente<sup>22</sup> e que têm sua

<sup>22</sup> Mesmo não sendo objetivo deste trabalho analisar este ciclo de protesto em seu conjunto, é importante salientar um dos resultados da pesquisa, os quais problematizam muitas das análises sobre 2013: as "Jornadas de Junho" se fundam em processos prévios de contestação que, em geral, não têm sido identificados e analisados. Neste sentido, é importante retomar a advertência de Melucci (2001) contra a "miopia do visível" no estudo dos processos de mobilização social: a tendência das análises enfocarem somente os eventos visíveis de manifestação pública, perdendo os processos (por vezes longos) de construção desses eventos nas tramas "subterrâneas" da vida cotidiana.

continuidade nos anos seguintes. Enquanto ápice de um ciclo de protestos, apresenta uma dinamicidade e uma abrangência que não se encontra em outros momentos do ciclo.

Uma das características de um ciclo de protesto, especialmente em seu ápice, é a diversidade de atores mobilizados. Neste sentido, *o ano de 2013 se caracterizou pela mobilização de diversos atores que historicamente não haviam aparecido na história das mobilizações em função do transporte*<sup>23</sup>. Apesar do Bloco de Lutas, o protagonista do período, a categoria de atores múltiplos aparece em destaque. No entanto, a composição desta categoria, em 2013, difere de 2005, pois a multiplicidade não diz respeito apenas a estudantes e a ativistas de partidos, mas sim à mobilização de um número considerável de pessoas que não possuíam experiências de ativismo, seja em termos de filiação associativa, seja em termos de participação em eventos de protesto. Durante as manifestações, foi divulgada uma pesquisa sobre o perfil dos manifestantes<sup>24</sup>. A maioria dos manifestantes dizia não se sentir representada por partidos (89%). Entre os entrevistados, 96% alegaram não ser filiados à partido político e 86% não eram filiados a sindicatos, a entidades de classe ou a entidades estudantis. Dos entrevistados, 46% nunca haviam participado de manifestações.

Na pesquisa realizada pelo IBOPE, 62% dos manifestantes entrevistados responderam que souberam do evento pelo Facebook e 75% convocaram outras pessoas para participar das manifestações pelo Facebook e pelo Twitter. Observa-se, assim, que, em 2013, *a rede social Facebook teve centralidade no processo de mobilização, possibilitando trocas de informações e interações nunca antes experienciadas*, o que contribuiu para a velocidade do processo e para a sua difusão.

Para a identificação das principais reivindicações presentes nos protestos de 2013, em nível nacional, é possível utilizar a plataforma da Internet – denominada "Causa Brasil"<sup>25</sup> – que buscou mapear as causas dos protestos de 2013. Essas

---

<sup>23</sup> Destaque em negrito para as inovações identificadas em 2013.

<sup>24</sup> Essa pesquisa foi realizada pelo IBOPE com 2.002 manifestantes, em 8 capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Fortaleza, Salvador e Distrito Federal), no dia 20 de junho. A margem de erro, segundo o Instituto, é 2 pontos percentuais e o intervalo de confiança é 95%. Disponível no portal do G1 "Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes" (2013): <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html> - Acessado em 10/10/2015.

<sup>25</sup> Disponível em [www.causabrasil.com.br](http://www.causabrasil.com.br) - Acessado em 12/06/2015.

“causas” foram identificadas a partir do conteúdo das postagens que continham, pelo menos, uma das principais *hashtags* ligadas às manifestações. Uma lista de mais de 100 termos de busca é atualizada constantemente pela ferramenta de monitoramento Seeker, no Facebook, no Twitter, no Instagram, no YouTube, no Google.



Figura 9: 16/06/2013 a 17/06/2013

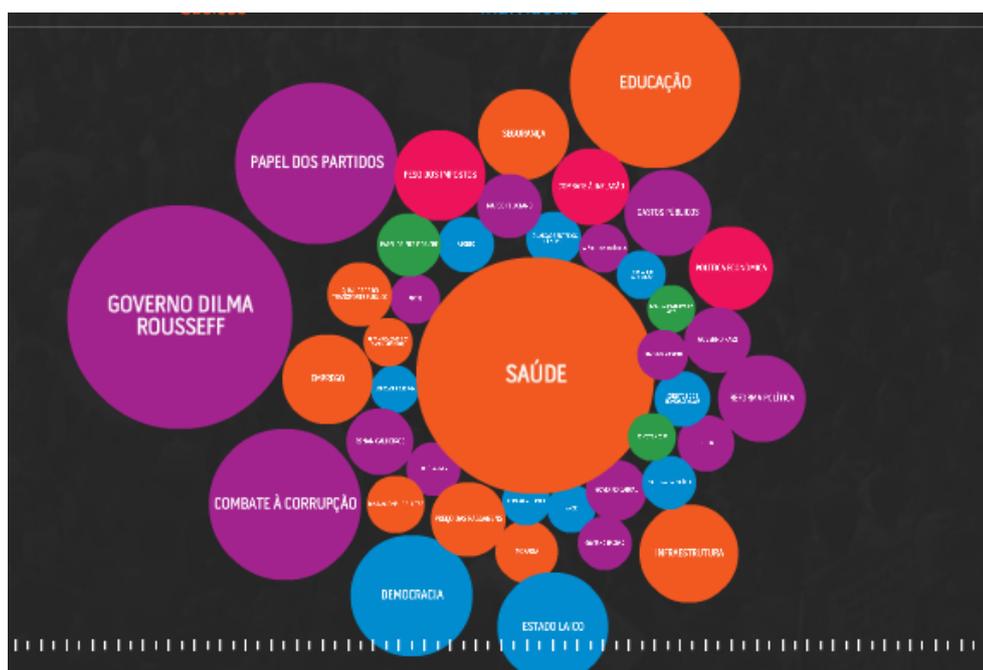


Figura 10: 16/07/2013 a 17/07/2013

Percebe-se que, durante o mês de junho, o preço das passagens era a "causa" com mais centralidade nas hashtags das redes sociais. Porém, em julho, o transporte perde a centralidade, diluindo-se em meio a muitas outras reivindicações. Assim como seus atores, **as mensagens foram para além da tarifa do transporte, apresentando multiplicidade.** Educação, saúde, corrupção, projetos de emendas constitucionais foram alguns dos temas que ganharam centralidade. Apesar dos dados apresentados corresponderem a um recorte nacional, Porto Alegre mantém, no geral, as tendências apresentadas.



Figura 11: Mensagens múltiplas (Foto: Ramiro Furquim)

A hashtag “vem pra rua” tornou-se o lema das manifestações após a “vitória” na revogação do aumento da tarifa. A ênfase nessa ideia de ocupar a rua, sem uma definição da pauta pela qual se mobilizar, abriu a possibilidade de que cada novo segmento mobilizado introduzisse sua própria causa, contribuindo para a diversidade das performances.

**As faixas, presentes em 2005, transformam-se em cartazes em 2013, caracterizando uma possível individualização do protesto. A noite, no lugar do dia, foi a escolha para parar as capitais brasileiras.** Nas manifestações noturnas em Porto Alegre, pessoas mascaradas dividiam a rua com pessoas vestidas de verde

e amarelo e com bandeiras do país e do Rio Grande do Sul.

**A repressão do Estado, em 2013, também difere dos anos anteriores e tem centralidade nesse processo.** Em São Paulo, no dia 13 de junho, entre diversos feridos, uma jornalista é atingida por uma bala de borracha no olho, e, entre diversos detidos, alguns jornalistas são apreendidos por portarem vinagre. Esse evento teve grande impacto na mídia nacional, levando-a a tomar uma posição contrária à repressão e positiva em relação às manifestações.

A Organização Não Governamental (ONG) Artigo 19 apresentou um relatório, intitulado “Protestos no Brasil 2013”<sup>26</sup>, no qual fez uma análise sobre as principais violações flagradas durante as manifestações. A equipe da Artigo 19 realizou o levantamento de todos os protestos realizados entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 2013 com base em registros e em reportagens veiculados no jornal Folha de S. Paulo, nos sites do Movimento Passe Livre e da ABRAJI – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, chegando aos seguintes números sobre a violência e sobre as violações nos protestos:

Protestos	Com mais de 50 mil	Armas não letais	Armas de fogo	Com mais de 10 feridos	Pessoas feridas	Pessoas detidas	Mortes
696	15	112	10	16	837	2608	8

Tabela 3: Violência e violações nos protestos

Ao contrário de afastar as pessoas, a forte repressão trouxe, inicialmente, mais pessoas às ruas em solidariedade. Por outro lado, no ano de 2013 foi registrada a maior ocorrência de **ações mais violentas por parte dos manifestantes**. Em 2013, containers de lixo foram queimados, vidraças de prédios públicos e privados foram quebradas, ônibus foram queimados e estabelecimentos comerciais foram saqueados.

Em contraponto às ações violentas, **ações lúdicas emergiram neste ciclo**,

---

<sup>26</sup> No geral, o documento aborda o direito de protesto no sistema internacional e no Brasil, a atuação do Poder Judiciário nas manifestações, os excessos cometidos pelas forças policiais, os projetos de lei que visam controlar protestos de rua e os tipos penais utilizados para enquadrar manifestantes detidos.

não tendo sido identificadas em períodos anteriores. Música, teatro, bebidas, fantasias, brincadeiras fizeram parte das manifestações. Manifestações como o Defesa Pública da Alegria e o Largo Vivo já haviam apresentado o lúdico para a cidade. Em 2013, as passeatas apresentaram, em sua diversidade, ações lúdicas para suas reivindicações.

### 5.3 Tempo 3 (T<sup>3</sup>): Repertório “Atual”

ZERO HORA QUINTA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 2014

Geral 31

## Protesto contra o reajuste na Capital

O protesto convocado ontem pelo grupo Bloco de Luta pelo Transporte Público contra o aumento das passagens foi majoritariamente pacífico, mas permeado pela ação de black blocs, depredação e confrontos com a polícia. Por volta das 19h30min, um pequeno grupo de manifestantes reunido em frente à prefeitura, no centro de Porto Alegre, começou a arremessar pedras, pedaços de pau e garrafas de vidro contra a Guarda Municipal – que fazia proteção do prédio.

Pelo menos duas bombas atiradas perto dos manifestantes explodiram ao lado da guarda e de fotografos que cobriam o protesto. A guarda reagiu e jogou jatos de água para dispersar o público. Pouco antes, um grupo de black blocs havia retirado lixo de contêineres, colocado em frente à prefeitura e ateado fogo. O cheiro de lixo e de plástico queimado afastou, por alguns momentos, os black blocs dos manifestantes. Na Rua Uruguaí, parte da tropa de choque da Brigada Militar observava a cena sem intervir.

Pouco depois, quando os manifestantes deixaram o local e marcharam em direção à Avenida Júlio de Castilhos, um batalhão da Polícia Montada chegou ao local junto a reforços da tropa de choque e foi atrás dos manifestantes. Lojistas fecharam

lojas às pressas. A polícia disparou, então, bombas de efeito moral e de gás lacrimogêneo contra um grupo formado por centenas de pessoas. A ação revoltou a maioria dos manifestantes, que pediram ato pacífico e para que “ninguém caísse na provocação da polícia”. O objetivo declarado pelos organizadores no alto-falante era atrair a população de volta para as ruas, como nos protestos de junho de 2013.

A polícia montou uma espécie de barricada na Rua Siqueira Campos, e a cavalaria cercou a parte traseira da manifestação. A partir dali, houve corre-corre, e os manifestantes se dispersaram em direção à Cidade Baixa. Segundo um manifestante, era uma manobra para despistar a polícia. O choque chegou a bloquear a Avenida Loureiro da Silva.

Na esquina das ruas José do Patrocínio e da República, também bloqueadas, a situação ficou tensa. Uma manifestante foi detida após xingar policiais.

O trânsito foi afetado na região. A Avenida Mauá e o Túnel da Conceição ficaram bloqueados. O grupo seguiu em direção à Cidade Baixa.

O protesto terminou por volta das 20h30min, com os manifestantes dispersados pelo bairro Cidade Baixa.



Manifestantes foram às ruas, no centro de Porto Alegre, na noite de ontem (acima). Agência bancária na Avenida Júlio de Castilhos foi apedrejada (ao lado)



Figura 12: Manifestação em frente à Prefeitura (Fonte: Zero Hora, 2014)

O ano de 2014 foi marcado por dois eventos importantes: a Copa do Mundo FIFA e as eleições presidenciais. Pouco do que aconteceu em 2013 se manteve no ano seguinte. Os jogos da Copa tiraram a atenção das mobilizações, que perderam grande parte do apoio social que havia obtido em 2013. A repressão se intensificou, mudando de estratégia e, muitas vezes, não permitindo nem o deslocamento dos manifestantes. Como salienta Tarrow (2009), com a repressão intensificada e baixo apoio social, muitos se desmobilizaram, o “declínio do apoio de massa, empurra os

radicais para formas de organização mais sectárias e formas de ação mais violentas e encoraja os moderados a desertar” (p. 191). Assim, as ações violentas continuaram presentes, e, com a saída de muitos atores, perdeu-se a diversidade. Sendo um ano de eleições, parte daqueles que sustentavam as mobilizações assumiram outras tarefas que não possibilitavam o mesmo envolvimento. O Bloco de Lutas realizou algumas manifestações durante 2015, principalmente apoiando a categoria dos rodoviários em greve (em janeiro) e não mais pautando a redução da tarifa apenas, mas trazendo ao debate os gastos excessivos da Copa do Mundo.

No ano de 2015, por sua vez, poucas manifestações em função da redução da tarifa aconteceram. Todas as ocorridas foram protagonizadas pelo Bloco de Lutas e apresentaram uma configuração relativamente similar àquela observada nas manifestações ocorridas em 2005, com bandeiras e faixas. Um setor da população que se mobilizou em 2013, engajou-se nas manifestações contra a corrupção em 2015, as quais constituíram uma das principais novidades na dinâmica dos protestos no Brasil desde os anos 1980.

#### **5.4 Performances que foram destaque no processo de inovação do ciclo de protestos de 2013**

Algumas performances foram destaque durante o ciclo de protestos em 2013, apresentando novidades e estando no centro das discussões. Essas performances foram classificadas, aqui, como correspondentes a *ações violentas* e a *ações lúdicas*.

## REGIÃO METROPOLITANA

# TRANSPORTE PÚBLICO

## Protesto, quebra-quebra e festa no centro da Capital

Manifestação por passe livre teve reivindicações políticas, depredação de bancos e música ontem à noite

Integrantes do Bloco de Lata Pelo Transporte Público e do movimento Largo Vivo foram juntos ao meio do centro da Capital pedir passe livre na noite de ontem.

O protesto teve uma dinâmica diferente das que ocorreram a partir de junho – não terminou após a reação da Brigada Militar, que reprimiu a depredação de agências bancárias.

A concentração se iniciou perto das 18h, em frente ao Paço Municipal. De repente, jovens, manifestantes se reuniram com lutas, cantos e lendas. Não havia exposição de partidos políticos e sindicatos. O manifestante se refere, particularmente, ao passe livre que termina e ao transporte. Parte das pessoas usava roupas pretas e muito cobertas, uma identificação com o Black Bloc. Ainda em claro quando o membro do Bloco de Lata Rodrigo Brito, o Urso, convocou todos a iniciar a caminhada.

Esta noite é cultural, é política, é a revolta do povo na rua – ressurta, ao contrário, ligada a causas de ser em uma Terra Livre.

Partido da Prefeitura, a marcha passou pela Avenida João de Goddes, deu a volta ao Terminal Parobé, e chegou ao Camédonoro. Depois, seguiu pela Voluntários da Pátria e Doutor Hugo, até ingressar na Saigado Filho. Manifestos com informações sobre as reivindicações foram distribuídas.

Passado das 20h e o protesto transcorria pacificamente, até ocorrerem os primeiros atos de depredação. Uma agência da Caixa teve a porta quebrada, um veículo da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) foi pilado e as vitrines do Banco do Brasil, alvo das ações.

Na sequência, teve gente trespassando e caindo no asfalto. O trânsito na região foi afetado: ruas do Centro Histórico ficaram o fluxo interrompido, o que afetou os ônibus de ônibus. Com a fim do ato, os ativistas marcharam ao Largo Gilberto Peres. Lá, colocaram em prática a proposta inicial: em clima de festa, conversaram e cantaram.

No fim da noite, o Centro Integrado de Segurança Pública (Cisp) foi agitado e saíram de uma passarela de um jovem foi pegado antes do início da caminhada, com cassetes, bolas de gude e confetes.



No Largo Gilberto Peres (acima), manifestação pacífica, com músicas e conversas. Na caminhada pelo Centro (ao lado), depredação e confronto com a Brigada Militar



### Sexta-feira de manifestações em várias cidades

Além da Capital gaúcha, outras cidades do Brasil também tiveram manifestações. Em São Paulo, o ato começou pelo Movimento Passe Livre (MPL) terminou em confronto com a Polícia Militar. Manifestantes trouxeram o Terminal Parque Dom Pedro II e queimaram 10 ônibus e 10 ônibus. Mangueiras de incêndio foram arremessadas, casacos, danfones, e 17 cartas eletrônicas, de-

prejudados. Análise a loja foram registrados e quatro pessoas foram detidas com roupas molhadas.

A concentração para o protesto foi no Teatro Municipal. Durante duas horas, o ato – que ocorreu a chamada Semana de Lata por Transporte Público – foi pacífico. Com um efetivo de 800 homens, a PM inicialmente havia contabilizado 300 pessoas, mas ao longo da

noite o número chegou a 3 mil.

Em Campinas, ao menos 20 pessoas foram detidas após protesto também terminar em confronto com a polícia. Em Natal, os manifestantes destruíram um automóvel da Rede TV Cabugi, afiliada de Rede Globo no Rio Grande do Norte. Belo Horizonte e Curitiba, também tiveram protestos, mas sem incidentes.

### SAPUCAIA DO SUL

#### Bloqueios na BR-116 para obra em viaduto

Do começo da manhã até o início da tarde de domingo, a BR-116, em Sapucaia do Sul, teve bloqueios em decorrência de obra para construção de viaduto. A interrupção ocorreu no km 253 do sentido Invernês-Capital, das 7h às 14h. Conforme o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), serão colocados 18 vigas no viaduto e, a cada operação, o tráfego será interrompido por cerca de 15 minutos.

A noite, o trabalho será realizado pela Avenida Hugo Garcia. Das 18h às 19h, será interrompida a passagem de pedestres, mas sem interferir no tráfego da rodovia. Em caso de chuva intensa, os serviços serão adiados.

### AVENIDA ICARAÍ

#### Canalização altera trânsito na Capital

Obra para melhorar as condições de trânsito em uma das principais avenidas da Capital altera o trânsito na Avenida Icaraí, na zona sul de Porto Alegre, a canalização do Arroyo Camilândia, em uma nova etapa na segunda-feira. Com a obra, será iniciada a implantação de galeria pluvial na avenida. A obra realizada pelo Departamento de Transportes (DTP) faz parte do Programa Integrado Socioambiental (Pisa).

Por causa dos trabalhos, o sentido Centro-Sul, entre a Rua Doutor Gregório Velho e o Arroyo Camilândia, ficará bloqueado. Com isso, os ônibus do sentido Centro terão sentido duplo de circulação. Os trabalhos deverão durar 40 dias.

### GRAVATAÍ

#### Greva afeta serviços de saúde e educação

Um greve por melhores salários, funcionários da Clínica – que presta serviços ao município de Gravataí – paralisou atividades. Outros, um grupo fez um protesto em frente à prefeitura. A empresa obteve mandato de segurança na Justiça que impede a sua substituição. A prefeitura entrou com ações de inconstitucionalidade para tentar derrubar a greve.

Cerca de 70% da população (Idosos e menores) está sendo afetada, e desde ontem (quarta-feira) funcionários deturam de vários pontos de saúde – serviços e procurador do município João Paulo Torres.

Representantes da empresa não foram localizados pela reportagem.

Figura 13: Reportagem da Zero Hora sobre ações violentas e lúdicas (Fonte: Zero Hora, 2013)

### 5.4.1 Ações Violentas

Entende-se pela categoria “ações violentas” qualquer ação que promova dano físico ou material, seja a partir da quebra de equipamentos públicos e privados, enfrentamentos físicos com autoridades, policiais e/ou população. Durante as manifestações, esse tipo de ação foi interpretado pela imprensa como “vandalismo”, não fazendo parte das formas legítimas de manifestação, mas tratando-se de um

crime. Ressalta-se que essas formas de ação, tanto a depredação material quanto o confronto físico, são consideradas performances de ação coletiva contestatória, na medida em que expressam algum tipo de reivindicação.

As ações violentas aparecem no gráfico já em 2005. Entretanto, nesse ano, referem-se principalmente à queima de pneus e à depredação de prédios públicos como a ATP, no qual foram jogadas pedras. Contudo, é apenas em 2013 que essas ações ganham destaque, tornando-se parte da principal performance do ciclo de protestos. Além da depredação de prédios públicos, em 2013 também foram registrados depredação de prédio privados, saques e danos materiais a propriedades privadas (como carros e estabelecimentos de pequeno comércio), queima de containers de lixo, queima de ônibus e enfrentamento com a polícia.



*Figura 14:* Ônibus queimado na Avenida João Pessoa, em Porto Alegre (Foto: Autoria desconhecida)<sup>27</sup>

Foi possível observar a emergência de uma estética própria como parte dessa performance (rostos cobertos, pedaços de madeira, acessórios de defesa). As

---

<sup>27</sup> Disponível em [http://historiandonovestibular.blogspot.com.br/2013\\_08\\_01\\_archive.html](http://historiandonovestibular.blogspot.com.br/2013_08_01_archive.html) - Acesso em 15/08/2015.

próprias mensagens faziam referência a esse tipo de ação, exaltando a resistência, defendendo a legitimidade e buscando referências em outras mobilizações combativas. Em um determinado momento do processo, os atores que promoveram esse tipo de performance foram chamados de *Black Blocs*<sup>28</sup>, em referência a atuação dos grupos antiglobalização nos protestos em Seattle, nos Estados Unidos, em 1999.

Essa categoria de performance violenta aparece como novidade em 2013 devido sua baixa recorrência ao longo dos anos. Além das manifestações específicas sobre o transporte, sua ocorrência praticamente não foi registrada nas demais manifestações que ocorreram no Rio Grande do Sul em anos anteriores.

		Ano de ocorrência do evento:									Total
		1970	1975	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2010	
Registro de uso de violência por parte dos manifestantes:	Não	118	98	431	705	483	210	277	254	86	2662
		99,2%	99,0%	98,0%	99,6%	98,2%	98,1%	96,9%	93,0%	100,0%	98,0%
	Sim	1	1	9	3	9	4	9	19	0	55
		,8%	1,0%	2,0%	,4%	1,8%	1,9%	3,1%	7,0%	,0%	2,0%
Total		119	99	440	708	492	214	286	273	86	2717
		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 4: Registro de violência dos manifestantes por ano de ocorrência de eventos de protesto<sup>29</sup>

Percebe-se na tabela que, entre 2.717 eventos de protesto registrados no banco de dados, de 1970 a 2010, aparecem apenas 55 ocorrências. Se isolarmos a categoria de transporte, dessas 55 ocorrências de performances violentas, 2 ocorreram em manifestações com a temática do transporte em 2005 somente. Em 2013, no entanto, de 20 eventos de protestos analisados, 14 continham o registro do uso de ação violenta.

No relato dos manifestantes, essas performances não eram decididas em assembleias, e algumas delas eram discutidas em grupos que tinham autonomia em

<sup>28</sup> Ver sobre em MASSOT; VAN DEUSEN, 2010.

<sup>29</sup> Tabela feita a partir dos dados do banco sobre repertórios desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE-UFRGS). Ver sobre no capítulo 2.

relação ao Bloco para realizar suas ações. Contudo, algumas ações são legitimadas pelos manifestantes, no momento em que são classificadas por eles como ação direta, a qual refere-se

a uma forma de ativismo que utiliza métodos imediatos para produzir mudanças [...] é importante considerar que a concepção dos ativistas quanto ao caráter das ações violentas que praticam não constituem ações desordenadas ou aleatoriamente destrutivas, muito menos se destinam a afetar pessoas. Voltam-se, pelo contrário, para a destruição de propriedades e são cuidadosa e previamente planejadas pelo grupo, com o intuito de confrontar valores consagrados pelo capitalismo (SARAIVA, 2014, p. 88).

A ação direta já vem sendo desenvolvida ao longo dos anos por grupos com inspirações anarquistas. O que diferenciou as ações de 2013 – as quais chamamos aqui de ações violentas, como composição de uma nova performance – das ações diretas foi, principalmente, ações na forma de saques, de depredação de propriedades privadas, de queima de ônibus e containers, etc.

Com relação a ações como quebra de bancos, como, sei lá, fogo em container, a gente também nunca discutiu muito nas assembleias do Bloco assim, nunca foi uma coisa que, inclusive por questões de segurança, né, a gente achava que esse tipo de discussão não é uma coisa que a gente faz numa assembleia pública, né, mas sempre foi uma questão que por não ter uma orientação, uma discussão, o Bloco de Lutas nunca se colocou nesse tipo de discussão pública, com intenção vamos dizer de fazer, sempre foi um tipo de ação que grupos de pessoas fizeram, que eu acho que tem a sua legitimidade também, enfim, tem uma avaliação se isso é o mais correto ou o menos correto naquele momento, né, mas também não dá pra fazer aquele discurso que isso prejudica como um todo a mobilização, que isso é algo que esvazia politicamente o conteúdo da marcha, que tem os manifestantes bonzinhos e tem os maus manifestantes, né, eu acho que é uma questão da natureza do Bloco que é um espaço que não, vamos dizer assim, centraliza todo mundo, as decisões que se tomavam ali não eram decisões que obrigatoriamente todo mundo tinha que cumprir, né, e isso tem o lado positivo e o lado negativo também, mas eram ações que, enfim, as pessoas faziam e não tinha muito controle, né, acho que era acertado pro Bloco não ter um papel de polícia também naquele momento, que alguns grupos que nós mesmos avaliássemos que aquilo ali não deveria ser feito porque o objetivo era outro, não tinha muito sentido, era muito mais, quer dizer, tinha discordâncias com algumas ações que se fazia, inclusive a gente avaliava que algumas ações que se fazia eram feitas por pessoas infiltradas no movimento, não eram pessoas

do movimento que faziam, né, então a gente sempre teve muito bem claro isso assim, né, que algumas ações eram feitas por pessoas próximas, por pessoas que tavam em algum momento, que participavam do, isso a gente até acha que sim, que acontecia, algum tipo de ação que ninguém sabia quem que fazia, também tinha muito bem claro isso, então, a polêmica sempre existiu em torno do uso de máscaras, como o uso de alguns tipos de ações, mas nunca foi uma coisa assim consensuada e nunca, vamos dizer, foi um debate que o Bloco debatesse no cotidiano como forma de ação mesmo, com intencionalidade...e acho que é isso assim...o Bloco de Lutas como tal nunca debateu mesmo assim (ENTREVISTA 1).

A entrevista 1 argumenta que esse tipo de ação não havia sido discutida no Bloco de Lutas. A disputa pelo significado do que é um bom e do que é um mal manifestante contribui para a conformação dessas ações. O Bloco, como articulador de diversos grupos com diferentes ideologias, não se posicionava diretamente no debate (não se pretendia “ter o papel de polícia”), dando autonomia aos grupos. Mas, como vemos no depoimento a seguir, discutia-se questões de segurança durante as assembleias, e alguns atores abordavam questões sobre as performances que continham ações violentas.

De repente, caralho, não! A gurizada tá vindo aí e tá fazendo algo que nós não temos como dizer não. Como é que tu vai dizer pro moleque da periferia, que tomou bomba da polícia, que ele não pode quebrar a Honda? Meo, quebra mesmo, mas te liga. Sabe? Nas grandes assembleias públicas, eu lembro que eu levantava cartazes assim: ‘ galera, quebrar não, mas pixar tá liberado’. Vamos institucionalizar o pixe então. Pode prender alguém por pixar, mas a gente consegue com advogado na porta da cadeia retirar. Agora se tu quebrar, a gente não consegue ir lá com o advogado lá na porta da cadeia e te tirar da cadeia. Então pixa, pixa tudo. Placa de trânsito, pixa sinaleira, mas não quebra. Esse tipo de coisa (ENTREVISTA 10).

A preocupação era principalmente com a segurança dos manifestantes. A interpretação das ameaças que se colocava para a ação contribuía para pensar que tipo de performances eram mais “toleradas”. A entrevista demonstra que o *pixe* era uma alternativa pensada à depredação.

E vindo então esse bloco de pessoas que eram muito novas, que era o Black Block. Pessoas sem o conhecimento político, que foi o que se perdeu um pouco, porque, por exemplo, lugares

pequenos serem atingidos, sabe? Isso também era triste, sabe? Tipo, eu sou totalmente contra que... Eu não sou pacifista. Acho que o pacifismo ajuda não os fracos, mas sim os opressores, os fortes, mas tipo, eu não sou a favor de bater nessas pessoas que tão indo de encontro aos bancos, a qualquer lugar que elas queiram destruir, a destruição. Só que também essa destruição... Quem batia neles? Eram os pacifistas, os verdes e amarelo pacifista, que eram o 'não à violência' e que iam lá e batiam neles. Mas ao mesmo tempo eu ficava muito incomodado quando eu via que aquilo, aquela ação massa de destruição que queria, tavam sem propósito. Porque daí o cara quebrava o cara, quebrava o salão de beleza, sabe? Um comércio pequeno, que geralmente é de uns senhores? Ah, tá, tu quer discutir politicamente com essas pessoas, beleza, mas não, sabe, não é por aí. Acho que começou a perder o foco e acho que tava errado de um lado, de alguma forma e nem sempre, e do outro, que eram os pacifistas, totalmente errado, era triste ver essas pessoas se digladiando (ENTREVISTA 13).

A entrevista apresenta o argumento de que existia um tipo de performance na qual a mensagem não dialogava com a população, e na qual os atores que a realizavam não entendiam politicamente o sentido da ação (“pessoas muito novas, sem conhecimento político”). A entrevista mostra que a interpretação sobre o certo e o errado na manifestação tem fronteiras borradas. A percepção sobre as ações dos pacifistas e dos que chama de Black Blocs demonstra suas incertezas. Interpreta que a eficácia das performances dos “pacifistas” é para os “opressores”, enquanto as performances violentas dos “Black Blocs” não dialogam com a população.

Só a ideia da outra mudança, estética, tática que eu esqueci de falar que a questão das depredações. No início eu verificava, quando elas começaram a acontecer, que foi a partir do momento que começou a ter umas duas, três mil pessoas já, elas eram essencialmente política assim, elas atingiam bancos, elas atingiam anúncios publicitários da Copa do Mundo ou da Coca Cola e basicamente isso. Depois, quando tinha vinte, trinta mil pessoas, essas manifestações políticas seguiam existindo, mas também tinha, depredações políticas, perdão, mas também tinha depredações que me pareciam não ter nenhum critério, sei lá, tu depredava o salão de beleza da fulana, o mercadinho do fulano, coisas que não pareciam ter um objetivo político assim, sabe, e teve o fenômeno dos saques no Brasil inteiro e aqui também que eram as pessoas saqueavam lojas, entravam em lojas pra saquear e tal (ENTREVISTA 3).

A entrevista 3 apresenta dois momentos distintos das performances violentas: primeiro, percebeu-se o ataque aos símbolos do capitalismo (alvos da manifestação), e, posteriormente, quando massificada a manifestação, os alvos não apresentam mais

um objetivo político (saque a lojas, depredação do salão de beleza, do mercadinho, etc.). A novidade da ação encontra-se justamente neste caráter despolitizado das performances. Ainda que sejam interpretadas pelos manifestantes como “sem objetivo”, elas fizeram parte das manifestações, contribuindo na construção do que foi o ciclo de protestos de 2013 tanto quanto a presença da bateria, por exemplo.

No início quando era o foco... eu tinha até pensado assim. Aquela primeira da prefeitura eu quebro as janelas, toca a tinta. Bom, há um foco ali. Há uma ação política dentro de um símbolo: uma prefeitura, um espaço político. Mas descambou, virou uma insatisfação enorme, fica essa equação assim: polícia sentando a lenha e a galera não tendo como... sendo totalmente amassada. Se tu não tem como tu confrontar a polícia, a galera já vou quebrando patrimônio. Essa foi o que eu visualizei, só que daí foi extremando, extremando. Cada vez surgindo novos elementos, tipo jovens, crianças e adolescentes que tavam ali pela função mesmo. Viram na TV, ‘bah, o negócio tá pegando lá no centro, então vamos lá fazer o que a gente quiser’. Então ali não tem como concordar. Não digo que as outras ações, elas são questionáveis também, mas elas tão dentro de um contexto. Depois ela sai muita e degradingola. Aquela última foi absurda pra mim, do museu né... Um guri foi tentar puxar a bandeira do Brasil, daí foi tentar queimar a bandeira do Brasil, daí nisso já olharam pro Museu e já começaram a jogar pedra. Uma coisa meio esquizofrênica assim, sabe. Daí tavam já começando a jogar qualquer coisa, não tinha uma lógica. Então não tem como concordar na real. Mas essa ação mais direta assim, ela é provável, mas muitas vezes ela tem o caráter muito político forte assim, sabe? Tipo tu poder agir de uma forma... porque tava muito... essa sensação de impotência. Tu te vê... Digamos, ah, tô pensando no tiozinho de cara ali que vai aumentar o troço e vê a galera e pensa ‘ah, é isso aí mesmo’. Tinha esse discurso na rua também um pouco. De, ‘bah, tem que fazer isso mesmo, chegou a hora do pessoal botar a bronca, tem que ter um pouco de revolta’. Mas claro, revolta pode não ter limite, pode ultrapassar qualquer... E foi um pouco o que aconteceu. Saiu totalmente do... descarrilou o trem que tem muita potência, que tem muita energia. Que dependendo de onde tu coloca ela, coisas acontecem né. E foi o que aconteceu (ENTREVISTA 1).

Ao mesmo tempo que eu acho que tem que ter em alguma medida a ação direta, eu acho que ela tem que ser canalizada por um lado. Jogar merda na Zero Hora é um tipo de ação direta, agora quebrar banquinha do tiozinho lá, que trabalhou o dia inteiro, perde um pouco o sentido. E no final agente começou a ficar puto assim. Começou a se sentir massa de manobra total dos Black Blocks. Agente ia pras assembleias, ia pra coordenação e depois ia pra assembleia. Tirava toda uma linha, chegava lá e os caras faziam totalmente ao contrário, eles nem iam né, pras reuniões, não reconheciam. E bah, é isso, né. Os caras se aproveitavam da gente, que era muita gente. E era isso, eles pegavam e corriam e a gente tinha... Ba, eu lembro assim de brigar muito com um cara que tava lá. Ba, meu... Eu tô

amarrada num surdo de 6 quilos, sabe... Tu faz os negócios e sai correndo e eu fico aqui, sabe? No final é isso. A gente da bateria era retardatários do recuo. A gente não conseguia, por que...tem uma bateria, as coisas são pesadas e aí a gente apanhava. A gente apanhou várias vezes, mais do que deveria, por causa de uma galera que agente discordava das ações. Então eu acho que, no final, os Black Blocks fizeram um baita de um desserviço. Tanto que se tu pegar a finalera de 2013, as últimas manifestações da jornada ficaram meio que só eles. Foi saindo, foi saindo e aí... sei lá, o PSOL e o PSTU fazia um ato lá, a gente quase já não fazia, ou se fazia, fazia umas coisas mais, com as escolas durante o dia assim. Porque tinha um pouco de receio disso, e a galera tipo, parte da galera dos anarquistas tentando se desvencilhar porque também foi uma sacanagem com os anarquistas organizados, que tinham essa marca de usar preto e fazer ação direta, só que eles não eram essa galera inconsequente que saia quebrando tudo. Então eu acho que sim, em certa medida a repressão... claro, a repressão não se justifica, nada justifica a repressão. Mas acho que em certa medida que o receio que a população tinha em relação das manifestações, tem razão no sentido desse vandalismo despropositado. Que era uma gurizadinha, de treze, quatorze anos. Tipo, uma gurizada muito nova, e que faltou isso. Alguém que conseguisse canalizar essa raiva deles (ENTREVISTA 8).

Existe, nos depoimentos das entrevistas 1 e 8, uma legitimação do que chamam de ação direta. Contudo, muitas ações foram realizadas, segundo os entrevistados, por adolescentes que viram um canal para descontar sua raiva frente ao sistema que os exclui, respondendo através de saques e de depredações. A maioria das pessoas detidas pela polícia foi de adolescentes, chegando quase a totalidade, segundo advogado entrevistado (entrevista 11).

Eles viram a oportunidade de responder ao Estado a violência cotidiana que sofrem, e fizeram o que sabem fazer, roubaram, quebraram, confrontaram a polícia. Muita gente no Bloco ficava receoso, pois não faziam parte das nossas ações, e a mídia estava nos criminalizando por elas. Mas eu não culpo a gurizada, essa foi a manifestação deles, e em 2013, teve várias manifestações, de cada segmento, uma com sentido diferente (ENTREVISTA 14).

Suas performances fazem parte desta disputa interpretativa sobre os sentidos das manifestações. Segundo os entrevistados, esses adolescentes viram, pela mídia, a possibilidade de adaptação das ações diretas realizadas pelos manifestantes para seus interesses próprios. Interpretaram, ainda, uma janela de oportunidades para dar resposta às violações que sofrem no dia-a-dia, adaptando de suas trajetórias

violentas, seus mecanismos de sobrevivência, trazendo ações que configuram um ato infracional para o centro do processo do confronto político.

Os jovens saquearam, botaram fogo nas coisas, fizeram e aconteceram, e a gente se ofendeu um pouco, porque meio que tirou a legitimidade da nossa ação direta. Só que sabe, eles que sentem a violência do Estado, a gente não, a classe média experimentou ela pela primeira vez em 2013, e esses adolescentes desde sempre sabem que violenta é a polícia. Que é do Estado, né. Então, cara, eles aproveitaram essa oportunidade e quebraram tudo sabe, viram isso como um grande momento pra responder ao governo algo do tipo “você tem que ter medo do que a gente pode fazer, e não a gente de você” e somou isso as manifestações. Viram na mídia a gente resistindo a polícia, quebrando símbolos do Governo e que representam o capitalismo, bom, se identificaram, e trouxeram a sua forma de agir pra rua, entende (ENTREVISTA 15).

#### 5.4.2 Ações Lúdicas

Em contraste com as performances compostas por ações violentas, as ações lúdicas também fizeram parte do ciclo de protesto de 2013. Brincadeiras, atividades de entretenimento, diversão em geral foi característica desse processo de contestação. As manifestações

são sempre métodos de expressão pública de primeiro plano. Porém, contra os desfiles sérios e a passo lento, novas táticas foram aplicadas. As manifestações tornaram-se espaços onde se canta e dança: canções em voga são adaptadas com letras militantes, as canções de Zebda são recuperadas coletivamente, grupos de percussão marcam o passo ao ritmo do samba, e a monotonia da marcha é quebrada por arranques repentinos. As manifestações converteram-se também em ocasiões lúdicas de disfarces, de paródia teatral ou de transgressão carnavalesca: emblemática, a Gay Pride tornou-se um acontecimento tão incontornável como as manifestações do primeiro de maio. Toda a manifestação que se preze deve ser colorida e atraente – a menos que, por contraste, adote a estratégia do tudo-de-branco ou do tudo-em-silêncio, como aconteceu na Bélgica, nas manifestações que ocorreram na altura do caso Dutroux. [...] A militância personalizou-se (CEFAI, 2004, p. 141).

O nome do ator que promoveu o início das manifestações teve o lúdico como inspiração. Muitas performances que ficaram conhecidas tinham esse caráter, como

a “tropa de nhoque”.

Nem todo mundo que tava lá tava pela plenária, muita gente que tava lá, tava pela junção. Mas a junção era politizada. Então eu fiquei muito nessa energia de ficar nos grupos fora, e trabalhando. Tipo, entre meia-noite e as 2 da manhã, a gente tinha uma oficina de palhaço pra fazer a Tropa de Nhoque. A Tropa de Nhoque ia lá incomodar, né. Chegou a mídia, a gente conseguiu impedir que entrasse a polícia, que entrasse a TVs, sem ser na nossa hora. Uma tropa de palhaços, com uns isopor quebrado como escudo, e isso serviu para frear. Então isso nos deu uma sensação muito clara de que ‘estamos sabendo o que estamos fazendo’. Eu faço aquela entrevista que ficou clássica, dos Mascaristas Anarcados<sup>30</sup> e tal. É uma forma de fazer protesto, é uma nova forma de fazer protesto (ENTREVISTA 10).



Figura 15: Tropa de nhoque<sup>31</sup>

Personagens, cenas e músicas teatrais se apresentaram como contraponto à

<sup>30</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=b9YDrGgUEks> - Acesso em 10/09/2015.

<sup>31</sup> Disponível em <http://vindodospampas.blogspot.com.br/2013/07/tropa-de-nhoque-pra-reagir-contra-tropa.html> - Acesso em 20/09/2015.

dinâmica quase bélica das manifestações, propondo uma dinâmica carnavalesca.

Essa eu lembro muito, que era uma briga minha, que chamava Bloco. Bloco por que Bloco de Carnaval, a gente vem pra rua, tirando onda de quem tá sacaneando a sociedade, a proposta inicial era essa. Grandes procissões com tambor, com música, com adereços, com alegorias, com aulas se possível fosse, pra sociedade simpatizar com o movimento. Essa era a ideia inicial, daí que chamava Bloco, Bloco de Lutas. E rapidamente se espalhou pelo Brasil inteiro, hoje tem Bloco de Lutas. Acho que o pessoal usa a expressão Bloco pra blocado, já viraram os Black Blocs. Mas a ideia era Bloco de Carnaval. Carnavalizar com as ações políticas, que é muito a minha bandeira. Se através do discurso de palanque agente não convence ninguém de que tem que mudar, vamos mudar a maneira de agir nesse momento político, porque isso vai trazer gente junto, porque as pessoas estão cansadas da mesma violência. Em 2013 começa essa ideia, 'vamos fazer política de uma nova forma, nós vamos e ninguém nos freia' (ENTREVISTA 10).

A entrevista 10 apresenta a ideia para o nome “Bloco de Lutas”. A arte como ação política dialoga com as pessoas, segundo a entrevistada. As performances lúdicas como alternativa às performances tradicionais são expressas na ideia de “carnavalizar com as ações políticas”. Nesse sentido, o Bloco de Lutas se apresenta como bloco de carnaval. Essa “nova forma de fazer política”, como afirma a entrevistada, diz respeito à trajetória daqueles que propuseram essa ideia, com a adaptação da linguagem artística para o confronto político.

Essas performances, que trazem o lúdico como característica, não foram observadas em anos anteriores. Tal novidade diz respeito, como vimos anteriormente, à entrada de novos atores, os quais possuem esse tipo de linguagem em sua trajetória.

O lúdico aparece, ainda, como contraponto à interpretação que alguns manifestantes fazem das manifestações tradicionais, entendidas como chatas, quadradas, dialogando pouco com a juventude atual. A proposta seria uma manifestação divertida, que agregasse mais pessoas, estimulando a participação e a receptividade.

A gente queria que fosse diferente daquelas manifestações

chatas dos sindicatos e tal. Tá certo que eles tavam com a gente também, mas não queríamos o discurso tradicional, nossa forma de luta tinha que ser tipo com a linguagem do largo vivo, defesa, uma linguagem da alegria, brincadeira, que é o que agrega né, que chama, que faz as pessoas participarem (ENTREVISTA 14).

agente vinha com a teatralidade através da música, que o teatro tem por si assim, de poder formar um grande bloco de rebeldia, dizendo muita coisa através das suas máscaras, suas danças, seus narizes, suas músicas, seus estandartes, e acho que acaba... Sempre comunicou muito com a população por causa dessa alegria, porque tem uma música que vai tar sendo entoada o tempo todo, não vai precisar ninguém parar e dar um discurso de horas pras pessoas que tão super cansadas do seu dia e que não tão afim de ver, que ficam chateadas que tão trancando o transito, sendo que não podem ir pra casa, então elas vão até receber aquele momento que, pra elas muitas vezes é incomodo, por mais que elas concordem que se tem que reduzir o valor da passagem. Aí elas olham pra aquela forma teatralizada e conseguem se conectar com aquilo de alguma forma, porque a pessoa gosta de samba, porque a pessoa gosta de algum tipo de música e ela vai se reconhecer naquilo e ela vai absorver aquilo que uma forma muito mais orgânica e aceitar aquilo que a gente tá falando, muito mais do que um discurso partidário, político de horas, ou um papel, um panfleto, que daqui a pouco ela não vai ler, sabe? Eu acho pra mim, assim, pela minha militância que eu tenho com teatro eu acho que essa é a forma que eu acho que dialoga, que dialoga com a população (ENTREVISTA 10).

Muitas pessoas viram nas manifestações um momento de sociabilidade. Bebidas, amigos, romance foram relatados como motivos de participação, para além da causa.

A era evidente que as pessoas queriam ir na manifestação para encontrar os amigos né, tomar uma ceva, eu mesmo fazia isso. Eu sei até de histórias de amor que nasceu lá (risos). Acho que faz parte. Grande parte foi pelo social, minha irmã mesmo, só foi pra reunir os amigos, de certa forma era uma superdiversão (ENTREVISTA 15).

Porém, a ideia de que "manifestação não é festa" esteve presente no discurso de muitos atores que participaram do ciclo de protesto de 2013, demonstrando alguns limites para as performances lúdicas. A manifestação na Praça da Matriz, ocorrida em 27 de junho de 2013 e que se manteve concentrada na praça, sem deslocamento, com shows e clima festivo, foi um exemplo desses limites.

Na verdade a gente construiu. Esse dia na Matriz a gente até

tocou, tocou bastante. É, na verdade assim. Esse ato na Matriz foi um ato de desespero. Porque ele foi feito bem no coração das jornadas de julho. Eu tava pensando... eu também achava que ela era mais pro final, não, não ele foi bem no coração mesmo das jornadas... E foi um ato de desespero, porque a análise que a gente fazia na época, na coordenação onde agente tirou isso, era se a gente faz um ato caminhando, a galera vai quebrar tudo. Então era assim, na época esse ato foi bem assim mesmo, vamos se diferenciar dos Black Blocks no sentido de olha, se a gente tá andando, eles vão se aproveitar disso e vão quebrar tudo. E a gente fica de massa de manobra. Se a gente fica parado, bom eles não vão sair quebrando porque é isso, né. Agente vai estar ali, as pessoas vão ver quem eles são. Então foi um pouco nesse sentido. Mas igual deu aquele problema lá do.... Bah, não sei qual é o prédio, aquela da frente do ministério... não sei o que. Da justiça, né. Que deu todo o processo do menino, do menor, do Guilherme. Foi nesse processo que indiciaram ele, que vários de nós fomos indiciados juntos por formação de quadrilha. Tipo, os coordenadores do Bloco estavam junto no processo por formação de quadrilha, como se a gente tivesse incitando eles a fazer isso. E a gente tava lá, bem parados assim. Então, eu imagino se a gente não tivesse feito isso. Eu aceito a crítica de que foi um ato-show. Concordo que ele perde um pouco a..., a... não sei se é bem a existência. Mas ele perde um pouco o caráter contestatório, de tu tá trancando a rua, de tu estar fazendo toda uma função. Então também assim, agente trancava a rua de noite... então tem que fazer aquela meia culpa. A gente trancava a rua um pouco, não dava todo esse efeito, mas tudo bem. Mas foi uma medida de desespero. A avaliação que a gente fez na época, que eu concordo e continuo concordando é que se a gente tivesse um ato tradicional... é que assim, a gente não tinha... Os livros mesmos sobre a ditadura militar que falam sobre a dificuldade de tu garantir os recursos humanos, e a gente chegou num momento que a gente quase falou isso. Olha, a gente vai perder militante porque as pessoas estavam fisicamente desgastadas. Pô, era duas vezes por semana levando bomba na cara. Tipo, coisa dos instrumentos era um a mais, porque pesava, machucava e levando bala de borracha. Tipo a gente não tinha mais corpo pra garantir uma manifestação que pudesse dar repressão de novo. Então foi quase que um suspiro (ENTREVISTA 8).

As manifestações que tem performances conflitivas como base são entendidas por muitos manifestantes como eficazes por, de certa forma, pressionarem (através do medo) as autoridades públicas. Performances lúdicas se apresentam interessantes na medida em que dialogam com a população e apresentam menos riscos para a ação. A entrevista 8 apresenta a escolha de fazer uma manifestação com o lúdico como única estratégia, para evitar a repressão que, na interpretação dos organizadores, estava desgastando a ação coletiva. Porém, em sua diversidade de atores, não foi compreendida por muitos como eficaz, por entenderem que o conflito é a melhor forma de pressão. Contribui, assim, para pensarmos o lúdico enquanto

performance de contestação.

Tava tendo um problema concreto, quando massificou, setores mais periféricos começaram a participar das manifestações e daí a forma que eles extravasam a sua indignação é diferente, teve saques, teve quebra-quebra, então a nossa preocupação naquele momento era como é que a gente coloca panos quentes nessa maneira de atuação, porque se o Bloco faz uma manifestação...porque aqueles saques assustam a população, todos os trabalhadores que trabalham no centro, ficava aquele clima de guerra, sabe, as sete horas fecha as lojas, no dia seguinte tem que reconstruir vidro de banco, vidro de loja, e não havia essa, naquele momento não havia essa distinção de oh agora vamos quebrar só o banco, quebrava tudo que vinha pela frente, era uma onda de gente indignada, de gente que não tinha acesso a direitos e a serviços e que encontrou aquela forma de atuação... quebrava, saqueava e não eram organizados no Bloco, então a gente pensou uma forma de tentar talvez diminuir esse método, né...eu acho que essa ideia foi muito interessante, mas ela não dialogou com esse perfil, ela não dialogou com esse público e talvez um erro tenha sido das bandas que a gente escolheu eu acho, eu não fiz parte dessa escolha, mas eu acho que talvez Apanhador Só e outras que tavam ali respondam a um público universitário, um público classe média e talvez as pessoas que tenham escolhido isso sejam desse público, tenham pensado dessa forma, talvez se a gente tivesse colocado uns raps, uma galera do hip hop, talvez a recepção tivesse sido outra e talvez até pelo conteúdo mais político que essa galera tem, eu adoro Apanhador Só (risos), uma e outra música até pode ter algum conteúdo político, mas nem é esse o propósito da banda, né...então...só que é isso, eu não sei até que ponto não tinha provocadores infiltrados ali porque aquele momento era um momento seguinte de se eu grito mais alto e quebro algo, todo mundo vem junto, né, e aí começaram a arremessar garrafas contra o caminhão de som naquela hora, foi bem tenso...e participei da reunião com o Tarso naquele dia e aí é o seguinte o Palácio Piratini está aqui, aqui tá a Praça da Matriz, aqui tá o Palácio da Justiça, aqui está o caminhão de som e pessoas começaram a arremessar garrafas pra cá, né, essas pessoas se indignaram, não aceitaram o ato da maneira que tava sendo feito e elas romperam com o ato e seguiram por essa rua aqui e daí deu treta, deu quebra-quebra, deu roubo e nós saímos por aqui e eu tô sendo acusado de arremessar pedras contra policiais e de agredir pessoas e de roubar e tudo mais e eu nem passei ali pela frente do Palácio da Justiça...e esse inclusive é o dia central no processo de criminalização (ENTREVISTA 2).

Semelhante à entrevista 8, a entrevista 2 argumenta que essa manifestação na Praça da Matriz foi uma alternativa pensada pelo Bloco de Lutas como uma tentativa de diminuir as performances violentas. A proposta, no entanto, não teve boa aceitação dos atores que realizavam esse tipo de performance. A interpretação do entrevistado é que as atrações promovidas nesse ato não dialogaram com esses atores. A resposta

foi trazer o confronto para a ação que pretendia colocar o lúdico como única estratégia. Aqueles que discordaram da forma como foi pensada a manifestação realizaram performances com a ação violenta como característica, resultando no confronto com a polícia.

As performances lúdicas para as manifestações com a temática do transporte público foram novidade nesse período. A sua emergência se relaciona com eventos de protesto que vinham sendo realizados na cidade de Porto Alegre (Defesa Pública da Alegria, Largo Vivo, etc.) que utilizavam o lúdico como forma de expressão das demandas. Se relaciona também, principalmente, aos atores que trazem em suas trajetórias a linguagem da arte como forma de fazer política. A entrada desses atores no ciclo de protestos de 2013 trouxe para as manifestações essas performances, que pretendiam um melhor diálogo com a população e o engajamento. Porém, alguns limites são impostos à rotinização dessas ações. Dependendo do que se pretende, performances que se caracterizam pelo confronto são interpretadas por alguns atores como mais eficazes para a causa, dificultando a realização do lúdico como principal performance nas manifestações.

**PARTE 4 – COMO SÃO GERADAS AS INOVAÇÕES NOS REPERTÓRIOS DE  
AÇÃO COLETIVA, A PARTIR DAS PERFORMANCES PÚBLICAS DE  
CONTESTAÇÃO?**

## 6 “O ESPETÁCULO TEM DATA E HORA MARCADA”: O PROCESSO DE INOVAÇÃO NA LUTA DO TRANSPORTE PÚBLICO

Como visto anteriormente, alguns dos autores que analisaram o ciclo de protestos que tem seu ápice em 2013, explicam o novo a partir da crise de um modelo tradicional de política. A política baseada na institucionalidade e na representatividade, que tem como expoentes os partidos políticos e as instituições representativas, estaria sendo objeto de uma recusa que abriria espaço para uma nova cultura política ou, ao menos, para novas práticas políticas baseadas na horizontalidade e na criação de espaços autônomos de discussão e de ação (ZIBECHI, 2013; ANTUNES, 2013; SARAIVA, 2013; DOMINGUES, 2013).

Este modelo tradicional de política é definido por alguns manifestantes como uma “política dura”, a qual tem algumas práticas características:

Pra ser feita as coisas tem que ser feito assembleia, tem que haver decisões. A partir do momento que você tem muito mais gente complexifica essas decisões. O que acontece, reuniões de quatro ou cinco horas: uma política do cansaço. Dificilmente você aguenta tanto tempo, tu nem processa e muitas vezes tu nem escuta. Ah, quando tem esse carinho anotando o nome, próxima fala o fulano... Essa pessoa que vai fazer a próxima fala, muitas vezes nem tá prestando atenção a nenhuma fala, muitas vezes ela tá só pensando na própria fala. Então, no fim é uma briga de egos. Então, eu digo dura, clássica, porque é... se movimentou muito assim. Quando não se escuta o outro, que já se tem um ponto de vista formado dentro de uma própria base. Você tá representando uma determinada linha. Tu não tá muito aberto a outras, muitas vezes... Quando se tá aberto, entra as rixas, entra as brigas de ego, políticas de determinadas células... Então o movimento estudantil representa muito bem isso. Essas novas safras de movimentos estudantis, de líderes que já vêm filiados... Na Sociais é muito clássico isso. O pessoal já vêm filiado, ou tenta filiar o máximo possível... muita galera no primeiro semestre, que é o momento que a galera tá mais verde. Então, normalmente pega o pessoal mais novo. É irritante, mas ao mesmo tempo é engraçado. Ter o seu partidão ali, e tentar entrar em qualquer espacinho. Ocupar qualquer espacinho, desde que seja para fazer uma nota de apoio quando é dono do espaço. ‘Dono’, isso também é meio bizarro. Então é basicamente isso. Essa política mais dura e clássica, que segue e vai longe ainda (ENTREVISTA 5).

A crise desse modelo é explicada pelos entrevistados, por um lado, por seu distanciamento da população:

De uma certa forma aquele modelo de organização, de onde vinha vindo até então, que era puxado principalmente pelo DCE da universidade, colapsou. Pelo acúmulo que eu tinha e pelas ideias das pessoas que queriam fazer um trabalho de organização mais a sério. Mas já formaram uma base, era meio que marginalizados desse processo de organização, não socializavam a tomada de decisão. Já criticava esse modelo, apontava as falhas dele. Ah, eles são muito, tá muito centrado no ambiente estudantil, universitário, com um discurso que é inacessível à população em geral, que é um discurso de esquerda mais clássico, produzir trocadilho político e que é difícil de isso se tornar uma pauta mais geral com um discurso que está inacessível, né. E tá associado a uma série de outras pautas que são distantes das pessoas ou que até de certa forma afastam elas (ENTREVISTA 7).

Por outro lado, os entrevistados destacam um "envelhecimento" das formas de ação:

O aprendizado principal, quer dizer, a necessidade de formas horizontais, digamos de auto-gestão, pra luta. A outra coisa foi a perspectiva de uma experiência feita com ferramentas que a nossa geração construiu de luta e organização, digamos a classe trabalhadora e o movimento social. Ficou evidente de que elas envelheceram. Envelheceram no sentido político. E a necessidade de se criar novas ferramentas de luta em todos os movimentos, em todos eles. Ou seja, ela teve um caráter muito, digamos, antiburocrático... Engessamento dessas organizações tradicionais, do movimento social. Um pouco do rechaço aos partidos, a responsabilidade é da política dos próprios partidos. E outra, mostrou muito o discurso anticomunista que surgiu disso. Mas é perfeitamente compreensível diante do papel extremamente conivente dessas organizações com o projeto político que nos massacra. Então eu acho que foi um terremoto importante pra todas as organizações, que até agora ele vem em ondas sucessivas ainda reverberando (ENTREVISTA 9).

No entanto, a noção genérica de uma "crise" de um modelo tradicional de organização e de ação políticas e o surgimento de uma nova cultura política, apenas, são insuficientes para explicar o que possibilitou as significativas inovações observadas em 2013, ao mesmo tempo em que, neste ano, intensificam-se as tendências inovadoras que já haviam sido identificadas em 2005.

Na caracterização dos períodos analisados, o ciclo de protestos de 2013 (T<sup>2</sup>) demonstrou centralidade no processo de inovação do repertório com a manutenção de performances inovadoras já surgidas no passado (2005) e com a construção de novas performances, as quais trazem a possibilidade de configurar um novo fazer reivindicatório. Tendo por referência o problema de pesquisa que norteou esta investigação – *como são geradas as inovações nos repertórios de ação coletiva, a partir das performances públicas de contestação?* –, o objetivo deste capítulo é analisar tais performances inovadoras e seu processo de construção.

### 6.1 Dimensões para a explicação do processo

Parte-se, aqui, das dimensões previamente formuladas a partir da teoria e das pesquisas anteriores, sintetizadas no modelo de análise reproduzido novamente em seguida (*Figura 16*). Na explicação do surgimento das performances, estão mecanismos de *adaptação* e de *experimentação interativa*, enquanto, para explicar a incorporação das performances ao repertório, está o mecanismo que chamo de *rotinização*.

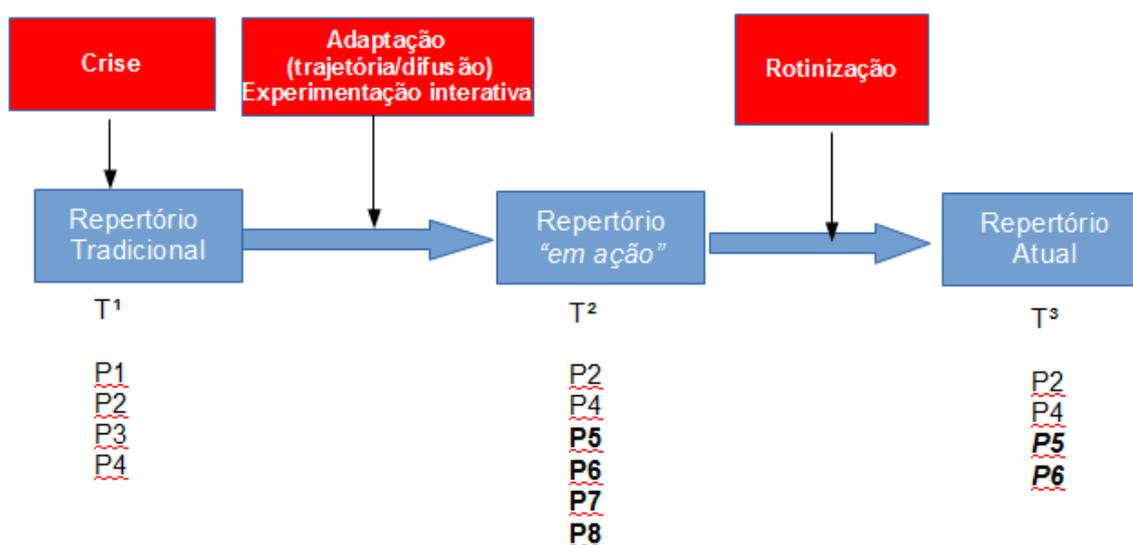


Figura 16: Modelo de análise (Fonte: a autora, 2015)

## 6.1.1 Adaptação

### 6.1.1.1 Trajetória

Segundo os dados apresentados no quarto capítulo desta pesquisa, as manifestações sobre o transporte público que conformam o ciclo de protestos de 2013 apresentaram uma diversidade de atores inédita: indivíduos e organizações que não tinham tradição de se mobilizarem conjuntamente a partir de uma pauta comum estiveram dividindo as ruas. Além disto, indivíduos e grupos sem experiência de ação coletiva prévia também estiveram presentes, compartilhando e, por vezes, disputando o espaço e o sentido dos protestos.

Essa diversidade de atores pode ser observada já no início, com a formação do Bloco de Lutas, e se intensifica após a massificação dos protestos, em junho. A diversidade de atores é, assim, uma característica importante percebida no ciclo de 2013. Porém, *qual a relação entre a diversidade de atores e o surgimento de novas performances?*

Conseguimos visualizar, no gráfico apresentado no capítulo anterior, que, conforme novos atores entram em cena, mais diversificadas tendem a ficar as ações. Percebe-se que, em geral, aqueles que tradicionalmente já se manifestavam trazem consigo uma bagagem limitada de performances que conformam um repertório rotinizado e operam com um script compartilhado. No entanto, novos atores, que não foram socializados naquele repertório, entram em cena, trazendo consigo novas performances a serem encenadas, as quais não fazem parte do repertório rotinizado.

A gente tá acostumado a ver passeata com monte gente igual, com suas bandeirinhas, palanque, palavras de ordem, carro de som, caminhos pré-definidos por uma direção. Em 2013, a gente fez um pouco diferente, claro que em alguns espaços isso aconteceu, afinal, tinha muita gente dessa velha militância [...] velha militância eu quis dizer partidos, sindicatos, desse tipo. Mas como eu ia dizendo, em 2013 tinha um pessoal diferente, que trouxe outras coisas, um exemplo é, acho que se trabalhou com mais ação direta, teve muita música, teatro, no meio da passeata mesmo, até aquela galera da direita com suas bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul traziam coisas diferentes pra marcha. Sei lá, foi muito louco. Também era um espaço de diversão, com bebida, até. Era muito diferente do que

uma manifestação do CPERS por exemplo. Não sei se tu me entende (ENTREVISTA 14).

Então no longo dessas manifestações eu fiquei em várias frentes assim, teve manifestações que eu fique atrás, teve manifestação que eu fiquei no meio, teve manifestação que eu fiquei na frente...então tem várias performances assim na mesma manifestação[...] eu lembro que quando começaram a surgir as figuras dos Black Blocs, por exemplo, não sei se exatamente com esse nome, mas enfim, pessoas todas de preto, com máscaras e tal, porque isso não tinha nas primeiras manifestações com 200, 300 pessoas, isso tinha depois nas outras, com caráter de auto defesa mesmo, os caras iam lá com suas taquaras, com seus skates assim, com coisas bem improvisadas, fazer a linha de frente da manifestação e aí em seguida tinha as faixas e a preocupação era sempre que eles não obstruíssem a visibilidade das faixas, né, que tinha sempre uma ou duas faixas grandes que abriam e depois os cartazes individuais, as bandeiras de partidos, de coletivos e aí ficava a critério de cada organização com sua bandeira, tinha um acordo que cada organização podia ter duas bandeiras pra também não ter cinco bandeiras de uma e uma de outra, né, tinha um acordo mínimo ali que se estabelecia, mas tinha também as individuais, os cartazes que cada um podia levar o que quisesse assim...e também tinham as pessoas que trancavam as ruas primeiro, né, antes da manifestação chegar, geralmente eram os ciclistas que faziam isso com suas bicicletas de lado assim e eles tinham toda uma sinalização, né, com luzinhas e tudo e que apareciam mais e quando era de noite isso era importante, eles trancavam as ruas...mas no momento em que virou vinte mil pessoas, virtualmente não se tinha controle nenhum sobre nada, o próprio Bloco de Lutas que era a entidade legítima que organizava as manifestações, viu a sua legitimidade e o seu poder de organização evaporar assim [...] então tinha manifestações que as pessoas, teve uma que eu fiquei literalmente meia hora na frente da prefeitura, entre a Borges, o largo Glênio Peres e a prefeitura, indo pra frente e pra trás, dando um passo pra frente e pra trás, porque não se sabia pra onde ir e daí e me dei conta que não, que tinha um grupo que já foi e aí eu comecei a correr e tentei alcançar um grupo que tava lá pela Mauá eu acho, porque ali as pessoas tavam paradas sem saber pra onde ir, era meio bizarro assim...então essa questão de ter vários grupos e várias pessoas indo pra vários lugares realmente aconteceu porque se evaporou qualquer senso de liderança assim, de organização, quando tinha muita gente, claro, ainda assim essas manifestações ainda conseguiam reunir um número considerável que ia pela João Pessoa até a Zero Hora, mas outro grupo não queria e já dobrava e ia pro Piratini e já outro ia pela Mauá...e claro que tinha grupos que coincidiam em ir pro mesmo lugar, mas eram muito mais disperso, muito mais caótico a coisa. [...] quando as manifestações aqui já passaram da marca dos 200, 300, já começaram a surgir personagens assim, foi a primeira coisa que me chamou a atenção. Quanto às bandeiras, até chegar esse ponto de ter vinte mil pessoas nas ruas, até aí tinha esse acordo do Bloco de Lutas entre suas organizações para que cada organização tivesse duas bandeiras, parece que era esse o acordo, então os anarquistas tinham duas bandeiras, o PSOL tinha duas, o PSTU tinha duas, o PT que participava bem no início e depois foi expulso tinha

duas, sei lá, a UJS tinha duas e assim, cada organização tinha duas, então a gente sempre via essas bandeiras de forma bem harmônica assim, haviam elas ali e tinha o carro de som que o MST ou o SIMPA emprestava ou dava pros manifestantes e aí as organizações se revezavam na fala no carro de som, e sempre os cartazes daquelas pessoas que quisessem levar um cartaz e ficava sob sua responsabilidade ali de expor seu protesto...e quando começou a massificar muito, houve umas mudanças estéticas consideráveis, começou a surgir o apelo dos sem partido, então havia tensões para que se baixassem bandeiras de partido, [...] e começou a haver também um deslocamento das causas, não era só a passagem, até por que a passagem já tinha sido conquistado o seu rebaixamento, mas se reivindicava que se baixasse mais ainda e uma série de outras questões ligadas ao transporte público eram reivindicadas, mas também surgia uma indignação muito forte contra a corrupção, então começaram a surgir cartazes, muitos cartazes contra a corrupção e aí tu já via cartazes contra políticos e a política de uma forma geral e aí também se inserir esse apelo contra os partidos e...bom, os Black Blocs continuam existindo...e ah as bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul começaram a aparecer aí, e os hinos começaram a ser cantados também, isso não tinha antes, mesmo quando tinha três, quatro, cinco mil pessoas não tinha esse caráter e começou a surgir uma coisa muito engraçada que era aquela bandeira contra a PEC37 eu acho que era, [...] e começaram a aparecer cartazes que era distribuídos, feito em computador ali, não era mais o cartaz feito à mão, eram vários cartazes contra a PEC37, não lembro se era contra ou a favor, mas enfim, cartazes envolvendo a PEC37 claramente feitos em larga escala assim, quase uma coisa industrial assim e também apareciam os ambulantes que tavam sempre vendendo bebida, mas começaram a vender bandeira do Brasil, sabe, capa de chuva, vender, então, se passa a uma indústria em torno do protesto, era quase uma instituição o protesto...a faixa de abertura existiam, mas já não eram o principal foco assim, porque já não existia quase foco na manifestação...e houve essa mudança, dá pra dizer que a manifestação ficou mais colorida digamos assim, porque outros públicos se somaram a ela e mais diversa também, porque os cartazes já expressavam outras demandas que não só aquelas relacionadas ao transporte público, embora elas ainda existissem... (ENTREVISTA 3).

Não, na verdade quando cresceu, as marchas eram engraçadas porque elas tinham alas, né. Então tu tinha, sei lá... a ala do PSOL, do PSTU ou da esquerda partidária. Depois tu tinha a ala nossa, com a bateria, com as coisas. Depois tu tinha a ala da galera mais do PT, com uma pauta mega recuada, na época tavam assim, todo... a, uma galera ficou meio assim, não sei se a gente vai ou não vai. Daí atrás uma galera gritando qualquer outra coisa, bah, assim, era uma loucura (ENTREVISTA 8).

A própria forma como as ações são pensadas difere de acordo com a forma de organização. Aqueles com uma organização mais tradicional pensam suas ações seguindo as diretrizes da organização, expressas por suas coordenações. O que

aparece em 2013, com a diversidade de atores, são pessoas que não possuem esse tipo de tradição e que expressam suas ações a partir de decisões baseadas em outros fatores que não os definidos por uma coordenação.

Porque eu acho que essa é uma das loucuras de 2013. A gente enquanto esquerda organizada, que estava na rua antes, não conseguiu se dar conta do que que é uma manifestação que não reconhece uma coordenação fielmente. Porque eu venho de um lugar, de uma tradição política... Imagina, Via Campesina... Que não tem nem discussão, entende? A coordenação falou que é isso e pronto, vai ser isso. Tu até tem espaços democráticos de avaliação e construção da linha. Mas, depois que tá decidido, é isso (ENTREVISTA 8).

Então uma das características foi justamente uma rebelião em relação a essas formas burocratizadas do movimento social como um todo, movimento sindical, partidos de esquerda e etc., que pra garantir seus privilégios, eles têm que atacar, a primeira coisa que eles têm que atacar é a democracia interna. Então não é um fetiche. Por exemplo, se nós não tivermos um comando... Por exemplo, num evento de massa como eram as manifestações, nós não vamos fazer uma assembleia no meio da manifestação pra discutir se a gente vai se autodefender de um skinhead ou de uma agressão da polícia militar. Tem que ter um comando, tem que ter uma disciplina. Nós não somos... A gente tá sofrendo os impactos da violência de Estado. Mas o canal pra que haja os espaços pra que se discuta, que se pensa, se prepare as ações é fundamental. Esses organismos de democracia direta na população são fundamentais (ENTREVISTA 9).

Os atores conformam suas formas de ação a partir de suas trajetórias políticas e pessoais. Aqueles pertencentes a partidos políticos, a movimentos estudantis e a sindicatos tendem a trazer desses ambientes seus repertórios de ação. A performance está diretamente associada aos papéis sociais da vida cotidiana, sendo ela o próprio desempenho desses papéis (GOFFMAN, 2013) a partir de um comportamento ritualizado condicionado (SCHECHNER, 2012a). As performances, portanto, se fundam nas representações e nas práticas vivenciadas pelos atores nos espaços sociais nos quais se encontram inseridos.

Os indivíduos fazem parte de diferentes grupos e atuam em diferentes instituições ao longo da vida. Por instituições, entende-se “grupos de relações e práticas que se auto reproduzem sustentadas por lógicas particulares de interação que se distinguem dos ambientes ao seu redor e lhes dão sustentabilidade todo o

tempo” (MISCHE, 2008, p. 29, *tradução nossa*). As instituições desenvolvem narrativas que conferem sentido ao passado e tentam dar forma e sentido ao seu futuro, atribuem valores às práticas e às relações e disciplinam as ações de indivíduos dentro delas. Desta forma, as instituições produzem estilos de comunicação específicos que, por sua vez, contribuem para a sustentabilidade dessas instituições (*ibid.*, p. 30)

O conceito “estilo de comunicação” refere-se ao conjunto habitual das formas de discurso e de interação que é considerado apropriado como forma de mediação da complexidade do meio institucional particular:

As diferenças na lógica institucional informam as práticas discursivas – que eu chamo de estilos de comunicação – que estão na base da formação de projetos, relações e **repertórios de ação**. Ambos os projetos de elaboração e de mediação de relações são influenciadas pela forma como as pessoas falam uns com os outros. Alguns tipos de fala facilitam o pensamento intencional através de problemas e possibilidades, ajudando as pessoas a resolver dilemas organizacionais e construir novas compreensões de seus passados e futuros. Outros tipos de fala fecham essa discussão, ou envolvem-na em modelos ideológicos ou convencionais existentes. Da mesma forma, alguns tipos de discurso são mais capazes de atingir toda experiências e interesses divergentes, enquanto outros são mais defensivos e competitivos, construindo barreiras ao invés de pontes. (*ibid.*, p. 40, *tradução nossa, grifo nosso*).

Cada ambiente institucional particular possui, assim, uma lógica de funcionamento própria que produz discursos e práticas específicos, os quais são apreendidos através de estilos de comunicação. A partir de sua inserção e de sua vivência institucional, o indivíduo incorpora, em maior ou em menor grau, a(s) lógica(s) da(s) instituição(ões) na(s) qual(is) atua(m). No entanto, como cada indivíduo participa de muitas instituições durante sua vida, sua ação acaba sendo produto de uma negociação entre as múltiplas formas de identidade e de envolvimento institucional.

No seu estudo, Ann Mische (2008) identifica que militantes provenientes de partidos políticos possuem um estilo específico de comunicação que é diferente daquele trazido por militantes que possuem outras trajetórias institucionais:

Estilos de comunicação são informados pelas lógicas institucionais que predominam em um determinado ambiente

organizacional. Por exemplo, os líderes que começaram o seu envolvimento na pastoral da juventude católica eram reconhecidos por sua maior ênfase na tomada de decisão consensual e integração do grupo, até mesmo aqueles que tinham vindo de um movimento estudantil ou da liderança do partido. Em contraste, aqueles que começaram diretamente nos partidos político, muitas vezes parecem ter um sentido mais cruel e manipulador de disputa entre as facções, assim como a forte concorrência interpessoal. Estes, por sua vez, diferiam dos jovens em organizações empresariais, que desdenhavam a competição partidária, mas que foram, muitas vezes, bastante interessados na autopromoção individual, dentro e fora de suas empresas estudantis (*op. cit.*, p. 40, *tradução nossa*).

O ciclo de protesto de 2013, a partir da diversidade de atores, trouxe para a cena diferentes estilos de comunicação que, então, conformaram novas performances conjuntamente com aquelas tradicionalmente conhecidas. Para demonstração desse processo, apresento o caso de quatro militantes entrevistados com diferentes trajetórias: duas que envolvem o teatro; uma vinculada à política partidária; e outra relacionada ao ativismo de orientação anarquista.

#### 6.1.1.1.1 Entrevista 10: Trajetória

Entrei na faculdade de História aos 17 anos e já fazia teatro. Minha trajetória no *teatro começa da minha infância*, acho que pra controle da minha hiperatividade. Então quando eu chego aos 17 anos e vou pra universidade, eu *já tinha como opção profissional o teatro*. Então eu não quis fazer faculdade de teatro na época, porque eu pensei: teatro eu já tenho a técnica, eu já sei trabalhar com isso, eu já tenho os contatos profissionais. Eu preciso de uma faculdade que me aparelhe com o que me falta. Já tinha ali uma tendência, uma paixão, *pela ideia de teatro que o Brecht tem*. Que é essa de que... vou fazer um resumindo por que acho que isso é importante. O teatro dele seria na margem da sociedade, seria um grande espelho. A sociedade doente, que ela se dá conta que tá no cotidiano, se enxerga refletida monstruosa nesse espelho. Então toma uma atitude pra mudar. O teatro, ele faz esse papel. O ator, ele estaria fora da sociedade porque ele tirou o *plugin*, que faz com que ele esteja todo dia manipulado nessa grande massa de manobra. Mas, ao mesmo tempo, ele não é o marginal, mas ele tá fora. Tá nesse espaço que é do negro, que é do índio, que é do favelado. Ele tem consciência da doença da sociedade, então ele vai se juntar com essas minorias, que são a maior parte, e vai refletir essa doença social pra sociedade que é o igual ao ator, pra se apavorar, que é o grosseiro, o brutal. *Então o teatro de rua já era minha paixão quando eu ingresso na História*. Dentro da História, nos anos 90 isso, né... eu vou cair de cara, nas primeiras pesquisas profundas que eu fui fazer, eu tinha um grupo de amigos que estudava na UFRGS, eu estudei na La Salle em Canoas, e esse

meu grupo de amigos estavam todos na Antropologia, na Arqueologia, fazendo seus mestrados e todos de uma tendência indigenista. Então me caiu uma pesquisa sobre os Sete Povos das Missões. Pesquisas iniciais de PAGU e um amigo, [...], que é um arqueólogo, hoje não tá mais aqui no Sul, me levou na casa dele e disse: 'então tá, eu vou te dar uns livrinhos pra te introduzir no assunto'. E me entregou os papas da discussão indigenista gaúcha, que tem muita gente legal ali naqueles núcleos do Catafesto e tal. E esses livrinhos fora 30 livros que eu levei pra casa e comi com uma velocidade incrível, e me tornei uma indigenista. Na minha faculdade não tinha nenhum professor dessa categoria. Então eu via esse núcleo da UFRGS e pastoral, o pessoal do Seni, lá de São Leo e tal. E eu comecei a atuar como ativista junto aos Mbyá-Guarani [...] Então minha vida de ativista, ela veio por esse caminho, assim... Como anarquista é engraçado dizer que eu começo como ativista como pastoral. Enfim, indigenista, mas pastoral. Em primeiro lugar, que me aceita bem, justamente por eu ter essa pegada artística são as pastorais, essas, as pastorais do negro, a pastoral do lavrador, a pastoral. Tanto luteranas quanto católicas, eu passo alguns anos na minha vida trabalhando com oficinas de teatro pra esses grupos de jovens, facilitados por essas reuniões de igreja. Tipo, fazem esses retiros de carnaval, quinta, sexta, sábado e domingo. Então, a gente ia pra algum lugar retirado com essa galera e durante esses dias eles faziam uma super formação comigo. Aula de manhã, de tarde e de noite e no final *a gente fazia uma montagem, pelo método do Augusto Boal, que... teatrólogo, que foi exilado*, assim como Paulo Freire, aquela galera da geração que, por pensar que através da educação se atingiria uma sociedade mais livre. Tá, fui para o Espírito Santo, trabalhei no Espírito Santo até 2001. No interior do Espírito Santo, com comunidades de neoassentados. Primeiro com... E aí cobrimos uma região de alta serra do Espírito Santo, que vai ser a região que vai fazer fronteira com Minas na região do Caparaó. Então no final da Serra do Mar, bagulho que fica acima de dois mil metros de altitude, parte mais alta do Brasil. É friozinho, apesar dessas ideias de... muito lindo, uma floresta tropical, fresquinha. Uma região delícia, sul do Espírito Santo. E 2001, trabalhava pra essas comunidades, em especial o não uso do Roundup. Porque minha pegada profissional, ela sempre vai pro ativismo. Aí veio a queda das torres gêmeas. Quando veio a queda das torres gêmeas, todas as ONGs que trabalhavam com isso nas Américas, que era o que chamava-se, deixou de existir essa expressão, fomentação de liderança, foram desativadas com a caça ao terrorismo. E aí era uma ONG francesa que nos mantinha financeiramente. Eu era casada, meu companheiro era maestro e a gente tinha um trabalho conjunto. Ele trabalhava com música e eu trabalhava com teatro. Chegava numa comunidade, quem não queria fazer teatro, topava fazer música. A gente passava o final de semana, ou ia para outra cidade. Tínhamos os filhos pequenos. Ali com a história da ONG não ter mais como nos manter, a gente ficou mais um tempo lá com a ajuda dessas comunidades de igreja, que nos pagava o aluguel, nos dava um rancho e tal, até fechar o período, era em setembro eu acho, até fichar o ano e voltamos pro Sul. Aí eu dou um tempo, volto pro Sul, venho estudar de novo, *faço um tempo de teatro, me qualifico mais um pouco no teatro, pra mim é muito importante. Faço curso mais profundos de teatro, saio da linha só de teatro popular, mas cursos mais acadêmicos e tal*. Viajo de novo, moro em Santa Catarina um período, que á uma viagem

mais doida, que vinha de alto encontro. Vou morar numa comunidade, que é uma vila de pescadores, depois saio dessa vila de pescadores e vou pra favela. Aí *fazendo minha pesquisa de Clown*, não dá pra chamar isso de ativismo, que é uma busca bem pessoal, mas isso vinculado à comunidade, a um lugar diferente meu de origem, né. Eu digo, quanto eu fui aprender a virar gente, a ter o básico pra comer, às vezes não ter o básico pra comer, ter que dividir, as famílias era muito carentes, esse foi um aprendizado muito grande, principalmente pra esse meu lado político. Daí retorno pra Porto Alegre em 2006, começo um grupo de rua. *Começo a dirigir um grupo de rua* [...], que é um trabalho totalmente independente, visando isso, não ser reconhecido pelo espaço do teatro da cidade, tá ligado? Poesia em espaços públicos. É mais ou menos o que eu faço até hoje, quando começa nesse processo, só que em grupo. [...] É juntar com... os estudantes vão fazer uma manifestação por uma situação que tá acontecendo no México, no meio da Feira do Livro. Então a gente ia performar. Ah, os estudantes da Fapa, uma paralisação por causa de um professor que não sei o que, então chamava a gente, *fazia esse tipo de performance, típica política*. Normalmente com textos do Galeano, que é um cara que eu admiro de mais, ao mesmo tempo que é poeta e historiador, ser politizado e tal. Aí, esse meu grupo era muito pequeno, eu precisava explorar um pouco mais o corpo. Só que não tinha como fazer jogos físicos com um grupo tão pequeno. Então a gente casa *com a oficina da Terreira da Tribo*, que era oficina livre que acontecia nos sábados. [...] Então um casal que são grandes amigos da minha juventude, que fazíamos teatro juntos, apanhar da polícia, isso nos anos noventa. Aí quando eu chego no grupo, eles, 'não, vem cá'. A Maria é da música. O José tem uma pegada dramática boa,<sup>32</sup> de dramaturgia, de fazer linha de tempo. E eu tenho um trabalho de teatro antropológico, físico. Então nós três nos juntamos e montamos um trabalho *que chamou As lágrimas da Cruz*, que teve quase três anos, que era uma grande manifestação, acho que tinha mais de 60 atores atuando. Era a história do dia em que as camponesas quebraram as mudas da Aracruz. Era uma peça completamente política. A gente ficou dois anos e pouco itinerando com ela, a gente foi a muitos assentamentos, principalmente o MPA. Fomos muitos assentamentos apresentar o nosso discurso, vamos fechar essas papeleiras, essas... Amontoado de eucaliptos no Estado e vamos nos livrar do câncer. Esse é o nosso resumo. Foi um trabalho muito bonito. Lógico, não atingiu o fruto que a gente queria, que era frear a plantação de eucaliptos, mas atingiu muita gente. Muita gente que passou por esse período de teatro ativado com a gente. Hoje faz teatro profissionalmente em Porto Alegre. [...] Bom, passado essa minha trajetória com teatro e política. Em 2011, quando eu finalmente me formo na faculdade de História, levei 15 anos fazendo História, porque eu fui e voltei, fui e voltei... (risos). Quando em 2011, bem na época quando eu tô encerrando essa minha confusão acadêmica, o pessoal tá falando *vamos começar a ocupar a cidade*, tão nascendo os Largo Vivo, que é um espaço fenomenal. Que eu tava parada com o ativismo, era um jeito de fazer palanque, de fazer discussão sem partido político. Um jeito de trazer discussões políticas pro espaço, sem bandeiras, 'oh, o respiro para aqui'. E isso parecia interessante, e *a arte sendo o canal pra discussão* (ENTREVISTA 10).

---

<sup>32</sup> Nomes modificados para nomes fictícios.

### 6.1.1.1.2 Entrevista 10: Ações

Aquele primeiro lá. Aquele primeiro dia que eram 20 mil, que o pessoal cantava o hino nacional, do Rio Grande do Sul. A gente tava com uma peça por estrear, de palhaço. Uns dias antes, eu e meu colega, [...], tínhamos discutido, [...] também é da História e atuar de palhaço e tem uma bagagem de ser punk também... Tínhamos discutido de *fazer uma Brigada de palhaços*. Então teve um largo vivo nas vésperas. Eu lembro que eu fui com uma personagem minha, que é bem carismática, que é uma *cogumela amanita muscaria*. Eu me visto toda de cogumela. Aí eu fui pro Largo e eu fui de rodinha em rodinha do Largo, chamando as pessoas para que fossem na manifestação fantasiadas pra gente tirar uma onda de Brigada de palhaço. [...] Um dia a gente ensaiou na Casa de Cultura até a hora da passeata, e nos vestimos e fomos correndo, nos perdemos os dois. Ele foi na frente e eu fiquei do meio pra trás na marcha, de cogumela. Eu lembro que meu grande objetivo era reencontrar com os meus amigos palhaços, porque juntos nós nos daríamos proteção. E era muita gente, e eu tava nessa, obcecada por chegar na ponta, eu não chegava na ponta. Quando eu consigo chegar na ponta, é justamente ali no monumento da Maçonaria, na esquina da Ipiranga com a João Pessoa. E já tava rolando muito bomba, eu vinha vestida de cogumela e eu ia abrindo passagem no meio da multidão quando começou as bombas, e eu lembro de usar isso assim: 'deixa eu passar porque eu tenho uma vida extra', que é a vida do Mário, né. 'Deixa eu passar porque eu tenho uma vida extra', e a galera tirando onda e foram deixando eu passar, passar, passar. [...] Estar na Câmara foi uma maneira de estar agindo politicamente e nos intervalos também, não só nas caminhadas. Nem todo mundo que tava lá tava pela plenária, muita gente que tava lá, tava pela junção. Mas a junção era politizada. Então eu fiquei muito nessa energia de ficar nos grupos fora, e trabalhando. Tipo, entre meia-noite e as 2 da manhã, a gente tinha uma oficina de palhaço pra fazer a *Tropa de Nhoque*. A Tropa de Nhoque ia lá incomodar, né. Chegou a mídia, a gente conseguir impedir que entrasse a polícia, que entrasse a TVs, sem ser na nossa hora. Uma tropa de palhaços, com uns isopor quebrado como escudo, e isso serviu para frear. Então isso nos deu uma sensação muito clara de que 'estamos sabendo o que estamos fazendo'. Eu faço aquela entrevista que ficou clássica, dos *Mascaristas Anarcados* e tal. É uma forma de fazer protesto, [...] O Levanta Favela é um pouco isso, né. Que é um grupo que eu faço parte desde a origem. Esse grupo da Lágrimas da Aracruz se desvincula da Terreira da Tribo em algum momento e vira o Levanta Favela. É das Lágrimas do Aracruz que nasce o *Levanta Favela*. [...] Então foi assim: Turucutá, batucada do Coletivo Independente. São mais de 80 membros. Maracatu Trovão é mais ou menos por aí. Bloco da Laje são umas 120 pessoas inscritas, fora os simpatizantes. Só chamar esses grandes coletivos, a fanfarra é sopros. A gente já tem aí 500 pessoas, então vamo fazer uma *caminhada artística*. Que é o que há anos a gente fala pro Bloco de Lutas, porque tem a questão do ranço partidário. E nos artistas não tem isso: 'ah, não tem que fazer passeata?'. Não, vamos fazer o que a gente sabe fazer, vamos fazer *cortejo festivo*. E esse nosso cortejo festivo vai ser tão bonito que as pessoas vão perguntar o que tá acontecendo, e a gente vai explicar e a sociedade vai se

indignar: ‘como assim não vai ter mais arte na rua?’. Essa é a proposta. O primeiro foi. Pretendemos ter mais 3<sup>33</sup>. [...] Porque alguém em algum momento tem que fazer tal intervenção, e eu sei que sou eu que vou fazer, e as pessoas tão contando com isso. Em algum momento eu não queria tar apresentando a Defesa Pública da Alegria, porque... Tava eu ainda emocionalmente ainda muito vinculada com o que tinha acontecido, e tinha que tá lá de microfone na mão, puxando a noite, porque sabia que ia ser interessante. Aí nesse momento é muito interessante, porque aí veio um cacique Guarani, eu já conhecia a história dele, mas não conhecia pessoalmente. Eu terminei uma fala e sai [...] e ele me intercepta no caminho, pergunta se eu quero companhia [...] E diz pra mim assim: ‘pra nós Guaranis a palavra é sagrada e tu tem uma toada no falar que a gente reconhece como a fala dos nossos ancestrais, tu falando o que os nossos ancestrais... tu fala como um Guarani, como é que tu aprendeu a falar como um Guarani?’. E pra mim aquilo foi muito maravilhoso, porque eu tenho essa *noção é discursiva*. Tu já deve ter me visto discursando na rua. Minha fala é discursiva e muito da minha busca do xamanismo. Tem uma corrente de consciência comum ali, e eu me permito o trânsito. Então eu vou numa espécie de transe e o que eu falo raramente eu sei o que exatamente eu falei no final da fala. Mas eu sei que o que eu falo é o pensamento comum, por isso todo mundo gosta do resultado[...] Ah, justifica pra mim muito do que eu acredito, até por eu ter começado como indigenista no ativismo (ENTREVISTA 10).

Os discursos performáticos, a caracterização de personagens fictícios e a construção de experimentos cênicos são alguns exemplos que fazem parte das performances realizadas durante o ciclo de protestos. A personagem Cogumela Amanita Muscaria, a Brigada de Palhaços, a Tropa de Nhoque e a entrevista Mascaristas Anarcados fazem parte de performances desenvolvidas pela entrevistada. Contribuíram para realização dessas performances as aulas de teatro, as leituras de Brecht e de Augusto Boal, as oficinas realizadas, a direção de um grupo de teatro de rua, a participação na Terreira da Tribo, a experiência das “Lágrimas da Aracruz”, a fundação do grupo Levanta Favela, etc.

O teatro dele seria na margem da sociedade, seria um grande espelho. A sociedade doente, que ela se dá conta que tá no cotidiano, se enxerga refletida monstruosa nesse espelho. Então toma uma atitude pra mudar. O Teatro, ele faz esse papel. O ator, ele estaria fora da sociedade porque ele tirou o plugin, que faz com que ele esteja todo dia manipulado nessa grande massa de manobra. Mas ao mesmo tempo, ele não é o marginal, mas ele tá fora. Tá nesse espaço que é do negro, que é do índio, que é do favelado. Ele tem consciência da doença da sociedade, então

---

<sup>33</sup> Evento de protesto contra a lei municipal que regula a arte na rua.

ele vai se juntar com essas minorias, que são a maior parte, e vai refletir essa doença social pra sociedade que é o igual ao ator, pra se apavorar, que é o grosseiro, o brutal (ENTREVISTA 10).

A sua trajetória é marcada, sobretudo, pelo teatro. A *adaptação* das práticas provenientes de sua *trajetória* na qual foi produzida uma lógica discursiva que se baseia sobre a ideia de que é “através arte que se possibilita a transformação”, contribui na conformação das performances por ela desenvolvidas nas manifestações.

#### 6.1.1.1.3 Entrevista 13: Trajetória

Eu sempre militei na escola, no movimento estudantil. No segundo grau, eu estudei no Paula Soares e aí trabalhei na área da cultura no meio estudantil que tinha ali, sempre gostei muito da cultura. Não sei, acho que pela trajetória da minha família. Depois fui pro Padre Réus, na Zona Sul, eu entrei pro meio estudantil através da área da cultura e em 2006 eu tentei a presidência do movimento estudantil, montei uma chapa, e aí fui presidente do grêmio estudantil naquele ano. Comecei a me interessar muito pela política, pensando na seguinte forma: as pessoas que estão aqui logo vão começar a votar. Tinha recém... não lembro se tinha recém passado, ou se tava se discutindo se as pessoas de 16 anos tinham capacidade para votar. Eu pensei assim, bah alguns já vão sair daqui votando, mas outros em breve vão fazer 18 anos e vão ter que começar a votar porque a votação é obrigatória, né. Então acho que a melhor forma que a gente tem pra fazer de politização pelo grêmio estudantil é trazer os partidos e deixar que os partidos falem da sua trajetória e convença essas pessoas que estão aqui de qual é a importância de cada partido e pra essas pessoas já tomarem alguma escolha de qual partido que se interessavam. Daí o grêmio se dividiu, cada um foi buscar um partido e eu acabei indo buscar os partidos mais de esquerda. Não tinha interesse nenhum em buscar os de direita. É engraçado que eu acho que de direita, eu lembro se chegou ir algum assim. Eu lembro que foi a (deputada) Manuela (d'Ávila), que já era do PCdoB. Eu lembro que já ia muito na escola as pessoas do PSTU por causa da questão das passagens, eles iam convencer os grêmios estudantis a mobilizar os estudantes a irem pras manifestações, disponibilizavam ônibus, material de divulgação e iam em todas as escolas, inclusive as que não tinham grêmio estudantil, então eles mesmo organizavam, mas eles utilizavam muitos grêmios estudantis pra organizar a escola, por ter uma inserção mais orgânica do que eles, né. Aí PSTU, nascente PSOL, tipo muito no início, o pessoal ainda tava juntando assinatura pra virar partido, mas já tinha a organização, porque eles tinham rompido com o PT, então eles saíram com uma organização bem grande. Mas esses assim. O PT já tava naquela coisa, assim, os escândalos todos e já tava enfraquecido, e a correndo deles, mais jovem, era o Contestação, que a gente não tinha muito

acesso, a galera também é muito cheia de marketing e o grêmio estudantil acabou não tendo muito acesso a eles. Aí foi, a gente levou esses partidos pra dentro da escola pra falarem sobre. Eu lembro que acho que a Manuela e a (vereadora) Fernanda Melchionna (PSOL) que foi. Foi o ano que a Fernanda ia tentar a câmara. Acho que a primeira vez que... A Fernanda era do DCE, então ela já tinha uma baita trajetória política, e foi bem legal, foi no Dia (Internacional) da Mulher, daí a gente fez uma atividade no 8 (de março) e elas foram representando as mulheres dos partidos e foi muito legal. Nessa época... eu nunca tive partido, nunca tive interesse em me filiar, mas daí eu fui conhecendo, fui conhecer o PSTU, acabei indo a vários encontros, eu fui em estudos marxistas do PSOL, a gente estudou (Karl) Marx, bem aprofundado. Mas assim, muito pra conhecer pra levar pra escola, não tinha interesse em me filiar. Até a galera 'ah, não quer te filiar?', 'não, muito obrigada'. Dentro disso a gente foi... Em 2006, 2005... Agora não me lembro se foi em 2005 ou 2006 que a gente teve grêmio estudantil. Acho que foi 2005, porque 2006 foi quando eu entrei pro teatro. Então foi 2005. Aí foi... Era a escola que mais conseguia mais mobilizar alunos pra ir pra manifestações. [...] Só que daí a gente acabou vendo muito essas peleia interna que tinha, né. Desde sempre assim o PSOL, PSTU, Contestação se pegavam muito. Teve um ano que um monte desse que são vereadores assim, na época que eram do DCE junto com... A galera que ia nas escolas já era universitária, né. Poucos eram do segundo grau que passava nas escolas. Então a gente tinha referência dessas pessoas que ia nas escolas. Sempre ia um de um partido, e um dum outro e cada um puxando pro seu lado pra engrossar as linhas de bandeira de aparição política. Daí vários atos, carro de som e aquela coisa toda, essa galera se pegava no pau, sabe? Assim no meio da marcha. Praticamente tinha que acabar a marcha porque essa galera se estapeava afú. Então a gente acabava que... por não ser de partido, mas de escola, a gente acaba muito sem saber o que fazer, né. Aí rachava, cada um ia pra um lado, que que a gente faz, né. Então várias vezes a gente saiu no meio das marchas, ou tinha que esperar porque a gente ia com algum ônibus que tinha sido disponibilizado por algum desses partidos, né. Aí depois dessa organização de grêmio estudantil, eu cansei bastante, a coisa da presidência de tocar e ser muito a cabeça tu tá bem no meio da direção. [...] Mas da coisa da passagem, acho que esse foi o início de conhecer essa organização pelo meio estudantil, de saber como é que organizava, quem organizava. Muito através dos partidos, todos os meios acadêmicos ligados a algum partido. A gente via assim que autonomia era muito pouca das pessoas que organizava. Então vinha as escolas mobilizadas pelos partidos, pelas correntes da juventude que tinham dentro do partido, mas muito com essa direção que cada partido tem, de direção política. *Por causa desse estresse todo, que foi militar dentro do movimento estudantil e perceber tudo isso, eu comecei ver que a militância que eu queria fazer não era através do partido, e a escola um dia ia acabar. Aí, em 2006, eu entrei pro teatro, entrei pra Terreira da Tribo e foi o lugar que eu fiz uma imersão política* muito diferente e já se discutia muito, desde a época do partido, essa questão da fala [...] aí eu comecei fazer teatro dentro da escola, aí minhas colegas do teatro, que tavam se formando, foram pra Terreira da Tribo. [...] Conheci a Terreira e aí dentro dessas todas convicções que tu vai ganhando dentro da adolescência, e de ver que tava falindo muito a questão do discurso. O discurso era

muito chato, esse discurso político, do palanquismo, do horas discursando, direções políticas ultramarxista, ultrassocialista, ultratrotskista e que isso não tava conquistando essa juventude que tava vindo que se mobilizava muito mais pelo funk, pelo skate, pelo futebol, muito mais pelo rap, pelo hip hop do que pelo partido político, né. *Daí eu vi que o teatro era uma ótima forma, porque tu conseguia trazer a mesma problematização política que o partido político trazia, mas com outra linguagem. Que era a linguagem do teatro, que era uma linguagem muito mais sensível, que tu trabalhava com música, com dança, com teatro e que tudo isso era um corpo que falava.* E que sensibilizava muito mais do que o discurso e palanquismo. Aí, depois assim 2008, a gente fundou o nosso próprio grupo, *a gente saiu da Terreira e fundou a Cambada de Ação Direta Levanta Favela.* Em seguida, quando a gente, nesse limbo de romper com a Terreira, e até formar a Cambada, eu não lembro se foi meses de limbo, mas eu lembro que a gente já tinha essa discussão da passagem, né (ENTREVISTA 13).

#### 6.1.1.1.4 Entrevista 13: Ações

Aí a gente fez uma intervenção porque *uma das linguagens que a gente tinha era a intervenção cênica* [...] Então a gente pegou essas intervenções cênicas, então teve uma época que, como sempre se mobiliza janeiro e fevereiro, que nunca tem ninguém na cidade, e as nossas oficinas eram continuadas, não tinha férias né, a gente, junto com o Nascente, a gente já tinha por nós uma intervenção que falava do aumento das passagens, então a gente fazia uma brincadeira que era o poema no ônibus. Começava o ônibus e o poema no ônibus era recitado desde 1999 até o ano que se instala, porque a gente apresentou isso longos anos, ao reajuste da passagem. Então começando R\$ 0,45 até R\$ 1,65, que acho que foi quando a gente começou a apresentar sobre o aumento da passagem. Então era essa o poema do ônibus assim, e ia entrando dentro daquele caixa, que era um ônibus minúsculo que ia lotando até explodir e a gente explodiu o ônibus com um coquetel molotov. Aí era o começo de explicar pras pessoas como é que era o funcionalismo do ônibus, quem lucrava. Então mostrava pra população, que tava dentro dessa lata de sardinha, que pagava cada vez mais, pra um lucro pro patrão, do empresário, que andava num carro do ano importado, com ar condicionado, e por isso que não se importava com o aumento da passagem e junto com a prefeitura. Esse foi o nosso meio de comunicação com a população, de forma didática de explicar o porquê que se aumentava a passagem, o porquê a população deveria se revoltar contra e vir junto nas manifestações, nas organizações que se tinham. [...] Um ano depois, acho que ainda teve... Não era... Quando a gente começou a apresentar, a gente tava apresentando de forma autônoma, a gente não se juntou com os partidos. Então a gente ia, apresentava nos terminais de ônibus, a gente sabia quando ia sair às marchas e a gente apresentava antes. Acho que um ano, dois anos depois, nasceu o Bloco Autônomo, e aí era autônomo porque não tinha partidos e foi quando a classe mais anarquistas, que era apartidária, que não era anarquista, os dissidentes do PSTU, PSOL, que tavam formando o MR8 e o

Partido Revolucionário, sabe? Então era uma galera que vinha militando a muitos anos em prol da passagem, contra o aumento, mas que estavam sem organização política. *Então a gente se juntou muito com esse pessoal, aí vinha e apresentava a intervenção, daí vinha com uns tambores, trabalhar através da arte também. Então muita perna de pau, muito das músicas que a gente vinha pro 'alalô, mas que caô, o preço da passagem tá muito cara'. Então entoava o funk que a gente tinha feito, do 'pula roleta', então a gente assim, durante alguns anos fomos levando essa toada da organização autônoma, até o ano que cresceu, que daí não era mais autônoma. [...] Então a Cambada sempre veio muito com a FAG, com a Frente Autônoma, com o Comitê Popular. Mas dentro desse bloco a gente veio com estandarte, com tambor, de vermelho e preto, ou de preto, que é o uniforme que a gente consegue por pra ir pra rua. Já fala, sempre que a gente vai pra rua já falam 'alá os de preto chegando'. A gente até ganhou uma música do Eduardo Solari, um grande músico aqui de Porto Alegre e militante, que é As Aves de Negro, que é a nossa linguagem de ir pra rua. Então às vezes a gente ia pra rua todo de preto, ou de vermelho e preto, com a teatralização através da música dentro da marcha. Então a gente sempre se somou dessa forma, e algumas vezes, por tar mais desorganizada com o teatro, a gente se somou dentro dos blocos de música que tinha dentro da marcha, por exemplo, quando o Levante da Juventude ia, quando os músicos de Porto Alegre, Turucutá, Bloco da Laje. [...] Nesse mesmo dia, a gente se juntou, todo mundo que fazia parte muito indignado e foi a primeira vez que a gente criou uma intervenção sentados, que a gente fez o 'Não é por vinte centavos, amanhã vai ser maior'. Que a gente falava da repressão policial em cima das pessoas. *Aí tinha a piada do vinagre, foi quando a gente trouxe a piada do vinagre, pra começar a mostrar a população de Porto Alegre, fora as marchas, porque a gente não trabalhava só com as marchas, a gente vinha conscientizando horas antes, dias antes, a gente ia pra espaços democráticos e apresentava, né. A gente apresentava e mostrava o quanto, por um vinagre as pessoas tavam sofrendo repressão física e sendo presas, muito como a Ditadura Militar, mas através de uma forma muito engraçada, a gente trazia umas músicas muito engraçadas. A gente pegou muito através do humor, porque a gente tava muito mal, então a gente disse, pra dialogar sobre isso a gente vai ter que pegar através do humor (ENTREVISTA 13).**

Semelhante à entrevista 10, é através do teatro que se dá a linguagem discursiva que contribui para a conformação das performances da entrevista 13. A insatisfação com a política partidária possibilita à entrevistada outra alternativa de fazer política através do teatro. A Terreira da Tribo faz parte de sua formação e, posteriormente, a fundação do Levanta Favela. Nesses grupos, segundo a entrevistada,

tu conseguia trazer a mesma problematização política que o partido político trazia, mas com outra linguagem, que era a

linguagem do teatro, que era uma linguagem muito mais sensível, que tu trabalhava com música, com dança, com teatro e que tudo isso era um corpo que falava e que sensibilizava muito mais do que o discurso e palanquismo (ENTREVISTA 13).

A intervenção cênica foi a principal forma de expressar as demandas coletivas. Performances através da criação de letras de músicas referente à causa, as intervenções do “vinagre”, do “poema no ônibus”, entre outras, foram conformadas, principalmente, devido à *adaptação* dessa linguagem teatralizada proveniente da *trajetória* caracterizada pelos grupos de teatro dos quais fez parte.

#### 6.1.1.1.5 Entrevista 2: Trajetória

Então eu comecei é... eu nasci no interior do Estado e morei até os 18 anos em Guaporé e me mudei pra Porto Alegre com 18 anos pra fazer cursinho pré-vestibular, pra passar na universidade... então, vim pra cá com 18 anos, em 2009 e é... sempre gostei de política no geral... sempre me atraiu esse debate político e é o meu primeiro estágio que eu consegui aqui em Porto Alegre foi na Assembleia Legislativa [...] *Eu trabalhei durante três anos na Assembleia Legislativa...* então, logo que eu vim pra cá, eu tive esse contato mais próximo com a política e fui me interessando cada vez mais, né... e daí teve a eleição de 2010 e foi uma eleição que eu, uma eleição que eu é, que eu entrei na faculdade, né, em 2010 e pra mim foi muito impactante. Eu entrei fazendo jornalismo na PUC e como eu vim do interior e estudei a vida inteira lá no interior em escola de freiras, ter ido *fazer jornalismo na PUC foi muito impactante porque vários debates, vários coisas que eu nunca tinha ouvido eu conheci lá naquele momento, né... tipo, eu tive uma cadeira de Sociologia, por exemplo, que ela ajudou a mudar um pouco a minha vida porque a professora trouxe visões de mundo das quais eu nunca tive acesso, né, digamos visões de esquerda e... e eu me identifiquei muito com aquelas visões... e eu sou gay, então também tem essa questão envolvida e eu acho que a opressão que eu senti lá na minha vida lá no interior... sigo sentindo, mas agora o empoderamento pra eu poder enfrentar essas situações também me fizeram entrar na política... essa desvalorização desse segmento da população LGBT também me movimentou. e então, no início, me atraiu a pauta dos direitos humanos e, *naquela eleição de 2010, eu procurei candidatos que trouxessem esse debate à tona*, mas outros debates que eu identifiquei como importantes para democratizar um pouco a nossa sociedade e melhorar um pouco a política... e foi aí que *eu conheci o trabalho da Luciana Genro* em 2010 e... quando ela não se elegeu por causa da... ela foi a nona mais votada, mas o partido não teve legenda, né... aí eu ah pensei ‘bah, vou me filiar ao PSOL porque eu acho um absurdo essa mulher ficar fora da política’. E *me filiei ao PSOL em 2010, final de 2010 e 2011 comecei a militância organizada e nesse processo fui um dos**

*fundadores do coletivo Juntos e 2013, quando teve as manifestações, o ápice dessas manifestações recentes pelo transporte público, eu tinha 22 anos... representava... representava... acabei sendo a representação do Juntos e do PSOL naquele processo. E diria que nem tanto por uma deliberação das organizações de 'ah cumpra essa função', mas mais pelo meu engajamento, por eu tá presente em todas as manifestações, por tá presente em todas as reuniões, por tá de fato interessado e envolvido no debate do transporte público da cidade... é, fiquei no PSOL até 2014, aí em 2014 fui candidato a deputado federal pelo PSOL, fiz quase seis mil votos... mas tive uma série de experiências bem negativas durante esse processo e... também tive um processo de desidentificação política com o partido. Saí do PSOL oficialmente no início desse ano e hoje eu tô na União da Juventude Socialista, que é a juventude do PCdoB, então eu acabei por entrar no PCdoB... então hoje eu represento a UNE no Conselho Estadual de Juventude (ENTREVISTA 2).*

#### 6.1.1.1.6 Entrevista 2: Ações

Eu sou muito agitado assim, eu gosto de *agitação* e acho que desde o início identificaram esse perfil e sempre me colocaram na *agitação*, né, *com megafone, pra falar palavra de ordem* e sempre gostei disso. É um perfil meu...se eu não tô no megafone eu sou um dos que mais vai gritar na manifestação, o que mais vai cantar, o que mais vai tentar empolgar as outras pessoas, é um perfil meu mesmo. Então, não lembro agora se foi uma deliberação, mas logo na... primeiro que eu participei de todas as assembleias, participava de todas as reuniões, era muito participativo, né, pra muitas pessoas do Juntos o espaço do Bloco de Lutas era um espaço chato, era um espaço muito desgastante porque tinha uma diversidade e muitos coletivos que tavam lá não eram coletivos que gostavam muito da gente, né, porque eram coletivos da ultraesquerda, da ultraesquerda da sociedade, então os anarquistas não gostam do Juntos, não sei quem não gostam do Juntos, então aquele espaço era um espaço de atrito e muitas pessoas não gostavam de ir por causa disso e pra mim não tinha problema, eu ia, eu gostava, eu participava, era necessário e logo na primeira manifestação eu lembro que eu fiz parte da *agitação*, eu fiz fala no microfone e continuei depois e nem sei se foi uma deliberação. Mas eu diria que foi muito natural, tanto eu fazer, eu ocupar essa tarefa foi muito natural assim, eu percebi que chegou um determinado momento das manifestações que o Juntos era o único coletivo que tinha duas pessoas na *agitação*, no carro de som, e isso é difícil, é uma disputa ali ao redor do carro de som, uma loucura, né, que um não pode falar mais que o outro e aquela coisa. Então, eu percebi que o Juntos, em determinado momento, era a única organização que tinha duas pessoas, e eu diria que por que uma pessoa era representante do DCE da UFRGS, que não era eu no caso, né. Mas eu ocupei aquele espaço com naturalidade e nunca ninguém nunca me tirou e eu continuei e foi isso...e foi de muito aprendizado também porque as pessoas, tinha essa disputa do carro de som e eu diria que boa parte das pessoas eram bem mais experientes que eu, talvez aquele grupo

que, o Bloco tinha uma comissão organizadora que era também um pouco responsável por essa agitação e eu diria que eu era uma das pessoas mais novas naquele processo. Então, era difícil ter que cumprir uma função de ter que me destacar na minha organização e enfrentando pessoas mais experientes, com mais qualidade, mas foi muito bom, bastante aprendizado, experiência. [...] Em boa parte dessas manifestações, eu fiquei responsável pela agitação. Então a minha tarefa era essa, *então eu ficava no carro de som, puxando palavra de ordem, dialogando com a população que tá nas paradas*. [...] participei da *reunião com o Tarso* naquele dia<sup>34</sup> pra mim, como indivíduo, foi de muito aprendizado esse processo, né... porque eu era muito novo... e então, teve uma série de coisa que eu aprendi que era necessário fazer, por exemplo, organizar manifestação sem mandar release pra imprensa antes, quantas pessoas tu atinge se o que tu faz não é divulgado na imprensa, né. Inclusive, o Bloco não tinha essa perspectiva, o Bloco oprimia profissionais de imprensa, o Bloco enfrentava profissionais da imprensa, xingava profissionais de imprensa, que eu acho que eu tenha me tornado uma das lideranças desse movimento porque eu sempre tratei a imprensa com muito respeito, inclusive acho que *me tornei a única fonte da imprensa daquele período*, jornalistas da Zero Hora me ligavam pra saber o que tinha acontecido, o que vai acontecer, como tá o Bloco. Eu nunca contei pros jornalistas da RBS, eu nunca contei pra nenhum jornalista nada que não tivesse sido divulgado publicamente em notas do Bloco, ou algo que estivesse nas redes sociais. Então, eu fiz uma interlocução com a imprensa naquele período. E aquilo foi um grande aprendizado, nós precisamos dessa relação, embora haja distorção da imprensa, embora ela use as coisas da forma que ela quer, e se nós não ocuparmos esse espaço fica muito difícil a gente disputar esse espaço porque as pessoas são pautadas por esses veículos, né. A gente tem que construir os nossos, tem que construir a mídia alternativa... então, esse é um dos aprendizados, da questão da relação com a imprensa, de enviar release, de preparar a agitação, as palavras de ordem (ENTREVISTA 2).

A entrevista 2 refere-se a um ator que tem sua trajetória dentro de um partido político (PSOL). Suas performances se configuram a partir de um lugar de disputa hierárquica, a qual é reafirmada durante a entrevista a partir da exposição da dificuldade de ser novo e de estar ocupando espaços de liderança.

Tinha essa disputa do carro de som e eu diria que boa parte das pessoas eram bem mais experientes que eu, talvez aquele grupo que... o Bloco tinha uma comissão organizadora que era também um pouco responsável por essa agitação e eu diria que eu era uma das pessoas mais novas naquele processo... então, era difícil ter que cumprir uma função de ter que me destacar na

---

<sup>34</sup> Ato da Praça da Matriz.

minha organização e enfrentando pessoas mais experientes, com mais qualidade (ENTREVISTA 2).

Colocado em termos de agitação (a produção e a reprodução de palavras de ordem), as reuniões importantes com o poder público e o diálogo com a imprensa são os tipos de ação que o entrevistado desempenha, refletindo o estilo de comunicação produzido pelos partidos políticos, os quais conferem habilidades para esse tipo de performance.

#### 6.1.1.1.7 Entrevista 1: Trajetória

Bom, na verdade, hoje assim eu me identifico com o anarquismo, me identifico, defendo as ideias, as *práticas anarquistas* e eu tive, na verdade faz um bom tempo, mas é... através da *contracultura punk*. E eu conheci o socialismo, o anarquismo, enfim, essas ideias a partir da cultura punk. Aí pelos... deixa eu ver, pelos 16, 17 anos. Mais ou menos, mas não tinha nada a ver com militância propriamente dita, né! Era... enfim, muito mais vinculada a música, a estética, produção de fanzines, um pouco nessa área e com o tempo eu fui conhecendo outras pessoas, outros grupos, vamos dizer assim, e... e fui desenvolvendo uma identificação com o anarquismo mais militante, que eu me reconheço hoje, né! E... sou militante hoje *da Federação Anarquista Gaúcha*, né! Que defende um projeto militante do anarquismo, então, hoje, pelo menos hoje que é bem diferente daquilo que o punk enxerga como anarquismo, por exemplo, e ... deixa eu ver, e milito aí então, hoje, hoje me reconheço aí. Mas essa trajetória de identificação com o punk, depois com o anarquismo mais militante, se é que dá pra chamar assim, levou uns cinco, seis anos, assim, essa transição, vamos dizer, né! Conhecer ideias, conhecer pessoas, práticas, né, enfim. Também procurando me situar um pouco dentro do... e aí, claro, conhecendo tudo que diz respeito a política, de modo geral. Então hoje eu estudo Ciências Sociais na UFRGS, na universidade... milito, por enquanto, no movimento estudantil, né, a partir de um projeto que a FAG ajuda a construir, que é a resistência popular estudantil, né, que é um coletivo mais amplo de pessoas[...] Quando eu, quando eu conheci, quando eu já era punk, é... eu conheci algumas pessoas de Novo Hamburgo.. Que tipo, elas tinham uma, uma intenção mais, uma intenção mais, não sei como chamar, assim tipo, elas se envolviam em projetos que tinham um pouco mais a ver, talvez, com... com uma pegada mais militante mesmo, assim. [...] Tinha um projeto, por exemplo, de arrecadação e comida, de roupas... há... que eram pra famílias desabrigadas ou pra pessoas que eram afetadas por enchentes. Projetos um pouco nesse sentido, além da própria produção de fanzines, mas aí era uma coisa mais, com ideias mais políticas, mesmo assim, não era tanto, vamos dizer, dentro do punk mesmo, assim... mas era voltada pra fora, pra outras pessoas, pra sociedade de um modo geral, vamos dizer, e...

essa era um pouco do meu vínculo, né [...] Mas acho que propriamente, por exemplo, militar no meio que tem outros grupo, outras pessoas, outras ideias, né, outras ideologias foi a partir da minha entrada na Unisinos, que eu comecei a estudar Ciências Sociais dentro da Unisinos, né, em 2009. Ali que eu comecei mesmo a, por exemplo, militar no movimento estudantil. Se é que dá pra dizer que na Unisinos tem realmente um movimento estudantil, mas... sabe, comecei a ter outras preocupações de colocar aquilo que eu pensava pra fora e no meio de pessoas que não pensam as mesmas coisas que eu, um pouco do que eu enxergo o que é militar, né! [...] O que que é ser militante. E a partir dali que eu comecei a, a me envolver com outras, outros grupos políticos, outras ideologias propriamente ditas. Antes era muito mais um grupo que pensava mais ou menos como eu, um grupo menor, reduzido [...] e que, enfim, tinha boas intenções, vamos dizer, queria fazer coisas, queria agir, né, e... mas não tinha contato, não... com outros grupos, né... não entrava em disputas, não, né, é um pouco do que se vive hoje assim, do que eu vivo hoje e, mas acho que fora o punk um pouco do que eu fiz foi, foi com essas pessoas de Novo Hamburgo, né. [...] Na Unisinos [...] Eu lembro que nessa época, eu já tinha, eu tava conhecendo um pouco mais a FAG. Tomei mais contato com esse universo de mobilização mesmo, em Porto Alegre sempre acontecia muita coisa, mas pela minha lembrança, eu participava pouco daqui de Porto Alegre, né. Por questão de tempo, né. Acaba vivendo mais em São Leopoldo mesmo e, lá particularmente que eu recorde, eu participei de duas mobilizações. Mobilizações de rua, por exemplo, passeata ou ato público. Uma na própria universidade, que foi uma, um ato contra ao aumento das mensalidades lá na Unisinos e uma um semestre anterior de eu vir pra UFRGS que foi uma ocupação de reitoria da universidade e, que teve também uma mobilização na rua, inclusive que teve repressão policial (ENTREVISTA 1).

#### 6.1.1.1.8 Entrevista 1: Ações

Em geral, assim, sempre há uma certa... não sei se dá pra chamar de tradição, mas a gente sempre teve uma preocupação de, há... bom, a gente tem a nossa simbologia, nossa né, seja a bandeira, seja uma faixa que, que a nossa preocupação, sei lá, expressar algum tipo de ideia daquele momento, né. Então a faixa do grupo. Mas a gente sempre teve uma preocupação de contribuir pra, pro próprio Bloco de Lutas ter uma expressão pública que, né, as pessoas enxergassem o que que o Bloco de Lutas tá falando. O que que ele tá lutando, contra o que que ele tá lutando? Então a gente sempre teve a preocupação, tanto nossa de produzir pro Bloco, de levar no espaço do Bloco, a ideia de sempre ter uma faixa, né, uma faixa de diferente, no início de marcha, por exemplo, que as pessoas enxergassem ali quais que são as reivindicações, né, e a gente sempre pensava a produção coletiva. Eu não vou te dizer que, em nenhum momento, não houvesse uma ideia individual ou que, né, pós reunião se pensasse alguma ideia se colocasse em prática, mas de rotina, normalmente era da nossa parte, além de, tipo, pensar, 'bom, que momento a gente tá vivendo', né. O que que se tá

vivendo na cidade, né, em alguns momentos se discutia, bom, a gente precisa tentar construir um processo que realmente não permita o aumento da passagem e depois a discussão foi avançando pra, enfim, não pra extrapolar a questão da passagem, mas poder pautar mesmo o modelo de transporte na cidade. Então não era só a questão imediata, era questão de longo prazo, vamos dizer assim. Então a gente sempre pensava o momento e que tipo de ação a gente tinha que fazer, né! É uma marcha? É uma ocupação? Né! Que tipo de coisa a gente precisa fazer pra realmente demonstrar força, né. Que é um pouco do que a gente pensa, tipo, qualquer luta, qualquer demanda precisa ter uma demonstração e força pra, enfim, pra ter um tipo de resultado. É um pouco daquilo que a gente pensa. Então a gente sempre pensava tanto esteticamente, vamos dizer, como as próprias ações do Bloco de pensar o momento que a gente tá vivendo, do que era possível fazer, do que não era possível. E... em termos de faixa, de materiais, assim, *a gente sempre teve autonomia e qualquer grupo que participava do Bloco tinha autonomia pra fazer as suas bandeiras, as suas faixas, a sua simbologia de acordo com, né, a sua forma de pensar e agir. Mas as ações que o Bloco colocava na rua, boa parte dela era pensada e decidida nas reuniões, nas assembleias do Bloco, né. Pelo menos nós sempre tínhamos a preocupação de, bom, a gente levava uma proposta, né... tinha uma discussão e tinha uma decisão, e sempre, da nossa parte, a gente sempre achou que era importante em nome de uma certa unidade um pouco frágil, assim, de todos grupos que tavam ali, de ser colocado realmente em prática, independente se a nossa proposta vencesse, vamos dizer assim, ou não né! Então a gente sempre achou que isso era um exercício de, hã... um exercício importante, de humildade, de... vamos colocar em prática algo que foi discutido coletivamente, né, então não sei se dentro disso [...] Mais no sentido de, bom, tem uma de disputa que é de certa forma tu fazer as empresas privadas perder lucro, né, do transporte. Seja baixando a passagem, seja transformando o modelo de transporte da cidade. E a gente sempre entendeu que isso, uma hora ou outra, acaba gerando uma repressão por parte do Estado, por parte da polícia, enfim, um pouco, talvez, alguns grupos pensam um pouco diferente, mas a gente teve um pouco essa... sempre levou esse pensamento pro que a gente tava fazendo e, então sempre teve essa preocupação. Sempre houve a discussão de como minimizar ou se proteger dessas situações, né, porque, enfim, a gente não tava sozinha na marcha, sempre, dependendo da marcha, de 2013 em diante a gente sempre viu que tinha muita gente na rua. Então a gente sempre pensou, 'ah, o Bloco de Lutas hoje o que ele é', ele não é um movimento, por exemplo, como o MST que ele tem uma organizaçõzinha fechadinha, que tem uma série de mecanismos pra, todo mundo que vai participar de uma marcha no MST vai participar de uma forma. O Bloco de Lutas era um espaço de discussão, né, uma assembleia de discussão, uma série de grupos ali presentes, de indivíduos independentes, de N pessoas, hã, as discussões de internet e a mobilização de rua, né. Então participava na mobilização de rua muito mais gente que não participava das assembleias, que não participava da Internet, enfim, que ia protestar. E tu não tem um controle disso necessariamente. Então, por mais que se tome uma decisão em assembleia, sempre pode extrapolar aquela decisão na hora, na rua, né. Então a gente pensava, como se proteger, de ter um nível de*

autodefesa pra que as pessoas não se machuquem também. Então se pensava em estratégias nesse sentido, né! De tentar aprender também, de tentar fazer daquela experiência um aprendizado pra... como é que a gente vai se portar frente a uma repressão, por exemplo, né. [...] Por exemplo, se discutiu muito [...] que é novo assim, mas se discutia muito ou grupos que não tinham muito o costume de falar *começou-se a falar em ação direta*, por exemplo, 'ah, ação direta, ação direta!' tá, mas o que que é ação direta? A gente tem uma leitura do que é ação direta e acha que não é nada novo, assim, ação direta! Mas a gente sempre achou, que, por exemplo, que ao contrário de tu sentar há, sei lá... pelo menos no Bloco é uma coisa que se discutiu assim, em alguns momentos. "Ah, vamos fazer algum grupo e negociar com o prefeito!" por exemplo. Tá, mas o que a gente tá falando quando tá falando em negociar com o prefeito, né?! A gente tá falando de um grupo de que vai lá só largar um documento com as reivindicações do Bloco? Ou a gente tá falando de realmente entrar num processo de renegociação que a gente vai dar um pouquinho, eles vão dar um pouquinho? Do que que a gente tá falando? Então isso gerou muita polêmica, né, e nós, *particularmente, a gente achava que, 'Bom a pauta que o Bloco trata é muito bem colocado' assim. Nos veículos de comunicação se fala, né. O prefeito sabe que, o prefeito, os políticos de um modo geral, os empresários do transporte, eles sabem o que se quer. Né! Então não tem muito sentido a gente formar um grupo, quem vai ser esse grupo de ir lá e negociar com o prefeito, né. Então, tinha uma discussão bem colocada sobre isso. E a gente achava, 'bom, ao invés da gente formar um pequeno grupo e ir estabelecer uma negociação, um diálogo, a gente tem que colocar na cena pública ações que coloquem um maior número de pessoas em movimento', né, porque isso pra nós era uma demonstração de força, né. Não se fechar num mesmo tipo de ação, só fazer manifestações, né, só fazer marchas... mas pensar ações que tivessem esse caráter, né, essa natureza. E... inclusive muitos momentos defendemos de que, né, só ficar fazendo marcha de rua, só caminhada perdia o seu efeito, perdia o seu... (ENTREVISTA 1).*

A entrevista 1 traz a contracultura punk e o anarquismo como referências da trajetória do ator entrevistado. Percebe-se, durante a entrevista, que todo o tipo de performance a ser realizada deveria ser discutida e acordada. Há ainda referências à ação direta (de tradição anarquista) e a questionamentos quanto a algumas formas de ação (como reunião com o poder público), marcando a forma de colocar-se no Bloco de Lutas.

As lógicas discursivas dos espaços que socializaram o entrevistado em sua trajetória possibilitam a conformação de performances baseadas em ideais de horizontalidade e em formas de ação extrainstitucionais. As decisões do que será realizado deveriam, portanto, ser tomadas de forma coletiva. São condenadas, ainda, as performances que tenham a negociação e o acordo como prática, já que o

entrevistado acredita que é através do que se caracteriza de ação direta que há uma possibilidade para a mudança, pois, assim, “demonstra-se força”.

ENTREVISTAS	TRAJETÓRIA	ESTILO DE COMUNICAÇÃO	AÇÃO
E10	Teatro	Arte	Personagens Sátiras
E13	Teatro	Arte	Intervenção Cênica Música
E2	Partido Político	Disputa Hierarquia Destaque	Palavras de Ordem em carro de som Reunião
E1	Anarquismo	Horizontalidade Confronto	Ação direta Decisões coletivas

Tabela 5: Adaptação por trajetória (Fonte: a autora, 2015)

Com a entrada de novos atores, os quais trazem estilos de comunicação provenientes de diferentes trajetórias que conformam diferentes formas de ação, de acordo com as combinações de narrativas e de interações produzidas ao longo dos papéis sociais desempenhados na vida cotidiana, o mecanismo de *adaptação pela trajetória* contribui à explicação de como novas performances emergem no ciclo de protestos.

### 6.1.2 Difusão

A difusão é um processo no qual discursos, demandas, experiências e repertórios se disseminam entre diferentes lugares (TARROW, 2010). Para entender as dinâmicas de difusão, Tarrow (2010) propõe três formas principais: relacional, na qual a difusão se dá a partir de conexões previamente existentes entre os atores; não relacional, na qual a difusão se dá a partir de meios impessoais, como os meios de comunicação; e mediada, a qual se dá por parte de atores sem laços prévios com aqueles que iniciaram essas novas formas e a partir da intervenção de terceiros que

mantêm uma relação com quem iniciou e com quem adotou.

Nesse mecanismo de adaptação por difusão, assumimos, aqui, que os atores adaptaram práticas realizadas em outros lugares, em outros tempos e em outras manifestações (ainda que em um mesmo lugar) para o ciclo de protestos de 2013. Essas adaptações por difusão trariam a emergência de novas performances que antes não haviam sido realizadas para esta causa, ou ainda, que não eram conhecidas neste lugar ou realizadas neste tempo.

### 6.1.2.1 Difusão Relacional

De novo, todo esse vínculo que a gente tem com os movimentos do campo, com o MST e o MTD, que é nossos grandes... é onde a gente do Levante aprendeu a luta e fazer manifestação. A gente aprendeu com o MST. Várias coisas eram descoladas da realidade nossa, e claro a gente teve que se adaptar. Mas eu acho que é mais isso. Isso e a coisa da Argentina que é um pouco mais forte na gente (ENTREVISTA 8).

Inspiração do exterior, pra mim ficou muito forte essa troca de experiência do pessoal dos *Occupy*. A gente seguiu se mantendo em contato. A gente montou um escritório, eu tinha um apartamento que agora já não existe mais, que tinha uma área que era dos hacker. Então a gente conseguiu 2, 3 moldem e tal, e fizemos um escritório anônimo aqui no Centro, que tava em contato com o mundo inteiro se municando. O ano de 2012, de 2013 o escritório funcionou: viralizando, mandando vídeo, fazendo meme. E era aqui em Porto Alegre. E, às vezes, tipo assim, montava o meme e jogava pra galera *Occupy* Bauru, que formou um *Occupy* em escritório, que nunca foi pra praça. E aí a *Occupy* Bauru disseminava pra Minas e pra Bahia, que tinham também movimento de Internet de ocupação e os caras de Minas lançavam o meme. E isso foi sendo feito, essa rede de contato muito anônimo, grande parte da galera, das outras ocupações, eu não sei nem o nome, mas um ia chamando o outro. E ah, 'hoje tem assembleia em BH sobre transporte público e tem amanhã em Curitiba, como fazer o que BH decidiu virar pauta da reunião de Curitiba'. Porque aí, quando a gente sair na rua daqui três dias, vamos sair unificado, vamos sair Porto Alegre também. Vamos sair no mesmo horário, com o mesmo discurso, vamos fazer uma faixa de ponto que seja a mesma nas passeatas, que ai já entrou São Paulo. E isso voltou pra rede social, a rede social nos dá. A gente não chega a ter um estímulo externo, mas a gente cria algo que eu acho que foi inusitado num país continental. E de novo, a rede social. A gente consegue tá fazendo a mesma caminhada em Porto Alegre, em BH, em São Paulo e Salvador, no mesmo dia, sem que a mídia se dê conta que a gente tá articulado e fazendo junto. Isso é interessante. Pensa, não existem livros no movimento. Então a comunicação não se dá por livros, não sou eu que tô

conversando com o cara lá, não. É o fulaninho anônimo que tá conversando com o fulaninho anônimo, que juntos tão produzindo um jornalzinho, um zine, que tá sendo distribuído num terceiro lugar, onde não mora nenhum deles. Então, essa galera de Charqueadas ajudou muito nisso e tal. Que eu acho que foi essa troca de convivência entre os *occupies*, na medida em que os *Occupy* foram sendo desocupadas, foi havendo esse diálogo (ENTREVISTA 10).

A gente trabalhava muito com MST, com MNCE, agora tô muito lesada, me esqueci, mas é o Movimento Nacional de Catadores de Material Recicláveis, o MTD, o Movimento dos Trabalhadores Desempregados, o MST, O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, muitos que era os movimentos de base que tavam muito fortes na época, começando a se enfraquecer porque o PT tava no Governo Federal, o Lula, e tinha começado a cooptar as lideranças porque, tipo, MST e PT nascem na mesma época, eles tem a mesma idade inclusive. Ah, Via Campesina tava muito com esses movimentos social de base, com essas reivindicações de cada um, a terra, o trabalho, a dignidade através do material reciclável, a Via Campesina. Então essa era a fonte que a gente bebia, então muito com o grupo era muito combatível (ENTREVISTA 13).

Mas eu me lembro que a gente debatia sim muito isso dentro do Juntos e que outros coletivos ali presentes também debatiam e acho que pra nacionalizar foi importante sim esse exemplo de Porto Alegre. Eu lembro que teve um congresso da UNE e teve antes disso o Juntos, a Anel que são a nível nacional e de outras organizações que organizaram Porto Alegre e que estão enraizadas nacionalmente, elas trabalharam muito para que acontecesse uma primeira data unificada, né. O Juntos, por exemplo, tinha uma relação com o movimento Passe Livre em São Paulo que era quem convocava, então teve algumas organizações que ajudaram a criar esse sentimento vamos repetir Porto Alegre e teve até algumas palavras de ordem de Porto Alegre, de São Paulo reivindicando Porto Alegre, Porto Alegre reivindicando manifestações que estavam acontecendo em outras cidades (ENTREVISTA 2).

Nesses depoimentos, todos os atores mantiveram algum tipo de relação com aqueles que promoveram a ação primeiramente. Nas entrevistas 8 e 13, os ativistas integraram momentos de troca com os movimentos do campo, conheceram pessoas importantes para o desenvolvimento do seu grupo e mantiveram laços permanentes, construindo várias ações coletivamente. Na entrevista 2, relata-se encontros nacionais nos quais trocam-se experiências e fazem-se combinações de ações que serão desenvolvidas em todas capitais. A entrevista 10 apresenta outro evento de protesto, o *Ocuppy*, em Porto Alegre (*Ocupa POA*), e diz que, a partir desse evento, redes foram construídas com várias partes do mundo, possibilitando a troca de experiências e,

inclusive, se utilizando dessa rede para promover ações em 2013.

#### 6.1.2.2 Difusão não Relacional

Eu acho que inspiração... A gente sempre diz que o Levante, ele é mariguista. Quando falamos, qual é a orientação política do Levante, ele é mariguista. Porque Mariguela é uma personagem muito viva pra gente. O Mariguela sim, é a grande inspiração pra gente. Com ele, claro, todo um bojo de militância durante a Ditadura Militar. Mas, no sentido desse ativismo, de garantir esses novos métodos. A gente sempre diz, o Levante é o que vem com os novos métodos. Na verdade, isso... Novos métodos que vêm é o que tá ali, a gente só adaptou pra dentro da militância. Que são coisas que as pessoas sabiam fazer, tocar bateria, pixar, fazer lambe-lambe. Enfim, que é o que a gente chama de agitação e propaganda. E vem muito dessa época da Ditadura Militar, principalmente na época do Mariguela (ENTREVISTA 8).

A gente pesquisa muito o período de 1961 a 1964, né, que nós tivemos o começo do Regime Militar, Ditadura e tudo mais. Um período de exceção, como foram as manifestações daquela época, porque nós tivemos um Regime Militar durante 20 anos, porque isso aconteceu, quais eram as manifestações, o que era pedido, como o povo naquela época... o que diziam as faixas, né, quem que começou as manifestações naquela época, outros países também que promoveram mudanças significativas em seus países através de manifestações, que mudaram totalmente o rumo do país através de manifestações. A gente estuda isso, como é que aconteceu, quanto tempo demorou e aí tu vai aprendendo (ENTREVISTA 4).

Fui pro Largo e eu fui de rodinha em rodinha do Largo, chamando as pessoas para que fossem na manifestação fantasiadas pra gente tirar uma onda de Brigada de Palhaço. Como tem em alguns lugares da Europa, fazer uma fileira em frente à Brigada e não deixar acontecer a violência, porque a gente tava nas vésperas dessa violência (ENTREVISTA 10).

Aí a gente fez uma intervenção, porque uma das linguagens que a gente tinha era a intervenção cênica, que vinha com a essa linguagem bem específica de Agitprop, que é agitação, agitação e propaganda da época da revolução Russa, que é essa coisa assim de tu pegar uma questão política e transformar ela pro teatro e ir pras portas das fábricas e apresentar pequenas enquetes que discutiam aquela, aquela questão política bem específica. Porque naquela época, a maioria das pessoas era analfabeta, então era uma forma de tu ensinar pras pessoas ou algum discurso do Partido Comunista, ou dizer pra elas o que tava acontecendo no momento através do teatro. Essa era a agitação que se fazia na época. E a propaganda era isso, era a

propaganda que se fazia do partido através do teatro, então aquela coisa assim bem... agora me esqueci o nome, que o partido usa, vou dar um nome que não é esse, mas as leis do partido. Então eles levavam isso, e ensinavam isso através do teatro, por isso a propaganda, agitação e propaganda (ENTREVISTA 13).

É, eu olhei um doc., cidade dos fotógrafos, que coloca a tese de que o (Augusto) Pinochet (ditador do Chile) cai com uma fotografia. Cai no sentido dos direitos humanos relacionais. Uma fotografia de vários militantes focados numa caverna. Daí essa foto ajuda a derrubar o Pinochet, umas das coisas que derrubaram. Daí eu vi esse filme, que fala do poder das fotos. Na época, eles não tinham filme. Então eles tacavam flash né. Daí eles notaram que quanto mais flash, mais a polícia parava de bater. Então dali veio assim... Foi em 2009, 2010 (ENTREVISTA 5).

Isso foi depois da primeira vez que a gente levou o gás lacrimogêneo. Bah, tu não tem noção do que que é... A primeira vez eu me perdi de todo mundo, fiquei muito horrorizada. Eu lembro de gente vir me ajudar assim do nada, com água, e jogar na cara e... Foi no Rio que surgiu a ideia de vinagre. Eu lembro que na segunda manifestação já tava todo mundo com vinagre, e jogava vinagre porque realmente neutralizava o efeito. E depois dessa primeira vez, nunca o efeito foi tão forte. Então, assim, tinha o gás lacrimogêneo ali, mas eu conseguia manter a minha cabeça e, ah vamos pra frente... não dá mais, vamos correr, fugir do lugar. É, essa preparação. Preparação psicológica e nessa questão que a gente descobriu, do vinagre, tal (ENTREVISTA 6).

Para algumas organizações políticas sim, não pra totalidade das pessoas nem pra maioria das pessoas inclusive, né. Eu lembro inclusive que no Juntos, eu tenho até hoje um cartaz colado na parede da minha casa, que é um cartaz de 2011 que foi de uma manifestação que foi feita em frente à embaixada no Chile aqui em Porto Alegre, que tava tendo aquele movimento de massa dos pinguins no Chile, que tavam lutando por educação pública de qualidade, educação básica e a gente falava muito nisso, a gente sempre falava muito nisso, de 'acabou o amor isso aqui vai virar o Chile', essas coisas, sabe. Até o próprio 15M e várias organizações que faziam parte do Bloco estavam, já foi uma manifestação vinculada ao que estava acontecendo a nível global. Então muito dessas organizações têm suas referências fora. Então a gente sempre debateu que os ventos da Espanha cheguem ao Brasil e essas coisas que só em junho de 2013 que pareceu não serem lunáticas né (risos) e que de fato aconteceu manifestações de massa... (ENTREVISTA 2).

Essas entrevistas apresentam a difusão não relacional, na qual os atores tomam conhecimento através de outros meios que não o das relações pessoais. Nas entrevistas 13, 4 e 8, os atores buscam na história, através de registros, períodos

importantes que inspiraram suas ações, como as manifestações durante a revolução russa, as manifestações no período préditorial e as manifestações durante a Ditadura Militar. As entrevistas 2, 5, 6 e 10 apresentam manifestações de outros lugares, sendo que os entrevistados tiveram acesso a elas a partir da Internet ou da televisão.

### 6.1.2.3 Difusão Mediada

Bateria veio do Levante, acho que ela é um namoro que o Levante tem, em certa medida que vem por causa da Via Campesina com os movimentos do Cone Sul. Na Argentina é muito forte essa ideia da bateria, enfim. Eu acho que a gente pegou um pouco, tanto que fazia anos. Tanto que na manifestação que eu fui em 2010 dos transportes, acho que foi uma das primeiras, eu lembro que eu tava tocando já. Tocando numa lata de tinta, sabe? O negócio é amador, né. Daí, com o tempo, o Levante se profissionalizou na questão da bateria, 2013 foi bem emblemático disso. Acho que fazia um ano mais ou menos que a gente tinha conseguido um projeto de financiamento federal pra comprar as baterias. Baterias profissionais, de verdade assim. E foi num momento de consolidação mesmo da importância da coisa da bateria, porque as pessoas vinham pra perto da gente por causa do barulho. Isso era uma coisa super legal, apesar de cansativo. Porque a gente que tocava duas vezes por semana já não aguentava mais, bem cansada (ENTREVISTA 8).

Acho que a gente tem bastante relação com os movimentos argentino, principalmente com os movimentos que não são os peronistas. A gente tem uma relação com um movimento lá, que hoje é a Pátria Grande. Hoje virou um partido, que é a Pátria Grande, mas que na época era a Frente Popular Darío Santillán. Que é onde a gente se aproxima um pouco (ENTREVISTA 8).

Tinha uma amiga argentina e uma paraguaia que tava nos primeiros atos e ela ficava loca da vida que a gente era muito dócil. Que nós brasileiros era muito dóceis, botava uma cordinha e a gente fica atrás dela. Então ela sempre puxou esse discurso, que tem que ter mais ação direta, que a ação tem que ser mais violenta, mais incisiva. Então várias... é, então normalmente esse pessoal mais ligado a coletivos anarquistas que dizia que a ação tinha se outra, tinha que ser mais incisiva. A ocupação da Câmara se coloca como uma ação dessa, muito mais política que violenta né. Bom, ali tinha de tudo. Ali tava muito diverso. Tinha gente de tudo quanto é linha e com bastante bagagem. De todas as idades e todos os movimentos. Tava muito interessante. Sim e acho que o crescimento de outras... surgem outras, outros momentos, outras ações. O caso do latino americano, na Argentina. Enfim, esses exemplos das ações do movimento estudantil da Argentina (ENTREVISTA 5).

Nessa categoria de difusão, existe um mediador que estabelece a relação entre as partes envolvidas no processo. Na entrevista 8, a Via Campesina serve como mediadora entre o Levante Popular da Juventude e os movimentos do Cone Sul. Ainda nessa entrevista, outro ator que serve de mediador, o movimento Pátria Grande, faz a ligação entre o Levante e os movimentos argentinos. A entrevista 5, por sua vez, apresenta uma argentina e uma paraguaia amigas do entrevistado, as quais fazem o papel de mediação com os movimentos de suas nações respectivamente.

TIPOS DE DIFUSÃO	REFÊRENCIAS	ENTREVISTAS	AÇÃO
Difusão Relacional	Trocas com movimentos do campo	E13, E8	Ações combativas e lúdicas (bateria, músicas)
	Participação nos eventos Ocupa POA	E10	Rede nacional de ação na internet e combinações
	Participação no Congresso da UNE	E2	Trocas de experiências e combinações de ação em nível nacional (pautas unificadas, estratégias de promoção engajamento, estratégias de defesa, de divulgação e de relacionamento com a mídia e com o governo)
Difusão não Relacional	Leitura sobre os Movimentos (e sobre os personagens) da resistência à Ditadura Militar	E8	“Agitação e propaganda”, lambe-lambe, pichação, música
	Leitura sobre os Movimentos da Revolução Russa	E10	“Agitprop” – agitação e propaganda através de intervenções cênicas
	Leitura sobre os Movimentos pró-regime militar	E4	Adaptação dos discursos da época para as reivindicações atuais
	Busca sobre manifestações europeias na mídia	E10	“Brigada de palhaços”
	Busca sobre as manifestações nos outros Estados na mídia	E6	Utilização do vinagre
	Documentário “Cidade dos fotógrafos”	E5	Ações através do registro e luz da câmera fotográfica
	Busca sobre as manifestações Europeias (Los Indignados, Occupy) Árabes (Primavera Árabe e Latino Americanas (Chilenas) na mídia	E2	Ações de promoção de engajamento
Difusão Mediada	Movimentos do Cone Sul, dos quais a Via Campesina faz a mediação	E8	Bateria
	Movimentos Latino Americanos, dos quais amigos fazem a mediação.	E5	Ações combativas

Tabela 6: Adaptação por dinâmicas de difusão (Fonte: a autora, 2015)

Algumas performances realizadas no ciclo de protesto de 2013 que ainda não eram recorrentes (no Brasil ou mesmo na cidade de Porto Alegre nas manifestações que envolvem o tema do transporte) se conformam a partir de dinâmicas de *difusão*, nas quais ocorre uma *adaptação* de ações realizadas em outros lugares (tempos e manifestações) para a essa mobilização, conforme apresenta a tabela acima (*Tabela 6*).

### 6.1.3 Experimentação interativa

A interação é um momento que possibilita a criação (SCHECHNER, 2006; TILLY, 2008). Em uma interação entre dois ou mais atores desempenha-se papéis socialmente definidos<sup>35</sup> para dar entendimento a essa interação. *E quando um desses atores age de maneira inesperada?* Segundo Schechner (2012b), o comportamento ritualizado condicionado (a performance) é permeado pelo jogo entre os atores. O jogo é uma atividade ambivalente que, ao mesmo tempo, sustenta e subverte a estrutura e os arranjos sociais (*op. cit.*, 127).

A ideia de jogo permite pensar que, apesar de existirem regras que regulam a interação, existe apenas uma probabilidade de que aquilo que se espera aconteça. Assim, sempre há, em maior ou menor grau, um princípio da incerteza<sup>36</sup>. As casas<sup>37</sup> “da coreografia rigorosa, partituras precisas e *mise-en-scènes* determinadas, foram abertas aos processos de mudança, erupções e imprevisíveis do inconsciente e improvisação” (*ibid.*, 117). A improvisação durante a interação, dando resposta àquelas situações não previstas, é um dos momentos nos quais emergem novas performances.

---

<sup>35</sup> O que Goffman (2013) chama de performance. Ver capítulo 3 desta pesquisa.

<sup>36</sup> O princípio da incerteza de Werner Heisenberg foi parte de um movimento maior do pensamento ocidental desde o final do século XIX. Heisenberg descobriu que o ato de observar partículas muito pequenas modifica o que está sendo observado. Ele derrubou a física newtoniana afirmando que a natureza não pode ser determinada fora da probabilidade. Logo, não existe solidez, nenhuma substância material fundamental (SCHECHNER, 2012b, p. 116).

<sup>37</sup> Schechner (2012b) faz alusão às artes. Porém, é perfeitamente relacionável com as interações do cotidiano e, mais especificamente, com as interações previstas durante as manifestações. Essas relações são realizadas pelo autor em capítulos seguintes.

Durante o ciclo de protesto de 2013 foi possível observar a experimentação de algumas performances durante a própria ação, as quais não haviam sido pensadas nem planejadas anteriormente para, então, serem realizadas. Foi durante a interação que se experimentou essas performances. Espera-se, na interação com o Estado, que este, enquanto democrático, respeite o direito à manifestação. Na medida em que a repressão acontece, contrariando as expectativas da interação, necessita-se repensar a ação. A resposta à repressão policial foi de avanço e de confronto em algumas situações, como relatado na entrevista 6:

Eu descobri que a minha reação a essa situação limite era a reagir. Eu tinha cada vez mais vontade de ir pra frente. Me lembro uma vez que a gente ficou... todo a vez que a polícia vinha, a manifestação ia pra outro lado, e isso me incomodava. Eu achava que se a gente tava indo lá pra Zero Hora, a gente tinha que manter... manter pra ir. Mas bem marcante, teve uma vez que todo mundo correu e eu fiquei, eu voltei e era a cavalaria e a gente ficou ali, e eles ficaram jogando bomba de gás lacrimogêneo, e a gente meio que fugindo. Não me lembro, mas acho que não joguei pedra, mas a galera tava jogando pedra e aí me lembro que eu tava sozinha. Tava junto com uma galera mascarado, mas eu tava sozinha assim. Até que eu fiquei sabendo que tinham fechado a rua. E quando eles fecham a rua, eles iam prender todo mundo que tava naquela rua ali... e aí, naquele momento eu decidi que eu tinha que sair dali, e daí eu corri muito... Corri muito, muito, muito e fui encontrar a manifestação em outro lugar. Mas eram momentos de resistência, que se faziam minimamente (ENTREVISTA 6).

Por outro lado, a resposta descrita na entrevista 10, a improvisação foi encontrada em uma ação de solidariedade na distribuição de vinagre e bicarbonato de sódio:

Eu e uma amiga sentamos naquele *guard rail*, que tem na entrada da (rua) Lima (e Silva) com um monte de paninho encharcado com vinagre. As pessoas iam passando, iam pra frente e apanhavam da polícia, voltava e a gente dava os paninho encharcado com vinagre e ficava lá com bicarbonato de sódio pra elas se lavarem. Era o que a gente podia fazer. A gente não tinha como combater as bombas. A gente podia fazer os paliativos, pras pessoas que passassem mal, não passassem tanto mal, como a gente tinha passado (ENTREVISTA 10).

Durante uma passeata ou durante a dispersão da manifestação, espera-se que

não haja adversidades no caminho. Porém, durante uma das manifestações, o ator entrevistado (entrevista 14) relata um obstáculo, o qual teve como resposta a criação de uma performance lúdica:

Teve um momento que eu não lembro se era bem no meio da passeata, ou de dispersão, eu lembro que tinha uma mureta que atrapalhava o caminho, a galera tinha que dar uma desviadinha. Aí, eu e uns amigos pulamos ela, tá, era pequena, nada de mais, dava pra pular (risos). Quando um pulou eu comecei a cantar, “pula roleta, pula roleta, pula”. Aí uma galera começou a pular, depois mais pra frente não tinha mureta nenhuma, a gente pelo que eu me lembro pegou um ferro e dizíamos pras pessoas pularem e ficávamos inventando músicas com a ideia de pular a roleta, a catraca, essas coisas. Bem tri. E isso acabou ficando depois pras outras manifestações, como uma brincadeira no meio, sabe (ENTREVISTA 14).

No processo de interação, novas situações (tarefas) se apresentam, e os atores precisam reinterpretar e ressignificar os scripts pré-estabelecidos durante o confronto. Desse modo, por vezes, os atores oferecem respostas a essas novas situações através de performances inovadoras (TILLY, 2008).

ENTREVISTA	DESAFIO DA INTERAÇÃO	AÇÃO
E6	Forte Repressão Policial	Confronto
E10	Bombas de Gás	Distribuição de vinagre e bicarbonato de sódio
E14	Obstáculo durante dispersão da passeata <sup>a</sup>	Ação lúdica: “Pula a roleta”

Tabela 7: Experimentação interativa (Fonte: a autora, 2015)

Assim, o mecanismo de *experimentação interativa* diz respeito a essas improvisações não previstas. Experimentam-se outras performances que não aquelas esperadas durante a interação. É enquanto resposta a novas situações que aparecem durante o jogo-confronto (TILLY, 2008) que os atores improvisam performances inovadoras, as quais podem ou não ser posteriormente incorporadas aos repertórios de ação (SCHECHNER, 2012b).

#### 6.1.4 Rotinização

O ciclo de protestos de 2013 foi um momento em que novas performances aparecem em cena. Porém, conforme vimos, nos anos seguintes nem todas continuam sendo realizadas. Na verdade, a grande maioria das inovações que marcaram 2013 tendem a sair de cena em 2014 e, especialmente, em 2015. *O que faz com que uma performance seja incorporada ou não ao repertório?* O que explica esse processo é chamado, aqui, de “rotinização”.

Rotinização diz respeito a tornar algo rotina. Portanto, para que seja incorporada, uma nova performance deve passar por um processo de rotinação, tornando-se parte (re)conhecida de um repertório de contestação<sup>38</sup>.

Toda a atividade humana está sujeita ao hábito. Qualquer ação frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão, que pode em seguida ser reproduzido com economia de esforço e que, isso feito, é apreendido pelo executante como tal padrão. O hábito implica além disso que a ação em questão pode ser novamente executada no futuro da mesma maneira e com o mesmo esforço econômico (BERGER; LUCKMAN, 2002, p. 77).

Segundo Berger e Luckman (2002), a formação de hábitos precede o processo de institucionalização. Seria neste processo que ocorreria o que chamo de rotinação: ações tornadas habituais conservam o caráter significativo para o ator, embora o significado se torne incluído como rotina em seu acervo de conhecimentos admitidos como certos e disponíveis para projetos e ações futuros (*op. cit.*, p. 78).

O processo de rotinação acontece a partir de quatro mecanismos explicativos: a atribuição de eficácia à performance, a identificação com a performance, a adequação à estrutura organizativa e o diálogo com o público espectador.

---

<sup>38</sup> Esse processo poderia ser chamado de institucionalização, entretanto, o processo de institucionalização envolve uma série de fatores que são mais complexos do que a rotinação.

#### 6.1.4.1 Atribuição de Eficácia

Uma das explicações para uma performance tornar-se rotina é a noção de eficácia. Ou seja, os atores interpretam que determinada performance apresenta algum tipo de "resultado positivo" (TARROW, 2009).

Segundo os dados apresentados no *Gráfico 1* (p. 74 desta pesquisa), os tipos de ação que se mantêm nos anos seguintes são aqueles de ocupação da rua (em especial as passeatas) e de ações violentas (que seguem durante 2014). Algo em comum entre essas ações é o fato de que ambas podem ser classificadas como performances extrainstitucionais. Percebe-se, através das entrevistas, que os atores interpretam essas performances como uma forma de pressão às autoridades públicas e que essa pressão tem resultados (instrumentais e/ou expressivos) positivos.

Segundo os manifestantes entrevistados, o ano de 2013 serviu para mostrar que as pessoas, ocupando e fazendo pressão nas ruas, podem alcançar seus objetivos:

A juventude que participou das manifestações de junho vê nas manifestações de rua uma forma de pressão, né. Então eu percebo que hoje as pessoas se dão conta que elas podem se organizar, que elas podem tomar a iniciativa para mudar as coisas na sua faculdade, que elas podem tomar iniciativa pra mudar as coisas no seu trabalho. Eu percebo que talvez a contribuição de junho tenha sido esse empoderamento, assim, das pessoas saberem sim que elas podem mudar alguma coisa né, porque aqui teve a vitória da redução da tarifa, da aprovação do passe livre intermunicipal, então teve algumas vitórias aqui importantes, né. Então ficou um bom exemplo nesse sentido (ENTREVISTA 2).

Estar na rua e pressionar é o que a gente precisa fazer. 2013 nos mostrou que é possível, deu muito certo, foi incrível, agora tudo que fazemos é continuar colocando o nosso bloco na rua (ENTREVISTA 15).

No que se refere especificamente à manutenção das ações violentas no ano de 2014, uma parte dos manifestantes entrevistados interpreta que as "vitórias", no ciclo de 2013, tiveram uma relação direta com as ações violentas que pressionaram o poder público:

Chegou um momento das manifestações que eu achava que essa questão de tu quebrar um banco, quebrar McDonald's, botar fogo num lixo, jogar o lixo no meio da rua e não deixar que a polícia viesse, fazia parte do espetáculo da manifestação. A gente passou por um momento que teve.... porra, sei lá, era 20, 30 mil pessoas na rua caminhando e que parecia uma Marcha de Deus pela Família, então essa questão de tu chegar na RBS, quebrar um vidro da RBS, tu quebrar alguns lugares simbólicos pra aquela luta, era importante. [...] Acho que fazia parte dessas manifestações esses espetáculos, de quebrar. Também a questão do medo. Tu causava medo. Assim no poder dos políticos, com a própria polícia. Eles não sabiam muito bem como agir, eles não sabiam como lidar e quando tu não tinha medo, quando tinha muitas pessoas que bancavam assim, não tinha medo e iam pra cima, bah, 'quer jogar, então joga bomba pra cima'. Então acho que tinha um efeito (ENTREVISTA 6).

É uma forma de se revoltar e de alertar as pessoas... De alertar as pessoas não, mas é uma forma, primeiro, legítima, segunda, genuína, e a terceira que é a melhor, é que bate no bolso onde incomoda, e lá depois na prefeitura ou no Estado. É quanto os cara começam a ficar revoltado que eles estão tendo o seu patrimônio depredado, vandalizado, e eles começam a pressionar as prefeituras e o Estado, e é quando gera algum tipo de ação que leva a nossa luta pra frente, ou que dá visibilidade muitas vezes. Porque muitas vezes, quando a gente faz esses tais Atos pacíficos, que eles tanto gostam de dizer, que eles falam, não nos levam a lugar nenhum, não sai nem na mídia (ENTREVISTA 13).

As performances extrainstitucionais são identificadas pelos manifestantes como eficazes a partir da pressão que realizam em seus alvos, fazendo com que esses assumam uma postura mais colaborativa com a causa. Portanto, as performances públicas de contestação passam por um processo de rotinização através da noção de *eficácia*. A partir do entendimento de seus atores de que essas performances foram eficazes em seus objetivos, continuam realizando-as, incorporando-as ao repertório de contestação.

#### 6.1.4.2 Identificação

O processo de rotinização também pode ser explicado pela identificação dos atores com determinados tipos de performance. A construção da identidade de um grupo relaciona-se, sobretudo, com as ações que esse grupo desempenha (MELUCCI, 2001). Vemos, por exemplo, a ocupação de terra como referente identitário dos movimentos sociais do campo, bem como as ações diretas integram a identidade dos grupos anarquistas.

Muitos daqueles que participaram do ciclo de 2013 afirmam não se identificar com as performances tradicionais e propõem outras formas de se manifestar. As inovações capazes de produzir identificação entre/para os manifestantes tendem a manter-se enquanto parte de um repertório compartilhado. O que aparece presente nas entrevistas é a identificação com formas horizontais de ação e, além disso, a postura por fora das práticas conformadas pela lógica partidária.

O aprendizado principal, quer dizer, a necessidade de formas horizontais, digamos de auto-gestão, pra luta. A outra coisa foi à perspectiva de uma experiência feita com ferramentas que a nossa geração construiu de luta e organização, digamos a classe trabalhadora e o movimento social. Ficou evidente de que elas envelheceram. Envelheceram no sentido político. E a necessidade de se criar novas ferramentas de luta em todos os movimentos, em todos eles. Ou seja, ela teve um caráter muito, digamos, antiburocrático. Engessamento dessas organizações tradicionais, do movimento social. Um pouco do rechaço aos partidos, a responsabilidade é da política dos próprios partidos. E outra, mostrou muito o discurso anticomunista que surgiu disso. Mas é perfeitamente compreensível diante do papel extremamente conivente dessas organizações com o projeto político que nos massacra. Então, eu acho que foi um terremoto importante pra todas as organizações, que até agora ele vem em ondas sucessivas ainda reverberando (ENTREVISTA 9).

O entrevistado 9 apresenta a necessidade de formas horizontais porque as pessoas não se identificam mais com as "ferramentas" tradicionais de luta da classe trabalhadora. Nesse sentido, 2013 foi, para ele, um momento em que se objetivou essas novas formas de organização e ação. Nessa narrativa, observa-se que os novos atores se distanciam das performances com as quais não se identificam (as velhas ferramentas políticas da classe trabalhadora) e propõem outras formas de fazer

política, através da horizontalidade e da autogestão.

As ações violentas fizeram parte das performances de destaque nas manifestações de 2013. O debate sobre a legitimidade dessas performances diz respeito, também, à identificação das pessoas com essa forma de ação.

Daí aconteceu muita coisa assim que fez as pessoas desestimularem, porque não se identificavam com essa forma de fazer manifestação né, que fez a coisa ir esfriando, né, esfriando e parou em 2013, que foi o vandalismo, foi o saque às lojas, as brigas, os tumultos, o confronto com a polícia. Era muito complicado, em meio a 20 mil pessoas saber quem tá do teu lado e a grande maioria são pessoas de bem, a grande maioria não é vândalo, não é marginal, não tá ali pra bagunçar, só que ninguém vai se arriscar a ponto de se pôr na frente de um marginal, né. Se tentava até, em alguns casos que o pessoal começou a quebrar o grande grupo, a grande massa dizia 'não, para com isso', 'não quebra', 'não é isso aí', 'para com isso', mas é muito complicado, é muito difícil, sabe. Então o que fez as manifestações se esfriarem mesmo e deixou muita gente com medo de hoje ir pra rua. Já agora as nossas manifestações é diferente, é com o que a gente e, acho que a maioria da população, se identifica, os símbolos nacionais, pacífica. Então, quer dizer que a manifestação ela é tranquila, ela tem os riscos sim, mas dando uma organização, que é o que a gente faz hoje, né. Hoje a gente consegue protocolar tudo nos órgãos de segurança, na empresa de transporte, na EPTC, na polícia militar, na polícia civil, é bem mais tranquilo hoje, as manifestações hoje. A gente documentar a manifestação, de se precaver, porque tudo que tu vai fazer tu tem que tá bem embasado e dentro da lei, né. Então hoje a gente consegue o apoio dos órgãos de segurança, a gente consegue protocolar tudo, então já existe um itinerário já predefinido onde tem que ser cumprido, um horário de começo e um horário de final que tem que ser cumprido, sabe, porque daí a gente consegue ter uma escolta da polícia militar, né, se precisar vai batedores na frente. Pra ti alcançar mais pessoas, estratégias que as pessoas se identificam, na rua também como a gente organizar as pessoas, né, e tudo sem um líder específico, sabe, e não tem 'ah um líder', não, são pessoas que se disponibilizam a fazer tal coisa, 'vamos fazer panfleto, bom, o que a gente vai botar no panfleto?' 'O que a gente quer dizer?' Bom, a gente tem que mostrar que o problema não é só a corrupção, bom, temos que mostrar que o problema não é só de um partido (ENTREVISTA 4).

Observa-se, na entrevista 4, a interpretação do ator de que muitos se desmobilizaram devido à falta de identificação com as performances violentas de ação. O entrevistado apresenta uma alternativa, na qual acredita que todos se identificam (ou deveriam): uma manifestação com controle do poder público e com a mobilização dos símbolos nacionais.

Em argumento contrário, as performances que se caracterizam pelo conflito seriam aquelas que contribuiriam para o engajamento:

As manifestações contra o governo [de José Ivo] Sartori (PMDB) foram paradas. Foram na Praça da Matriz e não te instiga porque era o sindicato que faz e as pessoas ficam ali, não um número muito grande de pessoas. E depois fui em outra lá na frente da FASE, e depois a gente se mobilizou de carro pra ir pra outro lugar. Eu acho que as manifestações têm que hostilizar mais, é com isso que eu me identifico. Se tu não lida com a questão do medo, que pra mim é central, não conseguir cavar o medo no governante, ou na pessoa que é o alvo das manifestações, eu não acho que tenha muito fundamento. Acho que o caos ele tem também sua parte boa. Tu causar assim uma sensação de medo, acho que isso daí é... Mas eu não sei, essas manifestações são mais tradicionais, essas né. Mas não me motivam tanto. Eu não me identifico, não que eu não vá, eu quero ir em outras, tal. Mas eu gostaria que a minha categoria se posicionasse mais, que a gente entrasse em greve. Tem que ter alguma coisa que tu intimide. Porque se não, tu não vai receber teu salário. A gente já não recebeu aumento nenhum e tal. E as pessoas são bem acomodadas em relação a isso (ENTREVISTA 6).

A entrevista 6 demonstra a identificação do ator com as performances que oferecem algum tipo de intimidação ao alvo do protesto, algo que as manifestações tradicionais não oferecem. Segundo a entrevistada, as manifestações do setor público contra a política do atual governador do Rio Grande do Sul, ocorridas em 2015, não confrontam, são paradas e, por isto, não mobilizam.

A identificação com as formas artísticas de ação que compõe as performances lúdicas também foram uma alternativa às performances tradicionais:

Acho que muito por isso que eu nunca me filiei a nada, eu nunca participei de partido, eu nunca me identifiquei com aquela forma de fazer política, mas sempre achei a luta das passagens muito importante, e sempre vim, sempre vim mesmo quando a gente não conseguia apresentar. A gente vinha com a teatralidade através da música, que o teatro tem por si assim, de poder formar um grande bloco de rebeldia, dizendo muita coisa através das suas máscaras, suas danças, seus narizes, suas músicas, seus estandartes. E essa é a minha forma de ação até hoje (ENTREVISTA 13).

Percebe-se que a identificação dos atores com determinadas formas de ação (e a desidentificação com outras) faz com que algumas performances continuem (ou não) após o término do ciclo de protestos. A rotinização através da *identificação* ocorre, então, quando os atores continuam a recorrer às performances que se identificam, integrando-as ao seu repertório de ação.

#### 6.1.4.3 A importância das organizações

Um mecanismo importante para explicar a rotinização das performances é a incorporação das mesmas aos repertórios de ação das organizações. Os dados apresentados mostram que, apesar da participação massiva de indivíduos não vinculados organizativamente, as organizações tiveram centralidade enquanto estruturas de mobilização<sup>39</sup> tanto na construção inicial do ciclo de protestos em Porto Alegre quanto na manutenção das ações após o ápice deste ciclo, em junho e julho de 2013. E, mesmo durante o ápice do ciclo, a rede de organizações articulada em torno do Bloco de Lutas teve papel protagonista em todos os eventos de protesto ocorridos na cidade.

As organizações diminuem os riscos e os custos da manifestação para os atores frente àqueles que se engajam por fora delas. Muito do que é possível fazer nas manifestações é devido à estrutura que a organização possibilita. Portanto, algumas performances só são possíveis de serem incorporadas no repertório se tiverem organizações que as sustentem.

Aí, eu na idade que eu tô hoje, porque sempre por causa da militância e por causa da minha vivência, eu nunca dei prioridade aos meus estudos, então eu tô até hoje remando nos estudos. Hoje, com 29 anos, ainda não me formei. Acabei o segundo grau muito tarde. Eu fui me formar no segundo grau com 21. Acho que eu terminei com 20 e entrei na faculdade com 22. Teve esse limbo aí... Ou 21, não lembro. Eu entrei na faculdade com 21 ou 22 anos. Sabe quando tu cansa? Aí tu tá cansada, assim. Aí tu vê assim, porque aí chega nessa conclusão. Quem é que tem essa disponibilidade pra militância? As pessoas que têm pais, as pessoas que têm partidos. Aí, sempre colocando a tua vida em risco, e a possibilidade de uma prisão que depois ninguém vai te

---

<sup>39</sup> “Os canais coletivos tanto formais como informais, através dos quais as pessoas podem se mobilizar e se engajar na ação coletiva” (McADAM; McCARTHY; ZALD, 1999, p. 24).

tirar. Porque tu não tem um sindicato atrás de ti, um partido atrás de ti, tu não tem pais com dinheiro. Então se tu for presa, provavelmente tu vai ficar, tu vai ficar lá (ENTREVISTA 13).

A entrevista 13 apresenta o argumento de que a organização oportuniza “a disponibilidade para a militância” no sentido de que oferece os recursos necessários para que não se comprometam outras esferas da vida. As performances que ela desenvolve provavelmente não terão continuidade se não forem realizadas por pessoas que tenham algum tipo de organização que as sustentem, pois necessitam dar atenção às exigências da vida cotidiana (os estudos, nesse caso).

Outro fator importante é a preocupação com a segurança. Algumas performances trazem um alto risco, podendo resultar na prisão daqueles que as realizam. Novamente, entrevistados salientam a necessidade de uma estrutura organizativa que tenha recursos para possibilitar a diminuição desses riscos, inclusive intervindo através de advogados e de pagamento de fianças caso a prisão ocorra.

Ah, depois eu perdi o controle. A gente... como foi ficando, polarizando de novo e entrando também reivindicações que vinham de qualquer lado político, saiu do controle. As próprias, digamos... voltando ao centro acadêmico, muitos se sentiram ‘ah, precisamos dar um passo a mais’, e então se filiaram. Muitos necessitaram essa questão mais representativa, tipo essa questão burocrática, de atuação, até por que a coisa ficou feia. Muitos foram... uns dois ou três do CECS<sup>40</sup> foram indiciados, né. Esses já recuaram. Daí quando tu tá indiciado por contra própria, tu não tem um partido pra ter um advogado pra te defender, daí tinha que pegar os advogados do Bloco. Então se mostrou limitações assim, frente a essa esfera de poder (ENTREVISTA 5).

Nesse mesmo sentido, a entrevista 5 demonstra a importância da organização para as questões de segurança do militante. A dificuldade de manter-se “por conta própria” se constituiu um obstáculo, principalmente frente aos indiciamentos que passam a ocorrer a partir de 2013.

Aí tem uma hora assim que bom, se tu tá sozinho não tem como continuar, porque tem que trabalhar, estudar, namorar, etc. Ainda bem que eu tinha um grupo forte que de certa forma me protegia,

---

<sup>40</sup> Coletivo de Estudantes das Ciências Sociais

eu não sei como aquelas pessoas que foram sozinhas, com nenhuma organização se mantiveram tanto tempo. Bom, depois a gente vê que só ficou aqueles que eram filiados a algum partido, grupo, etc. Algumas ações que a gente fez com certeza só foi possível por causa das organizações que lá estavam, o acesso ao poder público, a entrada de projetos, as ações mais fortes, a segurança, por exemplo, foi o MST que fez, enfim, no fim parece que sozinho as pessoas não têm fôlego (ENTREVISTA 15).

Além do que foi abordado anteriormente (os compromissos da vida cotidiana e as questões de segurança), a entrevista 15 apresenta outros aspectos que demonstram a importância das organizações. A segurança das manifestações, sendo composta por membros do Movimento Sem Terra (MST), permite ações conflituosas, pois a estrutura do MST garante, até certa medida, a segurança para aqueles que realizam performances de alto risco.

A rotinização de uma performance pode ocorrer quando existe uma estrutura organizativa diminuindo os riscos e os custos de sua conformação, como relatado nas entrevistas. Assim, a incorporação das performances por organizações contribui na explicação de por que algumas performances são rotinizadas enquanto parte de um repertório (re)conhecido e outras não.

#### 6.1.4.4 Diálogo com o público expectador

Muito do sucesso da manifestação está relacionado à recepção do público. As performances que permanecem acontecendo, geralmente, são aquelas que mais dialogam com seu espectador.

Sempre comunicou muito com a população por causa dessa alegria, porque tem uma música que vai tar sendo entoada o tempo todo, não vai precisar ninguém parar e dar um discurso de horas pras pessoas que tão super cansadas do seu dia e que não tão afim de ver, que ficam chateadas que tão trancando o trânsito, sendo que não podem ir pra casa. Então elas vão até receber aquele momento que, pra elas muitas vezes é incomodo, por mais que elas concordem que se tem que reduzir o valor da passagem. Aí elas olham pra aquela forma teatralizada e conseguem se conectar com aquilo de alguma forma, porque a pessoa gosta de samba, porque a pessoa gosta de algum tipo de música e ela vai se reconhecer naquilo e ela

vai absorver aquilo que uma forma muito mais orgânica e aceitar aquilo que a gente tá falando, muito mais do que um discurso partidário, político de horas, ou um papel, um panfleto, que daqui a pouco ela não vai ler, sabe? Eu acho, pra mim, assim, pela minha militância que eu tenho com teatro eu acho que essa é a forma que eu acho que dialoga, que dialoga com a população. Não sei se é a que consegue ter uma efetividade política de fazer retroceder como foi em 2013, mas de diálogo com a população pra ter apoio, sabe? (ENTREVISTA 13).

Grande parte das entrevistas aponta que as performances entendidas como tradicionais, realizadas por partidos e sindicatos, não dialogam mais com a população. Uma alternativa sugerida na entrevista 13 é a realização de performances lúdicas, as quais dialogam mais com a população devido à “alegria”. Segundo a entrevistada, o discurso partidário não se “conecta” com as pessoas da maneira que as formas teatralizadas conseguem. As performances teatrais ajudariam a destensionar as pessoas e a aproximá-las dos manifestantes.

Ah, muitas coisas aconteceram em 2013 que não tiveram uma resposta positiva da população, de apoio, outras sim. As ações que chamaram de vandalismo, por exemplo. Aí tem uma hora que esgota né, como que a gente vai tá lutando por algo pro povo e não é reconhecido, legitimado. Ou a gente acha uma maneira diferente que dialogue, ou abandona, porque não tem futuro. Quem conseguiu bem isso foi a direita, os símbolos nacionais dialogam bem com a sociedade, eles tiveram sucesso, tem muito respaldo. Acho que tem outras coisas também, mas isso foi algo importante, sei lá, que me chama atenção (ENTREVISTA 15).

As performances violentas também foram abordadas nas entrevistas como formas de ação que não dialogam com a população. A entrevista 15 argumenta que a falta de diálogo acabou resultando no esgotamento das manifestações. Por outro lado, os símbolos nacionais presentes nas manifestações aproximaram um público distinto, que se identifica com tais símbolos, do público tradicional das manifestações.

Porque a galera dos sindicatos... Hoje eu até acho que tá um pouco melhor, mas naquela época não sabia fazer política que não seja política institucional. Porque assim, a gente na época fazia uma avaliação de que as jornadas de junho, elas tinham como caráter o transporte, mas elas tavam falando sobre a cidade como um todo. E todas essas pautas que as jornadas de junho tinha... julho só dava respostas institucionais. Ah, então a lei tal, não sei o que tal... E aquele método de militância

tradicional. Então é o palanque, as pessoas tipo... Eu lembro de uma coisa que nos doeu um monte. Porque o pessoal... eu fui pra um ato, e o ato no dia, no último dia da ocupação. Foi o dia que teve um ato dos sindicatos, dia de paralisação geral... Daí eu fui, daí a gente chegou lá aquele palanque, aquele carro de som. Bah,...e só os chacho, né. Que é como a gente diz, só os homens. Tipo é um negócio assim, que é uma coisa muito do mundo sindical. Por exemplo, ter essa... secularizar a pauta de gênero, sabe? Isso a gente continua observando lá. Claro, existe uma tentativa de melhorar isso. Mas ainda é um mundo muito duro. E aquelas falas, todas declamadas, dos sindicatos... é outra maneira de diálogo, só que eu também acho que tem muito a ver com o público. Tá, eu achei um saco o que acontecia, mas eu olhava e as pessoas, os trabalhadores que estavam ali curtindo. Daí tu vê que é isso. É outro público. Então às vezes a gente vê que faz uma análise meio moralizante dessa maneira de militar. Ah, o véio, né. Eu lembro que a gente falava o tempo inteiro, a velha política, a velha forma de se manifestar. Só que a gente tem o mundo do trabalho sindicalizado que é velho. Eu acho que falta a gente conseguir um lugar para o trabalhador jovem. Mas hoje quem tá sindicalizado, não é o jovem trabalhador, sabe? Então, também essas estratégias que funcionam pra um público. Imagina se a gente chegava num sindicato pintando a cara e fazendo paródia... Eu acho que a galera não ia curtir, entende? Então é muito analisar o público que a gente tava falando (ENTREVISTA 8).

O argumento, na entrevista 8, apresenta que as performances podem adquirir diferentes sentidos (e até não ter sentido) a depender do público para o qual são encenadas. Propõe, desse modo, que se supere a dicotomia entra a nova e a velha forma de militância, a partir da análise do público a quem se fala. Ainda que os sindicatos apresentem “uma linguagem dura, de palanquismo”, existe um público que só entende um determinado tipo de performance.

Para além de tentar descobrir qual tipo de performance dialoga mais com o público, o argumento defendido aqui é de que as performances somente continuam sendo realizadas ao longo do tempo se, de alguma forma, dialogam com o público para o qual são encenadas. A incorporação de algumas performances ao repertório ocorre, então, se tais performances *dialogam com o público espectador*. Neste sentido, o processo de rotinização tende a ocorrer com performances que têm uma aceitação maior do público, tornando-as parte de um repertório já reconhecido.

<b>ROTINIZAÇÃO</b>	<b>ENTREVISTA</b>	<b>AÇÃO</b>	<b>ARGUMENTO</b>
Eficácia	E2, E15	Manifestação de rua	Pressão
	E6, E13	Ações violentas	Pressão; Medo; Hostilidade
Identificação	E9	Ações inspiradas na horizontalidade e na autogestão	Ferramentas de luta da classe trabalhadora estão envelhecidas
	E4	Manifestações com controle do poder público e com símbolos nacionais	Afastamento das formas violentas de ação; Segurança
	E6	Ações violentas	Pressão; Provoca o medo
	E13	Ações lúdicas	Alternativa a política dura dos partidos
Importância das organizações	E13	Não se mantém: Qualquer tipo de ação por fora das organizações; Ações violentas	Dificuldades de outras esferas da vida; Segurança
	E5	Não se mantém: Ações violentas	Segurança
	E15	Se mantém: Acordos com o poder público	Relações já pré-estabelecidas
Diálogo com o público	E13	Dialogam: Ações lúdicas Não dialogam: Ações tradicionalmente utilizadas por partidos políticos	“Alegria”  Política dura; chata; estressante
	E15	Dialogam: Símbolos nacionais Não dialoga: Ações violentas	Identidade; Nação  Medo

Tabela 8: Rotinização (Fonte: a autora, 2015)

Os possíveis modos de ocorrência do processo de rotinização das performances foi apresentado. Através desse processo, as performances são incorporadas ao repertório de contestação. Quatro mecanismos explicam como tal processo acontece: pela noção de eficácia; pela identificação; pela importância das organizações; pelo diálogo com a população (conforme *Tabela 7*).

## **6.2 Dimensões não previstas no modelo explicativo de hipótese**

Algumas dimensões importantes à explicação do processo de inovação do repertório de ação não foram previstas durante a formulação do modelo de análise. Isso por que somente no decorrer da pesquisa a compreensão foi possível. Compreensão essa que apontou para três dimensões presentes no processo: o contexto político institucional, as disputas interpretativas sobre o confronto e os impactos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

### **6.2.1 Contexto político institucional**

A atuação dos grupos, das organizações e dos movimentos sociais não pode ser explicada sem a apreensão de um contexto político institucional, o qual define oportunidades disponíveis em dada conjuntura para a ação dos atores. Assim, entende-se que a maneira que um regime<sup>41</sup> se estrutura, condiciona os repertórios. Os regimes, em geral, apresentam variações no modo de se relacionarem com as formas de ação que compõe o repertório de um determinado contexto.

Estas formas de ação coletiva podem ser enquadradas pelos regimes como prescritas, toleradas ou proibidas (TILLY, 2006). Da mesma maneira que algumas formas de ação e de organização podem ser valorizadas por alguns regimes, outras podem ser proibidas.

Os regimes produzem estruturas de oportunidades e ameaças para os processos organizativos, que diferem de acordo com o regime. Assim, estimulam ou

---

<sup>41</sup> “As relações regulares entre governos, atores políticos estabelecidos, contestadores e atores políticos externos, incluindo outros governos” (TILLY; TARROW, 2007, p.45).

criam obstáculos de acordo com os custos e os riscos que conformam. A Estrutura de Oportunidades Políticas (EOP) diz respeito às características de regimes e de instituições, bem como das mudanças que facilitam ou inibem a ação dos atores, tanto com oportunidades como também com ameaças (TILLY, TARROW, 2007, p.49).

Existe, no entanto, um fator importante a ser observado: a atribuição de sentido e a interpretação que os atores dão às oportunidades e às ameaças. A forte repressão do Estado no ciclo de protesto de 2013, em um primeiro momento, foi interpretada de uma determinada forma, a qual forneceu um incentivo para o engajamento na ação coletiva. No entanto, no decorrer das manifestações, a repressão é entendida como obstáculo para a continuidade das ações.

Tem uma hora que não dá mais. É muita bomba, pancadaria, correria, a gente cansa, o corpo cansa. E o medo de ser preso então, porque tu vê vários de teus amigos sendo indiciados, e por nada sabe. Difícil, não tem como sustentar (ENTREVISTA 15).

Na entrevista 15, a repressão apresenta uma ameaça à ação coletiva. As bombas, as agressões, as prisões e os processos produzem cansaço e medo, o que, na interpretação do ator, impedem de sustentar qualquer tipo de ação ao longo do tempo. A possibilidade de ser preso é uma das principais ameaças que um regime produz. A entrevista 10 também apresenta o medo como um obstáculo à ação.

E assim foram algumas semanas desse movimento de muita bomba, muita bomba, muita bala de borracha. E a gente indo pra rua pessoal. A gente vai sair hoje, não esquece de por a jaqueta de couro, de colocar proteção nos joelhos e tal. Você pode apanhar da polícia. Vá de capacete, use seu capacete de bike também. Esse tipo de campanha, vamos lá então, vamos acabar com esses papos de gás, que não vão gastar com a gente. Vamos fazer eles gastar. Ano que vem tem Copa, vamo ver o que vai dar. E 2014 foi o ano de ter medo. [...] E tem aquele momento em que a polícia vai pedalar as portas das casas das pessoas, né. No dia que aconteceu de chegarem lá no Moinho (Moinho Negro) quebrando tudo [...] Opa, isso é o AI1, isso não pode acontecer. Aí no mesmo dia quebraram a FAG. Entraram na casa dos guris do Utopia e Luta. Eu pensei: 'poh, vão vir na minha casa'. Avisei os vizinhos e tal. Meu computador, por ter sido hackeado, ele tava muito estranho. Eu tinha tirado o HD dele e levado pra um técnico. Eu entrei em pânico. Porque eu tinha isso. Eu tinha minha máquina fotográfica digital, sem cartão de memória, porque o cartão tavam em algum lugar pro pessoal

tratar umas fotos e o meu computador sem HD. Eu pensei, se entrarem na minha casa e encontrarem meu computador sem HD e a minha máquina sem cartão, vão dizer que eu tô escondendo provas. Então isso me deu um medo muito grande. Eu lembro que isso me deu um medo muito grande, que invadissem a minha casa e concluíssem que eu tinha alguma coisa porque eu tava sem as informações. Sei lá, vou até usar uma expressão que não usaria, mas 'Graças a Deus'... (risos) isso não aconteceu, minha casa não foi invadida. O que é muito bom, porque eu moro sozinha. Quer dizer, na ocasião meu filho não tava morando comigo e o medo de que isso acontecesse era muito grande. [...] 2014 foi o ano pra dar uma sumida, o ano do medo (ENTREVISTA 10).

Ver a casa de pessoas próximas revistada à procura de evidências fez com que a entrevistada percebesse a existência do risco de que entrassem em sua casa e encontrassem qualquer tipo de material que a pudesse incriminar. Isso fez com que, no ano seguinte, ela não realizasse nenhum tipo de performance que a colocasse, de alguma forma, em risco de prisão.

Essa manifestação, se não me engano, foi uma manifestação da galera do... Quando os ônibus pararam e agente se uniu ali na frente do (Ginásio) Tesourinha. Tinha bastante gente, fomos pra RBS, fizemos lá um furdução e voltamos, pela (rua) José do Patrocínio, paramos ali no Largo da Epatur. E daí eu falei assim com uma amiga que tava em casa, 'ah, terminou a manifestação, eu vou pra casa agora'. Daí, que acontece, era também uma estratégia da polícia, eles não reagiam pra não dar... assim, nada contra eles, só que assim, depois eles precisavam mostrar algum serviço. Então eles prendiam a galera depois. Eles precisam prender a galera depois. Eu me lembro de ligar e dizer, 'ah, tô indo pra casa'. Era duas quadras da minha casa, e quando eu comecei a ir pela rua eu vi a cavalaria, dois ou três cavalos vindo e aí eu dei meia volta e voltei pra trás. Mas nisso, eles deram a... 'pode ir todo mundo pra parede', pro resto do pessoal que tava na mobilização. Aí eu fui pra parede, e já falei que eu tava com o spray de pimenta porque eu tinha ido trabalhar de manhã, e eu levava spray de pimenta porque eu andava na Vila Cruzeiro a pé de manhã. Só que eu tinha ido direto do trabalho e tava com o spray que eu usava pra me proteger pra ir pro trabalho. Daí eu já falei, porque eu sabia que eles iam mexer na minha mochila e eu achei que não ia ser tão mal interpretado, ainda mais eu falando né, que eu tinha. Mas como eles precisavam de número, eles me levaram pra Delegacia. Eu tava já bem revoltada com aquela situação de ser presa por causa do spray de pimenta, gritei dentro do carro da polícia. Eles me algemaram, colocaram dentro do carro da polícia e eu gritei que eu tava sendo presa por causa de um spray de pimenta. Daí a mulher, a policial falou que era melhor eu ficar quieta, daí eu pensei 'é melhor eu ficar quieta mesmo' (riso). Daí eu fui lá, eu expliquei que eu trabalhava na Fase, que era muito perigoso. Que eu chegava de madrugada ali, que eu precisava usar o spray de pimenta, que não tinha nada... que não tinha

nada a ver mesmo com a manifestação. Recolheram o spray de pimenta e eu fui liberada. Prenderam o resto do pessoal. Um cara que tava com umas pedras, uma guria que tava com maconha, mas não era nada. Era só pra prender mesmo, sabe. Tem uma continuidade de junho a janeiro. As manifestações têm uma proximidade, uma mesma ideia. Talvez já tem uma... uma ideia que vai se desgastando, mas que não é assim, ficou restrita ali. Ela foi se desgastando. Em janeiro ainda prevalecia a mesma ideia. Mas com o tempo foi diminuindo o ânimo da galera. Eu parei de ir em parte porque eu fiquei com medo. Tu nem pensa assim que, 'ah, eu tou com medo'. Mas teu corpo reage às coisas. Então, sim eu tinha outros... Minha função era pública, tinha vontade de fazer outros concursos. Complicado. Fica chato. A gente fica com medo de se comprometer de alguma forma. Não tava ali... não tava pra dar a minha vida pra aquilo ali, ou minha vida profissional por aquilo ali. Tava por participar de um grande acontecimento histórico. Mas não era uma mártir (ENTREVISTA 6).

A descrição de apreensão, apresentada na entrevista 6, reafirma as ameaças produzidas. As formas mais confrontacionais de ação, das quais fazem parte as performances caracterizadas como violentas, não são “toleradas”.

Quanto às oportunidades, a entrevista 4 apresenta a interpretação de algumas situações como oportunidade para a ação coletiva. Em 2013, com o desgaste do governo, os questionamentos acerca da corrupção e dos gastos excessivos com a Copa do Mundo e a existência de uma “abertura” para manifestações pacíficas em relação às violentas são alguns fatores que o entrevistado interpreta como oportunidades para realizar suas performances.

Em 2013 a gente viu o ápice da roubalheira que vinha através dos governos, os gastos com a Copa, e tentamos dar um basta, não era por R\$ 0,20, todo mundo viu. De certa forma, o governo estava favorável às manifestações, não aquelas violentas dos vândalos, mas as pacíficas foram entendidas. A gente ainda levou muita bomba, porque tava todo mundo junto, né. Mas eu digo que isso serviu pras nossas manifestações esse ano contra a corrupção e tudo mais. As eleições acontecem e mesmo depois de tudo que aconteceu em 2013 ela continua lá, e independente de quem assumisse o poder, nada vai dar certo sem uma transformação lá em Brasília. Mas o que eu ia dizendo é que a mídia, o governo, a polícia, todo mundo, está ok com as manifestações agora, porque a gente expressa nossa indignação, mas sem nenhum vandalismo. Tudo isso contribuiu pra gente ver que era o momento de ir pra rua de novo, porém com as nossas bandeiras, verde e amarela, por um Brasil melhor. A oportunidade tava dada, e as duas manifestações até agora foram um sucesso (ENTREVISTA 4).

A indissociabilidade entre os processos de organização social e a configuração do campo político-administrativo (TILLY, 2006) faz com que a análise de um ciclo de protestos e das ações que o compõe não possa ser separada da compreensão das relações com esse campo. As reações à forte repressão do Estado são exemplos de que as oportunidades e as ameaças dependem da interpretação e da atribuição de sentido dos atores. Assim, entende-se que a interpretação e a atribuição de sentido dos atores condicionam a ação que será por eles desempenhada, determinando o tipo de performance a ser realizada.

### 6.2.2 A disputa interpretativa sobre o confronto

Percebeu-se, durante a pesquisa, que as diferentes formas de entender o confronto condicionam as performances que serão realizadas. A construção e a atribuição de sentido são compreendidas a partir do conceito de molduras interpretativas (*frames*). Goffman (2012) definiu esse conceito como “os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles” (p. 34).

O processo de enquadramento interpretativo é central na compreensão das mobilizações sociais. Uma de suas dimensões diz respeito à disputa interpretativa na qual os atores envolvidos no conflito se inserem. Destaca-se que os atores envolvidos participam de uma batalha interpretativa (*framing contests*) que conforma o seu campo de conflito (BENFORD; SNOW, 2000).

Aqueles que atribuem o sentido à manifestação como, nas palavras dos atores, “uma luta pelo transporte público de qualidade”, conformam performances que vão ao encontro desse entendimento. Entretanto, aqueles que atribuem o sentido da manifestação como uma ação “contra a corrupção”, conformam performances que contribuam à legitimação dessa interpretação.

Nós tentávamos dar um pouco de organização, então, horário, o itinerário, por quais ruas nós vamos percorrer, os dizeres dos cartazes...o que a gente vai pedir, né?! Porque a maioria das pessoas foi pra rua, mas sem muito conhecimento assim do que pedir, sabia que a coisa tava ruim, tava péssima, né, e não era só por causa da passagem, dos vinte centavos lá da passagem,

não era, era contra a corrupção e tal. E aí a gente começou a fazer um estudo mesmo sobre projeto de lei que estavam pra ser aprovado, como funciona a aprovação de uma lei, quais os trâmites que ela tem e aí a gente começou a criar pautas pra manifestação, bom, nessa manifestação a gente vai pedir não à PEC37, vamos pedir não à PEC37, fora corrupção, coisas assim, mas era tudo decidido em conjunto, mas pelo número de pessoas é muito difícil tu conseguir unir as pessoas, as pessoas gritar uma coisa só e tal, então é tudo meio que no embalo. Então um grupo começa a gritar lá fora, sei lá, fora qualquer coisa e os outros vêm no embalo e são muitos grupos também, eram muitos grupos e com interesses diferentes e aí eu pude ver o quanto a política ela é feita no dia a dia, né, o quanto é importante a gente ter o mínimo de conhecimento político, sobre política, o mínimo senão não tem nem como tu fazer uma manifestação, você não tem como ter resultado numa manifestação, tu tem que saber o que vai pedir, o que tu tá pedindo, né, tem que ter um pouco de organização senão é complicado. [...] E não era os vinte centavos, era mais que isso, era a corrupção no nosso entender, aí a partir daí, sabendo disso, pensávamos no que fazer, o que escrever, onde ir, essas coisas (ENTREVISTA 4).

A entrevista confere às manifestações o sentido de que a luta vai além dos 20 centavos, pois a causa diz respeito à corrupção. Toda mensagem que se pretende passar é estudada a partir desse entendimento e, conseqüentemente, as performances realizadas são pensadas a partir do sentido atribuído: “não era vinte centavos [...] era a corrupção [...] sabendo disso, pensávamos no que fazer, o que escrever, onde ir”.

Por outro lado, uma interpretação diferente é apresentada na entrevista 13, onde o preço da passagem não seria condizente com a qualidade do transporte. A precariedade do transporte é o sentido atribuído, pelo qual se constroem as manifestações. A mensagem é passada para o público a partir desse sentido, na tentativa de produzir engajamento na causa.

Tu ver ano após anos a passagem ficando mais cara. Os seletivos, que vão para os bairros, cada vez mais precários. Porque é isso, compara o (ônibus) T5 com... Até o T, ele não deve ser comparado porque o T, que é da Carris, que é público, é o melhor transporte que se tem na cidade. Que coisa, ele é público, né. Hummm, mas enfim. Vamos olhar as linhas que fazem bairros nobres e as linhas que fazem bairros pobres, sabe? As linhas que fazem bairros pobres, são mais demoradas pra vir, são mais precários os ônibus, são mais lotados. As linhas que são bairros nobres, maior a quantidade de ônibus, por minutos, que tem esse tempo de cada ônibus, mas os bairros nobres são de cinco em cinco minutos, como o Menino Deus. O

Lami, que é uma distância que deveria ser o ônibus que tem em cinco em cinco minutos, porque demora quase uma hora pra tu chegar até o Lami, é os ônibus que demoram quase 20 minutos, dependendo do dia, entende? Então essas pessoas que tem que se deslocar, quase da Zona Rural de Porto Alegre pro Centro, são as pessoas que mais padecem, são as pessoas que trabalham e que sustentam o Estado com seu trabalho. Então ano a ano tu vai vendo isso, cada vez mais caro, mais precário, cada vez mais indecente os motoristas, porque eles são pressionados, são oprimidos e se tornam opressores, porque ali dentro eles são chefes, eles que dizem pra quem que eles vão parar, pra quem eles vão abrir a porta, em que velocidade eles vão andar. Isso muitas vezes prejudica a população, porque tu tá ali, tu pede pro ônibus parar, ele não para, porque ele tá atrasado. Porque lá o chefe dele diz que ele tem que chegar tal hora pra bater o ponto, porque tem isso, né. Eles têm horário pra sair, horário pra chegar. Se eles tão atrasado, eles tocam o pau. Se eles tão com hora sobrando, eles andam que nem uma lesma. Então tudo isso, que é que atrapalha, o trabalhar que precisa do transporte, e é pro trabalhar o transporte, e é sempre o trabalhador que é lesado pelo transporte, né. E o transporte é público. [...] então tinha uma intervenção que falava do aumento das passagens, então a gente fazia uma brincadeira que era o poema no ônibus. Começava o ônibus e o poema no ônibus era recitado desde 1999 até o ano que se instala, porque a gente apresentou isso longos anos, ao reajuste da passagem. Então começando a quarenta e cinco centavos até um e setenta e cinco, que acho que foi quando a gente começou a apresentar sobre o aumento da passagem. Então era essa o poema do ônibus assim, e ia entrando dentro daquele caixa, que era um ônibus minúsculo que ia lotando até explodir e agente explodiu o ônibus com um coquetel molotov. Aí era o começo de explicar pras pessoas como é que era o funcionalismo do ônibus, quem lucrava. Então mostrava pra população, que tava dentro dessa lata de sardinha, que pagava cada vez mais, pra um lucro pro patrão, do empresário, que andava num carro do ano importado, com ar condicionado, e por isso que não se importava com o aumento da passagem e junto com a prefeitura. Esse foi o nosso meio de comunicação com a população, de forma didática de explicar o porquê que se aumentava a passagem, o porquê a população deveria se revoltar contra e vir junto nas manifestações, nas organizações que se tinham (ENTREVISTA 13).

Se a mensagem que deve ser reproduzida é aquela que diz que as condições do transporte não estão de acordo com a tarifa, a partir da interpretação de que a precariedade do transporte público produz o conflito, *como expressá-la?* A alternativa encontrada foi, pela entrevistada, uma intervenção que falasse sobre o aumento da passagem de uma forma didática, explicando por que se aumenta a passagem e os motivos que a população tem para se revoltar e se engajar nas manifestações e nas organizações.

A atribuição de sentido para o confronto político relaciona-se com a

conformação de performances – na medida em que esta é como os significados – que os atores querem que sejam reconhecidas, que tomem forma. Conhecer a disputa interpretativa sobre os processos de mobilização nos possibilita entender a partir de quais significados as performances são pensadas.

### 6.2.3 Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)

A centralidade das tecnologias de informação está presente na literatura para ressaltar as novidades deste ciclo de protestos<sup>42</sup>.

A Internet é fundamental, eu acho que ela foi muito importante no processo de convocação dos atos, eu acho que a convocação estava centralmente nas redes, embora a gente fizesse ações de panfletagem, o alcance de um evento no Facebook é maior do que o número de panfletos que a gente distribuía, né, a gente pode distribuir cinco, dez mil panfletos, mas tinham manifestações com 30 mil convidados no Facebook, então, né, foram fundamentais durante todo o tempo, as disputas das narrativas permaneciam nas redes, né, o pós manifestação, a pessoa publicar uma foto, uma pessoa publicar o seu relato da agressão policial, foi muito importante as redes e elas seguem sendo importantes (ENTREVISTA 2).

A questão da plataforma das redes como divulgação do que tava acontecendo foi fundamental pra tudo assim, tanto pra quebrar o discurso hegemônico da mídia que dizia uma coisa e lá o vídeo tava provando outro, tanto pra dar voz às múltiplas narrativas, né, e pra instrumentalizar o trabalho dos jornalistas inclusive. Talvez o principal efeito das manifestações nas redes talvez... foi a criação imensa de páginas de coletivos que surgiram ou que estavam ligados às manifestações, Mídia Ninja por exemplo não existia antes e criaram uma página no Facebook e tem até hoje com um baita sucesso assim, as fotos que eles faziam era liberada pra todo mundo usar, repercutir e publicar...as redes aumentaram com as manifestações, isso foi um efeito também um pouco, sem querer fazer nenhuma análise de valor elas aumentaram, surgiram mais atores nas redes, mas grupos articulados no Facebook, no Twitter, eu não se dizer quantos, mas claro que elas encharcam assim com as manifestações e talvez tenha sido outro efeito prático das manifestações nas redes assim (ENTREVISTA 3).

Porque tu fica sabendo do protesto, os primeiros, pelo Facebook. Tu vai olhar quem vai ir, quem não vai ir... Depois muita informação circulava pelo Facebook. Tu viu na TV as imagens e

---

<sup>42</sup> Ver capítulo 1 desta pesquisa.

tudo, mas ali tu sabia concretamente o que tinha acontecido, se algum amigo teu tinha sido preso, algum vídeo que não ia passa na TV. Circulava muita coisa no Facebook. Lembro de depois das manifestações ficar olhando oras assim, conversando com as pessoas. A gente se comunicava muito também. Era um momento de tu ligar, de comentar, discutir tudo que tava acontecendo (ENTREVISTA 5).

O Facebook serviu mais como divulgação e as vezes como um debate público, né. Então, eu acho que seria assim como termômetro, pra ver o que estava sendo falado e qual era o ânimo do pessoal a nossa volta. Nessas épocas assim acontecia que tinha uma enxurrada de postagem, de notícias, de ensaios tudo no mesmo assunto. Gente diferente, de grupo diferente que tu vê assim, todo mundo sabe, na mesma onda. Mas eu não sei de que forma isso aparece. Eu só tô pensando que, bom, isso convida as pessoas a participar e, bom, as pessoas conversam sobre as funções que aparecem nas notícias nas redes sociais (ENTREVISTA 7).

Os processos de contestação e engajamento podem ser explicados pelas redes de relações interpessoais e interorganizacionais (DIANI, McADAM, 2003; SILVA; RUSKOWSKI, 2011). Esses processos envolvem níveis de relações que se dividem em redes de sociabilidade cotidiana e vínculos entre grupos, organizações e instituições. O primeiro nível diz respeito às relações familiares, de amizade, de trabalho, etc. Os espaços sociais que as pessoas estão inseridas no cotidiano funcionam como estruturas de solidariedade e de comunicação, quando, por exemplo, essas pessoas decidem realizar juntas alguma ação de protesto. O segundo nível diz respeito à centralidade das relações entre os atores envolvidos nos processos contestatórios (ativistas aliados, alvos, espectadores, etc.) para a construção, o desenvolvimento e a eficácia (McCARTHY, 1999).

O que explica as relações para conformação e estruturação dos processos de contestação é a mediação. Essa mediação é definida pela ligação entre espaços sociais e por uma unidade que media suas relações (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 26). A conexão entre as redes descritas acima se daria, então, pela atuação de mediadores. Esses mediadores seriam ativistas de movimentos sociais que, em suas organizações, desenvolveriam habilidades e teriam recursos para desempenhar essa ação (MISCHE, 2008).

Com o desenvolvimento das TICs, no entanto, esse processo de mediação estaria mudando. Oportuniza-se estruturas de mobilização que estão menos

dependentes das organizações e, portanto, de seus mediadores. Um ambiente em que a comunicação é mais rápida, quase sem custos e, principalmente, descentralizada significa a possibilidade de que os indivíduos desenvolvam ações que tradicionalmente foram realizadas pelas organizações (ANDUIZA; CANTIJOCH; GALLEGO, 2009, p. 870).

Um papel fundamental que as redes tiveram de mobilização na época. Porque é isso, as pessoas se mobilizaram pelos eventos do Facebook. A coisa é bizarra, mas é isso que elas faziam. Quem tava convocando era o Facebook, tanto que eu lembro da gente discutir, internamente no Bloco de Lutas, 'quem foi que fez esse evento?'. Pô, não era ninguém da coordenação, sabe? O negócio se auto... E a gente da coordenação a reboque, em vez de ser ao contrário. Enfim, que é o que geralmente o que acontece. Era isso, a gente a reboque de quem tinha chamado. Isso era muito foda, o papel da rede na época. A gente na época fazia uma avaliação, e eu concordo que em parte é isso ainda. A gente não sabe usar essa ferramenta como deveria. A gente tá acostumado com esse outro modelo de mobilização, de coordenação, de decisão e a gente negligencia o papel da rede, em todas essas esferas, inclusive de discussão. A galera ia discutir rota no Facebook, que eu achava... né. Pra gente era um negócio maluco. Mas era o que as pessoas faziam, assim. Eu acho que a gente usava pouco. Hoje em dia, é claro, divulga alguma coisa ali, outra ali. Mas, como ferramenta central, a gente usou muito pouco. Usou mais na época do escracho que a gente fez na Zero Hora, que também foi isso, a gente fez um evento no Facebook para ver qual é que era, pra ver quem aparecia. Mas é verdade que a gente é amador nisso. A gente não era muito ligado nas redes. Acho que em parte continua sendo. Acho que a esquerda tem se apropriado um pouco das redes, mas é que a gente não consegue fazer o que a galera que vive na rede fazia (ENTREVISTA 8).

A gente não precisa mais tá num movimento pra fazer parte de uma manifestação, o que é muito legal né. Tipo, eu sou contra me filiar a partido, responder diretrizes de um movimento, organização, eu gosto de ficar individualmente, porém junto com aqueles que partilham minhas ideias, mas nem por isso formar algo com regras, hierarquia, sei lá. É um pouco da horizontalidade eu acho. Tá me perdi, mas o que eu tava dizendo é que com o facebook a gente pode chamar as pessoas pra nossa causa, criar eventos, mobilizar a galera. E isso que aconteceu em 2013, que colocou muita gente na rua. Claro, sem tirar a importância daqueles organizados, e de tudo que tava por trás. Mas, sem dúvida, o facebook fez muita diferença (ENTREVISTA 15).

O impacto das TICs, especialmente de plataformas como a rede social Facebook, no processo de massificação do ciclo de protesto diz muito respeito à emergência de novas formas de conexão nos processos de mobilização que não se estruturam a partir da mediação através das organizações. Sem negar a importância da mediação desenvolvida pelas organizações, é importante ressaltar essa nova configuração que influencia diretamente na configuração de novas performances de contestação.

No que diz respeito ao repertório e suas inovações, as TICs possibilitam novas formas de interação tecnologicamente mediadas. Transformam a lógica da ação coletiva rompendo a dicotomia entre indivíduo e coletivo, e colocam a ação individual no centro dos novos repertórios baseados na *connective action*<sup>43</sup>. (BENNETT; SEGERBERG, 2012).

As manifestações se fizeram em grande parte pela Internet, em Porto Alegre o Bloco de Lutas se utilizava da Internet por exemplo, do Facebook, se utilizava dum página do Bloco pra se veicular coisas, notícias, enfim, evento das assembleias, mas sempre se teve uma preocupação por parte dos grupos que formavam o Bloco de Lutas de não fazer o espaço do Facebook um espaço de organização, de tomar decisões, de entrar em debates, de fazer assembleias virtuais, enfim, de utilizar a Internet nesse sentido...muita gente eu acho que fez a sua experiência a partir da Internet, a partir do que via, ouvia e discutia na Internet, né, não ia nas assembleias, mas ia nas manifestações, colocava suas contribuições no Facebook, enfim, [...] foram às ruas, acho que justamente pelo grosso das pessoas não ter referências de organização mais tradicional entre aspas, em sindicatos, em movimento estudantil, organizações políticas, né, era o espaço que as pessoas tinham dentro da sua geração, que é uma geração eletrônica talvez, não sei, informacional, era um espaço que as pessoas tinham e se sentiam mais à vontade pra participar ou pra tomar contato com o que tava acontecendo, né...então talvez em outros locais a coisa foi um pouco diferente e me parece que as redes foram às ruas muito mais nesse período que se massificou nacionalmente e a coisa tomou outros contornos, né, com outras pautas, com outros setores, com esse sentimento muito mais nacional do que

---

<sup>43</sup> É uma nova dinâmica dos processos de mobilização que “se caracteriza por um deslocamento da centralidade das organizações sociais no processo de estruturação das mobilizações, as quais passariam a ser fortemente dependentes das ações de indivíduos inseridos em redes sociais mediadas pelas TICs. Isto geraria ações marcadas por baixo nível de coordenação e alta personalização em termos de iniciativas e de conteúdos. Ao mesmo tempo, sem as fronteiras (ideológicas, espaciais, organizacionais, entre outras) estabelecidas pelas organizações, haveria uma tendência de maior difusão das mobilizações, tanto em termos dos segmentos sociais atingidos quanto de disseminação espacial” (SILVA, 2014, p.15).

à esquerda, por exemplo, e não necessariamente à direita, né, mas enfim, a referência das pessoas é a bandeira do Brasil, é o time de futebol, não é a esquerda ou a direita, não é o partido A ou B e isso pode com o tempo tomar contornos ideológicos conservadores ou não também...mas naquele momento a referência era muito mais aqueles símbolos nacionais, essa coisa mais difusa assim que tá em geral nas pessoas do que organizações políticas ou corporativas, enfim, as redes tiveram um peso muito mais importante nesse momento, a partir de junho eu acho, do que anteriormente assim...e só pra citar um exemplo, em São Leopoldo, que é onde eu cresci, da minha experiência toda eu nunca tinha visto cinco mil pessoas na rua e eu fui numa manifestação pra ver o que tava acontecendo em São Leopoldo, né, e tinha eu acho que umas vinte mil pessoas na rua e era um evento convocado pelo Facebook por um grupo de indivíduos, né, então como é que vinte mil pessoas foram pra rua, né, não teve uma assembleia, sabe, [...] vinte mil pessoas em São Leopoldo num evento de Facebook é realmente um clima, né, tava todo mundo discutindo aquilo...então acho que a Internet ajudou um pouco nesse sentido, mas acho que não dá pra dizer que foi uma única forma ah todo o Brasil a Internet convocou, as pessoas se organizaram por aí, foi a única referência delas, acho que local a local a coisa foi um pouco diferente assim (ENTREVISTA 1).

A entrevista 1 apresenta o argumento de que foi pela Internet que muitas pessoas se articularam, e não através da estrutura de uma organização. Sem as organizações, as pessoas não têm como referência “a direita ou a esquerda”. A bandeira nacional e o futebol são onde as pessoas encontram essas referências.

No mesmo sentido, na entrevista 8, afirma-se que as pessoas se mobilizaram a partir do Facebook, enquanto a entrevistada estava acostumada com a mobilização a partir de uma coordenação. O exemplo que ela traz são os eventos no Facebook e a discussão de estratégias na rede.

Que é uma coisa assim, um papel fundamental que as redes tiveram de mobilização na época. Porque é isso, as pessoas se mobilizaram pelos eventos do Facebook. A coisa é bizarra, mas é isso que elas faziam. Quem tava convocando era o Facebook, tanto que eu lembro da gente discutir, internamente no Bloco de Lutas, ‘quem foi que fez esse evento?’. Pô, não era ninguém da coordenação, sabe? O negócio se auto... E agente da coordenação a reboque, em vez de ser ao contrário. Enfim, que é o que geralmente o que acontece. Era isso, agente a reboque de quem tinha chamado. Isso era muito foda, o papel da rede na época. Agente na época fazia uma avaliação, e eu concordo que em parte é isso ainda. Agente não sabe usar essa ferramenta como deveria. Agente tá acostumado com esse outro modelo de mobilização, de coordenação, de decisão e agente negligencia o papel da rede, em todas essas esferas, inclusive de discussão. A galera ia discutir rota no Facebook, que eu achava... né. Pra

gente era um negócio maluco. Mas era o que as pessoas faziam, assim (ENTREVISTA 8).

A entrevista 14 apresenta o argumento de que a rede individualizou o protesto. A partir do Facebook, muitas pessoas pensavam na mensagem que gostariam de transmitir e se colocavam na manifestação a partir daquilo que compartilhavam na rede. Também apresenta um outro ponto importante: a formação de grupos através da rede, demonstrando um potencial de encontro entre pessoas que compartilham entendimentos semelhantes.

Assim, eu ficava o dia todo no Facebook vendo o que a galera postava sobre as manifestações e ficava postando também, mas o mais louco assim é que as pessoas não faziam parte de grupo nenhum, saiam de casa com um cartaz hashtag alguma coisa, e iam atrás do que dizia no evento que tava no Facebook, que era bem certo que nem era o do bloco, mas sim aqueles vem pra rua, não sei bem. Um negócio que pra mim parecia meio esquizofrênico, tipo, tu tá indo numa manifestação coletiva mas vai com pautas e postura individual, parece mesmo que as redes foram as ruas.[...] E tem também uma outra loucura que aconteceu, muita gente que foi assim, individualmente pra manifestação, acabou formando através da rede grupos, tipo aquele #vempraru, que teve uma hora que até disputavam espaço com as organizações tradicionais e o bloco de lutas, a Internet parece que individualiza mas também une (ENTREVISTA 14).

O que essas três entrevistas têm em comum é a possibilidade de atores agirem sem uma organização, com as redes sociais operando como uma estrutura de mobilização. Tal dinâmica permite que eles se coloquem individualmente na rede a partir de seus depoimentos, de seus compartilhamentos, de suas curtidas, de suas divulgações de vídeos e de imagens, contribuindo para a individualização das performances. Por exemplo, muitas mensagens nas ruas correspondiam à linguagem escrita da Internet. A própria confecção de cartazes<sup>44</sup>, em contraste com as faixas, aponta para uma individualização da construção da manifestação. Por outro lado, a rede promoveu, também, a formação de grupos que se articularam através dela. A ação da mesma forma que é individualizada, permite a identificação daqueles que tem

---

<sup>44</sup> Vemos no gráfico sobre Estética (*Gráfico 3*) os cartazes como referência em 2013, enquanto em períodos anteriores o destaque são as faixas.

ideias semelhantes, possibilitando a formação de grupos. Esses grupos fizeram parte ativamente da construção do protesto, trazendo as particularidades de sua formação para a estruturação do processo de mobilização.

As TICs implicam também no mecanismo de *difusão* do processo de inovação do repertório. Possibilitam a troca de experiências em níveis local e global, em uma rápida velocidade, a partir da sua conectividade.

Eu posso te falar assim, o meu perfil pessoal no Facebook, a rede social a maior que tem mais alcance, o meu perfil é 99% é, não só manifestação, é informação sobre política, economia, o que tá acontecendo no país e no mundo, levando informação, notícias, leis, o que tá acontecendo lá no Espírito Santo, lá em São Paulo, o que tá acontecendo na câmara de vereadores lá da cidadezinha tal... e o grupo também, a Cruzada pela Liberdade, a página é pra levar informação, então assim, eu por exemplo, no Facebook eu tenho lá, eu participo de 280 páginas, de grupos e páginas sobre situação política, econômica, por aí umas 280... então vamos supor que eu tenho uma informação, chegou pra mim através de uma fonte, eu tenho que pegar essa informação e jogar ela nos 280 grupos porque desses 280 grupos as pessoas vão levar pra mais 200 grupos e isso vai se alastrar, mas esse informação tem que ser verdadeira, então antes eu tenho que saber qual é a fonte...então, se não fosse a Internet nós não teríamos mais manifestações, se não fosse as redes sociais, tanto é que nós sofremos censura, o meu perfil já foi bloqueado duas vezes, a nossa página já foi tirada do ar, compartilhamentos meu, pessoal, e da nossa página já sumiram, foram retirados, pura e simplesmente retirados, notificações, denúncias, ataques virtuais, ameaças de morte, tudo isso a gente recebe... por quem, né?! Alguns a gente sabe, outros a gente não sabe só imagina, mas faz parte, né?! até reuniões pela Internet que daí se faz em conjunto com outros estados, tanto que todas as manifestações têm sido nacionais, muito poucas são pontuais assim de algum estado. a gente usa skype, whats, hangout...e aí é a data tal, é uma boa data, não é, é um pouco antes da votação da lei tal, vamos fazer, não vale a pena, essa lei não pode passar, vai prejudicar, é boa, não é e tal...então todas as manifestações, dia 16 agora é nacional, no Brasil todo vai ter manifestação, até os próprios painéis, tudo isso aí é Internet, né (ENTREVISTA 4).

As TICs implicam diretamente no processo de mobilização. A partir da transformação das formas de interação, transformam também as ruas: as performances, sendo elas realizadas na interação, se modificam na medida em que as TICs rompem com a separação de indivíduo e coletivo, possibilitando que as ações sejam promovidas sem o aparato das organizações, assumindo as redes como a própria estrutura de mobilização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ciclo de protestos de 2013 foi um fenômeno que chamou a atenção das mais diversas pessoas e dos mais variados locais. A diversidade de atores e de ações, a velocidade e a abrangência, a multiplicidade de mensagens foram alguns dos fatores que contribuíram para a perplexidade provocada pelas manifestações.

A pesquisa desenvolvida nesta pesquisa direcionou o olhar para as performances realizadas nesse ciclo devido à contribuição que oferecem para a compreensão do processo de inovação nos repertórios de ação, objetivo deste trabalho. A partir do estudo dos eventos de protesto relacionados ao tema do transporte público, tendo as mobilizações de 2013 e seus desdobramentos como objeto empírico central, foi analisado como, através de diferentes performances que conformam tais eventos, são produzidas inovações nos repertórios de contestação.

Para responder ao problema de pesquisa – *como são geradas as inovações nos repertórios de ação coletiva partir das performances públicas de contestação?* –, as performances desenvolvidas nas manifestações que ocorreram em Porto Alegre nas últimas décadas e que tiveram como principal reivindicação a passagem do transporte público foram estudadas.

Na primeira parte da pesquisa, foram apresentados a literatura sobre as manifestações e os conceitos operacionais da pesquisa: repertório e performance. A literatura sobre as manifestações no Brasil, em 2013, não desenvolve análises mais específicas sobre as inovações nos repertórios e nas performances identificadas. A literatura sobre “repertório” e “performance” traz alguns elementos importantes à compreensão do processo de inovação, porém tende a não apresentar uma sistematização ou um modelo explicativo para abordar tal processo. A proposta dessa pesquisa foi, portanto, avançar na formulação de um modelo que sistematize o processo de inovação nos repertórios de contestação, tendo como objeto as transformações nas manifestações sobre o transporte público em Porto Alegre.

A segunda parte do trabalho apresenta os caminhos percorridos para a construção de possíveis explicações sobre o processo de inovação. Primeiramente, foi necessário caracterizar os períodos T<sup>1</sup>, T<sup>2</sup> e T<sup>3</sup>. O Repertório Tradicional (T<sup>1</sup>) é composto pelas décadas de 1970 até 2010. Não é um período homogêneo, apresentando até, aproximadamente, a década de 1990 ações de denúncia na mídia (jornais) a partir de grupos, de federações e de movimentos de moradores, que reclamavam das condições precárias do transporte público. A partir dos anos 2000, especialmente em 2005, as ações extrainstitucionais assumem a centralidade na expressão das demandas a partir de bloqueios de trânsito e de manifestações em frente a prédios públicos e privados (alvos da causa), com maior ocorrência. Os atores se diversificam, sendo os estudantes, os partidos e os sindicatos os novos protagonistas das ações, tendo a tarifa como principal causa dos protestos. O Repertório “em ação” (T<sup>2</sup>) representa 2013, onde as ações são diversas, apresentando uma heterogeneidade de atores e de mensagem múltiplas. A passeata é a principal forma de expressão de demandas e as ações violentas ganham destaque nesse período. Ainda referente a esse período, ações lúdicas aparecem pela primeira vez, novos atores ganham a cena (Bloco de Lutas, torcidas organizadas de futebol) e setores que tradicionalmente não têm a manifestação de rua como forma de expressão de demandas passam a fazer uso dela. A tarifa é uma entre tantas outras reivindicações (educação, saúde, contra corrupção, etc.). O Repertório Atual (T<sup>3</sup>) diz respeito aos anos de 2014 e 2015, onde a principal forma de manifestação continua sendo a passeata. O ano de 2014 apresenta ações violentas como destaque e diversidade de atores. Entretanto, no ano de 2015 registra-se apenas o Bloco de Lutas como ator protagonista. Enquanto o ano de 2014 apresenta mensagens múltiplas (contra a Copa do Mundo e a tarifa do transporte), o ano de 2015 se mantém com a questão da tarifa.

Feita a caracterização dos períodos, foi necessário compreender como emergem as performances nas manifestações de 2013 e por que apenas algumas se tornam parte de um repertório (re)conhecido. Para esta tarefa, foram realizadas 15 entrevistas. Na terceira parte do trabalho são apresentadas as possíveis explicações para o problema de pesquisa.

Para a explicação da emergência das performances, foram apresentados dois mecanismos importantes: *adaptação* e *experimentação interativa*. A entrada de novos

atores no processo de mobilização foi uma característica central no ano de 2013. O mecanismo de *adaptação* se daria através da trajetória desses atores. Foram apresentadas quatro trajetórias e ações. Os *novos atores* trazem consigo *estilos de comunicação*, os quais são provenientes de diferentes trajetórias, as quais, por sua vez, conformam diferentes formas de ação, de acordo com as combinações de narrativas e de interações produzidas ao longo dos papéis sociais desempenhados na vida cotidiana. Outra forma de *adaptação* se dá através de dinâmicas de difusão. Foram apresentadas três categorias de difusão (relacional, não relacional e mediada). Algumas performances realizadas no ciclo de protestos de 2013, que ainda não eram recorrentes (no Brasil ou mesmo na cidade de Porto Alegre e, ainda, nas manifestações que envolvem o tema do transporte), se conformam a partir de dinâmicas de *difusão*. É realizada uma *adaptação* de ações ocorridas em outros lugares (tempos e manifestações) para essa mobilização. O mecanismo de *experimentação interativa* diz respeito a improvisações não previstas. Experimentam-se outras performances que não àquelas esperadas durante a interação. São as respostas a novas situações que aparecem durante o confronto.

Para entender por que algumas performances se tornam parte de um repertório enquanto outras não, apresentou-se o mecanismo de *rotinização*. Esse mecanismo refere-se a tornar rotina (hábito) as performances. Tal processo ocorre através da noção de eficácia, na qual os atores interpretam que determinadas performances têm resultados positivos para a causa, seja pela identificação, na qual os atores identificam-se com determinadas performances enquanto não se identificam com outras, seja pela importância das organizações, por elas diminuírem o custo das ações; ou seja pelo diálogo que estabelecem com o público, já que as performances que são interpretadas pelos atores como as que possuem maior receptividade do público tendem a ter uma permanência.

Algumas dimensões importantes no processo de inovação que não foram previstas apareceram no decorrer da pesquisa: o contexto político institucional, as disputas interpretativas sobre o confronto e os impactos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

O primeiro diz respeito às oportunidades e às ameaças que a ação coletiva implica. A interpretação de oportunidades contribui à realização de determinadas performances, enquanto as interpretações das ameaças à ação colocam obstáculo na

sua conformação. As interpretações sobre o confronto colaboram para a compreensão de que tipo de performances serão realizadas. Quando o sentido atribuído ao confronto diz respeito ao transporte público e às suas condições, as performances são pensadas para transmitir mensagens com esse objetivo, por exemplo. As TICs dizem respeito principalmente à possibilidade de agir por fora das estruturas de mobilização de uma organização, sendo a própria rede a estrutura de mobilização. Uma das implicações dessa característica seria a individualização do processo.

Assim, propõe-se um novo modelo construído a partir dos resultados dessa pesquisa:

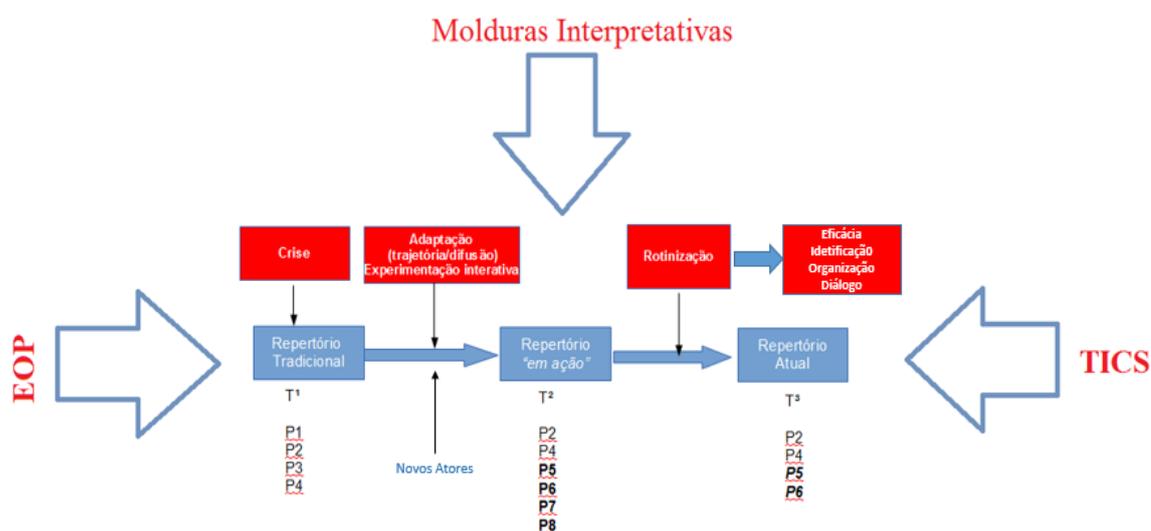


Figura 17: Modelo Explicativo do processo de inovação nos repertórios de ação coletiva (Fonte: a autora, 2015)

O modelo proposto ainda possui fragilidades. Alguns desafios se colocam para pesquisas posteriores. Existem dimensões que não foram compreendidas no modelo: *Que outras dimensões não foram compreendidas no processo que são importantes para a explicação?* As emoções, por exemplo, demonstraram ser parte importante do processo: *Como as emoções se relacionam com o processo de inovação das performances?* O modelo foi construído a partir das manifestações com a temática do transporte público. E, ainda, foi construído a partir da realidade da cidade de Porto Alegre: *Como o modelo se comporta quando utilizado para explicar fenômenos que*

*apresentem outras causas e que aconteçam em outros locais (contextos)?* Coloca-se o desafio de testar o modelo em outros contextos visando torná-lo mais completo e mais capaz de apreender ainda mais a complexidade do fenômeno.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. “Repertório segundo Charles Tilly: História de um conceito”. In: *sociologia&antropologia* | v.02.03, 2012. p. 21-41.
- ALVES, Rubens. “Entre “Artes” e “Ciências”: A Noção de Performance e Drama no campo das Ciências Sociais”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, jul./dez., 2005. p. 35-65.
- ANDUIZA, Eva; CANTIJOCH, Marta; GALLEGO, Aina. “Political Participation and the Internet”. In: *Information, Communication & Society*, 12:6, 2009. p. 860-878.
- ANTUNES, Ricardo. “As rebeliões de junho de 2013”. In: *OSAL Observatorio Social de América Latina*, Año XIV, n. 34, CLACSO, Buenos Aires, noviembre de 2013. p. 37-49.
- AYUERO, Javier. *La Protesta: Retratos de la beligerancia popular em la Argentina democrática*. Buenos Aires: Centro Cultural Rojas- UBA, 2002.
- BENFORD, R.D.; SNOW, D. A. “Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment”. In: *Annual Review of Sociology*, n.26, 2000. p. 611-639.
- BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. “The Logic of Connective Action”. In: *Information, Communication & Society*, 15:5, 2012. p. 739-768.
- BEGER, Peter L.; LUCKMAN, Thomas. *A construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BRAGA, Ruy. “As jornadas de junho no Brasil: Crônica de um mês inesquecível”. In: *OSAL Observatorio Social de América Latina*, Año XIV, n. 34, CLACSO, Buenos Aires, noviembre de 2013. p. 51-61.
- CASTELLS, Manuel. *Rede de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CATTANI, Antonio David (Org.). *#protestos: análises das ciências sociais*. Porto Alegre: Tomo, 2014.
- CEFAI, Daniel. “Os novos movimentos sociais em França: A articulação de novas arenas públicas”. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 72, Coimbra, outubro, 2005. p. 129-160.
- CHABOT, Sean. *A culture of peace in motion: transnational diffusion of Gandhian repertoire from India tu US civil rights moviment*. *International Journal of Humanities and Peace*, 2000, 16/1.

- CLEMENS, Elisabeth. "Repertórios organizacionais e mudança institucional: grupos de mulheres e a transformação política nos EUA, 1890-1920". In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 3, Brasília, janeiro-julho de 2010. p. 161-218.
- DIANI, Mario; McADAM, Doug (eds.). *Social movements and networks: relational approaches to collective action*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- DOMINGUES, José Maurício. "Las movilizaciones de junio de 2013: ¿Explosión fugaz o novísima historia de Brasil?". In: *OSAL Observatorio Social de América Latina*, Año XIV, n. 34, CLACSO, Buenos Aires, noviembre de 2013. p. 63-73.
- DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. "Respeitável Público... – Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013". In: *Novos Estudos*, 97, São Paulo, novembro/2013. p.43-55.
- FERES JUNIOR, João; MIGUEL, Lorena; BARBABELA, Eduardo. "A mídia impressa na cobertura das manifestações de junho". In: *Anais do 38º Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu: Encontro Anual da ANPOCS, 2014. p. 01-18.
- GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de junho de 2013: no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- JUDENSNAIDER, E; LIMA, L; POMAR, M; ORTELLADO, P. *Vinte Centavos: A luta contra o aumento*. São Paulo: Veneta, 2013.
- MASSOT, Xavier; VAN DEUSEN, David. *The Black Bloc Papers: an anthology of primary text from the North American anarchist black block 1988-2005*. Braking Glass Press, 2010.
- MARENCO, André. "As duas caudas de Gauss: minorias, protestos e representação política". In: CATTANI, Antonio David (Org.). *#protestos: análises das ciências sociais*. Porto Alegre: Tomo, 2014. p. 31-40.
- MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILL Y, Charles. *Dynamics of contention*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- MCADAM, Dough; McCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. (Eds.). *Movimientos sociales: perspectivas comparadas*. Madrid: Istmo, 1999.
- MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

- MISCHE, Ann. *Leadership in the intersections. In: Partisan Publics: Communication and Contention across Brazilian Youth Activist Networks*. Princeton, N.J: Princeton University Press, 2008.
- MUHALE, Miguel J. J. *Lutar, construir poder popular: Uma perspectiva etnográfica do Bloco de Lutas pelo Transporte Público em Porto Alegre/RS*. Dissertação de Mestrado. 151f.; il. Orientadora: Dr. Partrice Shuch. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2014.
- RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira; SILVA, Marcelo Kunrath. *Repertórios de ação e socialização de jovens militantes: etnografia da performance política no Levante Popular da Juventude*. Curitiba: IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 2011.
- SAKAMOTO, Leonardo. “Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram as ruas”. In: *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 95-100.
- SARAIVA, Adriana Coelho. “Movimento Passe Livre e Black Blocs: quem são os novos atores que emergiram dos protestos de 2013”. In: CATTANI, Antonio David (Org.). *#protestos: análises das ciências sociais*. Porto Alegre: Tomo, 2014. p. 41-52
- SCHECHNER, Richard. “A rua é o palco”. In: LIGIÉRO, Zeca (Org). *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012a. p. 155-198.
- \_\_\_\_\_. “Jogo”. In: LIGIÉRO, Zeca (Org). *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012b. p. 91-128.
- \_\_\_\_\_. “O que é performance?” In: *Performance studies: an introduccion*. Second edition. New York & London: Routledge, 2006. p. 28-51.
- SILVA, Camila F. *Dinâmicas da ação coletiva: as inovações nos repertórios de contestação nos eventos Defesa Pública da Alegria e Largo Vivo*. Trabalho de Conclusão de Curso. 44f.; il. Orientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva. Universidade Federal do rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.
- SILVA, Marcelo Kunrath. “#vemprarua: o ciclo de protestos de 2013 como expressão de um novo padrão de mobilização contestatória?”. In: CATTANI, Antonio David (Org.). *#protestos: análises das ciências sociais*. Porto Alegre: Tomo, 2014. p. 09-20.
- SILVA, Marcelo K.; PEREIRA, Matheus M.; GOMES, Patrick. D; PAIS, Vitória R. “Dinâmicas da Contestação: transformações nos repertórios de manifestação pública de demandas coletivas no Rio Grande do Sul- 1970 e 2010”. In: *Anais do 17º Congresso Brasileiro de Sociologia*, Porto Alegre, Brasil, 2015. p. 01-41.
- SILVA, Marcelo K.; ARAUJO, Gabrielle O.; PEREIRA, Matheus M. “Dinâmicas da Ação Coletiva: Análise de Eventos de Protesto no Estudo dos Repertórios Associativos”. In: *XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS*, 2011,

Recife. XXVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ALAS. Recife: UFPE, 2011. p. 01-21.

SWIDLER, Ann. "Culture in Action: Symbols and Strategies". In: *American Sociological Review*, vol. 51, n.2, 1986. p. 273-286.

TARROW, Sidney. "Dynamics of diffusion: mechanisms, institutions and scales shift". In: GIVANS, R; ROBERT, K.; SOULE, S. (Eds.) *The diffusion of social movements: actors, mechanisms and political effects*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Poder em Movimento: Movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TILLY, Charles. Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834. In: TRAUGOTT, Mark (ed.). *Repertoires and cycles of collective action*. Durham: Duke University Press, 1995

TILLY, Charles; TARROW, Sidney. *Contentious politics*. Boulder: Paradigm Publishers, 2007.

TILLY, Charles. *Contentious performances*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. *Regimes and repertoires*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *From mobilization to revolution*. Addison-Wesley Pub. Co., 1978.

TURNER, Victor. *O processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *The Anthropology of performance*. New York: PAJ Publications, 1987.

VAINER, Carlos. "Quando a cidade vai às ruas". In: *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 35-40.

WARREN, Ilse Scherer. "Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política". In: *CADERNO CRH*, Salvador, v. 27, n. 71, Maio/Ago. 2014. p. 417-429.

ZIBECHI, Raúl. "Debajo y detrás de las grandes movilizaciones". In: *OSAL Observatorio Social de América Latina*, Año XIV, n. 34, CLACSO, Buenos Aires, noviembre de 2013. p.15-35.

## OBRAS CONSULTADAS

- ALONSO, Ângela. *As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate*. Lua Nova, São Paulo, 76, p.49-86, 2009
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade (A era da informação: economia, sociedade e cultura – vol.2)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- Della PORTA, Donatella; KRIESI, Hanspeter; RUCHT, Dieter (eds.). *Social Movements in a Globalizing World*. London: Macmillan Press, 1999.
- JASPER, M. J. Emotions and Social Movements: Twenty Years of Theory and Research. *Annu. Rev. Sociol.* 2011.
- JASPER, M, J.; POLLETTA, F. *Passionate Politics: Emotions and Social Movements*. London: Chicago Press, 2001.
- MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. “Para mapear o confronto político”. In: Lua Nova, São Paulo, 76, 2009. p. 11-48.
- PEREIRA, Matheus Mazzilli. *Enquadramento Interpretativo, Lógicas de Ação e Dinâmicas Interativas: Dilemas em interações entre o movimento dos direitos dos animais e a grande mídia*. Dissertação de Mestrado, 325f.; il. Orientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PPG Sociologia, 2014.
- RUSKOWSKI, Bianca. *Levante Juventude, Juventude é prá Lutar: a relação entre esferas de vida e identidade na constituição do engajamento juvenil*. Trabalho de Conclusão de Curso; il. Orientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.
- RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. *Do Incômodo à Ação Beneficente e da Indignação à Ação Contestatória: estudo sobre condições e mecanismos de engajamento nas Tribos nas Trilhas da Cidadania e no Levante Popular da Juventude*. Dissertação de Mestrado; il. Orientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PPG Sociologia, 2012.
- SNOW, David A.; BENFORD, Robert D. “Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization”. In: *International Social Movements Research*, n.1, 1988. p.197-218.

## ANEXOS

## ANEXO 1 – Entrevistados

ENTREVISTAS	SEXO	IDADE	ENGAJAMENTO
E1	Masculino	Entre 20-30	FAG (Resistência Popular Estudantil)
E2	Masculino	Entre 20-30	Partido Político (PSOL – 2013; PCdoB- atual)
E3	Masculino	Entre 20-30	Jornalista (Sul 21- 2013; PSOL- atual)
E4	Masculino	Entre 40-50	Independente – 2013 Cruzada pela Liberdade - Atual
E5	Masculino	Entre 20-30	CECS UFRGS- 2013 Independente- Atual
E6	Feminino	Entre 20-30	Independente
E7	Masculino	Entre 20-30	Independente
E8	Feminino	Entre 20-30	Levante Popular da Juventude
E9	Masculino	Entre 50-60	Movimento Negro Unificado
E10	Feminino	Entre 30-40	Artista
E11	Masculino	Entre 20-30	SAJU UFRGS
E12	Feminino	Entre 20-30	Negração – 2013 Independente - Atual
E13	Feminino	Entre 20-30	Artista (Cambada de teatro Levanta Favela)
E14	Masculino	Entre 20-30	Independente
E15	Feminino	Entre 30-40	Independente

Tabela 9: Entrevistados (Fonte: a autora, 2015)

## ANEXO 2 – Reportagem sobre a manifestação do dia 28/03/2013

54 Geral

ZERO HORA, QUINTA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 2013

## ATAQUE À PREFEITURA

# Pedras e baderna na Capital

Grupo de esquerda comandou manifestação contra aumento da passagem do ônibus, ontem à noite, no centro de Porto Alegre

**CARLOS BOLLING e LETICIA COSTA**

A prefeitura de Porto Alegre foi atacada com pedras, bolas de gude, tinta e frutas em manifestação ontem à noite, em protesto contra o aumento do preço das passagens de ônibus.

O secretário de Governança da prefeitura, César Busatto, que tentou negociar com centenas de pessoas, foi atingido por tinta na camisa, rosto e cabelo, e definiu o ato como de "animais querendo guerra".

Partes de indivíduos e movimentos com acionamento público na Capital o episódio de fúria contra o aumento da passagem de ônibus para R\$ 3,60. O ato chegou a manter o centro dentro do Paço Municipal o vice-prefeito Sebastião Melo, secretários, servidores e servidores públicos.

O protesto, que culminou na depredação do prédio da prefeitura e de viaturas da Guarda Municipal, foi convocada via Facebook por estudantes e jovens ligados a PSOL, PT, PSTU e partidos anarquistas. Agrupados, eles formaram o Bloco de Luta pelo Transporte Público.

O grupo não se limitou à unidade de universitários. Desde jantares, está ocupado pelo apoio de alas de funcionários das concessionárias do transporte público. Eles fazem oposição à direção do Sindicato dos Rodoviários de Porto Alegre. Com o auxílio dos trabalhadores, o bloco ganhou mais força para apresentar a sua principal bandeira: redução imediata do valor da passagem de ônibus para R\$ 2,60.

DCEs se posicionaram à frente do movimento

Bandeiras de PSTU foram vistas, mas não é hábito a explícita identificação partidária. Nas protestos, costuma-se manter como integrantes dos chamados coletivos, como o Justos, ligado ao PSOL, que esteve na organização da manifestação. Também se posicionaram à frente do movimento as Direções Centrais dos Estudantes (DCEs) de PUC e UFRGS, ambas comandadas em conjunto por militantes e simpatizantes de PSOL, PT e PSTU, além de anarquistas que não permitem a "partidarização" dos protestos.

No Facebook, um dos membros do levente foi Lucas Martonica, integrante do coletivo Justos e funcionário de gabinete da vereadora Fernanda Medchionna (PSOL). A parlamentar, que participou de outro protesto, este na Câmara de Vereadores, foi vista em frente à prefeitura. Ela confirma a presença, mas alega que foi ao local apenas para "trazer" e acionar os ânimos.

Entre as organizações, é repudiada a ideia do vínculo das manifestações com partidos políticos. Eles também rejeitam o caráter de violentos.

São pessoas que se associam livremente ao bloco. Eu não sou do PSOL. No DCE da PUC, temos apenas uma reunião do PSOL, entre sete pessoas. Não houve capangas. Vários indivíduos não pertencem ao coletivo e, na hora, tiveram suas alíneas (dependência), argumentou Nelson Hammarstrom, presidente do DCE da PUC, enquanto aguardava, ontem à noite, em frente ao Palácio da Polícia, pela liberação de uma amiga que havia sido detida no protesto.

Porto Alegre tem outras manifestações previstas até o dia 1º de abril, todas relacionadas à Jornada de Lutas da Juventude Brasileira.

Grupo manifestou-se pela democratização da mídia

Ontem pela manhã, um grupo protestou em frente à sede do Grupo RBS, na Avenida Ipiranga, pela "democratização dos meios de comunicação", reforma política e redução da jornada de trabalho, entre outras reivindicações. O protesto seguiu até o centro da cidade, onde um manifesto seria entregue na Assembleia Legislativa do Estado.

Secretário de Governança César Busatto foi atingido com tinta

Centenas de pessoas participaram do protesto no centro da cidade

centro.riohorazero.com.br  
leliacosta@zero.com.br

Figura 18: Reportagem ZH 28 de março (Fonte: Zero Hora, 2013)

## ANEXO 3 – Reportagens sobre o enquadramento da mídia sobre os manifestantes e suas ações: “vandalismo” e “baderna”

8 ZER0 HORA, SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2013

**Reportagem Especial**

# CONFRONTO E DEPREDAÇÃO

# A violência se repete



**MEDINDO FORÇAS** Outra vez policiais e manifestantes se enfrentaram nas ruas da Capital, com bombas de gás lacrimogêneo e ataques a lojas e estabelecimentos

Uma parcela minoritária na onda de protestos registrados no país introduziu um componente novo e perigoso na Capital: saques ao comércio

A violência e os confrontos violentos entre manifestantes e Brigada Militar se espalharam no resto de outros em Porto Alegre. O protesto pacífico mudou de rumo na chegada à Avenida Ipiranga, a algumas decenas de metros do prédio de Zero Hora. Manifestantes atacaram o comércio molotov e pedras contra os PMs. Os policiais reagiram a múltiplas com bombas de gás lacrimogêneo e outras armas de efeito moral. A situação foi definida pelo comandante da BM, coronel Fábio Duarte Fernandes, da seguinte forma:

— Foram 20 mil manifestantes e 200 depredações. A Avenida Lima e Silva virou campo de batalha. Manifestantes atacaram um portão metálico de cinco metros de comprimento, vigas de concreto e tapumes para fazer uma barreira.

Vândalos infiltrados entre os ativistas não pouparam locais que já haviam depredado na segunda-feira. Uma revenda de motos voltou a ser atacada, na esquina da Ipiranga com a Anália. Vitrolas foram estilhaçadas. Os tapumes sobre os quais os proprietários mantinham “Sms ao protesto pacífico” sofreram pichação.

Os ataques começaram quando a BM encerrou os manifestantes para longe da Avenida Ipiranga, por volta das 20h30min. Algumas centenas correram pela Avenida Anália, em direção à

**OS NÚMEROS**

O saldo saques e da noite

- Pelo menos 16 pontos de saques
- Sete estabelecimentos foram depredados
- De 10 a 15 locais de comércio saqueados

Bento Gonçalves, AL, longe do alcazar e dos olhos das policiais, registraram-se depredações e saques contra vários estabelecimentos comerciais.

Os protestos de ontem registraram um fenômeno novo e perigoso: os saques ao comércio. Adolecentes e jovens armaram-se com na pó ou com pedras e outros objetos contra portas metálicas e de vidro das lojas. A primeira porta a ceder foi de uma loja de baterias. Um jovem entrou, quebrou uma bateria e correu pela rua abraçada a ela. Um punhado de manifestantes pôs-se a pombagá-lo: — Ladrão! Ladrão! Fuga ladrão!

No segundo saque, vários jovens invadiram uma loja de material escolar e fizeram uma femp. Saíram com mochilas, jogos e outros objetos, que mostraram orgulhosos aos seus outros. A Anália convulsionou-se quando os jovens se estampalou. Na Avenida João Pessoa, vândalos atacaram de novo prédios que já haviam sido depredados na segunda-feira, como uma revenda de Volkswagen e a sede do Departamento de Identificação. A destruição chegou a agências do Iati, na Anália, do Ilustrado, na João Pessoa, do Banco do Brasil, na Verônica Aires. Danificado em menor escala na segunda-feira, o Shopping Iate Itabora não foi poupado da fúria.

**BM explica proteção a alvos de vandalismo**

Motivo de questionamentos ontem em meios sociais, a proteção dada pela Brigada Militar ao prédio do Grupo RBS na Avenida Ipiranga se enquadrava dentro de um contexto: a empresa de comunicação, assim como alguns prédios públicos, era um alvo anunciado para sofrer vandalismo durante ou depois do protesto. No local, funcionários Zero Hora, Rádio Gaúcha e Diário Gaúcho.

Sabemos que cerca de 200 pessoas estavam trabalhando no prédio na hora dos manifestantes, assim como outros meios de comunicação. Temos de proteger essas pessoas. É nossa prioridade preservar as vidas — explicou o porta-voz e chefe do setor de Comunicação Social da BM, tenente-coronel Everson Pereira Dias.

O oficial ressaltou que a BM já havia alertado que o RBS é um dos locais visuais para depredações. O protesto acabou a empresa de comunicação foi inclusive delatado durante encontro realizado pelo Bloco de Lutas em Defesa do Transporte Público. Na noite de terça-feira, conforme relatos colhidos por Zero Hora, alguns militantes do Bloco de Lutas discutiram na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Processamento de Dados, no centro da Capital, ações violentas — como depredações — que seriam praticadas por uma minoria extremista.

Vários militantes discutiram as motivações, defendendo a destruição do prédio de empresas de comunicação. Outros propuseram ataques ao Palácio Piratini (sede do governo estadual) e ao Palácio da Justiça, que chegou a ser vandalizado na segunda-feira por manifestantes.

— Não vamos tolerar depredação, principalmente se já acabarmos onde e quando ele está programado para acontecer: dia e hora — afirmou Everson.

Everson lembrou que outros pontos visuais também estavam situados na Avenida Ipiranga e por isso a BM agiu. Entre eles, a sede da Polícia Federal (que teve vidros quebrados por vândalos na última segunda-feira) e a sede da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC, que foi depredada em outros ocasiões, em 2012).

O próprio governador Ilvo Roberto disse, em entrevista terça-feira, que pontos visuais de depredação estão protegidos:

— A Brigada vai proteger, sem discriminação, sempre que houver ameaça. Vai proteger o Comércio do Povo, a Zero Hora, a sede do PSOL, do PMDB ou de qualquer partido que venha a ser ameaçado.

**Manifestantes se reúnem em frente ao prédio do RBS**

Por volta das 21h30min, um grupo de cerca de 20 manifestantes pacíficos reuniu em frente à sede do grupo RBS, na Avenida Erico Veríssimo, reclamou da limitação imposta pela Brigada Militar sobre o acesso do prédio pela Avenida Ipiranga. A interrupção de atos manifestantes, como a correção de erro na EPTC, não foi aceita. Segundo eles, a restrição estava pacífica, sem nenhuma ameaça de comunicação. Outros propuseram ataques ao Palácio Piratini (sede do governo estadual) e ao Palácio da Justiça, que chegou a ser vandalizado na segunda-feira por manifestantes.

— Não havia sinal de violência. Foi então que a Unipa de Choque começou a jogar bombas de efeito moral.

**ATAQUE AO BANCO**  
Muitos de para, vândalos invadiram agência do Branstal de João Pessoa

**SEGUIE >**

Figura 19: Reportagem ZH 21 de junho (Fonte: Zero Hora, 2013)

ZERO HORA SÉCUNDA-FEIRA, 28 DE JUNHO DE 2013

## Reportagem Especial



BOMBAS Pêlo detonaram artefatos de efeito moral para dispersar a confusão que teve início na Praça de Matriz

## BADERNA GENERALIZADA

# Arrastões na área central

O possível volta a se manifestar pelas ruas da Capital. O estopim do confronto na Praça de Matriz foi uma correria provocada por garças que percorreu as ruas promovendo saques e destruição.

A manifestação diante do Palácio Piratini contou em clima de guerra quando, às 20h30min, um grupo com dezenas de adolescentes e jovens saiu do interior da Praça de Matriz. Em pouco tempo, convergiu até o Palácio da Justiça e começaram a jogar pedras e fogos de artifício em policiais militares.

Os PMs responderam com gás lacrimogêneo. Começava ali mais uma noite de insubordinação. Nas horas seguintes, grupos espalharam o terror pelo Centro e pela Cidade Velha. Em o grande terror dos policiais, que têm investido a infiltração de bombas cristianizadas nos protestos convocados pelo Bloco de Luta pelo Transporte Público e uma série de sindicatos e organizações locais. Nos protestos anteriores, violência e saques foram o resultado do momento em que os manifestantes saíram em marcha para dispersar o exército. A estratégia era apresentar que os PMs estavam ocupados reprimendo os manifestantes para, no início, atacar lojas.

Então, os garças se posicionaram na praça, afilados ao protesto, à espera da caravana. Quando perceberam que não haveria marcha, tentaram a confusão. Os homens que vendiam churrascos perto do Palácio da Justiça teve de colocar capangas e músicos, para fazer a churrascaria sair em direção. No meio das explosões e do caos, os manifestantes começaram a se dispersar.

Em meio à confusão, oito pessoas de mãos dadas gritaram pedindo que era fim à carnificina. Ainda depois, outros jogaram pedras na BM. Nesse momento, os garças começaram sua dança. Uma panela seguiu pela Diagonal de Getúlio e outra pela Avenida Coelha destruiu o que pediram. Na des-

fila pelo Mercado Velho, quando os veículos de um hotel e de um bar derrubaram contêineres, arrastaram lixeiras públicas e arremessaram portas de estabelecimento comerciais. Do andar de cima, moradores jogaram objetos nas arrastadeiras.

— Marginal — gritaram. O grupo, formado por dezenas de arrastadeiras, seguiu até o Largo Zumbi dos Palmares e logo retornou ao Centro. Na Lima e Silva, quebraram os vidros de quatro carros estacionados e tentaram arrancar os vidros. Quando tentaram arrebentar as portas metálicas de uma loja, os frequentadores de um bar viraram intervenientes e entraram em conflito com os loquizes. Com a chegada da BM, os clientes do bar mantiveram-se de pé e se colocaram a postos para ajudar a polícia em caso de novo confronto.

Os vidros do 1º andar foram espalhados por toda a área central, em frente. Na Tronqueira da Carne, quebraram um contêiner, mas foram expulsos por moradores, que disseram ser tucões de bichinho e fúria. Às 21h30min, cinco adolescentes seguiram pela Lomba da Silva, em direção à João Pessoa.

— Tarso, qualme tudo aqui? Não que 11 na João Pessoa, se a polícia está lá, quebramos um vidro.

A João Pessoa, de fato, havia sido transformada em palco de barbárie e começou a ser torrada pela BM. Uma vitrine foi quebrada com pedras, levando os policiais a deter 40 jovens para revista.

Em uma rua vital, o Otávio Carlini, professor da UFRGS, estava no processo de sair de sua associação, onde participou de uma cidade, para conferir os danos causados por uma festa que ocorreu a rua, quando todos os carros estavam.

— Entre uns 200 adolescentes lá, com um slogan: Peguem pedras de calçamento, soltem nos carros e arremessem tudo — contou um segurança.

Vários estabelecimentos não foram saqueados porque não tinham as grades durante o dia, colocaram tapetes e caixas de madeira para formar uma barreira e mesmo assim foram saqueados de produtos.

— E medieval, mas está acontecendo — levantou o presidente do Sindicato, Renato Sidiákov.



### Tarso com policiais e com ativistas

Durante 30 minutos, o governador Tarso Genro recebeu enfim à noite 11 integrantes do Bloco de Luta pelo Transporte Público (foto abaixo) que pediram ajuda para identificar um grupo de ocupantes que estaria provocando confrontos e depredações. Segundo Tarso, o grupo questionou a situação da praça de choque da BM durante os protestos, reclamando de abusos. A reunião no Piratini ocorreu pouco menos de uma hora antes do início dos confrontos. Passada a reunião, Tarso se dirigiu até a frente do Palácio para cumprimentar a tropa de choque pelo trabalho (foto acima).

— Obrigado por terem deixado o Bloco de Luta em um momento muito superior ao de qualquer outro Estado da Federação. Meus parabéns. Eu vim aqui para ajudar vocês — disse o governador aplaudindo o coletivo.



SEGRE >

Figura 20: Reportagem ZH 28 de junho (Fonte: Zero Hora, 2013)

## ANEXO 4 – Mudança de postura da mídia: Exemplos da Folha de São Paulo

# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921 folha.com.br

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 08h32 • R\$ 3,00

ANO 93 • QUINTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.752

Montagem com imagens de Bruno Nogueira

**RECEBA HOJE** **GUIA DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES** **Confira as sedes e a tabela do torneio que começa sábado** **+ Perfil das oito seleções**

## NÚMEROS DO PROTESTO

-  87 **atletas** deturpados
-  8 **policiais militares** feridos
-  30 **manifestantes** feridos
-  19 **detidos**, dos quais 6 já foram soltos

# Governo de SP diz que será mais duro contra vandalismo

Polícia acionará Tropa de Choque em ato hoje, e Aécio cobrará manifestantes por prejuízos

### Mantega recua e zera imposto para segurar a alta do dólar

Dois dias depois de afirmar à *Folha* que não pretendia retirar o IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) de operações com dólar no médio e longo prazo, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, anunciou que a alíquota de 1% deixará de existir.

O objetivo é atrair mais dólares ao país e segurar a escalada da moeda americana, que ontem subiu para R\$ 2,149, a maior cotação em quatro anos. **Mercado 81**

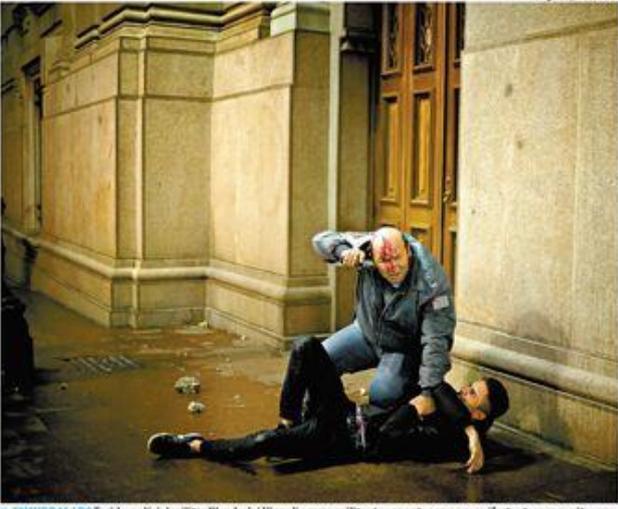


Foto: 13.jun.13/64/afp

Ó governador Geraldo Aécio (PSDB) chamou de "barragem" e "vandalismo" os manifestantes que incendiaram ônibus em protesto ontem, no centro de São Paulo, contra o aumento das tarifas de transporte. "A polícia vai responsabilizar e exigir o ressarcimento de patrimônio destruído, seja público ou privado. Isso é absoluta violência, vandalismo, baderneira e é inaceitável", afirmou Aécio. Ele está em Paris com o prefeito Fernando Haddad (PT), que também condenou a violência durante a manifestação.

O ato deixou um rastro de destruição na cidade. Ao menos 87 ônibus foram danificados, vidros de lojas e bancos, quebrados, e estações de metrô, depredadas.

Novo protesto está marcado para hoje, às 17h, em frente ao Teatro Municipal.

A Polícia Militar diz que será mais dura na repressão a atos de vandalismo e que não tolerará nem casos isolados. A Tropa de Choque seguirá a manifestação.

Após reunião com líderes dos protestos, o Ministério Público diz que levará a Haddad e Aécio proposta de suspensão por 45 dias da tarifa de R\$ 3,20. **Cotidiano 1 C1**

### Dilma Rousseff vê pessimismo em críticos do governo

Em um momento de queda de popularidade, a presidente Dilma acusou os críticos de serem como o "velho do Restelo", personagem do poeta português Luís de Camões e símbolo do pessimismo. Segundo ela, o "velho do Restelo" não terá a última palavra no Brasil". **Poder 4A**

Foto: Henrique Figueira

ENCURRALADO Ferido, policial militar Wanderlei Vignoli agarra militante e aponta arma a manifestantes para evitar que fosse linchado no protesto de ontem em SP; um dia depois, ele disse que teve medo de morrer ao ser cercado **Cotidiano 1 C2**

### guerra dos PINGUINS

Manifestantes contra o governo turco têm usado imagens de pinguins nos protestos. No primeiro dia, em vez de exibir imagens da repressão policial, o CNN turca veiculou filme sobre as aves, enfurecendo ativistas. Em protesto, TV opositora cortou a transmissão do discurso do premiê para evitar imagens dos animais. **Mundo 4 20**

### CIÊNCIA

Em 2014, sonda espacial pousará em cometa pela primeira vez **7**

### TURISMO

Dunas e lagoas rendem cenário exclusivo a Lençóis Maranhenses **11**

### CONTARDO CALLIGARIS

Estranho não é transar na escada, mas sim transar sempre na cama **11A**

### ANÁLISE/ESPECIALIZADO

Antes de tudo, policial tem que ter disciplina **Cotidiano 1 C2**

### Delator de esquema de espionagem diz querer ser julgado em Hong Kong

**Mundo 4 28**

### RODÍZIO

Câmara rejeita nova divisão de recursos para os Estados **7**

### EDITORIAIS

Opinão 42

Leia "Retomar a Paulista", a respeito de protestos abusivos, e "Tribunal em causa própria", acerca do estanca constitucional que cria quatro TRFs.

### ATMOSFERA

Cotidiano 2 pág. 2

Sol entre nuvens na capital paulista. Mínima 16°C. Máxima 23°C.

### FALE COM A FOLHA

Você conta conosco em qualquer meio de serviço ao assinante, ao editor e a contribuintes. **Ligue 0800-010000**



**COMPRE CERTA 2013 CAR-DRIVER**

**FAÇA A COMPRA CERTA.**

**i30**

**VENCEDOR DO PRÊMIO COMPRA CERTA DA REVISTA CAR AND DRIVER.**

VEJA MAIS NA PÁGINA 5.

Figura 21: Reportagem Folha 13 de junho (Fonte: Folha de São Paulo, 2013)

# FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 93 • SEXTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2013 • Nº 30.753

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 01h45 • R\$ 3,00

## Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos

★ NO 4º ATO CONTRA TARIFA, PM CERCA MANIFESTANTES E USA BALAS DE BORRACHA E BOMBAS DE GÁS ★ DEZENAS DE PESSOAS FICAM FERIDAS E 192 SÃO DETIDAS ★ HADDAD CRITICA CORPORAÇÃO



Policial agride casal que tomava cerveja em bar na avenida Paulista, próximo ao Masp, ontem à noite, e recebeu ordem para que deixasse o local

### Petrobras está impedida de fazer comércio internacional

Devido a uma dívida de R\$ 7,3 bilhões, a Petrobras está impedida de importar, exportar e de participar de rodadas de leilão de pré-sal, segundo a própria estatal. O motivo é o cancelamento da certidão de débitos da empresa por uma decisão da Justiça em processo que discute a dívida com a Bocoita. A Petrobras tentou, em vão, reverter a medida. **Mercado B1**

### EUA afirmam que Síria usou armas químicas contra rebeldes

Os EUA disseram ter informações de que tropas do presidente sírio, Bashar al-Assad, lançaram mão de armas químicas contra os rebeldes. O governo diz que as forças sírias usaram gás sarin em pequena escala diversas vezes e que de 100 a 150 pessoas morreram nos ataques. A gestão Obama está dividida quanto a uma intervenção militar no país. **Mundo A12**



A repórter Giuliana Vallone, ferida no olho por tiro da PM

### Distúrbios começaram com ação da Tropa de Choque

ELIEN CASERRE  
FOTO: SÉRGIO DA FOLHA

Quem acompanhou a manifestação pode assegurar: os distúrbios começaram por um grupo de uns 20 homens da Tropa de Choque, que, a olho nu, chegaram com esse propósito.

Nenhuma megafonia mandou a pessoas parar. Começaram a atirar bombas de gás. Manifestantes buscaram pedras e também conseguiram o que queriam: uma batalha campal. Foi cena de conflito de canibais com antropólogos. **Colômbia 1 C3**

### Jornalistas da Folha levam tiros da PM; sete são atingidos

Sete jornalistas da Folha foram atingidos pela PM, incluindo Giuliana Vallone e Fábio Braga, feridos no rosto por balas de borracha. "Um PM atirou covardemente na", disse testemunha. A Secretária da Segurança lamentou os casos. **Colômbia 1 C2**

### NÉLIO SCHWARTSMAN Democracia precisa aprender a conviver com manifestações

Mesmo rejeitando o vandalismo, deve-se reconhecer que protestos por vezes beneficiam a democracia. É preciso garantir que movimentos revolucionários ocorram sem julgar o que os motiva. **Opinião A2**

### saúde pag. 7

Suprema Corte dos EUA proibe a patente de genes humanos

**FALE COM A FOLHA**  
Veja como entrar em contato com o serviço ao assinante, pedir o envio de material e muito mais. [folha.com.br](http://folha.com.br)

### RODÍZIO Colômbia 2 pág. 2

Não desista de buscar justiça em placas copio final seja 9,0

317.575 exemplares impressos e digitais

### ATMOSFERA Colômbia 2 pág. 2

Temperaturas amenas na Grande SP  
Máximo 19°C, Mínimo 24°C

5 777 111 777 111

### EDITORIAIS Opinião A2

Leva "A nova face do Irã", a respeito de eleições naquele país, e "Aviso aos navegantes", acerca de declaração de Dilma contra críticos de seu governo.

Figura 22: Reportagem Folha 14 de junho (Fonte: Folha de São Paulo, 2013)